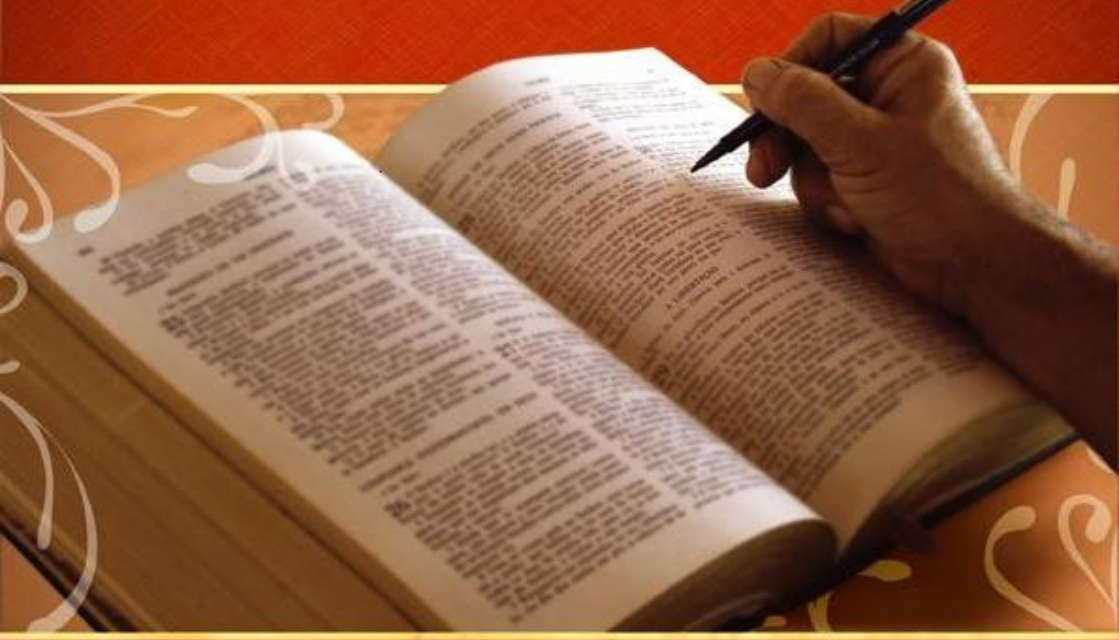
Vol. III

RELENDO A BÍBLIA
REVENDO A TEOLOGIA

ANÁLISE CRÍTICA DE ALGUNS TEMAS BÍBLICOS
DE ACORDO COM UMA VISÃO NÃO DOGMÁTICA



PAULO NETO

Paulo Neto

RELENDO A BÍBLIA, REVENDO A TEOLOGIA

Volume III

Análise crítica de alguns temas bíblicos de acordo com uma visão não dogmática.

Agradecimentos

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os membros do Grupo Apologético Espírita – GAE, (**www.apologiaespirita.org**) pelo apoio e incentivo nas pessoas dos amigos Maurício C. Pimenta, Dr. João Frazão de Medeiros Lima e Hugo Alvarenga Novaes pelas suas valiosas sugestões aos textos colocados nesse nosso livro.

Nossa eterna gratidão ao nosso companheiro e mestre Gil Restani, que antes de retornar à pátria espiritual nos honrou prefaciando essa obra.

À minha esposa Rosana e aos meus filhos Ana Luísa, Rebeca e João Pedro, que souberam compreender o tempo que lhes retiramos para dedicar a esse livro.

Índice

Agradecimentos.....3
Apresentação.....5
Prefácio.....9
Uma história de estarrecer e a Bíblia.....12
A aparição de Jesus depois da morte.....16
A circuncisão entre os primeiros cristãos.....40
A comunicação entre os dois planos.....64
A mediunidade no tempo de Jesus.....75
A parábola do rico e Lázaro na visão espírita.....109
A profecia sobre a volta de Elias se realizou?.....126
A Trindade como invenção.....174
Adão e Eva: o primeiro casal?.....183
Afinal, Deus proibiu de se evocar os mortos?.....191
Ajustes a dogmas.....217
Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?.....228
As relações dos primeiros cristãos com os espíritos.....238
Comunicação com os mortos: fatos escondidos.....256
Ecos do Passado – O paganismo no cristianismo.....264
Hebreus 9,27: morrem os homens uma só vez?.....279
Jesus na sessão espírita do Tabor.....294
Mas os mortos não estão proibidos de evocar os vivos.....303
Mistérios ocultos aos doutos e inteligentes.....314
Nazareno: o significado.....322
O Antigo Testamento é a palavra de Deus?.....346
O Castigo será eterno?.....357
Perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação?.....364
Conclusão Final.....370
Referências bibliográficas.....372

Apresentação

A Bíblia é um livro excepcionalmente importante para toda a Humanidade.

Foi o primeiro livro a ser impresso tipograficamente, sendo também a obra publicada no maior número de idiomas em todo o mundo.

Para alguns, o livro representa a palavra de Deus, de capa a capa. Para outros, entretanto, seu texto deve conduzir à reflexão e apreciado como literatura alegórica, em muitas oportunidades.

A Bíblia é chamada de “O Livro Sagrado”, pelo respeito exacerbado que, ao longo dos séculos, foi construído pela Igreja. A reforma protestante exaltou, ainda mais, o texto bíblico, buscando torná-lo inatacável.

As gerações humanas se sucederam, sem que, mesmo quanto aos trechos da Bíblia notoriamente exagerados ou controversos se colocasse qualquer observação, sob pena de granjear, o audacioso que assim procedesse, o epíteto de herege ou sacrílego.

É inegável o excepcional valor de muitos ensinamentos do livro.

É inaceitável, contudo, afirmar-se ser, todo o seu conteúdo a palavra de Deus, tantas são as menções carentes de racionalidade.

Com a evolução temporal, surgiram vários estudiosos que deliberaram esclarecer, debater e reparar as passagens bíblicas merecedoras de observação.

No Brasil, anteriormente, destacaram-se, como críticos da Bíblia, o conspícuo Dr. Carlos Imbassahy, espírita convicto e militante e o Dr. Mário Cavalcanti de Melo, autor do livro "Da Bíblia aos Nossos Dias", cujo subtítulo é: "Suas lendas, seus erros e contradições", em obra prefaciada pelo Professor Deolindo Amorim.

Hodiernamente, irrompe outro grande estudioso da Bíblia, em seus múltiplos aspectos, o estimado confrade Paulo da Silva Neto Sobrinho, com os mesmos objetivos colimados por aqueles precursores ilustres, qual seja, o de retirar as *"escamas"* que perduram nos olhos de tantos, incrustados num dogmatismo irremovível.

O escopo de Paulo Neto, nesta obra, confunde-se integralmente ao daqueles baluartes, o que se pode depreender da transcrição que, com a devida vênia faremos, de excerto do prefácio do Professor Deolindo Amorim à obra de Mário Cavalcanti de Melo:

"A preocupação do Autor, entretanto, é de quem, não estando conformado com certos ensinos bíblicos até agora aceitos como definitivos e verdadeiros, quer rasgar o véu que ainda encobre muitas passagens da Bíblia e, assim, afastar

dúvidas ou equívocos sensivelmente prejudiciais à exata compreensão de muitos pontos da História."

A maior virtude desta nova obra analisadora e revisora dos textos bíblicos é o enfoque de novos aspectos, sob uma ótica, raciocínio e lógica diferentes. Entretanto, acontece com todos aqueles que buscam estudar a Bíblia com base no realismo, serem considerados heréticos e inimigos da fé.

Anteriormente, Paulo Neto lançou outra apreciada obra sobre o mesmo tema: "A Bíblia à Moda da Casa".

Evidenciando o fato de que a análise do texto bíblico prossegue suscitando muito interesse, surgiu esta nova obra, com nova formatação, em que os temas são estudados em tópicos separados.

As incongruências, insubsistências e diatribes são exaustivamente estudadas, e o Autor demonstra excepcional capacidade ao demonstrá-las, e mais, de extrair conclusões eivadas de racionalidade das suas colocações.

Assim como aconteceu com a sua obra antecedente, "A Bíblia à Moda da Casa", este novo trabalho do Autor é um libelo contra o fanatismo e o dogmatismo.

Tudo porque o enfoque dado ao texto bíblico é calcado num raciocínio embasado na Doutrina dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Espiritismo trouxe novos conhecimentos e novas luzes, em campos do saber humano até então inamovíveis, seja pelo tradicionalismo, seja pela oclusão mental. *"Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma só mentira",* lecionou

o Codificador.

Paulo Neto embasa suas reflexões, observações e conclusões no conhecimento espírita, que vem amealhando ao longo de seus estudos, em estrita observância aos preceitos doutrinários.

Todo o seu trabalho é, mui certamente, oriundo de exaustivas pesquisas e de uma busca incessante de fontes confiáveis, pois a abordagem e a temária mexe e incomoda aos exegetas de plantão. O embasamento é necessário e, muitas vezes, imprescindível, para abafar reações esdrúxulas dos que se sentem atingidos com a exposição realista que é apresentada.

Não é possível, entretanto, que se continue aceitando como verdade intocável e inamovível certas colocações e certas passagens bíblicas, à vista de equívocos e impossibilidades que saltam à vista de quantos as compulsem.

Esta não é uma obra de leitura, mas sim de estudo. Apresentada em tópicos, cada um deles vai suscitar reflexão por parte do leitor. Alguns dos raciocínios e explicações apresentados serão apreciados com surpresa, levando o leitor a uma pergunta inevitável: *“como nunca pensei nisso antes?”*

Honra ao raciocínio, à crítica e à capacidade intelectiva de Paulo Neto, lançando esta nova obra sobre assunto tão delicado e tão profundo quanto o conteúdo da Bíblia.

Usufruamos desse manancial de informações.

Belo Horizonte, em 15/04/2005.
Gil Restani de Andrade (1941-2006)

Prefácio

Mantivemos, ainda aqui nesse volume III, a apresentação do nosso companheiro Gil Restani de Andrade, por dois motivos. Um como uma singela homenagem póstuma a quem soube viver plenamente os ensinamentos Espíritas, pois era, como se diz, um Espírita de primeira linha. O outro, gostaríamos de justificar porque, quando ele fez o prefácio, o texto do livro era único, mas, por necessidade, acabou sendo divido em três volumes.

Continuando com o nosso estudo da Bíblia, vamos rever o que as explicações oferecidas pela teologia dogmática, procurando sair das interpretações de conveniência, em busca daquilo que realmente deve ser entendido os textos.

Como fizemos nos Volumes I e II, trabalhamos como se não tivéssemos nenhuma informação sobre os assuntos enfocados para que nada pudesse nos influenciar, já que os dogmas poderiam nos manter estacionados nas mesmas interpretações interesseiras, onde, para nós, se encontram os erros teológicos, que não causam preocupação a quase ninguém.

Graças a Deus, estamos sentido uma crescente busca dos fatos acontecidos, isso, como não poderia deixar de ser, também acontece com os assuntos bíblicos. Disso

vislumbramos um horizonte menos nebuloso para a geração futura, que não mais aceitará imposições dogmáticas, mas quererá, e com razão, saber das coisas usando para isso a lógica e a razão, longe do creio porque está escrito.

Não se mudou muito em relação aos Volumes I e II, ou seja, o nosso raciocínio sempre nos guiou para resultados completamente diferentes dos dogmas e interpretações que estávamos acostumados a acreditar. Entretanto, sempre nos apoiando em pesquisas formamos as bases consistentes e sólidas que nos levaram aos mesmos resultados, pelos quais já vimos no primeiro volume. A razão e lógica foram as bases que buscamos para sustentá-los.

Continuamos com a certeza de que muitos dos nossos estudos chocarão algumas pessoas, especialmente aos fundamentalistas que não arredam o pé daquilo que aprenderam. Mas a busca da verdade que fomos, nesse tempo todo, pautando os nossos estudos, não nos permitiu preocupar a qual resultado final poderíamos chegar.

O choque mais extraordinário que tivemos foi quando, no estudo das citadas profecias a respeito de Jesus, não encontramos uma só que pudéssemos nos apegar como uma verdadeira profecia, explícita e direta, a seu respeito. Acreditamos que isso também chocará a muitos, entretanto, achamos que a verdade deverá se sobrepor, até mesmo porque Jesus nos recomendou: *“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”*. Agora, mais do que nunca, entendemos o verdadeiro sentido dessa frase. Falava o Mestre justamente das adulterações, das interpolações, das interpretações de

conveniência que fariam de seus ensinamentos, buscando, principalmente, subjugar os fiéis, os quais se tornam, em suas mãos, nada mais que simples joguetes do interesse do poder social ou financeiro, base fundamental de seus princípios, que nada tem, é claro, a ver com a verdade que liberta.

E reafirmamos que esse nosso estudo poderá, se bem divulgado, causar descontentamento em determinada liderança religiosa, essa a qual mais evidência o interesse do poder e do dinheiro, da qual já falamos. Mas encontrará repercussão favorável naqueles em que, como nós, o mais importante é a verdade legítima, não a fabricada por interesses como essas que vigoram entre quase todas as denominações cristãs.

Queremos ver outros autores, os mais gabaritados que nós, levando adiante essa ideia que iniciamos com esse livro *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia*, de forma a forçar uma revisão teológica, a qual achamos urgente e necessária de se fazer.

Aqui os textos, a não ser o primeiro, serão colocados em ordem alfabética dos títulos, podendo seus assuntos abranger tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos.

Paulo Neto

Uma história de estarrecer e a Bíblia

Uma certa pessoa, a qual chamaremos de José, o homem mais rico e poderoso do país do “Faz de Contas”, promete a seu amigo João, a quem muito estimava, que lhe daria um relógio de ouro. Algum tempo depois, José diz a João que estava chegando a hora de cumprir com o prometido. Que ele, João, deveria ir à loja do Júlio, o mais hábil joalheiro da capital, que trabalhava junto com a sua mulher e dois filhos, pois não tinha nenhuma confiança em pessoas de fora, não sem razão, dada a peculiaridade de seu negócio.

José recomenda a João exatamente isso: vá à loja do Júlio, mate a ele, mulher e filhos, depois pegue o relógio de ouro da melhor marca que houver por lá, e pode ir tranquilo para sua casa e assim considere cumprido o que lhe prometi.

Já estou imaginando o que você deve estar pensando, e que obviamente me dirá:

– Que cara maluco, meu! Que história é essa, sem sentido algum? Só um “doido de pedra” poderia vir com algo assim.

– Sinceramente? Você está coberto de razão. Não há sentido algum numa coisa absurda dessa, mas...

– Eita! Lá vem você com o “mas”.

– Isso aconteceu de verdade.

– Como, aconteceu de verdade? Xiii, você é mais maluco do que pensei de início.

– Então vou provar-lhe que isso realmente aconteceu, mas sei que é bem provável que não gostará do que vai ouvir, dado o seu tradicionalismo religioso. A única diferença em relação ao que vou lhe contar é que o prometido não foi um simples relógio, mas uma vastidão de terra pertencente a outros povos.

– Tá certo, essa quero pagar para ver.

– Bom, não vá dizer que não avisei, certo? Vamos lá, ouça:

Conta-nos, os escritores bíblicos, que Deus havia prometido a Abraão, patriarca do povo hebreu, uma terra, na qual correria leite e mel, que, segundo se entende, seria onde viviam os cananeus (Gênesis 12,6-7; 17,8).

Tempos mais tarde, resolve dizer a este povo que já estava pronto para cumprir o prometido a Abraão, era o momento de dar-lhe essa terra. Para isso retira-o do Egito, onde vivia na condição de escravidão, mandando-o seguir rumo a essa terra, por um caminho orientado por Ele. Chegando lá, com o seu exército promove uma carnificina geral, passando a fio de espada todos os habitantes – homens, mulheres e crianças –, das cidades: Jericó (Josué 6,21), Hai (Josué 8,24), Maceda (Josué 8,28), Lebna, Laquis, Gazer, Eglon, Hebron e Dabir (Josué 10,28-39). Tudo isso por determinação de “Javé” (Deuteronômio 20,16-17), que, ainda lhes envia “*o chefe de*

seu exército" (Josué 5,14) para, dessa forma, dar-lhes apoio incondicional a esse ato ignominioso que os hebreus levaram a efeito. Os únicos daquela região que não sucumbiram, foram os gabaonitas, porém, impuseram-lhes a escravidão (Josué 9,23).

E para se vangloriarem do feito, são listados os trinta e um reis que pereceram nessa chacina, executada naquela vasta região (Josué 12).

Narra-se que "*desse modo, Javé deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus antepassados. Eles tomaram posse e nela se estabeleceram*" (Josué 21,43). O próprio "Javé", disse aos hebreus: "*Eu dei a vocês uma terra que não lhes custou nada*" (Josué 24,13). Para dizer isso, certamente, só poderia pensar que a vida das pessoas não valia nada.

E, ao que tudo indica dos acontecimentos, estava querendo implantar a raça do "povo eleito" aqui na terra, mesmo que a custa de milhares de vidas humanas. Não muito diferente do que a história registra em relação a uma determinada personagem que queria que só existisse a "raça pura". Comparação dura poderá achar, mas são os fatos que levam a ela. Nos tempos atuais, tais atrocidades seriam enquadradas como crime contra humanidade, seus responsáveis seriam punidos, sem sombra de dúvida.

Não posso fechar essa história senão afirmando que isso obviamente não pode ter vindo da Divindade. Acredito que Moisés, na condição de chefe guerreiro, usou desse artifício para levar os hebreus a uma guerra de conquista, pensava, talvez, em tornar-se o rei deles. É por esse e outros muitos absurdos que não posso, em sã consciência, aceitar a Bíblia

como sendo mesmo a palavra de Deus. Os que assim acreditam, de duas uma: leram e não entenderam nada ou estão evolutivamente próximos desse deus tribal. ([1])

1 O objetivo de colocarmos esse texto, logo no início, é para se demonstrar como muitas pessoas largam mão do raciocínio lógico para acreditar em coisas que não fazem o menor sentido, quando as submetemos ao crivo de uma análise racional.

A aparição de Jesus depois da morte

> "*O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada*." (João 6,63)

Em várias oportunidades, Jesus disse aos seus discípulos que, após sua morte, ressuscitaria. Preocupa-nos a compreensão correta do que, em seu conceito, seria a ressurreição. Vejamos a seguinte passagem:

> Lucas 20,37-38: *"E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos."*

Vejam bem: se Jesus, em se referindo a três pessoas que haviam morrido, diz que para Deus todos *"são vivos"* é porque nossa individualidade sobrevive após a morte; em outras palavras, diz da nossa condição de espíritos eternos. Aquilo que chamamos de morte é apenas o processo pelo qual o nosso espírito, em seu regresso à dimensão espiritual, de onde veio, devolve à natureza os elementos constitutivos do corpo físico, cuja finalidade é viabilizar o seu desenvolvimento moral e intelectual.

Em vista disso, é que devemos entender que a

ressurreição, de que Jesus fala, não é a do corpo físico, e sim o ressurgir em espírito. Foi exatamente isso o que aconteceu com ele. Depois de sua morte esteve ainda na terra em seu corpo espiritual, conforme se encontra narrado em Atos 1,3: *"Após sua paixão,* ***ele lhes mostrou****, com muitas provas,* ***que estava vivo,*** *aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus."* (grifo nosso)

Sabemos, por informação dos próprios espíritos, que eles se manifestam em seu corpo espiritual, denominado perispírito. Nele é evidenciada toda a evolução moral do espírito; assim, quanto mais luminoso, maior evolução; e, via de consequência, quanto menos luz possuir mais o espírito se encontra em degraus inferiores de evolução. Deve ser pelo motivo de sua luminosidade que, em algumas situações, Jesus não foi reconhecido pelos seus discípulos, como observamos neste passo de Marcos 16,12: *"Depois disto,* ***ele apareceu sob outra forma****, a dois deles que estavam a caminho do campo."* (grifo nosso) Vejamos todo o episódio pela narrativa de Lucas:

> Lucas 24,13-35: "*Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam,* ***o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles****. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: 'O que é que vocês andam conversando pelo caminho?' Eles pararam, com o rosto triste. Um deles, chamado Cléofas, disse: 'Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?' Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: '****O que aconteceu a***

Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo*. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, e* ***não encontraram o corpo de Jesus****. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus*'*. Então Jesus disse a eles: '*Como vocês custam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?*' *Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: '*Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando*'. *Então Jesus entrou para ficar com eles.* ***Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus****. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: '*Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?*' *Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!*' *Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão."* (grifo nosso)

O ponto mais importante dessa narrativa relacionado a esse nosso estudo é o fato de Jesus não ter sido reconhecido pela sua aparência, mas, tão somente por um gesto seu. Ora, isto prova que o seu corpo ressurreto não era o mesmo que tinha quando vivo, pois, se fosse, seria facilmente distinguido por todos e especialmente pelos seus discípulos, que conviveram diuturnamente com ele. Sendo assim, não se pode afirmar que ressuscitara no corpo físico como é comum ouvirmos de cristãos dogmáticos.

Sabemos que “Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer”. ([2]); então, a aparição de Jesus, aos dois discípulos, só pode ter ocorrido em outra forma, porquanto [os espíritos] “Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo”. ([3]).

Não entendemos por qual motivo Jesus não ter achado conveniente se apresentar na aparência que tinha quando vivo; porém, é fato que tal possibilidade é do perispírito, seu corpo espiritual, e não do corpo físico.

O perispírito, por ser totalmente maleável, assumirá a aparência que o espírito, pela força do seu pensamento, queira lhe dar. Allan Kardec (1804-1869) confirma isso:

> […] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do

2 KARDEC, 1993h, p. 108.

3 KARDEC, 2007b, p. 146.

> corpo; **é, se assim nós podemos exprimir, flexível e expansível**, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe **pode dar a aparência que entenda,** ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.
>
> Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua**. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. ([4]) (grifo nosso)

É oportuno ressaltar que, quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá moldar o seu perispírito na aparência que desejar. Kardec explica-nos:

> […] O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. **Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los**, se se tornassem visíveis. **Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação**. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. ([5]) (grifo nosso)

Podemos, portanto, aceitar que Jesus tenha mudado a

---

4 KARDEC, 2007b, p. 81-82.

5 KARDEC, 2007c, p. 416.

aparência do seu corpo espiritual; o que não temos é condição de avaliar porque motivo ele fez isso.

O relato do desaparecimento do seu corpo no sepulcro é fato que vem mantendo a crença de que ele teria ressuscitado fisicamente, quando, na verdade, isso não prova absolutamente nada, pois várias hipóteses poderiam ser levantadas para o seu sumiço. Esse assunto é, por demais, polêmico:

> O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.
>
> Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agênere. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte. ([6])

Kardec procura analisar esse fato sem apegar-se à letra e nem preso às interpretações dogmáticas, e assim explica:

> Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero,

6 KARDEC, 2007e, 400.

> cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. **Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico**. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; **todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno**. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.
>
> **Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo**. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nos 14 e 35 a 38.) ([7]) (grifo nosso)

Essas considerações confirmam o nosso pensamento de que Jesus, após sua morte, se apresentou no corpo espiritual, ou, no linguajar espírita, no corpo perispirítico.

E para que se fique evidenciado que esses questionamentos não são só nossos, trazemos o teólogo Hans Küng, ex-padre católico, consultor teológico do Papa João XXIII e

---

7 KARDEC, 2007e, p. 398.

no Concílio Vaticano II, teve papel fundamental na redação do Vaticano II, cuja opinião transcrevemos:

> 4. Crer no Túmulo vazio?
>
> Chegaremos rapidamente ao ponto fulcral, se levantarmos a seguinte questão: ao encontrar um túmulo vazio, quem suporia que o morto teria ressuscitado? **O fato puro e simples de um túmulo vazio não significa nada por si só. Pois, para um túmulo vazio podem existir várias explicações, tanto hoje como outrora**. São os próprios Evangelistas, defendendo-se de rumores tendenciosos judeus, que relatam tais explicações. **Senão vejamos: o túmulo estava vazio? Então, só pode tratar-se de um roubo ou de uma troca do corpo ou de uma simulação da morte por parte do supostamente falecido. Ou pior ainda, a história da ressurreição é apenas uma ficção fraudulenta dos discípulos**. Sim, ainda hoje, há quem acredite, contra todas as declarações das fontes autênticas, na tese da simulação da morte de Jesus. Estas teses pouco sérias são divulgadas entre nós com títulos tais como: “Jesus, o primeiro homem novo”. Uma ideia absurda tendo em conta os testemunhos históricos.
>
> Ou seja, o túmulo vazio por si só não prova a verdade sobre a ressurreição de Jesus. Isto **seria uma *petitio principii* declarada** – pressupõe-se precisamente aquilo que tem que ser provado. O túmulo vazio por si só apenas nos permite tirar a seguinte conclusão: “Já não está aqui” (Mc 16,6). E acrescenta-se expressamente o que não é de todo óbvio: “Ele ressuscitou”. (Mc 16,6). Esta mesma afirmação também pode ser feita sem a existência de um túmulo vazio.
>
> **Com tudo isto pretendemos dizer que o túmulo vazio por si só, segundo o Novo Testamento, não conduziu à crença no ressuscitado** (no Evangelho de

João a existência de um túmulo vazio não leva Pedro a crer. Apenas o discípulo predilecto é levado a crer por influência divina). Tal como em todo o Novo Testamento **ninguém afirma que presenciou ele próprio – como em Grünewald – a ressurreição ou que conhece testemunhas oculares que presenciaram o processo da ressurreição, também não existe ninguém que afirme ter sido levado a crer no ressuscitado pelo túmulo vazio**. Em passagem alguma os discípulos mencionam o facto do túmulo vazio para reforçar a fé da jovem comunidade cristã, nem para desmentir ou convencer os seus opositores. Portanto, não admira

– que o relato mais antigo do aparecimento de Jesus (1Cor 15,4) não relacione a ressurreição com o episódio do túmulo vazio;

– que também Paulo nas suas cartas não mencione o "túmulo vazio" nem testemunhas do "túmulo vazio" para corroborar a sua mensagem sobre o ressuscitado;

– e, por fim, que os textos do Novo Testamento exteriores aos Evangelhos não mencionem o túmulo vazio.

Hoje em dia, para nós isto significa que – estando o túmulo de Jesus vazio ou não do ponto de vista histórico – **a fé na nova vida do ressuscitado junto de Deus não depende do túmulo vazio**. O acontecimento da Páscoa não é condicionado pelo túmulo vazio, quando muito será ilustrado por este episódio. O "túmulo vazio" não é, portanto, um artigo de fé, isto é, razão ou objecto da fé na Páscoa. Consequentemente o "túmulo vazio" não tem que ser mencionado no Credo. Justamente aqueles que pretendem ser fiéis à Bíblia não têm que crer com base no túmulo vazio, nem têm que crer «no» túmulo vazio. A fé cristã não nos chama para o túmulo vazio, mas sim para o encontro com o Cristo vivo, conforme consta do Evangelho: "Por que procuram entre os mortos aquele que está vivo?" (Lc 24,6).

Acresce que, já no Novo Testamento, **os detalhes das histórias à volta do túmulo vazio divergem fortemente**. Senão vejamos: os guardas do túmulo, que em Grünewald caem para o chão encandeados pelo seu brilho e atordoados pelo seu poder, só encontramos em Mateus; a caminhada de Pedro para o túmulo só se encontra em Lucas e João; as mulheres só se encontram em Mateus e Maria e Madalena apenas em João. Tudo isto leva exegetas críticos da bíblia a chegarem à conclusão de que as histórias sobre o túmulo vazio não são mais do que retoques lendários da mensagem da ressurreição do mesmo tipo das histórias da Epifania do Antigo Testamento, que foram registradas por escrito muitas décadas depois da morte de Jesus.

Se observarmos com mais precisão, verificamos que no centro da história do túmulo vazio se encontra não no túmulo vazio, mas sim a seguinte **mensagem curta da fé na ressurreição** (da boca do anjo): "(…) ele ressuscitou". O mesmo se encontra. em documentos mais antigos do Novo Testamento, na primeira carta aos Tessalonicenses do ano 51/52: "(…) Jesus, a quem ele (Deus) ressuscitou da morte (…)" (1 Ts 1,10). **A história do túmulo vazio não deveria, pois, ser entendida como o reconhecimento de um facto, mas sim como uma elaboração lendária crescente da ressurreição, tal como também está presente na proclamação do (ou dos) anjo(s)**.

Faz sentido ler justamente estas histórias sobre o túmulo no domingo de Páscoa? Sim, faz todo o sentido. Aquilo que eu afirmei relativamente às histórias sobre o Natal aplica-se também a estas histórias, ou seja, uma história concreta como a dos discípulos a caminho de Emaús, um quadro preciso como o de Grünewald transmitem mais do que uma afirmação teórica, um princípio filosófico ou um dogma teológico. E todas estas histórias são um sinal clarificador e confirmativo de que para Jesus não terminou tudo com a morte, de que Jesus não permaneceu morto e de que o

> ressuscitado é nada mais nada menos do que o Nazareno executado. ([8]) (grifo nosso)

Estão, aí, portanto, as considerações judiciosas de um respeitável ex-padre católico, porque consultor de um papa.

Há, ainda, um outro ponto nessa passagem de Lucas (24,13-35), que não podemos deixar de falar. Vê-se, claramente, que, para os daquela época, Jesus é um profeta; portanto, isso é a prova categórica de que não o consideravam como um ser divino e, muito menos, como o próprio Deus.

Depois dessa digressão, voltemos ao nosso assunto em foco.

Também ao aparecer a Saulo, na estrada de Damasco (Atos 9,3-9), veio em sua plenitude espiritual, fato que impossibilitou, aos que presenciaram o fenômeno, de vê-lo, mas só conseguirem ouvir sua voz. Ao narrar esse acontecimento, em Atos 22,6-9, Paulo diz: *"[...] aí pelo meio-dia, de repente* ***uma grande luz que vinha do céu brilhou*** *ao redor de mim."* (grifo nosso), o que confirma o que estamos dizendo sobre o perispírito refletir a evolução moral.

A matéria, igualmente, não oferece nenhuma resistência a esse corpo perispiritual; como uma prova disso vemos o fato de Jesus ter entrado em ambiente totalmente fechado, conforme dito em João 20,26: *"Oito dias depois, os discípulos se achavam de novo na casa, e Tomé com eles. Jesus* ***entrou, estando as portas fechadas****, pôs-se no meio deles e os cumprimentou: A paz esteja convosco!".* (grifo nosso)

---

8 KÜNG, 1997, p. 122-124.

Podemos aceitar também que, em algumas circunstâncias, Jesus se materializou diante dos discípulos; nesse caso tornou-se tangível, o que podemos verificar quando, em Lucas 24,39-43, se diz: *"Olhai para minhas mãos e pés: sou eu mesmo! Apalpai-me e vede:* ***um fantasma não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho****! Dizendo isto, mostrou-lhes mãos e pés. Mas como hesitavam em acreditar, por causa da muita alegria, e continuavam espantados, Jesus lhes disse: 'Tendes aqui alguma coisa para comer?' Deram-lhe um pedaço de peixe grelhado. Ele o tomou e comeu na presença deles"*. (grifo nosso)

É bem provável que Jesus, ao se materializar, teve que se comportar como se fosse realmente de carne e osso, tendo em vista que nem os discípulos, nem os de sua época, tinham conhecimento dos mecanismos das manifestações espirituais para entenderem o que estava acontecendo.

Temos que convir que, em certos relatos do Evangelho, existem alguns exageros. Assim, determinados acontecimentos foram colocados buscando valorizar os fatos ou a pessoa que os produziu. Vejamos, como exemplo, o que consta em João 21,25: *"Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas uma por uma,* ***creio que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que seriam escritos****."* (grifo nosso)

Dito isso, vamos à 1ª carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 15, versículos 3 a 6: *"Eu vos transmiti principalmente o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e ressuscitou ao*

terceiro dia, segundo as Escrituras; que apareceu a Cefas, depois aos doze. Em seguida ***apareceu, de uma só vez, a mais de quinhentos irmãos****, dos quais a maior parte vive ainda hoje, embora alguns tenham morrido"* (grifo nosso). Nenhum dos quatro evangelistas fala que Jesus teria aparecido a quinhentas pessoas; assim, podemos supor que isso pode ser apenas um exagero de Paulo.

É o apóstolo dos gentios quem dá uma explicação sobre qual será o tipo de corpo que ressuscitará. Vejamos, nessa mesma carta, a continuação de suas orientações aos coríntios:

> 1 Coríntios 15,35-53: "***Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos?*** *Com que corpo voltam? Insensato!* ***O que semeias não readquire vida a não ser que morra****. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho.* ***O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual****. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão*

> *tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. Digo-vos, irmãos:* ***a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade****. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidad*e." (grifo nosso)

É tão clara a explicação de Paulo que nos causa espécie ver que muitos não a entendem. Para ele há dois corpos; um o físico e outro o espiritual; e é com este último que herdaremos o Reino de Deus. A comparação que ele faz em relação ao fato de que Deus dá um corpo necessário a cada situação, leva-nos a ver que, sendo o plano espiritual (reino de Deus) uma outra dimensão, não resta dúvida que outro será o corpo para se ali vier, tal e qual têm os peixes um corpo apropriado para viverem na água e os pássaros para poderem voar.

Leiamos as colocações do estudioso Geza Vermes (1924-2013) sobre essa carta de Paulo:

> […] A esse respeito, a imagem de Paulo pressupõe uma sepultura (1Cor 15:4) de onde acredita-se que o Cristo morto foi ressuscitado por Deus. Ninguém sabe

> exatamente o que Paulo pensava que havia acontecido, mas **ele destaca que o corpo ressuscitado de Cristo (ou qualquer corpo ressuscitado) não era físico e terrestre, mas espiritual e celeste (1Cor 15:42-49)**. Não obstante, este corpo espiritual é visível, como foi visto pelos apóstolos, discípulos e finalmente pelo próprio Paulo (1Cor 15:5-8). Ele não sabe ou explica para onde foi o corpo do Cristo ressuscitado; depois de uma série de aparições nos primeiros dias, semanas ou meses após a ressurreição já não se pensava mais que estivesse na terra. Sem dúvida, pode-se deduzir dos relatos de Paulo sobre a segunda vinda que o Cristo ressuscitado ascendeu aos céus para voltar depois como "primícias" (1Cor 15:23), à frente da esplêndida procissão dos que lhe pertencem. ([9]) (grifo nosso)

Por outro lado, até mesmo a questão de Jesus ter ficado quarenta dias no meio dos discípulos, poderíamos entender de outra forma, pois o número 40 possuía, para eles, um significado importante; observe:

– O povo hebreu permaneceu 40 anos no deserto;

– No dilúvio choveu 40 dias e 40 noites;

– Jacó após morrer ficou 40 dias embalsamado;

– Moisés ficou no Sinai 40 dias e 40 noites, quando recebeu os Dez Mandamentos;

– Deus, por castigo, entrega os israelitas aos filisteus por 40 anos (Juízes 13,1);

– Em desafio um filisteu se apresenta ao exército hebreu por 40 dias (1 Samuel 17,16);

---

9 VERMES, 2006b, p. 110-111.

– Davi reinou por 40 anos (2 Samuel 5,4);

– O templo tinha 40 côvados. (1 Reis 6,17);

– O reinado de Salomão durou 40 anos (1 Reis 11,42);

– Elias, após comer o que um anjo lhe dá, caminha 40 dias e 40 noites (1 Reis 19,8);

– Jesus jejuou 40 dias e 40 noites.

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), no livro *Sabedoria do Evangelho*, quando fala sobre como devemos fazer a interpretação da Bíblia, coloca:

> Os números possuem sentido muito simbólico, assim:
>
> 10 – diversos
>
> 40 – muitos
>
> 07 – grande número
>
> 70 – todos, sempre.

Então, conclui: “não devem ser tomados à risca” ([10]).

Dessas aparições de Jesus, podemos realçar duas coisas importantes; a primeira, é que há vida após a morte, senão ninguém poderia aparecer depois de morto; a segunda, é que os mortos se comunicam com os vivos, por mais que alguns ainda venham a dizer que isso não pode ocorrer. A nós não resta dúvida alguma quanto a essa ocorrência, embora certas pessoas queiram sustentar que Jesus tenha se manifestado com o corpo físico; entretanto, isso, segundo nossa opinião, não condiz com o que podemos tirar dos acontecimentos.

---

10 PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 9.

Então Jesus não ressuscitou no corpo físico? Reafirmamos: Não, apesar de que isso possa lhe causar um certo choque, caro leitor; mas analisemos.

Quando se apresenta a Maria de Madalena, diz *"não me toques, porque ainda não subi para meu Pai"* (João 20,17); entretanto, a Tomé Ele disse: *"Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado"* (João 20,27), nos parecendo contraditório. Fica ainda mais difícil de compreender, quando colocam Jesus dizendo *"porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho"* (Lucas 24,39), e, na sequência (v. 43), ele está comendo peixe com favo de mel.

Tudo isso nos dá a impressão de ter sido um "ajuste" para sustentar a ideia de que a alma não sobrevive sem o corpo físico ou, quem sabe, para justificar a "ressurreição da carne", contida no credo e transformada em dogma…

No livro de Tobias, narra-se um anjo fazendo coisas comuns aos seres humanos, inclusive comendo; mas, ao final, ele declara: *"Eu sou Rafael, um dos sete anjos [...] Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência. [...] E o anjo desapareceu. [...]."* (Tobias 12,15-22). No caso de Jesus não poderia ter sido uma situação semelhante ou mesmo materializado, conforme já o dissemos? Esta hipótese justificaria a possibilidade de que Ele poderia ser tocado, pois estaria tangível.

Mas, considerando que, em várias oportunidades, se manifesta e ninguém o reconhece (isso somente acontecendo após algum gesto dele), esse "não reconhecimento" não

ocorreria se ele tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico. Se fosse em espírito, dada sua evolução espiritual, poderia muito bem transparecer com tanta luz que não conseguiriam, de imediato, identificá-Lo. Teria Ele, quando vivo, dito algo que viesse a negar depois de morto, já que acreditamos que o que pregou foi realmente a ressurreição do Espírito?!

Os evangelistas são unânimes em dizer que o corpo de Jesus foi colocado num túmulo novo. As narrativas de Mateus (27,59-60) e Marcos (15,46) dizem que o túmulo era de José de Arimateia; já a de Lucas (23,52) não dá a entender isso, enquanto João (19,41-42) diz apenas que o túmulo estava localizado no jardim perto do lugar onde Jesus fora crucificado e o colocaram lá apenas porque estava perto; faltam dados para concluir que seria de José de Arimateia. Prestem a atenção à narrativa, pois foi dito “colocaram” em vez de “enterraram”; com isso não estaria mesmo para ser um lugar provisório?

Sobre isso, James D. Tabor, em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, faz as seguintes considerações:

> **Uma sepultura temporária**
>
> Os evangelhos relatam que José de Arimateia, um rico e influente membro do Sinédrio judaico, ofereceu-se para ajudar. José dirigiu-se ao governador romano, Pôncio Pilatos, e, usando sua influência e posição como membro do Sinédrio, obteve autorização para remover o corpo de Jesus da cruz e sepultá-Lo em caráter temporário. Presumivelmente, José não tinha sido chamado, na noite anterior, para o “julgamento” convocado, às pressas, na casa de Anás e Caifás.

Arimateia pertencia a uma minoria de influentes líderes judaicos que apoiava Jesus. Ele recrutara a ajuda de um homem chamado Nicodemos, também membro do Sinédrio, que compartilhava sua simpatia pelo movimento messiânico. A questão que se punha era onde enterrar Jesus, temporariamente, em circunstâncias tão difíceis.

É crença generalizada que o túmulo em que Jesus foi posto naquele fim de tarde pertencia a José de Arimateia. Não é o caso. Esse erro se deve a uma breve glosa editorial do evangelho de Mateus, e nenhuma outra fonte que conhecemos sustenta essa teoria (Mateus 27:60). ([11]) Os evangelhos de Marcos e Lucas dizem apenas que "levaram o corpo e o colocaram em uma tumba talhada na rocha". O evangelho de João nos fornece um importante detalhe adicional: "No local em que Jesus fora crucificado havia um jardim, e no jardim havia uma tumba, onde ninguém ainda tinha sido sepultado" (João 19:41). **É improvável que uma tumba recém-talhada, convenientemente localizada perto do local onde Jesus tinha sido crucificado, por casualidade pertencesse a José de Arimateia.** Fato é que não temos a menor ideia de quem era o dono dessa tumba. Tinha sido recentemente talhada na rocha e ainda não fora usada, resolvendo,

---

11 Nota da Transcrição (N.T.): A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em "sua tumba nova, que havia aberto em rocha"; **é um acréscimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica**. Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, **fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas**. Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do "servo sofredor" de Isaías 53. Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que "puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte" (Isaías 53:9). Aparentemente, **Mateus embarcou na ideia de um "homem rico" e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia**. Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz

> portanto, a situação de emergência que José e Nicodemos enfrentavam. **Podiam colocar, temporariamente, o corpo de Jesus nessa tumba, até depois da Páscoa dos hebreus e dos feriados do Sabbath, quando a família voltaria e daria a Jesus um enterro de acordo com os costumes judaicos**.
>
> A mãe de Jesus, Maria, e sua companheira, **Maria Madalena, seguiram José e Nicodemos à tumba, fixando sua exata localização. Já não havia tempo para preparar o corpo de acordo com os costumes judaicos, que incluíam lavá-Lo e ungi-Lo, e passar vários tipos de especiarias e perfumes para controlar o cheiro da decomposição**. José e Nicodemos simplesmente enrolaram o corpo em um pano de linho, e o colocaram em uma laje de pedra, que serviria como local de descanso temporário, entre o fim da tarde de quinta-feira, a Páscoa, na sexta, e o semanal Sabbath, no sábado. Fecharam a pequena entrada do túmulo com uma pedra, cortada à medida, para afastar os animais ou os desconhecidos que pudessem passar por ali. ([12]) (grifo nosso)

E, um pouco mais à frente, Tabor completa:

> Todos os quatro evangelhos do Novo Testamento dizem que a tumba em que **Jesus foi colocado temporariamente** foi encontrada vazia na manhã de domingo. Mas não se entenderam sobre quem teria chegado primeiro a ela e o que teria acontecido depois. O evangelho de João diz que Maria Madalena foi sozinha, sem ninguém, mesmo antes de o sol nascer, quando estava ainda escuro, encontrara removida a

---

dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como "rico"; como também "ímpio". (grifo nosso)

12 TABOR, 2006, p. 239-240.

> pedra que fechava a entrada, e o corpo ausente da laje em que fora colocado ao entardecer da quinta-feira. Ela correu de volta à cidade para procurar Simão Pedro e o "discípulo que Jesus amava", exclamando: "**O Mestre foi levado da tumba e não sabemos onde o puseram**" (João 20,2). Simão e o discípulo não nomeado correram até a tumba. Tudo o que encontraram foram os panos de linho em que Jesus tinha sido enrolado – o corpo sumira. **Ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos**. A essa altura, a questão cingia-se ao desaparecimento do corpo. ([13]) (grifo nosso)

O que mais não fizeram para adaptar as narrativas às suas crenças?... É de se ressaltar que Tabor afirma categoricamente que "ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos". Logo é fácil concluirmos que foi algo que aconteceu posteriormente, que não se tem como precisar.

Em Atos (5,6.10), quando se narra a morte de Ananias, e, logo após, a de Safira, sua mulher, a expressão usada foi: "levaram para enterrar", ou seja, em definitivo. Assim, por falta de maiores comprovações, podemos inferir que o lugar onde colocaram o corpo de Jesus não era o seu túmulo definitivo, o que, provavelmente, foi providenciado depois; daí a razão do desaparecimento de seu corpo, hipótese mais provável, tomando-se como base as narrativas bíblicas.

Por outro lado, no domingo de manhã, dois dias depois da morte de Jesus, algumas mulheres compraram perfumes e foram ao sepulcro para embalsamar o corpo (Marcos 16,1;

---

13 TABOR, 2006, p. 244.

Lucas 24,1); isso reforça a ideia de que ele estava ali provisoriamente. João (20,1-2) relata que somente Maria Madalena foi ao sepulcro, sem dizer o motivo, e que, ao encontrá-lo vazio, diz: *"levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram"*; ou seja, falou exatamente o que seria de se esperar para uma situação provisória, ficando a dúvida, apenas, em relação a quem teria levado o seu corpo, e para onde.

Quem vai nos tirar desse impasse? Em Atos (16,7) Paulo e Timóteo tentam entrar na Bitínia; aí diz o texto: *"mas* ***o Espírito de Jesus*** *os impediu".* (grifo nosso) Em 2 Coríntios 3,17, Paulo afirma: *"O Senhor é Espírito".* Pedro já nos diz que Jesus: 1 Pedro 3,18: *"[...] sofreu a morte em seu corpo, mas* ***recebeu vida pelo Espírito****."* (grifo nosso) e, mais adiante, nos dá outra informação, dizendo que Jesus foi pregar o Evangelho aos mortos (1 Pedro4,4-6), o que Jesus só poderia ter feito em Espírito.

Assim, tudo se converge para a ideia de que Jesus, após sua morte, ressuscitou em Espírito e suas aparições ocorreram mediante o fenômeno mediúnico que hoje é conhecido com o nome de materialização.

Interessante é que, à medida que vamos lendo algumas coisas, surge-nos a ideia de algo em que ainda não havíamos pensado. O escritor Tobias Churton, mestre em Teologia, informa que "os gnósticos entendem a imagem das 'vestes' como o corpo, o véu do espírito." ([14]), em se referindo à passagem bíblica na qual um jovem, ao fugir, para não ser

14 CHURTON, 2009, p. 91.

preso, deixa suas vestes para trás (Marcos 14,51-52).

Ocorreu-nos que, na ressurreição, as vestes, panos de linho puro, que envolviam o corpo de Jesus, também foram deixadas para trás (João 20,5-6). Não teria aí o mesmo significado gnóstico? E, pensando bem, se Jesus tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico não teria saído totalmente nu do túmulo? Certamente que, ressuscitado em espírito, dessas vestes não precisaria; portanto, essa é a hipótese que explicaria o fato delas terem sido encontradas no túmulo.

E, também, não podemos nos esquecer que o próprio Jesus havia dito: *"[...] a carne para nada serve."* (João 6,63) e que *"quando os mortos ressuscitarem [...] serão como os anjos do céu."* (Marcos 12,25)

Estes dois passos, em o Evangelho de João, testificam a preexistência de Jesus:

> João 8,56-58: "'*Abraão, o pai de vocês, alegrou-se porque viu o meu dia. Ele viu e encheu-se de alegria". Então os judeus disseram: 'Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês:* ***antes que Abraão existisse, Eu Sou***'." (grifo nosso)
>
> João 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com* ***a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse***." (grifo nosso)

Considerando que antes de Jesus encarnar aqui na Terra ele já vivia, obviamente, na condição de espírito e, para que fique ainda mais claro, esclarecemos que não possuía corpo físico, mas, sim, um corpo espiritual; então, a questão que

colocamos é: se antes ele tinha o corpo espiritual, por que razão ao voltar para o plano espiritual, de onde veio, ele teria que levar consigo o corpo físico? Ter-se-á com sair desse dilema sem apelar para: “isso é mistério”, chavão usado para tudo aquilo que não se tem reposta na teologia?

Como conclusão, portanto, fica-nos a certeza de que a ressurreição contida na Bíblia é a do Espírito e não a do corpo. E sendo a do Espírito teremos também que, forçosamente, admitir a comunicação dos espíritos dos “mortos” com os vivos, conforme o acontecido com o próprio Jesus após sua morte.

Está aí ainda evidenciada a necessidade de uma exegese mais realista dos fatos acontecidos, já que algumas versões, que os teólogos nos apresentam, muitas vezes, não condizem com a realidade.

A circuncisão entre os primeiros cristãos

> “A força retórica de um argumento jamais deve ser confundida com as realidades práticas que comprometem sua lógica.” (BART D. EHRMAN)

Lendo um texto que chegou às nossas mãos para uma análise, encontramos a afirmativa de que Pedro, por ser um judeu convicto, exigia a circuncisão dos candidatos ao Cristianismo, ou seja, primeiramente exigia-se a conversão ao Judaísmo. Embora não tivesse nenhuma informação a respeito, algo nos dizia que poderia não ser bem assim.

Posteriormente em diálogo sobre essa questão com um teólogo amigo, ele também defendeu essa ideia. Por isso, fizemos uma pesquisa no Novo Testamento para inteirarmos do assunto, e assim formar uma opinião.

De início fomos alertados para ter todo o cuidado ao fazer este texto sobre esse assunto, pois no meio teológico isso era questão fechada. Que qualquer coisa em contrário àquela ideia cairia como uma bomba.

Não estamos nem um pouco preocupados com a possível repercussão que isso possa causar, se é que causará alguma, já que para nós a verdade é muito mais importante do que a opinião de teólogos comprometidos com um dogmatismo

sectário. Exporemos nosso pensamento mesmo que isso venha a contrariar opiniões anteriores, inclusive de pessoas com maior cabedal do que nós, sobre esses assuntos teológicos.

Mas, por outro lado, se, de vez em quando, não aparecesse alguém trazendo ideias novas, ficaríamos presos aos conceitos do passado, muitas vezes equivocados ou mesmo absurdos. Veja, por exemplo, o caso de Galileu Galilei, a pretexto de toda a adversidade, veio trazer a lume sua ciência. Entretanto, como, muitas vezes, ocorre, queriam que silenciasse sobre suas ideias, chegando a ponto de quase o colocar numa fogueira. Ele é somente um exemplo, explicamos, pois não podemos admitir que você pense que nós estamos querendo nos igualar a ele.

Colocaremos como essa questão era tratada antes, durante e depois do Concílio de Jerusalém, tendo como principais protagonistas Pedro, Paulo e Tiago.

Podemos encontrar o conceito de circuncisão no *Dicionário Prático* constante da Bíblia Sagrada – Barsa:

> Ablação da pele que cobre a glande do pênis. Tanto para os pagãos como para os judeus era cerimônia religiosa. Para os judeus foi estabelecida por Deus como sinal da aliança com Abraão (Gn 17,10; At 7,8). Todos os meninos judeus deviam ser circuncidados no oitavo dia após o nascimento (Lv 12,3). Sendo Jesus descendente de Abraão, submeteu-se à Lei. A mãe, o pai, ou um sacerdote podia operar este rito. ([15])

15 Dicionário Prático – Barsa, p. 54.

Verificaremos o que acontecia antes do Concílio de Jerusalém que resolveu a questão da circuncisão. Nossos personagens são: Pedro, Paulo e algumas pessoas não exatamente identificadas, a não ser que eram fariseus da Judeia.

a) Pedro

Atos 2,38: “*Pedro lhes respondeu: 'Convertei-vos e cada um peça o batismo em nome de Jesus Cristo, para conseguir perdão dos pecados. Assim recebereis o dom do Espírito Santo'.”*

Atos 10,44-48: *“Pedro ainda falava, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que escutavam seu discurso. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido de Jope a Pedro, ficaram admirados por verem que o dom do Espírito Santo tinha sido derramado também sobre os não-judeus. De fato, eles os ouviam falar em diversas línguas e glorificar a Deus. Então Pedro disse: 'Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?' E decidiu que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.”*

Atos 11,1-3: “*Os apóstolos e os irmãos que viviam na Judeia souberam que também os não-judeus tinham recebido a palavra de Deus. Assim, quando Pedro subiu a Jerusalém, os fiéis de origem judaica o atacaram, dizendo: 'Entraste na casa de pessoas não circuncidadas e comeste à mesa com eles'.”*

Não encontramos, em momento algum, qualquer citação de que Pedro pregava a circuncisão. Ele, inclusive, admitiu como cristãos a família de Cornélio sem exigir a circuncisão, apenas foram batizados no Espírito Santo, que consistia na imposição das mãos, conforme podemos ver Paulo fazer (Atos

19,1-7), que citamos mais abaixo. Pregava o batismo. A única acusação que recebeu foi de comer com os pagãos, mas se defende: *"Vós sabeis que não é permitido aos judeus reunir-se com estrangeiros e nem sequer aproximar-se deles. Mas Deus mostrou que não devo considerar ninguém estrangeiro ou impuro."* (Atos 10,28)

Especificamente quanto ao batismo era o do Espírito Santo, que consistia na imposição das mãos, providência que, ao que tudo indica, abria a percepção psíquica da pessoa que mediunizada (recebia um Espírito Santo), passava a falar em línguas como podemos observar sobre esse batismo em Atos 10,44-48, e confirmado em Atos 11,15-17: "*Ora bem, apenas comecei a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles da mesma forma que sobre nós, no princípio. Foi então que me lembrei da declaração do Senhor, quando disse: 'É verdade que* ***João batizou com água****, mas vós sereis* **batizados no Espírito Santo**'*. Portanto, se Deus deu a eles o mesmo dom que a nós, por termos abraçado a fé no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para impedir a ação de Deus?"* (grifo nosso)

Uma parte do trecho de Atos 10,44-48, que citamos um pouco atrás, ao que parece sofreu uma interpolação, talvez por quererem justificar o batismo com água. Vejamos, o texto em análise: Então Pedro disse: *"'Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?' E decidiu que fossem batizados em nome de Jesus Cristo."*

Se dele retirarmos a expressão "a água do batismo" o texto estaria mais coerente em sua estrutura e significado,

senão vejamos: “Quem poderá recusar a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?” Assim, percebemos que “a água do batismo” não tem nada a ver com a questão colocada por Pedro que questionava de a possibilidade dessas pessoas serem recusadas mesmo depois de terem recebido o “dom do Espírito Santo”.

Para a confirmação do batismo no Espírito Santo, podemos acrescentar, ainda, as duas passagens abaixo para ficar bem evidenciado qual o batismo que praticavam:

> At 1,5: “*Porque João batizava com água; vós, porém, **sereis batizados no Espírito Santo**, dentro em poucos dias.”* (grifo nosso)
>
> At 19,1-7: “*Enquanto Apolo se achava em Corinto, Paulo, depois de percorrer as regiões montanhosas, chegou a Éfeso e lá encontrou alguns discípulos. E perguntou-lhes: 'Recebeste o Espírito Santo quando abraçastes a fé?' Eles responderam: 'Mas nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo'. Ele continuou: 'Então, que batismo recebestes?' Eles replicaram: 'O batismo de João'. Paulo explicou: '**João dava um batismo de conversão**, dizendo ao povo que devia crer naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus'. Ouvindo isto, **foram batizados no nome do Senhor Jesus**. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o **Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar em diversas línguas e a profetizar**. Eram ao todo cerca de doze pessoas.”* (grifo nosso)
>
> **b) Alguns Convertidos**
>
> Atos 15,1*: “Alguns indivíduos que tinham chegado a Judeia começaram a ensinar aos irmãos o seguinte: 'Se vós não receberdes a circuncisão, conforme a lei de*

Moisés, não podereis ser salvos'."

Atos 15,5: "*Contudo, algumas pessoas do grupo dos fariseus, que tinham abraçado a fé, intervieram para sustentar que era preciso circuncidar os pagãos e mandar que seguissem a lei de Moisés."*

Essas passagens são as que provam que alguns indivíduos do grupo dos fariseus (as pessoas citadas acima são as mesmas) queriam impor a circuncisão àqueles que se convertiam ao cristianismo. Entretanto, não existe identificação de quem eles eram, portanto, não podemos supor que entre eles estava Pedro. Ou que Pedro os tenha instruído sobre isso, pois viria contrariar o que já colocamos a respeito da maneira que ele agia.

Não vemos nenhuma coerência nisso, pois como um discípulo direto de Jesus iria propor a circuncisão, já que não recebeu este ensinamento do Mestre? O mais lógico seria Paulo, judeu por nascimento, anteriormente fiel cumpridor dos preceitos de Moisés, que, inclusive, perseguia os cristãos, exatamente por ter esta convicção, uma vez que não foi discípulo de Cristo, mas apóstolo. Apesar disso contrariando essa lógica, era quem mais defendia que não havia necessidade da circuncisão.

Vejamos o que consta em nota de rodapé na Bíblia Sagrada – Pastoral, que vem a confirmar o que estamos dizendo:

> Enraizada no ambiente judaico e pagão, a Igreja enfrenta o primeiro grande conflito. Os cristãos provenientes do judaísmo continuavam praticando a

> circuncisão e observando as prescrições da Lei. A evangelização não obrigava os pagãos convertidos a esses costumes judaicos. Contudo, alguns de Jerusalém (fariseus convertidos – cf. v. 5) começaram a ensinar que também os pagãos, para se salvarem, deviam observar as mesmas coisas que os judeus convertidos. Em outras palavras, primeiro deviam ser "judaizados" e depois cristianizados. A questão era muito séria; os costumes judaicos pertencem à essência da mensagem cristã? Até que ponto a ação missionária da Igreja transmite o Evangelho, ou confunde o Evangelho com determinado contexto sociocultural, impondo a um povo a cosmovisão de outro: O Evangelho é fermento libertador, e não superestrutura que aprisiona e perverte a alma de um povo. ([16])

E, como consequência desta divergência, é "convocado" o Concílio de Jerusalém.

c) Paulo

> Atos 15,1-2: "*Alguns indivíduos que tinham chegado a Judeia começaram a ensinar aos irmãos o seguinte: 'Se vós não receberdes a circuncisão, conforme a lei de Moisés, não podereis ser salvos'. Paulo e Barnabé protestaram, travando uma discussão muito forte com eles. Por isso ficou resolvido que Paulo e Barnabé, acompanhados de alguns deles, iriam a Jerusalém para tratar a questão com os apóstolos e os presbíteros.*"

Tendo chegado a Antioquia, estes fariseus exigiam a circuncisão, entretanto a posição de Paulo (e Barnabé) quanto a isso fica muito clara nessa passagem. Protestaram contra os que queriam exigir a circuncisão, daí é que surge o Concílio de

16 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 1413.

Jerusalém.

O **Concílio de Jerusalém** aconteceu no ano de 49 d.C., cujo objetivo foi resolver, de uma vez por todas, a questão da circuncisão dos pagãos convertidos ao cristianismo. As figuras principais deste Concílio foram Pedro, Paulo e Tiago, que tiveram oportunidade de expor suas ideias perante o Concílio, vejamos:

a) Pedro

> Atos 15,7-11: "*Depois de uma longa discussão, Pedro se levantou e lhes disse: 'Irmãos! Sabeis que desde muito tempo Deus fez uma escolha entre vós: que os pagãos ouvissem de minha boca o Evangelho e abraçassem a fé. E Deus, que conhece os corações, manifestou-se em favor deles, dando-lhes o Espírito Santo do mesmo modo que a nós, sem fazer nenhuma distinção entre nós e eles, depois de purificar seus corações pela fé. Por que agora tentais a Deus, impondo aos discípulos um peso que nem nossos pais nem nós mesmos pudemos suportar? Mais uma vez: pela graça do Senhor Jesus é que nós cremos ter alcançado a salvação, exatamente como eles*'."

Ao questionar sobre os que queriam impor aos outros os preceitos da Lei Mosaica, diz que "quem agia desta maneira estava tentando a Deus". E, para ser coerente com o que já vinha fazendo na prática, não poderia agir de outro modo.

Na verdade Pedro também não concordava com a imposição de se fazer a circuncisão aos convertidos, isso fica mais claro, quando recorremos à Bíblia Sagrada – Pastoral, numa de suas notas explicativas, no rodapé da página:

> O discurso de Pedro é fundamental e contém a orientação conciliar. Pedro parte de fatos concretos: ele foi o primeiro evangelizador dos pagãos e compreendeu que Deus não faz distinção entre pagão e judeu (cf. At. 10, 34, 44-47), mas concede a ambos o mesmo Espírito Santo que leva o homem a seguir Jesus. Depois, Pedro salienta que os costumes judaicos são um jugo, isto é, um elemento cultural que não deve ser imposto aos pagãos, pois o que salva a todos é a graça que leva à fé em Jesus Cristo. Barnabé e Paulo reforçam o testemunho de Pedro. ([17])

Aqui fica mais evidente ainda que Pedro e Paulo não eram divergentes quanto a essa questão. E, que, no princípio, Pedro pregou também aos pagãos.

b) Paulo

> Atos 15,12: "*Toda a assembleia ficou em silêncio e escutou a Barnabé e Paulo relatarem todos os sinais e prodígios que Deus tinha feito entre os pagãos por meio deles.*"

Paulo, nesse momento, relata tudo o que aconteceu a ele e Barnabé quando estavam a divulgar o Evangelho do Cristo. Aí coloca, com certeza, o que faziam sobre o assunto do concílio, explicando que eram totalmente contra essa prática.

c) Tiago

> Atos 15,13-20: "*Quando acabaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: 'Irmãos, escutai-me! Simão acabou de explicar como Deus, logo de início, se dignou separar dentre os pagãos um povo consagrado a Ele. Isto*

17 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 1413-1414.

concorda com a palavra dos profetas, porque está escrito: Depois disso, voltarei e reconstruirei a tenda arruinada de Davi. Reedificarei as suas ruínas e as reerguerei. Os outros homens irão procurar o Senhor, como também as nações que foram consagradas pela invocação de meu Nome. Assim fala o Senhor, que faz essas coisas conhecidas desde os tempos mais antigos. Julgo, por isso, que deixeis de molestar os que se convertem do paganismo para Deus. Basta lhes escrever que não se contaminem com a idolatria ou uniões ilegais, nem tampouco comendo sangue ou carne de animais estrangulados. Porque desde muito tempo a Lei de Moisés está sendo lida e proclamada todos os sábados nas sinagogas de cada cidade'."

Tiago, depois de ouvir Pedro e também a Paulo, toma posição favorável a não haver necessidade de circuncidar os convertidos. Mas, algumas exigências da Lei Mosaica ficaram ainda em vigor, entretanto não estavam relacionadas ao problema da circuncisão. Foram elas: abster-se da carne imolada oferecida aos ídolos, do uso do sangue e da carne de animais estrangulados e das uniões ilegais.

d) Decisão do concílio

Atos 15,22-29: "*Os apóstolos, presbíteros e toda a assembleia resolveram então escolher entre eles alguns homens e enviá-los a Antioquia junto com Paulo e Barnabé. Eram eles: Judas, Barsabás e Silas, homens de muito prestígio entre os irmãos. Por seu intermédio lhes foi enviada a seguinte carta: 'Os apóstolos e presbíteros, vossos irmãos, aos irmãos que moram em Antioquia, na Síria e na Cilícia, provenientes do paganismo. Saudações. Fomos informados de que alguns dos nossos, sem nossa autorização, vos foram inquietar com certas afirmações, criando confusão em vossas mentes.*

> *Resolvemos por unanimidade escolher alguns representantes e enviá-los a vós, junto com nossos queridos irmãos Barnabé e Paulo. Estes dois têm dedicado suas vidas à causa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, pois, Judas e Silas, para vos transmitir de viva voz as mesmas diretivas. Porque o Espírito Santo e nós mesmos decidimos não vos impor nenhum outro peso além do indispensável: abster-vos da carne imolada dos ídolos, do uso do sangue e da carne de animais estrangulados e das uniões ilegais. Fareis bem evitando isto tudo. Passai bem!'."*

A opinião de Tiago acaba por ser a decisão final do Concílio, que para ficar bem registrada e para que todos pudessem cumprir a decisão tomada deu origem a uma carta que foi enviada aos convertidos do paganismo que moravam em Antioquia, na Síria e na Cilícia.

Não raras vezes ouvimos que foi Pedro, quem deu a palavra final no Concílio de Jerusalém, porém, como vimos não foi bem assim. Entretanto, para corroborar isso, será bom trazermos o ministro luterano Jeffrey J. Bütz, mestre em Teologia, professor e escritor, mencionado pela redatora da equipe de *Atlantis Rising*, Cynthia Logan, no artigo "Uma Nova Luz sobre as Origens Cristãs – uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de Jesus", que disse o seguinte:

> **Todos os ramos do cristianismo acreditam que Pedro era o líder dos apóstolos, ainda que as pesquisas mostrem que isso é um mal-entendido,** de acordo com Bütz. **"Tiago tornou-se**

> **o líder dos apóstolos depois da ressurreição de Jesus. Essa liderança transferiu-se naturalmente para o seguinte da família"**. Ele observa que Pedro é subserviente a Tiago em um incidente registrado no capítulo 15 do livro dos Atos. "**No Concílio de Jerusalém, o primeiro Concílio Apostólico**, todos os líderes da Igreja inicial reuniram-se para discutir até que ponto os gentios deveriam seguir a lei de Moisés para ser considerados seguidores de Cristo. **Tiago resolveu a questão, declarando que os gentios não precisavam ser circuncidados, mas que precisariam seguir um mínimo da Torá"**, comenta Bütz, que também menciona o "incidente Antioquia", incluindo na epístola de Paulo aos Gálatas." ([18]) LOGAN, 2008, p. 49, grifo nosso)

A explicação de Bütz, segundo o nosso entendimento, se coaduna com os fatos narrados em Atos, assim pensar que Pedro, além de líder da comunidade cristã primitiva, tenha "presidido" o concílio e que, ainda, foi ele quem mandou a carta de recomendação aos antioquianos é negar o que foi relatado, portanto, iludem-se os que advogam qualquer uma dessas teses.

Vejamos, então, os acontecimentos após essa decisão do Concílio de Jerusalém.

a) Paulo em Listra

---

18 LOGAN, *Uma nova luz sobre as origens cristãs: uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de Jesus*, p. 49.

> Atos 16,1-3: “*Paulo chegou a Derbe, depois a Listra. Encontrava-se ali um discípulo chamado Timóteo, filho de mulher judia mas cristã, e de pai grego. Os irmãos de Listra e Icônio falavam bem dele. Paulo resolveu que ele o acompanhasse. Mas antes o circuncidou, por consideração aos judeus daquelas regiões: pois todos sabiam que seu pai era grego.”.*

Aqui não dá para entender a atitude de Paulo, vejam bem: além de ser declaradamente contra a circuncisão, estava, naquele momento, de posse da Carta com a decisão do Concílio de Jerusalém e, mesmo assim, faz a circuncisão de Timóteo, que tinha mãe judia, mas cristã e apenas o seu pai era grego.

b) Paulo em outras localidades

> *Atos 19,1-7: “Enquanto Apolo se achava em Corinto, Paulo, depois de percorrer as regiões montanhosas, chegou a Éfeso e lá encontrou alguns discípulos. E perguntou-lhes: 'Recebeste o Espírito Santo quando abraçastes a fé?” Eles responderam: “Mas nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo'. Ele continuou: 'Então, que batismo recebestes?' Eles replicaram: 'O batismo de João'. Paulo explicou: 'João dava um batismo de conversão, dizendo ao povo que devia crer naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus'. Ouvindo isto, foram batizados no nome do Senhor Jesus. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar em diversas línguas e a profetizar. Eram ao todo cerca de doze pessoas.”*

> Atos 21,19-21: “*Depois de saudar a todos, Paulo contou minuciosamente tudo quanto Deus tinha feito entre os pagãos através de seu serviço. Ouvindo isso, glorificaram a Deus e lhe disseram: 'Vês, irmão, quantos milhares de judeus abraçaram a fé e, no entanto, são*

todos cuidadosos observadores da Lei. Mas eles ouviram dizer a teu respeito que ensinas todos os judeus dispersos entre os pagãos a romperem com Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar seus filhos nem observar as tradições. Que vamos fazer? Sem dúvida, virão a saber de tua chegada. Faze o que te vamos sugerir: há entre nós quatro homens com um voto a cumprir. Leva-os contigo, cumpre com eles o rito da purificação e paga por eles as despesas para raparem a cabeça. Assim, todos saberão que não há nenhum fundamento no que ouviram dizer a teu respeito e que, pelo contrário, vives corretamente observando a Lei. Quanto aos pagãos que abraçaram a fé, comunicamos por escrito o que tínhamos decidido, que se abstenham de carne sacrificada aos ídolos, de carne de animais sufocados, de sangue e de uniões ilegais'. Paulo, então, levou consigo aqueles homens e, no dia seguinte, depois de purificar-se com eles, entrou no Templo para comunicar o término dos dias da purificação, quando seria apresentada a oferta em nome de cada um deles."

Após o vacilo inicial com a circuncisão de Timóteo, Paulo pregava o batismo do Espírito Santo, e, agora coerente, passou claramente a defender a questão da não circuncisão, como fica demonstrado nessas passagens e nas que se seguem.

d) As recomendações de Paulo por Cartas

Romanos 2,25-29: "*A circuncisão é de fato útil, se cumpres a Lei. Mas, se lhe desobedeces, a tua circuncisão se transforma em incircuncisão! Se o que não foi circuncidado observa os mandamentos da Lei, porventura ele não será contado como um dos circuncisos? De fato, quem não é circuncidado fisicamente, mas cumpre a Lei, estará te condenando a ti, que possuis a letra da Lei e a circuncisão e não obstante transgrides a Lei. O verdadeiro judeu não se*

nota só pelo exterior, assim como a verdadeira circuncisão não está só na marca visível da carne. O verdadeiro judeu é quem o é no seu interior, assim como a verdadeira circuncisão é a do coração, vivida segundo o espírito e não segundo a letra da Lei. Embora ele não seja elogiado pelos homens, é elogiado por Deus."

Romanos 3,1-2: "*Portanto, que vantagem tem o judeu, ou que proveito traz a circuncisão? Traz grande proveito, sob todos os aspectos. Em primeiro lugar, porque as palavras divinas lhe foram confiadas."*

Romanos 3,30: *"Realmente existe um só Deus que justificará, pela fé, os circuncidados e pela mesma fé os que não estão circuncidados."*

Romanos 4,9-12: "*Esta felicidade valerá só para os circuncidados, ou também para os não circuncidados? De fato, nós afirmamos que a fé de Abraão lhe foi creditada para justificação. Mas como é que ela foi creditada em seu favor? Depois de circuncidado ou antes de circuncidado? Não foi depois da circuncisão, mas antes! De modo que ele recebeu o sinal da circuncisão como selo da justificação, conseguida já antes de circuncidado, por força da fé. Assim é que se tornou o pai de todos os crentes não circuncidados, para que também a eles fosse creditada a justificação. Pai também dos circuncidados: não só dos que pertencem ao povo dos circuncidados, mas também dos que seguem as pegadas da fé que nosso pai, Abraão, tinha antes de ser circuncidado."*

Romanos 15,8-9*: "Eu vos afirmo, pois, que Cristo se fez servo dos circuncidados como prova de que Deus é fiel em cumprir as promessas feitas aos antepassados. E as nações pagãs glorificam a Deus por sua misericórdia como está escrito: Por isso te glorificarei entre as nações pagãs e cantarei louvores ao teu Nome."*

1 Coríntios 7,17-20: *"No mais, que cada um continue a*

viver como Deus lhe deu ou como Deus o chamou. É isto o que ensino em todas as Igrejas. Alguém era circunciso quando foi chamado? Não disfarce a marca da circuncisão. E alguém era incircunciso quando foi chamado? Não se faça circuncidar. A circuncisão é nada, e o prepúcio também; mas o que vale é a observância dos mandamentos de Deus. Que cada um fique na condição em que foi chamado."

Gálatas 2,3: "*Ora, nem mesmo Tito, meu companheiro, que é grego foi obrigado a se circuncidar. Ele o seria por causa dos falsos irmãos, intrusos que se tinham infiltrado para espionar a liberdade que possuímos em Cristo Jesus, com a intenção de reduzir-nos à escravidão..."*

Gálatas 2,14-16: "*Então, ao ver que não procedia direito, de acordo com a verdade do Evangelho, eu disse a Cefas na presença de todos: 'Se você, que é judeu, segue os costumes pagãos e não os judaicos, como pode obrigar os pagãos a seguir costumes judeus?' Nós, de nascimento, somos judeus e não pecadores do paganismo. No entanto, por sabermos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo, nós abraçamos a fé em Cristo Jesus para sermos justificados em virtude da fé em Cristo e não em virtude da prática da Lei. É que ninguém se tornará justo pela prática da Lei."*

Gálatas 5,2-6: "*Sim, eu, Paulo, vos digo: Se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá. Atesto de novo a todo aquele que se deixa circuncidar que ele está obrigado a observar toda a Lei. Rompestes com Cristo, vós todos que procurais a justiça na Lei; fostes degradados da graça. Quanto a nós é do Espírito e pela fé que aguardamos a justiça esperada, pois em Cristo nem a circuncisão vale coisa alguma, nem a incircuncisão, mas a fé animada pela caridade."*

Gálatas 6,15*: "Pois ser circuncidado ou não ser, nada*

importa; o que importa é ser uma nova criatura."

Filipenses 3,2-3*: "Cuidado com os cães! Cuidado com os maus operários! Cuidado com os fanáticos da circuncisão! Os circuncisos, somos nós, que em espírito prestamos culto a Deus, que colocamos nossa glória em Cristo Jesus e não depositamos a confiança meramente legal!"*

Colossenses 2,8-11: "*Ficai atentos, para que ninguém vos arme uma cilada com a filosofia, esse erro vazio que segue a tradição dos homens e os elementos do mundo e não segue a Cristo. De fato, é nele que toma corpo toda a plenitude da divindade, e nele participais, repletos de plenitude dele que é a cabeça de toda Autoridade e de todo Poder. Vós fostes também circuncidados nele, com uma circuncisão que não foi efetuada por mãos humanas, mas coma a circuncisão de Cristo, pelo despojamento do corpo carnal."*

Em todas as cartas a recomendação básica aos destinatários era a mesma: não havia necessidade de se fazer a circuncisão.

Isolamos, propositalmente, uma passagem bíblica sobre a circuncisão, pois nesta será necessário colocarmos como a encontramos em diversas Bíblias, já que isso é de fundamental importância para o nosso assunto em análise, pois é nele que teremos o provável erro teológico.

A passagem é de Gálatas 2,7-10, retiradas das Bíblias especificadas a seguir:

Edição Barsa, 1ª forma: "*Antes, pelo contrário, tendo visto que me havia sido encomendado o* ***Evangelho da incircuncisão****, como também a* ***Pedro o da circuncisão****: (porque o que obrou em Pedro para o*

> *apostolado da circuncisão, também obrou em mim para com as gentes) E como Tiago, e Cefas, e João, que pareciam ser as colunas, conheceram a graça que me havia dado, deram as destras a mim, e a Barnabé, em sinal de companhia: para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão: recomendando somente que nos lembrássemos dos pobres, isto mesmo é o que eu também procurei executar com cuidado.”* (grifo nosso)
>
> **Editora Ave-Maria, 2ª forma**: “*Ao contrário, viram que a **evangelização dos incircuncisos me era confiada**, como **a dos circuncisos a Pedro** (porque aquele cuja ação fez de Pedro o Apóstolo dos circuncisos, fez também de mim o dos pagãos). Tiago, Cefas e João, que são considerados as colunas, reconhecendo a graça que me foi dada, deram as mãos a mim e a Barnabé em sinal de pleno acordo: iríamos aos pagãos, e eles aos circuncidados. Recomendando-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres, o que era precisamente a minha intenção.”* (grifo nosso)
>
> **Editora Vozes, 3ª forma**: “*Pelo contrário, viram que a **mim fora confiada a evangelização dos pagãos**, como **a Pedro tinha sido confiada a evangelização dos judeus**. Pois aquele que incentivou Pedro ao apostolado entre os judeus, incentivou também a mim para o dos pagãos. Tiago, Cefas e João, que são considerados as colunas, reconhecendo a graça que me foi dada, deram as mãos a mim e a Barnabé em sinal de pleno acordo: nós iríamos aos pagãos e eles aos judeus. Recomendaram-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres, coisa que procurei fazer com muita solicitude.”* (grifo nosso)

Essas são as três formas como a encontramos narradas entre as seis Bíblias por nós pesquisadas. E para que se veja que o nosso entendimento não é isolado, colocaremos algumas notas de rodapé, relacionadas a esta passagem, constantes das

seguintes Bíblias:

> **Edição Pastoral**: Na segunda vez que vai a Jerusalém (cfe AT 15), Paulo tem duas preocupações: fazer um acordo com Pedro, Tiago e João, para manter a unidade das Igrejas; e ao mesmo tempo, assegurar que os pagãos convertidos não precisem observar a religião judaica. A viagem tem dois resultados importantes: as autoridades da igreja de Jerusalém reconhecem o Evangelho, tal como Paulo e Barnabé o pregam aos pagãos; é feito um acordo prático, delimitando os campos de apostolado de Pedro e de Paulo. O sinal visível desse acordo é a preocupação e o auxílio aos pobres (cf. 2Cor 8-9). ([19])

> **Editora Mundo Cristão**: *o evangelho da incircuncisão*. I.e., o evangelho para os gentios. Paulo era especialmente responsável por espalhar o evangelho entre os gentios (Rm 1;5), e Pedro entre a circuncisão (os judeus). ([20])

Quem estiver de posse de uma Bíblia que contém a 1ª forma, pode ser levado a entender que Pedro pregava a circuncisão. Entretanto, pregar aos circuncidados não significa necessariamente advogar a circuncisão. Jesus era judeu e pregava a judeus, entretanto não o vemos citar a necessidade da circuncisão. Na 3ª forma, qualquer dúvida fica dissipada, pois o que as duas anteriores querem significar é exatamente o que consta dela.

Assim, não há dúvida alguma que Paulo cuidava de pregar o Evangelho aos gentios (também chamados de

---

19 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 1495.

20 A Bíblia Anotada, p. 1474.

incircuncisos) e Pedro ficou com a missão de levá-lo aos judeus (normalmente chamados de circuncisos), apenas isso. Não como querem interpretar alguns que nessa passagem Paulo esteja defendendo a não circuncisão, embora saibamos que ele era contra ela, e Pedro o contrário. Dizem inclusive que havia discórdia entre os dois; mas não é verdade, como iremos ver no incidente de Antioquia.

Trata-se de um pequeno incidente que ocorreu entre Pedro e Paulo, narrado em Gálatas 2,11-16:

> *"No entanto, quando Cefas foi a Antioquia, opus-me a ele abertamente, pois merecia repreensão. Realmente antes que chegassem certas pessoas do partido de Tiago, ele tomava suas refeições com os pagãos. Mas, quando elas chegaram, tirou o corpo e manteve-se afastado por receio dos circuncidados. Os outros judeus também fizeram a mesma simulação; até o próprio Barnabé deixou-se envolver por esta duplicidade. Então, ao ver que não procedia direito, de acordo com a verdade do Evangelho, eu disse a Cefas na presença de todos: 'Se você, que é judeu, segue os costumes pagãos e não os judaicos, como pode obrigar os pagãos a seguir costumes judeus?' Nós, de nascimento, somos judeus e não pecadores do paganismo. No entanto, por sabermos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo, nós abraçamos a fé em Cristo Jesus para sermos justificados em virtude da fé em Cristo e não em virtude da prática da Lei."*

Para entender o ocorrido entre os dois vamos recorrer às notas de rodapé, constantes das Bíblias:

Edição Pastoral: Um judeu não podia comer ao lado

de um pagão, pois ficaria impuro, violando a Lei. Contudo, no encontro de Jerusalém, fica resolvido que os pagãos convertidos ao cristianismo não precisavam observar a Lei judaica. A atitude de Pedro é hipócrita: por medo de ser criticado pelos judeu-cristãos, ele evita comer com os pagãos convertidos. O fato é grave, pois o comportamento hipócrita de um chefe da Igreja causa divisões, esvazia o trabalho da evangelização, chegando até mesmo a desviar a comunidade do verdadeiro Evangelho. ([21])

Editora Ave-Maria: Alguns judeus cristãos pensavam que os demais povos ou gentios convertidos deveriam seguir os costumes ou modos de viver dos judeus. S. Pedro e os apóstolos, no entanto, no Concílio de Jerusalém haviam dado aos gentios convertidos a liberdade de seguir os costumes próprios (ver Atos 15, 1-28). S. Pedro seguia esta decisão, considerando os não-judeus convertidos iguais aos demais cristãos. Mas devido a muitas críticas ou pressão de judeus fanáticos, achou prudente não comer mais com os gentios ou pagãos convertidos, para não suscitar críticas ou zangas prejudiciais. São Paulo, no entanto, achou que S. Pedro devia manter-se firme no costume adotado, para que todos vissem que os não-judeus convertidos e os judeus cristãos eram iguais perante o Evangelho. Trata-se, portanto, de um modo externo de agir de S. Pedro, uma questão de prudência ou de energia, por conseguinte de assunto externo, acidental, secundário, e não essencial, doutrinário ou dogmático. S. Pedro aceitou e seguiu a advertência amiga de S. Paulo, comprovando assim que ambos estavam de pleno acordo a este respeito. Aliás nunca houve desacordo doutrinário entre eles. Por este fato acima relatado, S. Paulo até reconhece que a autoridade de S. Pedro era grandemente acatada e de influência entre os cristãos,

21 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 1495.

como chefe da Igreja Universal que era. (N. do Tr.) ([22])

Assim, a única divergência ocorrida entre os dois foi a que acabamos de relatar. Não estava ela relacionada com a questão da circuncisão, conforme podemos verificar pelo texto e nas notas citadas.

E, para concluirmos, embora já falamos anteriormente, mas para reforçar a conclusão a que chegamos, acrescentamos que em Atos (10,9-34) é relatada uma visão de Pedro, que após pensar muito sobre ela, chega à seguinte conclusão*: De fato agora compreendo que Deus não faz distinção de pessoas; mas todos os que o adoram e praticam o bem são aceitos por ele, seja qual for a sua nação* (Atos 10,34-35). Ora, esta revelação lhe é dada no início de sua missão apostólica, assim não há como sustentar que ele, depois desta compreensão, venha a querer separar as pessoas entre circuncisos e incircuncisos, como era costume entre os judeus radicais, para exigir que os últimos fossem também circuncidados.

O que podemos confirmar pela pesquisa que fizemos relativo ao verbete “Pedro, S.”, no Dicionário Prático da Bíblia Barsa, onde se lê: “Após a visão que recebeu do céu, acolheu o gentio Cornélio dentro da Igreja e decretou que os ritos da Antiga Lei não mais deveriam onerar as consciências dos homens (At 10,1-48; 11,5-17)”. ([23])

Uma outra coisa que devemos levar em conta, e isso normalmente não é percebido pela grande maioria dos

22 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 1493.

23 Dicionário Prático – Barsa, p. 211.

teólogos, é que houve uma divisão entre Pedro e Paulo quanto aos que cada um iria evangelizar, o primeiro aos judeus e o segundo aos gentios, daí o nome de Apóstolo dos Gentios dado a Paulo. Com o mesmo pensamento, poderíamos dizer que Pedro era o Apóstolo dos Judeus, em Gálatas 2,7-10, diz exatamente isso. Ora, se Pedro passou a pregar o Evangelho junto aos judeus e esses são os que seguiam a Lei Mosaica, e nela havia a determinação de que toda criança do sexo masculino deveria ser circuncidada no oitavo dia (Levítico 12,3), como explicar que Pedro exigia a circuncisão, já que aos que se dirigia certamente já eram circuncidados, a não ser que ele estivesse pregando a crianças com menos de oito dias?

L. Palhano Jr. (1946-2000), autor de *Teologia Espírita*, que em seu outro livro *Aos Gálatas – A Carta da Redenção*, nos diz que:

> Pedro não vivia segundo os preceitos judeus, ele mesmo era livre em Cristo, como pois apoiava os judaizantes? Não consta que Pedro exigisse a circuncisão, mas tudo indica que ele não via outra saída que não fosse o apoio que poderia ter dos judeus-cristãos. ([24])

Tudo o que levantamos demonstra de forma categórica que Pedro nunca pregou a circuncisão. O que ficou a seu encargo fazer era evangelizar (pregar) aos judeus, leia-se circuncidados, entretanto, isso está bem longe de se afirmar que ele estava circuncidando os recém-convertidos ao cristianismo.

---

24 PALHANO, 1999, p. 74-75.

Que os teólogos que não pensam assim nos desculpem, pois, nosso objetivo não é levantar polêmica alguma, mas buscar a verdade onde quer que ela possa se encontrar.

A comunicação entre os dois planos

> "É mais fácil enganar as pessoas do que convencê-las de que elas foram enganadas." (MARK TWAIN)

Temos recebido de várias pessoas, seguidoras de outras correntes religiosas, e-mails com textos ou mensagens, que apesar de alguns dos autores não admitirem, o que querem de fato é "abrir os nossos olhos" para a verdade, deles é claro. Alguns buscam realçar a questão dos "milagres" como base para sustentar que Deus escolheu a religião deles para os produzir. Isso não seria um privilégio?

Primeiro queremos dizer que não serão os "milagres" que irão nos convencer, já que não acreditamos neles. Acreditamos sim, que eles são, na verdade, fatos naturais cujas leis ainda desconhecemos, que acontecem desde os tempos primitivos, em todos os lugares a qualquer um. Não existe nenhum privilégio para quem quer que seja, já que *"Deus não faz acepção de pessoas"*, e principalmente, porque, como está livro Sabedoria (11,24): *"Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criastes. Se odiasse alguma coisa, não a terias criado."*

Mas queremos realçar um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita, inclusive por ter sido por ele que ela se

formou, que é sobre a comunicação com os mortos e que eles possam interferir no mundo dos chamados “vivos”.

O caso que contaremos agora, não está devidamente relatado como acontecido, pois infelizmente a memória nos trai não retendo tudo aquilo que queremos, mas é um fato real e relatado em reportagens televisivas, há pouco tempo.

Um casal comemorando as bodas de ouro (ou seria de prata?), junto com familiares e amigos estavam numa Igreja participando de uma missa realizada em agradecimento a Deus pelo convívio mútuo dos cônjuges até aquela data, e nos dias de hoje, diga-se de passagem, isso se torna cada vez menos frequente, já que a separação se tornou uma rotina para muitos casais. Para guardar aquele acontecimento, a belíssima cerimônia foi filmada já que no futuro a lembrança do que ocorreu naquele dia poderia se perder completamente.

Nos dias que se sucederam, todos os familiares se juntaram para assistir o que foi gravado em videocassete, mas ninguém tinha atentando para um pequeno e intrigante detalhe. Até que, num determinado dia, um dos que assistiam chamou a atenção de todos para duas pessoas, que bem ao fundo da Igreja, estavam indo de um lado para outro. Conseguiram identificar uma delas. A surpresa foi geral, pois era a imagem de um parente que havia morrido, ou seja, voltou para o mundo espiritual de onde veio, assumindo a sua verdadeira condição de ser espiritual.

Reboliço muito grande, na época. Apareceram em vários canais de TV exibindo a fita, da qual o casal afirmava categoricamente reconhecer, entre aqueles dois que

atravessavam de um lado para outro na Igreja, um deles foi identificado como um parente já desencarnado. Num determinado canal de TV, chamaram “especialistas” para opinar sobre o ocorrido, e entre eles estava um padre católico.

Esse padre, que se diz especialista em parapsicologia, na verdade um reconhecido antiespírita, disse que tudo se tratava de fruto da imaginação. Que teria sido o inconsciente das pessoas que teriam produzido tal coisa. Desculpe-nos, mas foi bom ver, o casal partindo para cima deste dito padre, que se não fosse contido, talvez o esganasse ali diante de milhões de telespectadores.

Só que este padre, travestido de cientista, não explicou como o inconsciente consegue produzir a imagem de uma pessoa, que ninguém deveria, naquele momento, estar pensando, e o contrário não se pode provar, passou a ter vida própria, para caminhar de um lado a outro na Igreja.

Entretanto, esse mesmo padre, aceita sem contestar que aqueles aos quais os católicos chamam de santos, aparecem. Cita a aparição de vários deles e em muitas ocasiões, fato, inclusive, que recorre aos anais da Igreja para comprovar. Aí perguntamos: somente os espíritos de santos católicos podem se manifestar?

Já que falamos em santos, podemos acrescentar: se não há nenhum tipo de comunicação com os mortos, qual o sentido de os católicos fazerem preces e pedido a eles? E mais, como esses santos atendem aos pedidos sem que haja uma via de comunicação entre o mundo espiritual e o material? Veja bem, podemos encontrar a maior prova de que os mortos se

comunicam exatamente naquilo em que acreditam.

Mas não queremos ficar só nessa prova, vamos agora recorrer à Bíblia, Livro Sagrado, que segundo aceitam é a palavra de Deus, e tudo que nela contém não há erro.

Analisemos as seguintes passagens:

> 1 Samuel 10,6: "*E o espírito do Senhor tomará conta de ti, de modo que entrarás em transe com eles, sendo transformado num outro homem.*"

Aqui percebemos claramente a ocorrência de uma pessoa em transe (mediúnico) recebendo a influência de um espírito. Ora, você dirá que se trata de "o" espírito e não "um" espírito? Segundo afirmam vários estudiosos da Bíblia quando em grego não aparece o artigo definido é porque a tradução correta deverá ser de "um" e não "o" como se costuma colocar em algumas traduções bíblicas.

Ademais, perguntamos: se fosse realmente o espírito de Deus, ele iria "baixar" em alguém? Mais à frente você entenderá porque colocamos "baixar". Será que existe um ser humano com tamanha elevação para poder receber no seu corpo a influência direta do Criador? Pode ser que alguém acredite nisso, mas nós não, já que não conseguimos enxergar Deus como o simples Criador da Terra, mas o Criador do Universo infinito, do qual não temos ainda capacidade de compreender a magnitude.

> 1 Samuel 11,6*:* "*Quando Saul ouviu estas palavras, o espírito de Deus tomou conta dele, e foi possuído de violenta cólera.*"

Essa passagem é para comprovar que Deus não influência as pessoas, da forma que os espíritos fazem. Os que aceitam isso deverão admitir também que Deus ao influenciar alguém possa fazer com que a pessoa se tome de “violenta cólera”, conforme narrado nesta passagem. Somente fanático poderá aceitar um absurdo desse.

> 1 Samuel 16,14-16.23: “*O espírito do Senhor se tinha retirado de Saul e cada vez mais frequentemente o assaltava um mau espírito da parte do Senhor. Então os cortesãos de Saul lhe disseram: 'Está bem claro que o espírito mau de Deus te assalta. Ordene nosso senhor – nós teus servos estamos às tuas ordens –que procuremos um homem que saiba tocar cítara. Quanto vier sobre ti o mau espírito de Deus, ele vai tocar com sua mão e te sentirás melhor'. Quando o mau espírito de Deus se apoderava de Saul, Davi tomava a cítara, sua mão dedilhava as cordas e Saul se sentia aliviado e melhorava, e o espírito mau se afastava dele.*”

Saul sendo ora influenciado por um espírito bom (espírito do Senhor), ora por um espírito mau (espírito mau de Deus) é perfeitamente aceitável, é o que realmente acontece. Não há como contestar, para aqueles que não possuem espírito sectário, de egoísmo eclesiástico ou fanatizados por seus líderes religiosos.

> 1 Samuel 19,9-10: “*Um dia um espírito mau do Senhor baixou sobre Saul; ele estava sentado em casa com a lança na mão, enquanto Davi dedilhava a cítara. Em dado momento Saul quis espetar a Davi na parede com a lança, mas Davi conseguiu esquivar-se de Sal, de modo que este acertou a lança apenas na parede. Davi fugiu, escapando ileso.*”

> 1 Samuel 19,19-20: “*Quando comunicaram a Saul que Davi estava em Naiote em Rama, ele enviou mensageiros para prender a Davi. Estes viram a comunidade dos profetas, presidida por Samuel, falando em transe profético. Então o espírito de Deus baixou sobre os mensageiros de Saul, de modo que também eles entraram em transe profético. Quando referiram isto a Saul, ele mandou outros mensageiros, mas também estes foram tomados de transe profético. Saul ainda mandou uma terceira vez outros mensageiros, os quais também entraram em transe. Então ele mesmo se pôs a caminho de Rama. Quando chegou à grande cisterna, situada em Soco, perguntou: ‘Onde estão Samuel e Davi?’ Alguém respondeu: ‘Eles estão em Naiot em Ramá’. Quando se pôs a caminho para lá, para Naiote em Rama, baixou também sobre ele o espírito de Deus, de modo que durante todo o caminho até chegar a Naiot em Ramá, estava em transe profético. Também ele tirou a roupa e ficou em transe diante de Samuel; caiu no chão e ficou sem roupa todo este dia e toda a noite. Por isso dizem: ‘Então também Saul é do número dos profetas?*’.”

Observar nessas duas narrativas acima, as expressões “um espírito mau do Senhor baixou” e “o espírito de Deus baixou” é tal e qual se fala normalmente quando, não conhecendo o fenômeno mediúnico, dizem: “o espírito baixou” em fulano ao verem alguém que está sob a influência de um espírito. Qual a diferença?

As duas provas mais incontestáveis da comunicação com os mortos, vamos encontrar uma no Antigo Testamento e outra no Novo Testamento.

A primeira é velha conhecida dos nossos adversários que querem de todas as maneiras buscar uma outra

interpretação para ela, de modo que não fique evidenciado o fato de que houve uma comunicação com o espírito de uma pessoa que já havia falecido. Está narrado em 1 Samuel 28, que resumiremos: Saul, cercado pelos filisteus, querendo saber o que ia acontecer ao povo no caso da guerra contra eles, busca a pitonisa de Endor para que ela lhe adivinhe o que estaria para acontecer no futuro. Chegando à casa dessa médium, pede-lhe que evoque o espírito de Samuel, para que ele possa consultá-lo a respeito do que lhe afligia.

Atendendo à sua evocação, o espírito Samuel aparece e, incorporado, ou seja, “baixou” na médium, diz a Saul que ele, seus filhos e o povo judeu, morreriam naquela guerra. O que de fato aconteceu posteriormente.

Na que encontramos no Novo Testamento, devemos realçar que o fato acontece, nada mais nada menos, de que com Jesus. Na ocasião, Ele, acompanhado de Pedro, Tiago e João, sobe ao Monte Tabor, lá se transfigura e aparecem os espíritos Moisés e Elias que conversam com Ele (Mateus 17,1-9). Não há como a coisa ficar mais clara que isso. Repetimos, somente os fanáticos é que não veem, ou não querem ver.

Poderíamos colocar várias pesquisas realizadas sobre a comunicação dos mortos, feitas por pessoas idôneas e de reconhecido saber científico. Mas não colocaremos por dois motivos. O primeiro é porque certas coisas apesar de serem fatos reais não necessitam de comprovação, até mesmo porque, em algumas situações, as condições de provas são muito difíceis, a exemplo de Deus, que até hoje ninguém provou a existência, apesar de todos nós aceitarmos

tranquilamente a sua existência. Em segundo, é que sempre os atuais donos da verdade, que ao menos se propõem a fazer a pesquisa com o mesmo rigor científico desses pesquisadores, afirmarão: as condições de época...; que Freud ainda não havia trazido a hipótese do inconsciente, etc.

Aliás, essa tal hipótese do inconsciente é falada, mas nunca alguém provou a sua existência, como e em que condições esse inconsciente produz os fatos a ele atribuído. Já que ainda ninguém provou tudo isso, devem, por isso mesmo, ser tratado como hipótese.

Vamos falar de testemunhos de pessoas que não pertencem às hostes espíritas, para que não falem que estamos puxando a "brasa para a nossa sardinha". Novamente citaremos dois casos.

O primeiro deles está relatado no livro *O Além Existe*, onde o autor relata o caso da comunicação que teve com seu filho já desencarnado. O autor chamava-se Lino Sardos Albertini (1915-2005), de cuja biografia extraímos: advogado, profissional liberal, exerceu atividade em Trieste. Foi presidente da Academia de Estudos Jurídicos e Econômicos "Cenáculo Triestino", presidente da Junta Diocesana de Ação Católica de Trieste, vice-presidente nacional da União Pan-europeia Italiana e presidente da Arqueoclube de Trieste. Autor de vários ensaios. Na contracapa se diz:

> "Este livro é a crônica de um diálogo incomum, entre duas diferentes dimensões, entre o aquém e o além, entre o pai que chama e um filho, morto em circunstâncias dramáticas, que responde. O diálogo

> ocorre através de uma sensitiva que categoricamente exclui qualquer recompensa e se recusa a desenvolver uma atividade pública".
>
> "Ela pratica um tipo de escrita automática por meio da qual desemaranha o fio que mantém unidos o advogado e seu filho, André".
>
> "Crítico e descrente no começo, Lino Sardos Albertini teve de resignar-se aos fatos inexplicáveis que André apresentava, a lógica severa das respostas, a sua coerência. Extraordinária é a maneira de transmissão das mensagens".
>
> "Envolvente como um romance, impregnado – mesmo na situação dolorosa – de fé e esperança, este livro há de induzir os seus leitores a uma meditação profunda". ([25])

O livro de que dispomos, foi traduzido da 12ª edição italiana (um *best-seller*?), por uma editora de orientação estritamente católica que é a "Edições Loyola", mas, parece que se deram conta do que realmente tinham editado, e, infelizmente, resolveram não publicar mais nenhuma nova edição, ficando somente na primeira. Assim, a verdade mais uma vez, foi para debaixo do tapete.

O segundo livro tem o título *Os mortos nos falam*, ele é bem mais interessante porque o seu autor é um padre católico. Seu nome é Pe. François Brune. Do qual se diz:

> O Pe. François Charles Antoine Brune é bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Cursou seis anos de "Grand Seminaire", sendo cinco no Instituto Católico de

25 ALBERTINI, 1989, contracapa.

> Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebreu e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960, e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de diversos “grands Seminaires” durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais. ([26])

Segundo temos notícias, o Pe. Brune é o representante do Vaticano para assuntos de Transcomunicação Instrumental (Comunicação dos mortos por aparelhos eletrônicos).

Em seu livro, após afirmar, categoricamente, que “O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos;” ([27]), o Pe. François Brune arremata dizendo:

> Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.
>
> […].
>
> Tomem este livro como um itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas ideias preconcebidas. Não tenham medo; se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira.

---

26 BRUNE, 1991, orelha da contra-capa.

27 BRUNE, 1991, p. 15.

> Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tornarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter. ([28])

Fica aí como conclusão essa fala do Pe. Brune, cujo conteúdo merece uma profunda reflexão por parte daqueles que tentam dizer que tudo no Espiritismo é superstição, fruto da imaginação, etc.

28 BRUNE, 1991, p. 15-17.

A mediunidade no tempo de Jesus

> *"Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça um mandamento do Senhor nas coisas que estou escrevendo para vocês."* (PAULO, aos coríntios)

A mediunidade é uma faculdade humana, que consiste na sintonia espiritual entre dois seres. Normalmente, a usamos para designar a influência de um Espírito desencarnado sobre um encarnado, muito embora, na definição de "médium", dada por Allan Kardec, não se discuta a identidade ou a natureza desses espíritos. Assim ele o definiu: "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. [...]." ([29]).

Sendo assim, julgamos que, por se tratar de uma aquisição do espírito imortal, pouco importa a situação em que se encontrem esses dois seres, para que se processe a ligação espiritual entre eles.

É comum, que ataques ao Espiritismo ocorram por conta desse "dom", como se ele viesse a acontecer exclusivamente em nosso meio. Ledo engano, pois, conforme já o dissemos, é uma faculdade humana; e assim sendo, todos a possuem,

29 KARDEC, 2007b, p. 211.

variando apenas quanto ao seu grau, conforme nos asseverou Kardec, quando da sequência de sua fala anterior: “Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. [...].” ([30])

Os detratores querem, por todos os meios, fazer com que as pessoas acreditem que isso é coisa nova, justamente para transparecer que só acontece no Espiritismo; mas podemos provar que a mediunidade não é nenhuma novidade e que até mesmo Jesus dela pode nos dá exemplos. É o que veremos se poderemos estabelecer uma relação da mediunidade e Jesus.

Quando Jesus recomenda a seus doze discípulos divulgar que o *“reino do Céu está próximo”* fica evidenciado, aos que estudaram ou vivenciam esse fenômeno, que o Mestre estava falando mesmo era da faculdade mediúnica, uma vez que eles seriam inspirados pelo alto naquilo que deveriam dizer. Entretanto, por conta dos tradutores e/ou dos teólogos, essa realidade ficou comprometida no texto bíblico.

Mas como não é possível “tapar o sol com uma peneira”, podemos, perfeitamente, identificá-la, apesar de que, em algumas situações, percebemos um certo esforço para se escondê-la.

O evangelista Mateus (10,19-20), ao narrar as recomendações de Jesus aos doze discípulos, para quando fossem divulgar a Boa Nova, disse o seguinte:

---

30 KARDEC, 2007b, p. 211.

> "*Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o* ***Espírito de vosso Pai*** *é que falará em vos."* (grifo nosso)

Para comparação e análise, vamos colocar as outras passagens correlatas:

> Marcos 13,11: *"Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer: digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão,* ***mas o Espírito Santo****."* (grifo nosso)
>
> *Lucas 12,11-12: "Quando introduzirem vocês diante das sinagogas, magistrados e autoridades, não fiquem preocupados como ou com que vocês se defenderão, ou o que dirão. Pois, nessa hora* ***o Espírito Santo*** *ensinará o que vocês devem dizer"* (grifo nosso)

Em relação a essas passagens, pesquisamos em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, de Carlos Torres Pastorino, formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim. Segundo seus estudos, somos informados de que, em grego, os textos se encontram desta forma ([31]):

"***tò pneuma*** = o espírito", em Mateus 10,20:

"***tò pneuma tò hágion*** = o Espírito o santo", em Marcos 13,11;

"***tò hágion pneuma*** = o santo Espírito", em Lucas

31 PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 97-98.

12,12.

Assim, podemos observar que essas narrativas não trazem a mesma palavra; Mateus diz “O Espírito do Pai”, Marcos “O Espírito o santo” e, finalmente, Lucas “o santo Espírito”.

Pastorino, inclusive, ressalta, em relação a Lucas, o seguinte: “Há uma observação a fazer. Neste trecho (vers. 10 e 12) não aparece *pneuma hágion*, mas *hágion pneuma*; isto é, não 'Espírito Santo', mas 'Santo Espírito'.” ([32])

Se, numa multiplicação, a ordem dos fatores jamais altera o produto, no caso gramatical isso pode alterar e muito, pois uma coisa é afirmar **santo espírito** e outra é **Espírito Santo**. No primeiro caso, trata-se de um espírito santificado, no segundo poder-se-á abrir precedentes para dizer que se trata de uma das pessoas atribuídas à Trindade.

Colocando mais lenha nessa fogueira, trazemos Marcos que diz “o espírito o santo” o que obviamente, não é a mesma coisa que dizer o Espírito Santo.

Então, concluímos que, nessa passagem, o fenômeno mediúnico é inequívoco, já que, para nós, quem colocava palavras na boca dos discípulos era um santo espírito, ou seja, um espírito bom. Principalmente, levando-se em conta as próprias palavras de Jesus: *“não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque, nessa hora, será sugerido a vocês”,* que arremata: *“Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do Pai de vocês é quem falará através de vocês.”* (Mateus 10,19-20)

---

32 PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 96.

E, antes de sua morte, Jesus predisse a seus discípulos:

> Lucas 21,12-15: *"Mas, antes que essas coisas aconteçam, vocês serão presos e perseguidos; entregarão vocês às sinagogas, e serão lançados na prisão; serão levados diante de reis e governadores, por causa do meu nome. Isso acontecerá para que vocês deem testemunho. Portanto, tirem da cabeça a ideia de que vocês devem planejar com antecedência a própria defesa;* ***porque eu lhes darei palavras de sabedoria****, de tal modo que nenhum dos inimigos poderá resistir ou rebater vocês."* (grifo nosso)

Essa promessa de Jesus a seus discípulos, de que após a sua morte "daria palavras de sabedoria", não é outra coisa senão que Ele, do plano espiritual, exerceria influência sobre cada um deles, dando-lhes palavras de sabedoria, o que é, portanto, fenômeno mediúnico. Foi exatamente a mesma coisa que aconteceu com Paulo: 2 Coríntios 13,3: *"[...] vocês estão procurando uma prova de que* ***é Cristo quem fala em mim*** *[...]."* (grifo nosso)

Por outro lado, para aquelas passagens citadas há pouco, se não arredarmos o pé de que seja mesmo "o Espírito do Pai" ou "o Espírito Santo" a influenciar os discípulos, teremos que, forçosamente, admitir que o próprio Deus venha a se manifestar em um ser humano. Pensamento absurdo como esse só pode ser fruto da falta de compreensão da grandeza de Deus, bem como, de suas formas de agir.

Dizem os cientistas que no Cosmo há cerca de 100 bilhões de galáxias; para cada uma delas estimam-se 100 bilhões de estrelas, fazendo do Universo uma vastidão fora do

alcance da limitada imaginação humana; mas, mesmo que à custa de um grande esforço, vamos imaginar tamanha grandeza. Bom; façamos agora a pergunta: o que criou tudo isso?

Diante disso, admitir que esse ser possa estar pessoalmente inspirando uma criatura humana é fora de propósito; coisa aceitável somente a povos primitivos, cujos conhecimentos não lhes permitem ir mais longe, por restrição imposta pelo seu habitat.

Passando isso para o nosso dia a dia: é como um cidadão comum querer que o Presidente da República esteja à sua disposição para conversar com ele a qualquer hora, em qualquer lugar, esquecendo-se de que esse cargo exige uma montanha de compromissos importantes que fica impraticável que ele, o Presidente, possa atender a todos. Uma estrutura administrativa pública foi criada justamente para isso, liberando o mandatário da nação somente para as questões de alta relevância.

Ora, se o homem teve a capacidade de criar uma estrutura de ação frente aos seus semelhantes, por que Deus não teria a sua? Ou será que os profetas e o próprio Jesus, na dimensão física, bem como, os anjos e demais espíritos, na dimensão espiritual, não são parte integrante dessa estrutura?

Agora perguntamos: Deus age diretamente? Acreditamos que não, por ter os anjos (espíritos puros) à sua disposição, cuja missão é realizar os Seus desejos e são eles que entram em contato com os homens para trazer as Suas revelações. Vejamos o que se diz nas Escrituras, em se

referindo aos anjos:

> Hebreus 1,14: *"Não são todos eles **espíritos ministradores**, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação?"* (grifo nosso)

Sobre essa questão de anjos, ela merece uma explicação à parte; por isso, a colocaremos neste próximo tópico.

Sem dúvida alguma, temos a mediunidade na aparição dos anjos. Apresentamos, para comprovar que os anjos eram encarregados de transmitir a vontade de Deus, a passagem que relata uma visão de Cornélio:

> Atos 10,4: "***O anjo*** *lhe replicou: 'Tuas orações e tuas esmolas chegaram até Deus e Ele se lembrou de ti'."* (grifo nosso)

E mais uma; essa relativa ao anjo enviado a Zacarias:

> *Lucas 1,29: "**O anjo** respondeu-lhe: **'Eu sou Gabriel**, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te trazer esta feliz nova'."* (grifo nosso)

Vejamos agora várias ocorrências de aparições de anjos, que, para uma melhor compreensão, dividiremos em itens, dada a peculiaridade de cada uma.

a) anjo = homem

Todos os quatro evangelistas, narram aparições às mulheres que foram ao sepulcro, onde Jesus havia sido colocado. São elas: Mateus, 28,1-8; Marcos 16,1-7, Lucas 24,1-8 e João 20,11-13. Embora exista divergência quanto à

quantidade dos que apareceram, apenas queremos ressaltar que, enquanto Mateus e João dizem ser anjo(s), Marcos e Lucas afirmam ser homem(ns). O detalhe em que todos concordam é quanto às vestes que eram brancas como a neve ou brilhantes. Vamos apenas relatar a de Lucas, pois dela faremos um destaque especial.

> Lucas 24,3-6: *"Entraram e não acharam ali o corpo do Senhor Jesus. Não sabiam ainda o que pensar,* ***quando apareceram dois homens com vestes brilhantes****. Cheias de medo, inclinaram o rosto para o chão. Eles disseram: 'Por que procurais entre os mortos quem está vivo? Não está aqui, mas ressuscitou'. [...]."* (grifo nosso)

Aqui, os dois seres com "vestes brilhantes", conversam com as mulheres, fato que identificamos como fenômeno mediúnico. Os espíritos evoluídos sempre aparecem na forma humana e em meio a muita luz; daí serem, vulgarmente, denominados de "espíritos de luz".

Em uma passagem mais à frente, Cléofas, falando desse episódio, disse:

> Lucas 24,22-23: *"É verdade que algumas mulheres [...] foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que* ***tinham visto anjos****, e estes afirmaram que Jesus estava vivo."* (grifo nosso)

Observe que na narrativa anterior foi dito de "dois homens com vestes brilhantes", enquanto que aqui está se afirmando que as mulheres, ao falarem dessa ocorrência, disseram que haviam visto anjos.

Há uma passagem interessante em que Jesus afirma que na ressurreição todos seremos como anjos do céu (Mateus 22,30); portanto, nos iguala aos anjos; daí não ser difícil de se aceitar que anjo e espírito humano ressuscitado são seres da mesma natureza; em outras palavras, são a mesma coisa. Vamos a outra ocorrência:

> Atos 10,1-4: *"[...] Cornélio, [...] certo dia, lá pelas três da tarde, viu claramente em* ***visão um anjo*** *de Deus entrar em sua casa e chamá-lo. 'Cornélio!' Ele olhou para o* ***anjo*** *e, com medo, respondeu: 'Que é o Senhor?'* ***O anjo*** *lhe replicou: 'Tuas orações e tuas esmolas chegaram até Deus e Ele se lembrou de ti'."* (grifo nosso)
>
> Atos 10,30-31: *"Cornélio respondeu: 'Faz três dias que, enquanto eu rezava em minha casa, lá pelas três da tarde,* ***um homem com roupas muito claras apareceu na minha frente e me disse****: 'Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus'."* (grifo nosso)

Na primeira passagem, o narrador bíblico afirma que um anjo apareceu a Cornélio; na segunda o próprio Cornélio afirma que era "um homem com roupas muito claras", que havia lhe aparecido, o que vem reforçar o fato de que anjos, realmente, possuíam forma humana. Não será por que são eles exatamente seres humanos desencarnados? Daí, inclusive, justificar-se o medo que Cornélio teve...

Há um outro passo onde essa relação também é nítida; leiamo-la:

> Apocalipse 22,8-9: *"Eu, João, [...] ajoelhei-me para*

> ***adorar o Anjo**, aquele que me havia mostrado essas coisas. Mas ele não deixou: 'Não! Não faça isso! **Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro.** É a Deus que você deve adorar'."* (grifo nosso)

Aqui é o próprio anjo que se iguala a João, em primeiro plano; e aos profetas e também aos que cumprem a vontade de Deus em seguida, deixando claro que ele é igual a um ser humano, sem qualquer privilégio.

b) anjo = espírito

Vejamos as passagens:

> Atos 8,26-29: *"**O anjo** do Senhor dirigiu a Filipe estas palavras: 'Tu irás rumo ao Sul, pela estrada que desce de Jerusalém a Gaza. Ela está deserta'. Filipe partiu imediatamente. Ora, vinha chegando um etíope, [...] que [...] tinha ido a Jerusalém para adorar a Deus. Agora voltava, lendo o profeta Isaías, sentado em sua carruagem. **O Espírito disse** a Filipe: 'Aproxima-te e acompanha essa carruagem'."* (grifo nosso)

O texto inicia dizendo anjo para depois denominá-lo de espírito, o que evidencia ser tudo a mesma coisa, uma vez que consta do mesmo texto e do mesmo contexto.

> Atos 12,13-16: *"Pedro bateu na porta de entrada; uma empregada, chamada Rosa, foi ao seu encontro. Ela reconheceu a voz de Pedro e, de tanta alegria, nem abriu a porta, mas correu para dentro, anunciando que Pedro estava na entrada. Disseram-lhe: 'Estás delirando!' Mas ela insistia, dizendo que era verdade. Observaram então: '**Deve ser o anjo dele**!' Entretanto,*

> *Pedro continuava a bater, até que lhe abriram a porta, e viram que era mesmo ele e ficaram muito admirados."* (grifo nosso)

Após um anjo libertar Pedro da prisão, ele se dirige à casa da mãe de João (Marcos), onde estavam reunidas várias pessoas em oração. Rosa, a pessoa que atende à porta, reconhece a voz de Pedro; mas, em vez de abrir a porta, sai correndo para dar a notícia aos outros. Entretanto, eles não acreditaram nela, pois pensavam que Herodes já havia mandado matar Pedro, já que o prendeu com essa intenção. Assim, como o supunham morto, disseram que só poderia *"ser o anjo dele"*.

Então, concluímos que o "ser o anjo dele" aqui é a possibilidade de alguém morto aparecer; isso não é senão o que, em outras palavras, poderia ser dito: "ser o espírito dele". Assim, podemos compreender que, àquela época, anjo significava também espírito. A questão é: o que é espírito? A resposta que poderemos dar é: são seres humanos desencarnados.

c) Espírito = homem

Embora não estivéssemos querendo sair do Novo Testamento, somos obrigados, para um maior esclarecimento, a buscar no Antigo Testamento uma passagem que vem corroborar tudo quanto estamos afirmando aqui.

> Tobias 5,4-6.11-14: *"Tobias* ***saiu para procurar uma pessoa*** *que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu,* ***encontrou o anjo Rafael bem à frente dele****, mas não sabia que*

> *era um anjo de Deus. Tobias lhe perguntou: 'De onde você é, rapaz?' Ele respondeu:* ***'Sou israelita, seu compatriota, e estou aqui procurando trabalho'****. Tobias lhe perguntou: 'Você sabe o caminho para a Média?' Ele respondeu:* ***'Sim. Já estive lá muitas vezes e conheço bem todos os caminhos. Fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso compatriota Gabael, que mora em Rages, na Média****. São dois dias de viagem de Ecbátana até Rages, pois Rages fica na região montanhosa e Ecbátana fica na planície'.* ***Tobit lhe perguntou: 'Meu irmão, de que família e tribo você é?'*** *[...] Rafael respondeu: 'Sou Azarias, filho do grande Ananias, um compatriota seu'. Tobit disse: '[...] Acontece que você é parente meu e vem de uma família honesta e honrada. Conheço bem Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeías [...].'"* (grifo nosso)

Apesar desse livro constar apenas em Bíblias católicas, resolvemos colocá-lo aqui assim mesmo, já que irá ajudar-nos em nosso propósito de estudo. Observe que o anjo Rafael afirma ser um israelita compatriota de Tobias, cujo pai diz conhecer-lhe a família, dizendo, inclusive, que são parentes. Rafael, o anjo, em sua fala disse conhecer bem a região, para onde Tobias desejava ir, propondo ser seu guia.

Supondo que o anjo Rafael seja, em realidade, um espírito desencarnado que viveu naquelas bandas e que, por isso, conhece bem a região, tudo isso não se encaixaria perfeitamente. Podemos até acreditar no contrário, desde que alguém nos prove que os anjos vivem perambulando aqui na Terra e sendo recebidos pelas pessoas.

d) nome de anjo = nome de homem

No item anterior já encontramos “um anjo” como o nome de Rafael (= Deus curou). Aquele que apareceu a Zacarias, afirmou chamar-se Gabriel (= homem de Deus) (Lucas 1,19), e encontramos ainda mais um de nome Miguel (= quem é como Deus?), o arcanjo (Judas 9).

Se anteriormente não se aplicava a matemática, aqui podemos aplicá-la certamente. Se “B” é igual a “A” e “C” igual a “A”, então “B” é igual a “C”. Vejamos, então: se anjo é igual a homem, se homem é igual a espírito e, ainda, se anjo é espírito, então anjo, homem e espírito são iguais. A conclusão que chegamos é que é bem provável que em todas as passagens em que aparecem anjos e espíritos estamos a falar de seres humanos desencarnados.

E para confirmar essa nossa conclusão, trazemos o pastor Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), com essas qualificações: teólogo, professor universitário, tradutor – traduziu para o Irlandês o Antigo Testamento a pedido da Sociedade Bíblica Inglesa, fundador da Sociedade de Estudos Psíquicos. Disse ele:

> De resto, acho que há muitas passagens no Novo Testamento que indicam, exatamente, que se compreendia, pela palavra “espírito” (em grego *pneuma*), a “alma de um morto”.
>
> […].
>
> Se Deus é, em Hebreus XII, 9, chamado o “Deus dos Espíritos”, o dicionário indica que a palavra espírito significa tanto as almas dos homens mortos como as dos anjos. Posso ainda acrescentar, sobre o assunto, que o Cristo foi chamado, várias vezes, depois da sua

> ressurreição, de pneuma e, indiscutivelmente, se tratava de “alma de um morto”, pois que ele vivera na Terra. ([33])

Há uma passagem em que fica clara essa questão do intercâmbio com os espíritos e com os anjos; leiamo-la:

> Atos 23,7-9: *“Quando ele* [Paulo] *disse isto, surgiu uma acirrada discussão entre os fariseus e saduceus, e assim a multidão ficou dividida. É que os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espíritos, enquanto que os fariseus admitem todas estas coisas. Houve então uma enorme gritaria e alguns dos escribas partidários da seita dos fariseus se levantaram e declaravam energicamente: ‘Nada de mal encontramos neste homem.* ***Quem sabe se não foi um espírito que lhe falou? Ou talvez um anjo****?’”* (grifo nosso)

Não resta, portanto, dúvida alguma que isso era fato comum, ou seja, a mediunidade como uma ocorrência verificada naquela época. A única coisa que não conseguimos estabelecer, aqui nessa passagem, foi qual a diferença que faziam entre espírito e anjo.

Também pode-se ver a mediunidade na ação dos demônios, ou seja, espíritos maus. O maior tormento de um médium é tornar-se uma presa de espíritos inferiores, pois dessa influência, muitas vezes, sozinho, não consegue desvencilhar-se. A sintonia com esses espíritos se estabelece por afinidade vibracional, cujas vítimas são os médiuns que ainda não conquistaram sua elevação moral, consolidada nos ensinamentos do Mestre Jesus.

---

33 NIELSSEN, 1983, p. 88.

Sobre esse assunto disse Kardec:

> Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.
>
> Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. […]. ([34])

Quando isso ocorre, dizemos que a pessoa está obsedada. Entre os tipos de obsessão podemos citar a possessão. É fato indiscutível para nós, os Espíritas, que toda pessoa que está sob obsessão é um médium. A questão agora é a seguinte: podemos encontrar essa ocorrência no tempo de Jesus? Acreditamos que sim. Vejamos algumas passagens onde se percebe isso:

> Mateus 10,1: *"Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar* ***os espíritos maus****, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade."* (grifo nosso)
>
> *Marcos 3,11 "Vendo Jesus,* ***os espíritos maus*** *caíam a seus pés gritando: 'Tu és o Filho de Deus!'"* (grifo nosso)

34 KARDEC, 2007e, p. 347.

> Lucas 7,21: *"Nessa mesma hora, Jesus curou muitas pessoas de suas doenças, males e **espíritos maus**, e fez muitos cegos recuperar a vista."* (grifo nosso)
>
> *Lucas 8,1-2: "[...] Jesus andava por cidades e povoados, [...] os Doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de **espíritos maus** e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam **saído sete demônios**."* (grifo nosso)

Então temos aqui, nessas passagens, a comprovação de que a obsessão não é coisa nova, porquanto os espíritos maus já faziam das suas desde há muito tempo.

Outras passagens, interessantíssimas por sinal, podemos citar, principalmente para se ter uma ideia de até onde pode chegar uma influência espiritual. Em todas essas passagens se relata a influência demoníaca; e estamos falando exatamente disso. Observar que no último passo acima (Lucas 8,1-2) é citado primeiramente "espíritos maus" e depois "demônios", do que concluímos que está se falando da mesma coisa com nomes diferentes.

Em corroboração a isso, podemos ainda relacionar estas várias passagens:

Passagem	Evangelista	Termo utilizado
Muitos Possessos	Mateus 8,16 Marcos 1,32-34 Lucas 4,40-41	Espíritos Demônios Demônios
O possesso de Gerasa	Mateus 8,28-34 Marcos 5,1-13 Lucas 8,26-39	Demônios Espírito impuro e demônio Espírito impuro e demônios
O possesso de Cafarnaum	Marcos 1,21-28	Espírito impuro

	Lucas 4,31-37	Espírito de demônio impuro e demônio
A filha da mulher Cananeia	Mateus 15,21-28 Marcos 7,24-30	Demônio Espírito impuro e demônio
O menino mudo e epilético	Mateus 17,14-21 Marcos 9,14-29 Lucas 9,37-43	Demônio Espírito Espírito, demônio e espírito impuro

Vamos relatar apenas uma dessas passagens, para confirmar o que Kardec disse sobre até onde pode chegar a influência dos espíritos inferiores:

> Marcos 5,1-13: *"Jesus e seus discípulos chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. Logo que Jesus saiu da barca,* ***um homem possuído por um espírito mau*** *saiu de um cemitério e foi ao seu encontro. Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes tinha sido amarrado com algemas e correntes, mas ele arrebentava as correntes e quebrava as algemas. E ninguém era capaz de dominá-lo. Dia e noite ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Vendo Jesus de longe,* ***o endemoninhado*** *correu, caiu de joelhos diante dele e gritou bem alto: 'Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu te peço por Deus, não me atormentes!' O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: 'Espírito mau, saia desse homem!' Então Jesus perguntou: 'Qual é o seu nome?' O homem respondeu: 'Meu nome é 'Legião', ****porque somos muitos'****. E pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região. Havia aí perto uma grande manada de porcos, pastando na montanha. Os espíritos maus suplicaram: 'Manda-nos para os porcos, para que entremos neles'. Jesus deixou.* ***Os espíritos maus saíram do homem*** *e entraram nos porcos. E a manada*

> *– mais ou menos uns dois mil porcos – atirou-se monte abaixo para dentro do mar, onde se afogou."* (grifo nosso)

A força descomunal que esse obsedado possuía, sob a influência dos espíritos maus, era tanta que nem mesmo as correntes seguravam-no. Vivia no cemitério e à noite vagava pelos montes gritando como um tresloucado. E um fato mais grave ainda lhe acontecia, pois tais espíritos – *"meu nome é legião, porque somos muitos"* – faziam com que esse pobre coitado viesse a ferir-se com pedras.

A informação de que demônios e espíritos são a mesma coisa, é, em parte, admitida por Russel N. Champlin (1933-2018), quando de seus comentários sobre Marcos 5,2 se refere à palavra *"os demônios"*:

> Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo "theos", "deus". Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo. Gradualmente esse vocábulo foi-se limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.

Nada de realmente certo se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás (Ver Apo 12:7-9 com Apo 12: 3,4). Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição. Outros ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. Muitos psicólogos modernos duvidam que exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas. Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos eles não existem – todavia, alguns sensíveis (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles veem-nos regularmente. É fato sobejamente conhecido que os sentidos humanos são extremamente limitados, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto menos o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por preconceitos. Mas uma coisa que sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.

Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e

de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

***Tertuliano* (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos**. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa ideia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à ideia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange), o qual acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. As próprias Escrituras nada nos informam acerca da origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade. Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não* representar a *verdade inteira* sobre a questão. Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns. Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora seja possível que exista alguma forma de

> comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens: tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos – é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso. ([35]). (itálico do original, negrito nosso).

Portanto, temos aí a prova de que os demônios eram os espíritos dos homens maus.

A mediunidade no apostolado é um fato, que reputamos como de inquestionável ocorrência da mediunidade, aconteceu logo depois da morte de Jesus, quando os discípulos reunidos receberam *"como que línguas de fogo"* e começaram a falar em línguas, de tal sorte que, apesar da heterogeneidade do povo que os ouvia, cada um entendia o que falavam em sua própria língua. Fato extraordinário registrado no livro Atos dos Apóstolos, desta forma:

> Atos 2.1-6: *"Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles.* ***Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a***

35 CHAMPLIN, vol. 1, 2005a, p. 694-695.

> ***falar em outras línguas****, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem."* (grifo nosso)

Nesse passo podemos identificar o fenômeno mediúnico conhecido como xenoglossia, que na definição do Aurélio é: A fala espontânea em língua(s) que não fora(m) previamente aprendida(s). Mas para mudar o sentido do texto possivelmente alteram o artigo indefinido para o definido, quando a realidade seria exatamente de que estavam "repletos de um Espírito santo (bom)". Isso é fato, pois segundo Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, o termo grego empregado no início do versículo 4 é *pneuma hágion* ([36]), ou seja, sem o artigo, portanto, a tradução correta seria "um espírito santo".

Fica tão evidente isso que na sequência está dito que falavam em línguas "*conforme o espírito lhes concedia*", ou seja, conforme aquele espírito específico, pois, como aqui, em grego não há a palavra *hágion* (santo), o que se pode comprovar, por exemplo, com o texto do *Códex Vaticanus*; portanto, não poderia ser traduzido por "o Espírito Santo".

Corrobora-se isso pelas Bíblias Tradução Ecumênica – TEB, Santuário, de Jerusalém, Pastoral, Shedd, A Bíblia Anotada, Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas e Novo Testamento – Loyola, que trazem "espírito" e não "Espírito Santo".

---

36 PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 97-98.

Fato semelhante aconteceu, um pouco mais tarde, nomeado como o Pentecostes dos pagãos:

> Atos 10,44-46: "*Pedro ainda estava falando,* ***quando o Espírito Santo desceu sobre todos*** *os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos. De fato, eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus. [...].*" (grifo nosso)

Episódio que confirma que *"Deus não faz acepção de pessoas"* (Atos 10,34); daí podermos estender à mediunidade não como uma faculdade exclusiva a um determinado grupo religioso, mas como algo que existe em todos os segmentos em suas expressões de religiosidade.

Aqui, segundo Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, os versículos 44 e 47 estão, respectivamente, em grego: *tò pneuma tò hágion* ([37]), ou seja, o Espírito o santo, portanto, não é Espírito Santo como consta dessa tradução.

Como a mediunidade era "transmitida". A bem da verdade não há como ninguém transmitir a mediunidade para outra pessoa. Entretanto, pelos relatos bíblicos, a imposição das mãos fazia com que houvesse sua eclosão, óbvio que naqueles que a possuíam em estado latente. Vejamos algumas situações em que isso ocorreu:

a) Em Atos 8,17-19:

"Então Pedro e João impuseram as mãos sobre os

37 PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 97-98.

> *samaritanos, e eles receberam o Espírito Santo.* ***Simão viu que o Espírito Santo era comunicado através da imposição das mãos****. Então ele ofereceu dinheiro a Pedro e João, dizendo: 'Deem para mim também esse poder, a fim de que receba o Espírito todo aquele sobre o qual eu impuser as mãos'."* (grifo nosso)

Simão era um mago que, com suas artes mágicas, deixava o povo da região de Samaria maravilhado. Mas, ao ver o "poder" de Pedro e João, ficou impressionado com o que fizeram; daí lhes oferece dinheiro, a fim de que dessem a ele esse poder, para que sobre todos os que ele impusesse as mãos, também recebessem o Espírito Santo.

Segundo Pastorino, em grego o v. 17 está sem artigo, no v. 18 não há o santo e o v.19, também sem artigo, significando que, conforme sua maneira de entender, deveria ser "um espírito santo", "o espírito" e "um espírito santo", respectivamente.

b) Em Atos 19,1-7:

> *"Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as regiões mais altas e chegou a Éfeso. Encontrou aí alguns discípulos, e perguntou-lhes: 'Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo?' Eles responderam: 'Nós nem sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo'. Paulo perguntou: 'Que batismo vocês receberam?' Eles responderam: 'O batismo de João'. Então Paulo explicou: 'João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus'. Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. Logo que* ***Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em***

> ***línguas e a profetizar****. Eram, ao todo, doze homens."* (grifo nosso)

Será que podemos entender que o batismo de Jesus é "receber o Espírito Santo", conseguido pela imposição das mãos? A narrativa nos leva a aceitar essa hipótese; apenas ressalvamos quanto à expressão "o Espírito Santo". No grego está: v. 2, *pneuma hágion* e no v.6 tò pneuma *tò hágion*, cuja tradução, pela ordem, é "um espírito santo" e "o espírito o santo"; não é como está nessa tradução. Igualmente estamos usando Pastorino, mais uma vez.

Na estrada de Damasco, Paulo, que até então perseguia os cristãos, numa ocorrência transcendente, se encontra com Jesus, passando, a partir daí, a segui-lo. Durante o seu apostolado se comunicava diretamente com o Espírito de Jesus, demonstrando sua incontestável mediunidade.

Aliás, o apóstolo Paulo foi quem mais entendeu do fenômeno mediúnico; tanto que existem recomendações preciosas de sua parte aos agrupamentos cristãos de então. Ele o chamava de ***"dons do Espírito"*** e dizia: *"sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância"* (1 Coríntios 12,1), mostrando-se interessado em que todos pudessem conhecer tais fenômenos.

E esclarece o apóstolo dos gentios:

> 1 Coríntios 12,4-11: *"Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um,*

> *o Espírito dá a **palavra de sabedoria**; a outro, **a palavra de ciência** segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá **a fé**; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom **das curas**; a outro, **o poder de fazer milagres**; a outro, **a profecia**; a outro, o **discernimento dos espíritos**; a outro, o dom de **falar em línguas**; a outro ainda, o **dom de as interpretar**. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer."* (grifo nosso)

Se aqui entendermos que "o Espírito" é na realidade "um Espírito", baseando-nos nos conhecimentos do intercâmbio entre os dois planos da vida, estaremos, indubitavelmente, diante da faculdade mediúnica, bastando "ter olhos de ver".

Ao que parece, naquela época, os médiuns se preocupavam mais com a xenoglossia, e Paulo, para desfazer esse engano, faz várias recomendações aos coríntios (1 Coríntios 14,1-25), entre elas disse ele:

> 1 Coríntios 12,4-11: "*Procurem o amor. Entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente à profecia. **Pois aquele que fala em línguas não fala aos homens**, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, diz coisas incompreensíveis. Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. **Eu desejo que vocês todos falem em línguas, mas prefiro que profetizem. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas**, a menos que este mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada. [...]."* (grifo nosso)

Destaque especial para o versículo 12, pois é dele que

fala o Rev. Haraldur Nielsson, em *O Espiritismo e a Igreja.* Leiamos o que o pastor Nielsson disse:

> E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: "**Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entram em relação com os espíritos**) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância. (I Cor., XIV, 12)".
>
> **No texto grego está "espíritos" e não "dons espirituais" como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia.** Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver a menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este penumaton*.
>
> Os tradutores e os revisores da Bíblia nem sempre têm tido a coragem de traduzir, exatamente, as Escrituras Sagradas, o que não nos causa espanto. Os teólogos prenderam os seus sistemas dogmáticos em pesadas e estreitas cadeias. Por outro lado, leigos ortodoxos, em muitos países, não podem suportar a verdadeira tradução por julgarem que ela destrói os seus dogmas. Tenho alguma experiência sobre o assunto e falo do que conheço. ([38]) (grifo nosso)

Um pouco atrás citamos uma passagem (2 Coríntios 13,3) que nos leva à conclusão de que Paulo era um médium notável, razão pela qual pôde, por experiência própria, orientar aos outros. Algumas circunstâncias que apoiam a sua mediunidade:

Atos 9,3-17: "*Durante a viagem, quando já estava perto*

38 NIELSSEN, 1983, p. 49-50.

> *de Damasco,* ***Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu****. Caiu por terra, e ouviu uma voz que lhe dizia: 'Saulo, Saulo, por que você me persegue?' Saulo perguntou: 'Quem és tu, Senhor?' A voz respondeu: '****Eu sou Jesus****, a quem você está perseguindo. Agora, levante-se, entre na cidade, e aí dirão o que você deve fazer'. [...] Então Ananias saiu, entrou na casa e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: 'Saulo, meu irmão,* ***o Senhor Jesus, que lhe apareceu quando você vinha pelo caminho****, me mandou aqui para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo."* (grifo nosso)

> Atos 16,7-10: *"Chegando perto da Mísia, eles tentaram entrar na Bitínia,* ***mas o Espírito de Jesus os impediu****. Então atravessaram a Mísia e desceram para Trôade. Durante a noite,* ***Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio*** *que lhe suplicava: 'Venha à Macedônia e ajude-nos!' Depois dessa visão, procuramos imediatamente partir para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para anunciar aí a Boa Notícia."* (grifo nosso)

Na primeira passagem Jesus lhe aparece e conversa com ele; na segunda é um macedônio quem lhe aparece numa visão e pede ajuda, fatos que provam a mediunidade de Paulo. Observe que no início da aparição se fala sobre uma luz que vinha do céu, exatamente o que dissemos sobre como os espíritos puros se apresentam.

Pode até causar uma certa estranheza a alguns, mas acontecia a mediunidade por ação do Espírito Santo. Inúmeras passagens bíblicas nos dão conta de que várias pessoas receberam a influência do Espírito Santo; entretanto, parece-

nos ser essa uma questão controversa, pois muitas delas falam de "**um** espírito santo" e não de "**o** Espírito Santo", já que a diferença entre o artigo indefinido e o definido aqui é fundamental para sabermos de quem está se falando.

Anteriormente já citamos algumas dessas passagens, e, por agora, só acrescentaremos mais esta:

> Lucas 11,13: *"Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o* ***Espírito Santo*** *àqueles que o pedirem."* (grifo nosso)

O teólogo Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 2, assim traduz essa passagem: *"Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará* ***um espírito bom*** *aos que lho pedirem!".* ([39]) (grifo nosso)

Realmente, a expressão usada em grego é *pneuma hágion;* portanto, seria "um" espírito santo; quer dizer, um espírito bom, conforme nos diz Pastorino. Dessa forma fica evidenciado que Deus envia espíritos bons para ajudar aos que Lho pedem.

O que ainda não conseguimos entender é como o Espírito Santo é citado em várias passagens bíblicas, sem ao menos se darem conta de que isso não poderia ter ocorrido. Senão vejamos:

João 7,39: *"Jesus disse isso, referindo-se* ***ao Espírito***

39 PASTORINO, vol. 2, 1964b, p. 139.

> ***que deveriam receber*** *os que acreditassem nele. De fato,* ***ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado****.”* (grifo nosso)
>
> João 14,16-17.26: *“Então, eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês* ***outro Advogado****, para que permaneça com vocês para sempre. Ele é o* ***Espírito da Verdade****, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês, e estará com vocês. Mas o Advogado,* ***o Espírito Santo****, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse.”.* (grifo nosso)
>
> João 16,12-14: “*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar.* ***Quando vier o Espírito da Verdade****, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer.* ***O Espírito da Verdade manifestará a minha glória,*** *porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês.”* (grifo nosso)

Portanto, se Jesus ainda não tinha sido glorificado, o Espírito Santo não poderia aparecer. Até mesmo porque se Deus é trino, e se Jesus é Deus, como dizem, então estando Ele encarnado (Jesus = Deus) entre nós, consequentemente, todas as pessoas da trindade também estariam, uma vez que só assim poderá valer o tal do “três em um”.

A ocorrência em que os discípulos recebem o Espírito Santo, justamente após Jesus ter sido glorificado, é essa:

> João 20,21-22: *“Jesus disse de novo para eles: ‘A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês’. Tendo falado isso, Jesus soprou*

> *sobre eles, dizendo:* ***'Recebam o Espírito Santo'****."* (grifo nosso)

Tudo se explicaria bem até aqui; mas a coisa se complica, pois em grego está "um espírito santo", o que nos faz crer que toda vez que é citado o "Espírito Santo", na verdade, está-se referindo a um espírito bom, santificado, uma vez que a trindade, para quem pesquisa, é apenas uma aculturação de crenças pagãs.

Se o que estamos concluindo está correto, aí fica fácil entender uma recomendação de João a respeito do intercâmbio com os espíritos. Leiamo-la:

> 1 João 4,1-6: *"Amados, não acrediteis em qualquer* ***espírito****, mas examinai os* ***espíritos*** *para ver se são de Deus; pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo. Dele ouvistes dizer que ele virá; e agora ele já está no mundo. Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve.* ***Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro****."* (grifo nosso)

Sendo o intercâmbio feito com toda a sorte de Espíritos, João, sabiamente, adverte às comunidades cristãs da Ásia Menor, para que não se deixassem levar pelas artimanhas dos espíritos maus, e verificassem se os espíritos vinham da parte de Deus; se eram "espíritos da verdade" ou "espíritos do erro". A advertência de João para "examinai os espíritos" (no plural) é completamente sem sentido se ele estivesse falando do Espírito Santo como querem alguns que seja Dele que o apóstolo fala.

Como define a Doutrina Espírita, o fenômeno mediúnico nada mais é do que uma ocorrência de ordem natural. Podemos identificá-lo desde os mais remotos tempos da humanidade, e não poderia ser diferente, pois, em se tratando de uma manifestação de uma faculdade humana, deverá ser mesmo tão velha quanto a permanência do homem aqui na Terra.

Mas, infelizmente, a intolerância religiosa, a ignorância e, por vezes, a má vontade, para não dizer a má-fé, não permitiram que fosse divulgada da forma correta, ficando mais por conta de uma ocorrência sobrenatural, que só acontecia a uns poucos privilegiados.

Coube ao Espiritismo a desmistificação desse fenômeno, com a sua explicação racional. Kardec nos deixou um legado importantíssimo para todos que possam se interessar pelo assunto, quando lança *O Livro dos Médiuns*, que recomendamos a todos que buscam o conhecimento dessa fenomenologia, que, infelizmente, ainda é muito incompreendida em nossos dias.

Cabe-nos, por dever, ressaltar que nem todos comungam com o dogmatismo religioso. Assim é que podemos citar, como um bom exemplo, o comentário de R. N. Champlin, sobre Atos 12,15, uma das passagens que analisamos nesse estudo. Diz ele:

> Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da *alma*. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido

morto e que o seu “anjo” ou “espírito” havia retornado. **Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina “espírita” era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.**

O famoso escritor evangélico C.S. Lewis apareceu a J.B. Philips tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda a parte abundam histórias de *fantasmas*, e muitos céticos negam tudo. **Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.**

Essa ideia era forte na igreja cristã até o século V D.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, **os quais também acreditavam na possibilidade do *retorno* e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões.** (Ver esta doutrina em Mat. 16.14). Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas. É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja

> cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. Sabemos pouquíssimo sobre o mundo *intermediário* dos espíritos e supomos que o estado "eterno" já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim. ([40]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Assim, temos uma esperança muito grande em relação ao futuro, pois sabemos que aos poucos essas verdades serão disseminadas, exatamente como na parábola de Jesus sobre o semeador que saiu a semear (Mateus 13,3-9). Parafraseando Tiradentes: **"VERITAS QUAE SERA TAMEM"** (verdade ainda que tardia).

40 CHAMPLIN, vol. 3, 2005c, p. 250.

A parábola do rico e Lázaro na visão espírita

> “Porque o homem queira moldar os fatos às suas teorias, aos seus sistemas ou interesses, a verdade, cedo ou tarde, sempre aparecerá.” (Editor da Leymarie Editora)

A rigor, caro leitor, não poderíamos usar a expressão “na visão espírita”, porquanto, não temos nenhuma procuração para falar em nome da Doutrina; por isso, rogamos a você que a entenda como sendo a visão particular de um espírita, estudioso da Bíblia, sobre a parábola em questão.

Sabemos da possibilidade de muitos dos cristãos tradicionais vierem a não gostar do que falaremos; entretanto, rogamos que sejam condescendentes conosco, pois estamos apenas usando da faculdade da “**Livre interpretação da Bíblia**”, defendida por Martinho Lutero (1483-1546) e também por João Calvino (1509-1564), o que nos dá, obviamente, o direito de interpretá-la sob a ótica da crença religiosa que abraçamos.

Em *A Gênese,* Allan Kardec, falando sobre essa questão, disse:

> **Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras Sagradas**? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos?

> **Quem ousa**? A ciência, primeiro, que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da Natureza, e salta, de pés juntos, sobre os erros e os preconceitos. **Quem tem esse direito?** Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, **o direito de exame pertence a todo mundo**, e as Escrituras não são mais a arca santa, na qual ninguém ousava tocar os dedos sem o risco de ser fulminado. […]. ([41]) (grifo nosso)

Então, se nos permitem, vamos à nossa interpretação do texto da parábola do mau rico e o pobre Lázaro, narrada no Evangelho de Lucas, que como sabemos, é o único autor bíblico que a menciona. Tomemos a narrativa pelo teor da *Bíblia de Jerusalém*:

> Lucas 16,19-31: "*Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama'. Abraão respondeu: 'Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o*

41 KARDEC, 2007e, p 36.

> *possam, nem tampouco atravessem de lá até nós'. Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'. Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'."*

Essa parábola é também analisada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo XVI – Não se pode servir a Deus e a mamon, no qual se destaca a questão da dificuldade da salvação dos ricos.

Sem negar o quanto é difícil para um rico se salvar, pois, de fato, isso é bem uma verdade, vamos, porém, tratar essa passagem por uma outra ótica, mantendo-nos firmes no propósito de levar em conta os princípios doutrinários.

O primeiro ponto que destacamos no texto é o fato de que, por ele, se pode concluir que a alma conserva sua individualidade após a morte, o que confirma o acerto da resposta dos Espíritos Superiores a Kardec sobre isso:

> 150. *Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?*
>
> "Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?"
>
> 150-a. *Como a alma constata a sua individualidade, uma vez que não tem mais o corpo material?*
>
> "Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, haurido

> na atmosfera do seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.” ([42])

Visando tornar mais fácil a apresentação de nossas considerações ao texto bíblico, destacaremos os trechos que julgamos importantes para análise, buscando dar-lhes uma visão espírita.

a) *“Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão”.*

Os anjos aqui representam os espíritos que, no mundo espiritual, cuidam daqueles que, pela morte, saem do mundo físico. São, como se diz, “gente como a gente”; apenas que estão fora da carne e, na maioria das vezes, num estágio evolutivo superior ao nosso, o que lhes permite nos ajudar no momento do trespasse de volta à nossa pátria de origem: o plano espiritual.

No texto bíblico, eles, os anjos, foram os espíritos que participaram do processo de desencarnação de Lázaro e depois o levaram para onde se encontrava Abraão, o reverenciado patriarca hebreu.

Entre esses espíritos podemos, inclusive, encontrar alguns parentes desencarnados, porquanto, os laços de amor jamais se rompem com a morte física.

Sobre os anjos, temos a seguinte informação dos Espíritos superiores:

---

42 KARDEC, 2006, p. 143-144.

> 128. *Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?*
>
> "Não; são Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições."
>
> Kardec: A palavra *anjo* desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo-mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de *Espírito* ou de *gênio*. Tomamo-lo aqui na sua melhor acepção. ([43])

Os Espíritos puros passaram, como todos os espíritos irão passar, pelo ciclo de reencarnações para progredirem, sem qualquer tipo de privilégio, conforme podemos comprovar com:

> 129. *Os anjos hão percorrido todos os graus da escala?*
>
> "Percorreram todos os graus, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando sem murmurar suas missões, chegaram depressa; outros, gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição." ([44])

Vejamos algo que os Espíritos superiores informaram a Kardec, que nos ajudará a entender isso:

> 285. *Os Espíritos se reconhecem por terem convivido na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?*
>
> "Sim, e assim de geração em geração."

---

43 KARDEC, 2006, p. 130.

44 KARDEC, 2006, p. 130.

285-a. *Como se reconhecem no mundo dos Espíritos os homens que se conheceram na Terra?*

"Vemos a nossa vida pretérita e lemos nela como num livro. Vendo o pretérito dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a sua passagem da vida para a morte."

286. *Ao deixar os seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?*

"Nem sempre imediatamente. Como já dissemos, ela precisa de algum tempo para reconhecer-se e desembaraçar-se do véu material."

289. *Nossos parentes e amigos vêm, algumas vezes, encontrar-se conosco quando deixamos a Terra?*

"Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a que se afeiçoaram. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, *e ajudam-na a desprender-se dos laços corporais*. É uma graça concedida aos bons Espíritos quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece no isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição."

290. *Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?*

"Depende de sua elevação e do caminho que seguem para progredir. Se um deles está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não poderão ficar juntos; é possível que se vejam algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição." ([45])

45 KARDEC, 2006, p. 219-220.

Abraão, que, na cultura judaica, era venerado como “pai Abraão”, representa, por sua vez, os nossos parentes já desencarnados que, se tivermos merecimento, e como dito, já os veremos até mesmo durante o processo do nosso desenlace e, tão logo se complete o desencarne e, tão logo se complete o desencarne, iremos encontrá-los.

O que se pode comprovar nas questões de *O Livro dos Espíritos*, já citadas, e, especialmente, com esta, que segue, constante da obra *O que é o Espiritismo*:

> 153. *Encontra a alma no mundo dos Espíritos os parentes que ali a precederam?*
>
> “Não só os encontra, como também a outros muitos, seus conhecidos de outras existências.
>
> Geralmente, aqueles que mais a amam vêm recebê-la à sua chegada no mundo espiritual, e ajudam-na a desprender-se dos laços terrenos.
>
> Entretanto, a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados.” ([46])

Ainda podemos acrescentar essa outra fala de Kardec, constante da *Revista Espírita 1859*:

> O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene; **em sua reentrada no mundo dos Espíritos, é acolhido por seus amigos**, que vêm recebê-lo como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o

46 KARDEC, 2001, p. 212.

> eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; **aí reencontra àqueles que conheceu, mistura-se àqueles que o amam e simpatizam com ele**, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência. ([47]) (grifo nosso)

Certamente, que os laços de amor, que nos unem a parentes e amigos, continuam no "além da vida".

b) "*Morreu também o rico e foi sepultado".*

Considerando que tanto os bons quanto os maus morrem, isso nos leva a concluir que a morte não pode ser vista, pela ótica em que, geralmente, a tomam, ou seja, como sendo um castigo de Deus imposto à humanidade por conta do "original" pecado de Adão e Eva; até mesmo porque os animais, que nada têm a ver com essa história, também morrem. A morte, portanto, decorre de Lei Natural, sob a qual todos os seres vivos estão sujeitos, sem exceção alguma.

Diferente do que aconteceu com Lázaro, por lhe faltar merecimento, o rico não foi recebido pelos anjos (espíritos) como, também, não se encontrou com os parentes que o antecederam à morte. Certamente, que aqui vale esta assertiva de Jesus: "*a cada um segundo suas obras*" (Mateus 16,27).

> c) "*Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio".*

Algo bem interessante encontramos aqui. Trata-se de

47 KARDEC, 1859e, p. 87.

perceber que, naquela época de Jesus, acreditava-se em "mansão dos mortos" e não em "céu e inferno", como, às vezes, nos querem fazer crer alguns teólogos presos aos dogmas instituídos por sua Igreja.

E, conforme supunham, para a mansão dos mortos iam, indistintamente, todos os espíritos desencarnados, fossem eles bons ou maus.

É oportuno observar que no texto está se afirmando que o rico viu, ao longe, Abraão e Lázaro, fato que prova estarem ambos no mesmo local, ou melhor, na mesma região espiritual. Isto também pode ser comprovado com o seu pedido a Abraão: "*manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescara a língua*".

Bart D. Ehrman, Ph.D em teologia pela Universidade de Princeton e professor de estudos religiosos na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, considerado um dos maiores especialistas da atualidade em Novo Testamento, dá-nos notícias dessa crença:

> […] O que surge é **a crença em céu e inferno, uma crença não encontrada nos ensinamentos de Jesus ou Paulo, mas inventada tempos depois** por cristãos que se deram conta de que o Reino de Deus nunca seria implantado nesta Terra. Essa crença se tornou um ensinamento básico cristão, o mundo sem-fim. ([48]) (grifo nosso)
>
> **Os cristãos depois desenvolveram detalhadamente a doutrina do céu e do inferno** como

48 EHRMAN, 2010, p. 286.

> os locais para onde as almas individuais vão quando morrem. **Esse ensinamento não é muito encontrado na Bíblia**. A maioria dos autores da Bíblia hebraica, quando acredita em vida após a morte, pensava que **a vida após a morte era uma existência no Xeol para todos os seres humanos, fossem eles iníquos ou justos**. […]. ([49]) (grifo nosso)

Essa informação vem corroborar o que dissemos.

Para nós, os espíritas, ambos – o rico e Lázaro – estariam, certamente, no Umbral, região espiritual que circunda a Terra, como se fosse um campo de força, no qual se acham retidos todos os espíritos, que ainda estão vinculados ao grau progresso em que ela se encontra, condição que não lhes permite irem para outros mundos mais evoluídos. Assim, permanecem vinculados a ela, onde, em reencarnações futuras, passarão por novas experiências, até conquistarem o grau máximo de evolução que se pode alcançar aqui na Terra e a partir daí habitarem um mundo mais elevado.

Para explicar como é possível os bons e os maus conviverem, ao mesmo tempo, no Umbral, trazemos a seguinte questão de *O Livro dos Espíritos*:

> 278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*
>
> "Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo*. Os da mesma

49 EHRMAN, 2008, p. 22.

> categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles."
>
> Kardec: Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem. ([50])

Com essas explicações fica mais fácil o entendimento dessa situação.

> *d) "Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama'."*

É certo que os Espíritos que, no plano espiritual, estão numa melhor situação evolutiva, podem ajudar os retardatários, quer estes estejam desencarnados ou encarnados. Entretanto, essa ajuda só acontecerá, caso haja a participação efetiva do coração daquele que a solicita. Além disso, o arrependimento sincero é, em muitas situações, necessário para que se possa receber essa ajuda.

Vejamos algumas questões de *O Livro dos Espíritos* que demonstram isso:

> 280. *De que natureza são as relações entre os bons*

50 KARDEC, 2006, p. 217.

e os maus Espíritos?

"Os bons se ocupam em combater as más inclinações dos outros, a *fim de ajudá-los a subir*. É sua missão." ([51])

488. *Os parentes e amigos que nos precederam na outra vida têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?*

"Sem dúvida, e quase sempre vos protegem como Espíritos, segundo o poder de que dispõem." ([52])

569. *Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?*

"São tão variadas que impossível fora descrevê-las. Muitas há mesmo que não podeis compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e não vos é dado penetrar-lhe todos os desígnios."

Kardec: As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme à maneira por que

51 KARDEC, 2006, p. 216.

52 KARDEC, 2006, p. 302.

desempenha a sua tarefa. ([53])

Além desses espíritos há, ainda, um que, especialmente, foi designado para velar por cada um de nós. É importante termos consciência de que todos nós temos um espírito protetor, conhecido popularmente como anjo da guarda.

> 489. *Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*
>
> "Há o *irmão espiritual*, o que chamais *o bom Espírito* ou *o bom gênio*."
>
> 490. *Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?*
>
> "O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada."
>
> 491. *Qual a missão do Espírito protetor?*
>
> "A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida."
>
> 492. *O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?*
>
> "Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito." ([54])
>
> 508. *Os Espíritos que se achavam em boas condições ao deixarem a Terra, sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem?*

---

53 KARDEC, 2006, p. 335.

54 KARDEC, 2006, p. 303.

> “Mais ou menos restrito é o poder de que desfrutam. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.” ([55])

Interessante é o fato do rico reclamar “*estou torturado nesta chama”*, porquanto, na condição de espírito, sem o corpo físico, o calor não lhe afetará em nada, conforme podemos extrair desta fala de Kardec: “[...] De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar-se, nem se queimar. [...].” ([56])

Por outro lado, caso passe a sentir remorso pelos erros cometidos, aí sim, sentir-se-á como que sendo consumido por uma chama. É algo que até mesmo nós, os encarnados, podemos sentir, quando tomamos consciência de algum ato infeliz, praticado mais por pura ignorância das leis divinas, que a tudo rege no Universo, do que por maldade.

Convém lembrar que o fogo, no simbolismo bíblico, sempre foi considerado um elemento, por excelência, purificador, como bem podemos ver pela seguinte passagem:

> Ezequiel 24,9-13: *“Por isso, assim diz o Senhor Iahweh: Ai da cidade sanguinária! Também eu farei uma grande pilha. Amontoa lenha bastante, acende o fogo. [...]* ***Coloque a panela vazia sobre as brasas****, para que fique quente e seu cobre chegue a arder,* ***de modo que se derretam suas impurezas e sua ferrugem se consuma****. Mas a sua ferrugem não sairá com o fogo. As suas impurezas são uma infâmia. Com efeito, procurei purificar-te, mas tu não ficaste pura das tuas impurezas. [...].”* (grifo nosso)

---

55 KARDEC, 2006, p. 309.

56 KARDEC, 2006, p. 202.

Então, é fora de propósito querer entender o fato do rico sentir-se torturado na chama, como sofrendo pelo fogo do inferno que, aliás, para nós espíritas, não existe, a não ser para significar que estaremos presos a sentimentos inferiores, seja no plano físico ou espiritual, até que conquistemos um patamar evolutivo que nos remete às regiões celestiais.

> e) "*E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós*'."

Podemos interpretar esse "grande abismo" de duas maneiras: a primeira, seria em relação à evolução espiritual de cada um; já a segunda, consequência da anterior, diz respeito à vibração que cada espírito emite. No primeiro caso, somente através da reencarnação é que um espírito pode atingir a evolução espiritual de um outro, momento em que ambos passarão a estar no mesmo nível. Quanto à questão vibracional, sabe-se que os bons podem ir a qualquer lugar, enquanto que os maus lhes serão restritos certos lugares. Vejamos:

> 279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*
>
> "Os bons vão a toda parte, e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores." ([57])

57 KARDEC, 2006, p. 217.

Então, por esse prisma, a faixa da dimensão espiritual da mansão dos mortos, onde se encontravam Abraão e Lázaro, era interditada ao rico; “um abismo” separava-os.

> f) “*Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'.”*

Nesse trecho, encontramos duas coisas; uma delas diz respeito à crença de que os mortos podem se comunicar com os vivos, razão do pedido do rico; a outra nos remete ao fato de que os “mortos” não deixam de se preocuparem com os vivos. Isso pode ser confirmado com essa transcrição da obra *O que é o Espiritismo*:

> 151. *Conserva a alma as afeições que tinha na vida terrena?*
>
> Guarda todas as afeições morais e só esquece as materiais, que já não são de sua essência; por isso vem satisfeita ver os parentes e amigos e sentem-se feliz com a lembrança deles. […]. ([58])

Assim, caso se rompessem os laços de amor, que estabelecemos para com os parentes e amigos, não há sentido algum em ter vida após a morte.

E os laços de família são tão fortes que o rico, ainda que desumano em relação às necessidades materiais do pobre, preocupou-se com seus cinco irmãos, pois não queria que eles fossem para o lugar onde se encontrava. O amor é algo que

58 KARDEC, 2001, p. 211.

existe no imo de todos nós, ainda que, por egoísmo, só o dediquemos aos mais próximos de nosso coração.

> g) “*Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'.*”

Interessante é que Abraão não disse que não havia possibilidade de Lázaro avisar aos irmãos do rico, o que comprovaria, biblicamente, não existir a comunicação entre os vivos e os mortos. Em sua resposta, ele, na verdade, apenas afirma da inutilidade de tal coisa, pois se os irmãos do rico não ouviam os vivos – Moisés e os profetas –, muito menos dariam ouvidos aos mortos.

E essa afirmação tem como base as palavras de Geza Vermes:

> […] Tampouco podem os protegidos de Abraão retornar à terra para advertir os vivos. A razão dada é que aqueles que não obedecem à Lei e aos Profetas tampouco ouvirão um mensageiro do outro mundo. […]. ([59]).

Fato incontestável é que isso, inclusive, acontece até nos dias de hoje, ao se ver uma grande maioria de crentes não dá crédito ao que os espíritos dizem, provando, portanto, que Abraão estava coberto de razão.

---

59 VERMES, 2006a, p. 195.

A profecia sobre a volta de Elias se realizou?

> É mais fácil explodir um átomo que um preconceito. (EINSTEIN)
>
> "*Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado a luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações*". (Jeremias 1,5)

Descobrindo-se se Elias voltou ou não, podemos auferir se o profeta Malaquias falou em nome de Deus, ou se estava "viajando na maionese". No primeiro caso, não fere a "inerrância da Bíblia", ao gosto dos protestantes; no segundo, joga-se isso por terra.

Há ainda a grande possibilidade de que as interpretações dadas pela liderança religiosa visem apenas manter os dogmas estabelecidos, os quais, em sua maioria, não tem nenhum respaldo bíblico, portanto, a rigor, não podem ser classificadas como "a palavra de Deus".

Então, vamos consultar a Bíblia para ver se nela encontramos algo para responder à pergunta proposta no título. Os textos, quando não informado, serão tomados da Bíblia Sagrada – Pastoral.

Como esse assunto está relacionado a reencarnação, devemos ver primeiro se os judeus acreditavam nela, uma vez

que isso é de suma importância para o assunto em foco.

Uma grave questão é: os judeus acreditavam na reencarnação? Sabemos que entre as classes sociais dos judeus havia a dos fariseus. Vejamos o que o teólogo Carlos T. Pastorino, ex-sacerdote formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, nos informa deles:

> FARISEUS – O que sabemos deles é tirado de Josefo (Bell. Jud. 2, 8, 14; e Ant. Jud. 13, 5. 9 e 13, 10, 5-6: 17, 2, 4 e 18, 1, 2 e 4), e da Mishna (cfr. Schtirer Gestichte des Jüdischen Volkes, 2, págs. 384-388, Leipzig, 1898, onde estão os textos da Mishna).
>
> Na época de Jesus eram cerca de seis mil. Seu nome primitivo parece ter sido *hassidim* (os piedosos), mas entre si se tratavam como *haberim* (os companheiros). Os adversários os chamavam depreciativamente “fariseus” (*pherusin*) que significa “os separados”. Tratava-se da separação das coisas e pessoas “impuras” (ou seja, dos pagãos e dos judeus infiéis, que não davam muita importância às observâncias legais).
>
> Além de obedecer rigorosamente à Torah, seguiam à risca a Mishna (tradição selecionada pelos escribas, compreendendo tanto a tradição jurídica (halacha) quanto à histórica (hagada).
>
> Quanto às crenças acreditavam:
>
> a) na sobrevivência dos espíritos após a morte, tanto dos bons quanto dos maus;
>
> b) **na ressurreição (ou seja, na reencarnação) dos justos, segundo as ideias de Platão; mas só os bons reencarnavam em novos corpos**, conforme lemos em Josefo (Bell. Jud., 2, 8, 14) que era fariseu: “as almas

> são imortais; as almas dos justos passam, depois desta vida, *em outros corpos*, e as dos maus sofrem tormentos que duram sempre".
>
> c) no livre arbítrio, embora não total, mas limitado pelo destino. em certos pontos.
>
> A separação, levada ao exagero, tornou os fariseus um grupo antipatizado. Além disso, tendo perdido a sinceridade inicial e cedendo às fraquezas humanas levavam a observância às coisas externas, muito atentos a que fossem vistos e aplaudidos pelos homens. Daí terem passado à história como protótipos dos que dão valor apenas às exterioridades, sem nenhum aprofundamento, e como sinônimo de hipócritas (a palavra hipócrita significa literalmente "ator", ou seja, aquele que representa uma peça de teatro "escondido" (crites) "debaixo" (hipo) de uma personalidade diferente da sua personalidade real). […]. ([60]) (grifo nosso)

Vejamos, agora, o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), que, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

> […] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que **umas são eternamente retidas prisioneiras** nessa outra vida **e que outras voltam a esta**. […]. ([61]) (grifo nosso)

E quando alguns soldados, que foram derrotados na guerra dos judeus contra os romanos, estavam pensando em

---

60 PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 100-101.

61 JOSEFO, 2003, p. 416.

suicidarem-se, Josefo disse-lhes:

> […] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza. Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas ([62]) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; […]. ([63]) (grifo nosso)

Então, podemos dizer que, de uma certa forma, os fariseus acreditavam que algumas almas voltam a esta vida; portanto, é exatamente o que acreditamos que acontece com a reencarnação, que significa voltar à carne novamente, renascer.

Certamente que nos textos de Josefo não foi dito que essa volta aconteceria mais vezes, bem como algo a acontecer, quando do juízo final, conforme se acredita que irá se realizar no final dos tempos.

Entretanto, podemos interpretar que são várias as vezes que a alma do justo voltará. Veja bem, caro leitor, a ideia que faziam era que o prêmio das almas dos justos era viver na terra, a dos viciosos ficavam eternamente prisioneiras no outro mundo. Então uma alma do justo voltando a viver na terra, terá, necessariamente, que morrer de novo, então volta novamente para o “outro mundo” na mesma condição de justo

---

62 N.T.: Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.

63 JOSEFO, 2003, p. 600.

e imortal. Mas os justos não merecem voltar a esta vida? Então, a conclusão lógica é que eles, os justos, voltarão mais uma vez a viver na terra, o que acabará se tornando um círculo vicioso, indo e voltando, do qual não se sairá, justamente pelo motivo de acharem que a alma imortal para gozar a vida era preciso viver na terra.

Assim, poder-se-ia, no máximo, alegar que a crença deles na reencarnação não é como nós, os espíritas, cremos, com o que concordaremos.

A nota de rodapé “Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose”, colocada pelo Padre Vicente Pedrosa, tradutor da obra *História dos Hebreus*, nos dá a impressão de que, embora tenha dito “parece”, na verdade, ele não tinha dúvida alguma sobre o que pensava Josefo, apenas com isso quer levar os seus leitores a não aceitarem que àquela época se acreditava na reencarnação.

Ademais, julgamos que ele foi muito além dos fatos, pois, pelo texto de Josefo, o máximo que se poderia concluir é que ele acreditava na reencarnação e não na metempsicose, que admite que um espírito humano reencarne no corpo de um animal, o que é inaceitável pelos reencarnacionistas.

Vejamos, agora, algumas passagens bíblicas, que podem nos ajudar na questão:

> Mateus 16,13-14: “'Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?' Eles responderam: 'Alguns dizem que é João Batista; outros, ***que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas***'.” (grifo nosso)
>
> Lucas 9,7-9: “O governador Herodes ouviu falar de tudo

> o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; ***outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado***. *Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus*." (grifo nosso)

Veja bem, caro leitor, se pensavam que Jesus poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou até mesmo algum dos antigos profetas ressuscitado, não há como não entender que a ideia aqui do vocábulo ressuscitar é de alguém voltando em uma nova vida; portanto, isso é exatamente o que se entende por reencarnação, por mais que se negue o fato.

Dessa forma, era crença comum que, se não todo mundo, pelo menos os profetas, poderiam voltar a ter uma nova vida. A inclusão de João Batista entre eles, prova que não entendiam bem desse assunto, porquanto, sendo ele contemporâneo de Jesus, jamais o Mestre poderia ter sido ele em nova encarnação.

O fato interessante, em relação ao primeiro passo acima, é que Jesus absolutamente não contestou o que eles estavam pensando. Se ninguém poderia voltar em uma nova vida, então foi lamentável que Jesus tenha perdido essa ótima oportunidade de corrigi-los, o que reputamos da maior gravidade.

Como não o fez, concluímos, portanto, que, tacitamente, Jesus aprova o que pensavam. A não ser que queiramos vê-lo como um Mestre relapso, que, propositadamente, não corrigiu

seus discípulos, quando estes lhe demonstraram estar errados sobre um assunto.

> Lucas 9,19: *"Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que* ***tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou****'."* (grifo nosso)

Na expressão "*tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou*" entendemos que o verbo "ressuscitar", tem, nitidamente, aqui o conceito de "voltar à vida" e, no contexto, num outro corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar.

Reforçamos: se Jesus, segundo suspeitavam, poderia ser qualquer um dos antigos profetas, isso só seria possível acontecer, ainda que seja por uma só vez, pela reencarnação, porquanto todos eles já estavam mortos; viviam, portanto, na condição de espíritos.

Russell Norman Champlin, teólogo norte-americano, de origem Batista ([64]), em análise do passo Mateus 16,14 (=Lucas 9,19), afirmou:

> *"Uns dizem: João Batista".* Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. **Dificilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João**

64 Fonte: http://hagnos.com.br/autor.php?id=413, acesso em 05.04.2011, às 08:12h.

> **foram contemporâneos**. Tal teoria, portanto, **reflete a doutrina da *transmigração* da alma**. É óbvio que **essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus**, e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos **(provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira**. Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas **poderiam tomar corpo novamente**. No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". **Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à "reencarnação". O termo "transmigração" é usado por muitas vezes como sinônimo de "reencarnação".** A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque **era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado**, e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias. ([65]) (grifo nosso)

Eis aí um teólogo batista dando-nos a informação de que a reencarnação "ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira." É certo, que, para eles, a reencarnação consistia em ressuscitar em outro corpo.

---

65 CHAMPLIN, 2005, p. 443.

Ademais, também se confirma que acreditavam que João era Elias reencarnado; justamente o que nós estamos afirmando, baseando-nos nos textos bíblicos; no entanto, ainda somos contestados pelos dogmáticos antirrencarnacionistas.

> João 9,1-3: "*E passando Jesus, viu um homem* ***cego de nascença****. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi,* ***quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego****? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus."* (grifo nosso)

Mas que interessante: quando é que um cego de nascença pode pecar, se não se acredita em, pelo menos, uma vida pretérita? A pergunta sobre quem pecou se foi ele ou seus pais, nos induz à possibilidade de, também, crerem na lei de causa e efeito, o que vulgarmente se denomina de carma. Porém, neste caso, Jesus disse que não, que ele veio para "*que se manifestem as obras de Deus*", ou seja, tinha uma missão, que será percebida ao se ler o passo até o final do capítulo: sua espinhosa missão era dar a Jesus a oportunidade de abrir os olhos dos fariseus, cegados pelo fanatismo religioso. Infelizmente, cegos desse tipo os vemos até nos dias de hoje.

Carma seria a lei dita por Jesus ao homem doente, havia trinta e oito anos, que curara e, ao encontrá-lo no templo, disse-lhe: "*Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior*" (João 5,14), estabelecendo, inapelavelmente, a ocorrência de sua doença como consequência do pecado que cometera. Também a vemos nestes passos: "*os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem*" (Jó 4,8), "*a cada um segundo suas*

obras" (Mateus 16,27), "*todos que usam a espada, pela espada morrerão*" (Mateus 26,52) "*quem comete o pecado, é escravo do pecado*" (João 8,34), "*quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há de colhe*r" (2 Coríntios 9,6) e "*tudo o que o homem semear, isso também ceifará*" (Gálatas 6,7).

Se em uma vida não der para se cumprir a lei de causa e efeito, como temos a impressão de que, muitas vezes, isso não é o que acontece à nossa volta, então, ela estender-se-á a outras vidas, porquanto o espírito infrator, apesar de vivenciar várias experiências na carne, é o mesmo e não um outro.

Assim, como acreditamos ser o espírito imortal, somos levados a admitir que o reflexo dessa lei irá atingi-lo; será metido na "prisão" (corpo físico), "*de onde não sairá, enquanto não pagar até o último centavo*" (Mateus 5,26).

Vejamos a opinião de Champlin, a respeito desse assunto, quando de sua análise do passo João 9,2: "*Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego*?":

> Era crença comum, entre os judeus, que os méritos e os deméritos dos pais se refletiam em seus filhos, e que até mesmo os *pensamentos da mãe* podiam afetar o estado moral de seus filhos ainda não nascidos. A apostasia manifestada por certo rabino, muito conhecido, foi atribuída, segundo a crendice popular, ao deleite pecaminoso de sua progenitora, que ela teria experimentado quando passava por determinado bosque idólatra. O ensinamento rabínico enfatizava as advertências do A. T. que os pecados dos pais têm efeitos em seus descendentes. (Exemplos dessas

advertências temos em Êxo. 20:5; 34:7; Núm. 14:18 e Deut. 5:9). Os livros apócrifos do A.T. também contam com passagens dessa natureza. Por exemplo, o livro de Sabedoria de Salomão 4:6, que diz:

Pois filhos ilegalmente gerados são testemunhas da iniquidade,

Contra os seus pais, quando Deus os sonda.

E a passagem de Eclesiástico 41:5-7 diz:

Os filhos dos pecadores são filhos abomináveis,

E frequentam as habitações dos ímpios;

A herança dos filhos de um pecador perecerá,

E a posteridade dele será um opróbrio perpétuo.

Os filhos se queixam de um pai ímpio,

Porque serão repreendidos por causa dele.

Acerca de como aquele homem poderia ter pecado pessoalmente, tendo provocado a sua própria cegueira desde o nascimento, existem três possibilidades, a saber:

1. Havia nos tempos antigos a crença de que uma criança podia pecar quando *ainda estava no ventre* de sua mãe. (Ver declarações nesse sentido nos Targuns e no Talmude, *Strack and Billerbeck, II*, págs. 527-529). Os rabinos aludiam ao trecho de Gên. 25:22 (a luta entre Jacó e Esaú, no ventre materno), como sugestão sobre essa possibilidade.

2. Que *nos conselhos de Deus* o cego de nascença estava destinado a ser um pecador, ou pelo menos que foi previsto que assim sucederia a ele; e que o castigo que lhe era devido lhe fora aplicado desde o nascimento. Embora alguns bons intérpretes tenham advogado essa posição e outros acreditem que isso pode ser verdade em muitos casos, parece não haver qualquer probabilidade dessa circunstância neste caso. (Aqueles que defendem essa posição salientam

passagens como Rom. 9:13,15-18).

3. **Que o cego de nascença já tivera *outra existência terrena,* na qual cometera algum grande pecado**; e por isso, ao reencarnar-se, teve de pagar pelo seu pecado ou pecados, mediante a sua cegueira desde o nascimento. Essa doutrina é denominada *karma* (palavra derivada do termo sânscrito que *significa feito* ou *ação),* a qual ensina que os homens atravessam diversas encarnações, e que esta vida consiste essencialmente no pagamento de dívidas atrasadas, por causa de erros em vidas passadas, ou do recebimento de benefícios, pelas bondades feitas em vidas de encarnações passadas. O alvo é alcançar finalmente certo estágio de perfeição, onde o indivíduo *pode sair* desse círculo vicioso, entrando em uma esfera superior, onde o desenvolvimento pode ter continuação, embora em nível mais elevado. Deus seria o alvo dessa perfeição. **Essa doutrina era ensinada nas escolas dos israelitas (incluindo os seminários dos fariseus). Até mesmo os essênios (a qual grupo João Batista teria talvez pertencido; ver Luc. 1:80 e Mat. 3:1) ensinavam essa doutrina**, e também os judeus *cabalísticos (*os que interpretavam mística e simbolicamente os escritos do A.T.; a palavra vem do termo hebraico "cabala", que significa *lenda, doutrina mística).* **Que essa doutrina havia penetrado fundo na sociedade judaica fica demonstrado pelo fato de que quando falavam sobre as identidades de João Batista e de Jesus, houve declarações no sentido que poderiam ter sido Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas; e isso implica, definidamente, na crença na reencarnação**. Essa crença é estranha para nossos ouvidos ocidentais; porém é extremamente comum, predominando nas religiões orientais, e nada é mais comum do que esse conceito no oriente. (Quanto a outras notas sobre essa doutrina, ver João 1:20).

Uma parte da razão por que essa crença veio a ser tão generalizada talvez seja a propagação das *ideias de*

> *Platão* e do *neoplatonismo,* conceitos esses que penetraram no judaísmo através de Filo e de outros filósofos judeus de Alexandria. Filo defendia a preexistência das almas e ensinava a reencarnação. (Ver "*Sobre os Gigantes",* III.12:15). A passagem de Sabedoria de Salomão 8:19,20 parece dar apoio a essa ideia em seus aspectos mais gerais.
>
> **Que uma crença mais ou menos definida na transmigração das almas era comum entre os judeus, ao tempo do ministério de nosso Senhor, se torna provável mediante as referências que há nos escritos de Filo e de Josefo**. Sabemos que essa era uma doutrina dos essênios e da cabala; e a encontramos nas palavras quase contemporâneas de Sabedoria de Salomão:
>
> > **"*Sim, mas sendo bom, vim em um corpo imaculado*" (8:20). (Ellicott, *in loc.).***
>
> Também sabemos que, de maneira limitada, alguns dos pais da igreja, como Orígenes, Justino Mártir e Clemente, eram defensores dessa doutrina (e alguns dizem que até mesmo Agostinho a advogava; mas as citações extraídas de seus escritos são duvidosas nesse particular). **Parece melhor, portanto, supormos que essa questão - "… quem pecou, este ou seus pais…?" – teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação**. (Quanto a uma citação extraída de Josefo, que informa que os fariseus abraçavam a ideia da reencarnação, ver *Guerras dos Judeus*, I, 2, cap. 8, sec. 14. Quanto ao título rabino, ver as notas em João 1:38). ([66]) (grifo nosso)

Três coisas importantes podemos tirar de Champlin: 1ª) fala do karma; 2ª) confirma Josefo sobre a crença dos fariseus; e 3ª) conclui que o passo "teve como alicerce a generalizada

66 CHAMPLIN, vol. 2, 2005b, p. 423-424

doutrina da reencarnação".

E temos ainda as opiniões de Champlin e Bentes, que trazem dados importantes:

> O ensino da **reencarnação** é amado, detestado; favorecido, temido. Sempre era e é uma coluna dogmática das religiões orientais; **foi ensinada nas escolas dos fariseus e essênios, e entre os judeus místicos da Cabala**. ([67]) (grifo nosso)

Transcrevemos desses dois autores o seguinte:

> **c. A reencarnação no pensamento hebreu**
>
> É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: "*Morrendo o homem, porventura tornará a viver?*" (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação**. A palavra «Cabala» significa "receber", e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midráshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do autismo). De 550 a 1000 D.C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático. […].

---

67 CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995c, p. 583.

Antes do desenvolvimento formal da *Cabala*, o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. **Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como *Filo* (30 A.C. – 50 D.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas**. É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico.

d. A reencarnação no pensamento cristão

Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase ce**rtamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos**. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica, Americana e Encyclopedia of Religion*, Vergilius Ferm, editor).

Consideremos algumas referências bíblicas:

1. *Mateus* 16:13,14: "*Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas*".

Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais

de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, Aclam Clarke, diz a respeito desses versículos:

> "…**a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada, porque era com base na mesma que eles acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus**".

Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. **A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema**.

2. *João* 9:1-3: "*Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram. Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus*".

A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, **não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia**, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas **interrogavam a Jesus a respeito do *karma*, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação**. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa

possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros.

Adam Clarke, ao comentar sobre o trecho de João 9:1-3, apresenta uma nota elaborada a respeito da reencarnação, conforme ela é concebida dentro de várias culturas. **Ele exprime a convicção de que essa era a ideia que rebrilhava por detrás daquela indagação dos discípulos. E cita Josefo (*Ant*. b.XVIII. c.1, s.3; e *Guerras dos Judeus*, b.II, c.8, s. 14), onde aquele autor judeu forneceu-nos alguns detalhes sobre os ensinos dos fariseus a respeito da ideia**. Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de "recompensa", pois ofereceria uma oportunidade renovada. Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores.

A discussão exposta por Clarke também é interessante quanto a outros particulares. **Ele mostra como os antigos, incluindo os rabinos judeus, supunham que pecados específicos, em vidas anteriores, provocam problemas específicos em vidas sucessivas, reencarnadas**. Assim é que as dores de cabeça seriam uma punição contra aqueles que, em um estado anterior da existência, tenham falado com irreverência acerca de seu pai ou de sua mãe; a cegueira seria infligida aos anteriores matricidas; e até mesmo as marcas no corpo eram consideradas indicações de algum pecado na alma. Essa crença

> também é comum entre alguns modernos advogados da ideia da reencarnação, tal como sugestão feita por Edgar Cayce, de que a tuberculose resultaria de uma exagerada atividade sexual em vida anterior. Certos estudos, feitos através de regressão hipnótica, têm resultado em idêntica conclusão. ([68]) (grifo nosso)

Para quem "tem olhos de ver" a reencarnação fazia parte da crença dos judeus, se não em todo o período de sua existência, pelo menos, próximo ao que Jesus viveu, é fato incontestável.

Sobre os cegos de nascença, vejamos esta notícia, transcrita do Portal dos Psicólogos ([69]):

> **Imagens e a cores**
>
> **21 Janeiro 2003**
>
> Privados da imagem desde sempre, os cegos de nascença sonham… com imagens. Assim mesmo, à semelhança do que acontece com as pessoas que veem. A descoberta foi feita por um grupo de investigadores portugueses do Laboratório do Sono do Hospital de Santa Maria e é publicada hoje na revista internacional Cognitive Brain Research. Os resultados foram comprovados por estudos de electroencefalogramas (EEG), que mostram a activação do córtex visual nos invisuais durante os sonhos.
>
> A investigação abre a porta para uma nova abordagem destas questões. A pré-publicação online, na semana passada, e na mesma revista, de um resumo dos resultados já deu origem a pedidos de mais

68 CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995, p. 585-586.

69 Link: http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109, acesso em 10.04.2011.

> informação por parte de investigadores de outros países.
>
> Foi em 1998 que o jovem físico Hélder Bértolo se propôs responder a esta questão: será que os cegos de nascença têm activação do córtex visual? Não se sabia praticamente nada sobre o assunto, mas houve quem se risse e lhe chamasse utópico. A neurologista Teresa Paiva, que dirige o Laboratório do Sono no Hospital de Santa Maria, teve uma reacção diferente. Não só considerou a pergunta interessante como propôs que se utilizassem os sonhos como ferramenta de trabalho.
>
> FILOMENA NAVES ([70])

Teoricamente, partindo da crença de uma só vida, os cegos de nascença não teriam nenhuma imagem arquivada na mente; por esse motivo os seus sonhos não deveriam ter imagens, mas como ficou demonstrado que têm na pesquisa de Hélber Bértolo. Entendemos haver duas explicações para isso: primeira, seria a possibilidade de terem sido retiradas do arquivo mental, que chamamos de memória integral, onde estariam arquivados todos os acontecimentos ocorridos ao longo da vida de um espírito, imagens essas cujas existências só se justificaria com a reencarnação para explicar o fato; a segunda, poderia ser a hipótese de que nos momentos de desdobramento de sua alma, o cego de nascença tenha relação com o mundo à sua volta e possa “ver” tudo tal qual se apresenta, ou seja, em cores, embora, na atual encarnação não possa identificar o azul do amarelo, por exemplo.

Entretanto, quando é um pintor cego de nascença ([71]),

---

70 NAVES, LinK: http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109, acesso em 10.04.2011.

71 Link: https://nequidnimis.wordpress.com/2009/09/22/pintor-cego-de-

como é o caso do turco Esref Argaman, aí, sim, acreditamos tratar-se de aquisições de outras vidas.

Provas de que os judeus acreditavam na reencarnação, também podemos encontrar em Severino Celestino da Silva, autor do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, no qual apresenta, para comprovação disso, esta frase do Rabino Arieh Karplan: "Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações" ([72])

Um pouco mais à frente, Severino Celestino cita a opinião do Rabino Shami Ende:

> Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamai Ende, colaborador da Revista Judaica **"Chabad News"**, publicação de Dez. [1997] a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: "**O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot** ([73]) **da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida**. […].". ([74]) (grifo do original)

Vejamos agora o que o Rabino Philip S. Berg, autor da obra *Reencarnação as Rodas da Alma*, disse:

---

nascenca-impressiona-medicos-com-sua-abilidade-especial/, acesso em 10.04.2011, à 07:17hs.

72 SILVA, 2001, p. 158.

73 N.T.: Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade.

74 SILVA, 2001, p. 161.

> A palavra hebraica para reencarnação é Guilgul Neshamot, que literalmente quer dizer 'roda da alma'. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. **Guilgul Neshamot é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento**. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. ([75]) (grifo nosso)

"A Cabala é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia", diz Berg, quando desenvolve o tema dentro da ótica cabalista, do qual transcrevemos:

> **Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas** sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. ([76]) (grifo nosso)

A diferença está em que nós, espíritas, não admitimos a possibilidade de retrocesso, ou seja, uma alma humana não

---

75 BERG, 1998, p. 17-18.

76 BERG, 1998, p. 29.

reencarnará nunca no corpo de um animal, ser que ainda não tem o pensamento de forma contínua, como nós os humanos.

Esperamos ter apresentado elementos suficientes para demonstrar a crença dos judeus na reencarnação, ainda que não a compreendessem totalmente e a estendesse a todo mundo. Sigamos em frente. Porém, não nos iludamos, haverá ainda os contestadores, com seus sofismas de sempre, porquanto não mudam de argumentos, que, quase sempre, são os mesmos já utilizados a “milhões de anos”.

A profecia sobre a volta de Elias iremos encontrá-la no profeta Malaquias, cujo livro, último do Antigo Testamento, refere-se, provavelmente, aos acontecimentos do período de 515 a 445 a.C. Está no seguinte passo:

> Malaquias 3,1: “*Vejam!* ***Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente****. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam.* ***Olhem! Ele vem!*** *– diz Javé dos exércitos*.” (grifo nosso)

Aqui temos a profecia sobre o envio de um mensageiro, que viria para preparar o caminho do Messias, o que, segundo acreditavam, aconteceria no grande dia terrível do Senhor, ou seja, pensavam que nesta época é que Deus procederia o restabelecimento de Israel como seu “povo eleito” quando, como consequência, haveria o julgamento das nações que o escravizaram.

É no final desse livro que esse mensageiro é identificado.

> Malaquias 3,23-24: "*Vejam!* ***Eu mandarei a vocês o profeta Elias****, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de* ***fazer que o coração dos pais volte para os filhos e o coração dos filhos para os pais****; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição tota*l." (grifo nosso)

Essa identificação daquele que seria enviado como sendo o profeta Elias é importante, pois, caso contrário, seria fácil atribuir a qualquer um o cumprimento dessa profecia, especialmente, aqueles que gostam de "provar" que todas as profecias bíblicas foram cumpridas, para justificar a tal da "inerrância" da Bíblia.

E mais: quando Deus diz que vai mandar o profeta, Ele não diz que vai mandar um profeta qualquer; ele identifica esse profeta, cujo nome Ele diz que é Elias. Ora, como Ele diz que é Elias, não podemos dizer ao contrário, sob pena de chamá-Lo de mentiroso, por ter prometido enviar Elias e ter mandado outro profeta, ainda que com a mesma função...

Também em Eclesiástico (48,10), livro atribuído a Jesus Ben Sirac, mestre em sabedoria em Jerusalém, há a confirmação da volta de Elias, que, ao falar desse profeta, afirma: "***Nas ameaças para os tempos futuros, você foi designado para apaziguar a ira antes do furor, a fim de reconduzir o coração dos pais até os filhos e restabelecer as tribos de Jacó"***. (grifo nosso). E preste-se bem a atenção: "você [Elias] foi designado" e não um outro.

Encontramos essa curiosa explicação para o passo Malaquias 3,22-24, visando justificar a crença dos judeus para a volta de Elias:

> Depois do seu encontro com Deus no monte Horeb (1Rs 19,1-18), Elias desaparece de cena, arrebatado por Deus (2Rs 2,1-18). **Por isso a tradição judaica dos últimos séculos antes de Cristo esperava o seu retorno, como precursor da era messiânica** (Eclo 48,10s). Na cena da transfiguração Elias aparece ao lado de Moisés (Mt 17,1-18) para reforçar a voz que se faz ouvir no céu: "este é meu Filho muito amado, ouvi-o" (Mc 9,7). **Jesus nesta ocasião identifica o Elias que deveria vir com João Batista** (cf. Mc 9,9 e nota). ([77]) (grifo nosso)

Muito bem; o que não se faz para fugir da ideia da reencarnação?!... Seria a questão de se perguntar: por que os judeus, da mesma forma, não esperavam a volta de Henoc, pelo motivo dele, também, conforme se apreende dos textos bíblicos, ter sido arrebatado ao céu?... Muito estranho! Portanto, fica claro que a crença na volta de Elias nada tem a ver com o fato dele ter sido supostamente arrebatado.

Encontramos somente em Lucas o relato do anjo Gabriel dizendo a Zacarias, sobre o nascimento de um filho que deveria ser chamado de João, apesar de sua mulher ser estéril e ambos já velhos.

> Lucas 1,11-19: "*Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo. Mas o anjo disse: 'Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um filho, e você lhe dará o nome de João. Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino, porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá*

77 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1172.

> *vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles,* ***com o espírito e o poder de Elias****, a fim de* ***converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos****, preparando para o Senhor um povo bem disposto'. Então Zacarias perguntou ao anjo: 'Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada'. O anjo respondeu: 'Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você'."* (grifo nosso)

Na profecia de Malaquias (3,24) é dito que Elias iria "*fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais*", exatamente aquilo que o anjo Gabriel prevê que o filho de Zacarias viria "*a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos"* (Lucas 1,17b); há, portanto, uma relação direta entre a profecia de Malaquias e o personagem João, o filho de Zacarias.

Além disso, é dito que o menino João, que irá nascer, virá "*com o espírito e o poder de Elias*" (Lucas 1,17a), o que em outras palavras, podemos dizer que era o próprio Elias, ou seja, o mesmo espírito que estava voltando em cumprimento da profecia; é, portanto, a confirmação desse cumprimento, pois, caso não fosse sobre ele, ter-se-ia dito algo assim: "**com o espírito e o poder de Deus**". Isso ficará ainda mais claro no passo do item que falará da identificação do profeta (Mateus 11,7-15).

É bom esclarecer que as traduções bíblicas não são unânimes em usar a mesma expressão em Lucas 1,17: a) "com o espírito": Pastoral, de Jerusalém, Mundo Novo, do Peregrino,

Paulinas 1957, Paulinas 1980, Ave-Maria, Paulinas 1957 e Santuário; b) “no espírito”: Shedd, Barsa, SBTB, SBB, Vozes e Anotada.

O teólogo Pastorino, analisando o versículo 17, desse passo, deu a seguinte explicação:

> **No sentido literal, não há sofisma que permita escapar da conclusão de que João era a reencarnação de Elias**. Leiam-se os trechos nacionalistas (de) Van Hoonacker, em sua obra *LES Petis Prophètes*, página 741, escreve: “pela grandeza de sua missão, deveria tratar-se de qualquer maneira de uma nova encarnação do espírito e do poder de Elias”
>
> Mais ainda: a expressão grega έν πνεύματι χαί δυνάμει ηλίου, revela isso mesmo. O emprego da preposição en, com o sentido da preposição hebraica be (ב), que se encontra, por exemplo, em Marcos 5:2, quando diz “um homem NO espírito imundo”, significando o reverso: “um espírito imundo NO homem”, era comum. O jesuíta M. Zerwick (in “*Graecitas Biblica*”, 4.ª edição, Roma, 1960, números 116 a 118) estuda a questão do EN grego com o sentido associativo ou de companhia, que será sempre melhor traduzir por “com”, ao invés de por “em”. Assim, segundo o estudioso jesuíta, é melhor dizer-se: “ele (João) iria diante do Senhor COM o espírito e poder de Elias”. E isso confirma a tese da reencarnação de Elias na personalidade de João Batista, coisa que Jesus afirmará categoricamente, o que estudaremos a seu tempo. ([78]) (grifo nosso)

Do autor citado por Pastorino, temos os seguintes dados: “Albin-Augustin Van Hoonacker (1857-1933) foi um teólogo

78 PASTORINO, 1964a, vol. 1, p. 34.

católico romano, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Leuven, membro da Academia Real da Bélgica e Cavaleiro da Ordem de Leopold.” ([79])

Na Bíblia Shedd, encontramos explicações interessantes para dois passos; uma delas fala de Elias e a outra de João Batista; vejamos:

> 1) Lc 1,17: *“Elias.* **Comparando-se João com Elias, vemos que não há outras duas pessoas com maior semelhança na Bíblia** (cf. Mt 11,14). ([80]) (grifo nosso)
>
> 2) Mt 17,10-13 Os judeus estavam aguardando um segundo aparecimento de Elias antes da vinda do Messias (Ml 4,5), mas Jesus demonstrou que era João Batista o cumpridor dessa missão profética (aliás, **suas vestes e sua maneira de viver já apontavam para o caráter de um Elias**). ([81]) (grifo nosso)

Identificando a semelhança entre a maneira de viver e a de caráter, só faltou completar dizendo que ambos eram o mesmo espírito, o que em outras palavras significa dizer que João Batista era Elias em nova encarnação.

Digno ainda de nota é o fato de que João Batista morreu degolado (Mateus 14,9-10), cumprindo-se a inexorável lei divina, revelada por Jesus: “*todos os que usam a espada, pela espada morrerão*” (Mateus 26,52), pois ele, quando viveu como Elias, havia degolado os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal (1 Reis 18,22.25.40), divindade fenícia, que o rei Acab

---

79 Link: en.wikipedia.org/wiki/Albin_van_Hoonacker

80 Bíblia Shedd, p. 1422.

81 Bíblia Shedd, p. 1357.

havia introduzido entre os israelitas. Popularmente, se diria: cumpriu-se o carma.

É bom esclarecer, aos menos avisados, que isso não significa que ele tenha que morrer tantas vezes quanto a quantidade de pessoas que matou. Aliás, o carma só é fatal para quem não faz absolutamente nada para se ajustar à justiça divina; todos aqueles que agem no amor, fazendo ao próximo aquilo que querem para si, ganham méritos e, com isso, atenuam ou até mesmo extinguem o seu carma: "*O amor cobre multidão de pecados*". (Tiago 5,2; 1 Pedro 4,8)

É importante confirmar que existia, entre o povo daquela época, a crença de que Elias voltaria, conforme se profetizou, pois ele antecederia ao Messias, que, sempre e mais do que tudo, esperavam vir. Eis duas passagens que provam isso:

> Mateus 16,13-14: "*Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos:* '***Quem dizem os homens que é o Filho do Homem****?*' *Eles responderam:* '*Alguns dizem que é João Batista; outros,* ***que é Elias****; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas*'*.*" (grifo nosso)
>
> Mateus 17,10-11: "*Os discípulos de Jesus lhe perguntaram:* '***O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes****?*' *Jesus respondeu:* '***Elias vem para colocar tudo em ordem***'." (grifo nosso)

No primeiro passo, vemos que o povo em geral, achava que Jesus poderia ser, entre outros, o profeta Elias; o motivo é pelo fato deles acreditarem firmemente que o tesbita voltaria, porquanto havia uma profecia que dizia isso, o que, no segundo

passo, é confirmada por Jesus. Ainda com relação a esse passo, temos a destacar uma coisa que passa despercebida para a maioria dos que o leem, que é a pergunta feita por Jesus a respeito *de "quem os homens achavam quem Ele era".*

Ora, se Jesus não tivesse consciência de que eles, inclusive os apóstolos, acreditavam na reencarnação, não teria feito essa pergunta, já que, se não a entender dessa forma, ela perderá o sentido de ter sido feita, dentro do texto e contexto do passo.

Além disso, não podemos deixar de destacar que, dessa forma, Jesus está, mais uma vez, confirmando que Elias voltaria; se ele não tiver vindo, como os antirreencarnacionistas insistem em pensar, então, forçosamente, teremos que aceitar que Jesus não disse a verdade ao afirmar que "**Elias vem para colocar tudo em ordem**" (Mateus 17,11).

Preferimos não deixar Jesus nessa triste situação, acreditando no que ele está dizendo aqui, e, via de consequência, admitirmos que João Batista é Elias em nova encarnação, mesmo que isso venha a contrariar a interpretação tradicional dada pela liderança religiosa.

Aliás, o que vemos muito é exatamente isso, ou seja, apego exacerbado às interpretações tradicionais, que não deixa o fiel livre para buscar outras hipóteses, que não aquelas que lhes foram passadas pelos líderes, que, em sua grande maioria, jamais se preocuparam com a salvação de alguém; mas, antes, com seu próprio interesse no *status* de poder e em ter uma forma fácil de extorquir-lhes o dízimo.

Ademais não se poderá alegar, para "salvar-se a pátria",

que Elias era esperado (de corpo e alma) porque foi levado para o “o céu” também de “corpo e alma”; isso porque da mesma forma, pensavam que Jesus poderia ser Jeremias ou algum dos profetas, e, a todos eles, aconteceu de não terem sido “arrebatados”, ao contrário do que acreditavam ter acontecido a Elias, por conta de lenda que se espalhou sobre isso. Voltaremos à questão um pouco mais à frente.

Encontramos um relato que faz uma perfeita identificação de que o profeta Elias voltou. A maioria das pessoas passam por cima, não vendo isso. Vejamos o seguinte passo:

> Mateus 11,7-15: *“Os discípulos de João partiram, e **Jesus começou a falar às multidões a respeito de João**: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti**'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. **E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir.** Quem tem ouvidos, ouça'.”* (grifo nosso)

A clareza com que Jesus afirma que “*É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente.*”

(Mateus 11,10) não deveria deixar margem a nenhuma dúvida ou a interpretações dogmáticas, e de conveniência, pois, aqui, ele estabeleceu uma relação direta de João com o cumprimento da profecia de Malaquias, sobre o envio do mensageiro (Malaquias 3,1), que está sendo identificado, pelo próprio Jesus, como sendo João Batista.

Por outro lado, sendo mais enfático, Jesus, em se referindo a João Batista, afirma: "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir*", completando: "*Quem tem ouvidos, ouça*" (Mateus 11,15), frase singular, pois, tivesse ele tratando de coisa comum, não haveria sentido em falar desse jeito; mas, como estava afirmando que João era a reencarnação de Elias, foi, usando outras palavras, preciso alertá-los: "quem quiser acreditar, que acredite", tão certo estava que os negadores da reencarnação apareceriam para contestá-lo, fato que vemos acontecer até hoje. Sobre o "Ele mesmo", voltaremos ao assunto mais à frente, no próximo tópico.

Então, a coisa é bem simples: se João Batista não for Elias, tem-se que admitir que Jesus faltou com a verdade, e, mais ainda, que Deus nos enganou por ter prometido enviar Elias e não o enviou. E aí perguntamos: para onde vai a tese da "inerrância" bíblica, diante dessas duas situações?

Pastorino, em análise a este passo diz:

> A previsão do regresso de Elias à Terra (cfr. Mat. 3:23-24) "eis que vos envio Elias, o profeta, antes que chegue o dia de YHWH grande e terrível: ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais" … **é confirmada no Eclesiástico**

> **(48:10)** ao elogiar Elias "**tu, que foste designado para os tempos futuros como apaziguador da cólera**, antes que ela se inflame, conduzindo o coração do pai para o filho".
>
> Alguns pensam tratar-se "do último dia do juízo final", mas Jesus mesmo dá a interpretação autêntica, quando diz: "eu vos declaro que Elias já veio mas não foi reconhecido" … "e os discípulos entenderam que Ele lhes falava de João Batista" (Mat. 17:12-13).
>
> **Então, não pode restar a mínima dúvida de que Jesus confirma, autoritária e inapelavelmente, que João Batista é a reencarnação de Elias**. Embora sejam duas personalidades diferentes, o Espírito (ou individualidade) é o mesmo. **Gregório Magno compreendeu bem o mecanismo quando, ao comentar o passo em que João nega ser Elias (João, 1:21) escreveu**: "em outro passo o Senhor, interrogado pelos discípulos sobre a vinda de Elias, respondeu: Elias já veio (Mat. 17:12) e, se quereis aceitá-lo, é João que é Elias (Mat.11:14). João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias … É que João era Elias pelo Espírito (individualidade) que o animava, mas não era Elias em pessoa (na personalidade). O que o Senhor diz do Espírito de Elias, João o nega da pessoa" (Greg. Magno, Hom. 7 in Evang., *Patrol*. Lat. vol. 76, col. 1100).
>
> Jesus não precisava entrar em pormenores sobre a reencarnação, pois era essa uma crença aceita normalmente entre os israelitas dessa época, sobretudo pelos fariseus, só sendo recusada pelos saduceus. ([82]) (grifo nosso)

Merece destaque o trecho no qual Jesus diz "***Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo"* (Mateus

82 PASTORINO, 1964c, vol. 3, p. 16.

11,12). Levando-se em conta que a expressão "**desde os dias... até agora**" se referir a alguma coisa que tenha iniciado num tempo passado e considerando que Jesus e João Batista foram contemporâneos, não há sentido algum ela ter sido proferida, a não ser que se leve em conta a possibilidade de que João é mesmo Elias reencarnado; ai, sim, é compreensível, pois Jesus estaria se referindo a essa existência anterior de João.

Na versão Bíblia de Jerusalém, lemos: "*Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João*" (Mateus 11,12). Então, podemos concluir que "*o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele*", tem como motivo o fato de que "*todos os profetas como a Lei profetizara, até João*", ou seja, a antiga Aliança não levava a perfeição; caso tivesse ela sido boa, não seria preciso uma segunda; é isso que entendemos e que podemos depreender das seguintes passagens:

> Romanos 7,6: *"[...]* ***fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra****."* (grifo nosso)
>
> Gálatas 2,21: "*Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque,* ***se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão****."* (grifo nosso)
>
> Gálatas 5,4: "***Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça****."* (grifo nosso)
>
> Hebreus 7,18-22: "*Assim,* ***fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil****; de fato, a Lei não levou nada à*

> *perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão,* ***Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor****."* (grifo nosso)
>
> *Hebreus 8,6-7.13: "****Jesus****, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois* ***é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios.*** *De fato,* ***se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança****.* ***Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada****; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo."* (grifo nosso)

Portanto, o "desde os dias", segundo entendemos, só pode estar se referindo ao tempo em que vigoravam a Lei e os profetas (o Antigo Testamento), razão pela qual julgamos possível apontar Elias como sendo o seu representante.

É provável que se encontre alguém que queira justificar o "desde os dias" (Mateus 11,12) dizendo que se refere apenas ao início da pregação de João Batista; tudo bem, não podemos forçar ninguém a mudar de ideia; entretanto, cabe-lhe explicar porque os violentos também não teriam agido no período anterior ao que João começou a pregar.

Existe ainda uma outra passagem, na qual também ocorre essa identificação; inclusive já a citamos; mas, agora, iremos transcrevê-la por completo, uma vez que naquele momento isso não era apropriado ao tópico.

> Mateus 17,10-13: "O*s discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem.* ***Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram****. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'.* ***Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista***." (grifo nosso)

Mais claro que isso é impossível. Jesus, confirmando a profecia de Malaquias sobre a volta de Elias, aqui Ele afirma que "**Elias já veio",** mas que não foi reconhecido. E por que motivo Elias não foi reconhecido? É, novamente, bem simples: "o espírito e o poder de Elias" estavam agora animando o corpo de João Batista, o que não foi difícil para os discípulos entenderem, uma vez que sabiam que Jesus estava falando de João, conforme se lê no próprio texto.

Uma coisa importante, mas que aparentemente fica despercebida, é a pergunta feita pelos discípulos sobre a vinda de Elias e o fato deles terem entendido que Jesus lhes falava de João Batista, pois, se os discípulos (pelo menos Pedro Tiago e João) não tivessem conhecimento da reencarnação, não teriam perguntado sobre a vinda de Elias e, muito menos, teriam entendido que o Mestre lhes falava de João Batista

Em Marcos também encontramos essa afirmativa, o seguinte: "*Eu, porém, digo a vocês:* ***Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele***". (Marcos 9,13), mudando-se a ordem temos: "Elias já veio exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele e fizeram com ele tudo o que

queriam". Portanto, a missão de Elias já ter vindo para o cumprimento das Escrituras é, categoricamente, afirmada.

Claro, aparecerão as objeções quanto a João ser Elias. Tudo bem; se os objetores querem contrariar o que Jesus disse, não podemos fazer absolutamente nada. O que nos cabe é apenas contestar essas objeções, sem querer impor a ninguém a nossa forma de pensar.

Uma coisa que não se dão conta é que, para Jesus poder ser considerado o Messias, fato que não contestarão, é necessário Elias vir antes Dele, de acordo com a profecia de Malaquias, e não outro em seu lugar, ainda que com ministério semelhante, para preparar-Lhe o caminho; logo, a esses cumpre nos explicar: onde o profeta tesbita estava, e por qual motivo ele ainda não veio, para cumprimento da profecia de Malaquias?

Vejamos os seguintes passos, que afirmam que João é Elias:

> Mateus 11,10: "***É de João que a Escritura diz****: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'."* (grifo nosso)
>
> Mateus 11,14: *"E se vocês o quiserem aceitar,* ***João é Elias*** *que devia vir."* (grifo nosso)
>
> Mateus 17,12: "*Mas eu digo a vocês;* ***Elias já veio****, e eles não o reconheceram*." (grifo nosso)

Diante de afirmativas tão contundentes, não há como negar que Elias tenha voltado e vivido como João Batista. Não vemos sentido em objetar-se com a crença na lenda de que

Elias teria sido arrebatado de corpo e alma ao reino do céu, se confrontada essa afirmativa com estes três passos: "*O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada*" (João 6,63), "*é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual*" (1 Coríntios 15,44) e "a *carne e o sangue não podem receber em herança o reino do céu"* (1 Coríntios 15,50).

Fora isso, podemos argumentar que os amigos de Elias, Eliseu e os demais irmãos profetas, não acreditaram que ele tenha ido para o "céu", considerado como "reino de Deus", mas, sim, a um outro lugar, razão pela qual Eliseu permitiu que o procurassem Elias, conforme consta neste passo:

> 2 Reis 2,15-18: "*[...] Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele, e disseram: 'Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre.* ***Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale***'*. Eliseu respondeu: 'Não mandem ninguém'. Eles, porém, insistiam tanto, a ponto de aborrecê-lo. Por fim, ele disse: 'Então mandem'. Eles mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias, mas não o encontraram. Voltaram para Eliseu, que tinha ficado em Jericó. Então Eliseu lhes disse: 'Não falei para vocês não irem?'."* (grifo nosso)

Assim, para as testemunhas oculares do acontecimento, Elias não foi "arrebatado ao céu" (paraíso celeste), porque, certamente, sabiam que redemoinho ou turbilhão (2 Reis 2,1.11), segundo algumas traduções, não leva ninguém para lá. Somente após esse episódio se transformar numa lenda é que se passou a acreditar que teria ido para junto de Deus.

Será que esse “céu” aí é o mesmo “reino de Deus” citado por Jesus? Se for, então temos algo bem estranho, pois Jesus disse que “*o reino de Deus está dentro de vós*” (Lucas 17,21), do que se pode concluir que é um estado íntimo e não um lugar circunscrito. Ainda afirmou que na ressurreição todos “*serão como os anjos do céu*” (Mateus 22,20), o que significa que não teremos corpo físico, mas espiritual. Diante desses dois pontos perguntamos: para onde então foi Elias, caso tenha sido arrebatado, como se pretende fazer crer?

Por outro lado, nem todo mundo acredita que Elias não tenha morrido; podemos citar, por exemplo, a equipe de tradutores da Bíblia de Jerusalém, que, em se referindo a esse suposto arrebatamento, afirma: “[...] **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pôde chegar a essa conclusão**. Sobre o 'retorno de Elias' cf. Ml 3,23+.” ([83]) (grifo nosso)

Do monsenhor Francesco Spadafora (1913-1997), professor universitário, temos essa informação do seu texto “O profeta Elias” ([84]):

> Porém **em outros textos** (cf. Zohar Bresit, 137; Sepher Ha-pardes, 24,4) **se afirma que Elias deixou seu corpo material para tomar outro luminoso**: “Como Elias pôde subir e habitar os céus que não sustentam nem um grão de trigo?”. O rabino Simão bar Jochai responde: “Encontrei escrito: entre os que nasceram neste mundo, haverá um espírito que baixará

83 Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 508-509.

84 Conforme consta do site, em nota: “Título original: Elia Profeta, em Santi del Carmelo, Institutum Carmelitanum, Roma 1972, p. 136-153”.

> sobre a terra e vestirá um corpo. O seu nome é Elias. Ele voltará a subir ao céu, **seu corpo permanecerá no turbilhão e seu espírito revestirá um corpo luminoso para que possa habitar entre os anjos**". ([85]) (grifo nosso)

Certamente, que, por uma explicação como essa, torna mais verossímil o arrebatamento de Elias, porquanto não se admite ter ele ido de corpo e alma para o "céu".

É comum, entre os protestantes, tomarem os trechos ***"com o espírito e o poder de Elias"*** (Lucas 1,17) *e* ***"João é o Elias"*** (Mateus 11,14), conforme consta de algumas traduções, para alegar que João Batista não era Elias, mas que tinha um "ministério" semelhante ao de Elias, se apegando ao artigo "o" antes do nome Elias; entretanto, além de não haver nada escrito sobre isso, pois a citação é literal, ELIAS, com todas as letras, basta ver nos três passos acima, onde não consta nada sobre semelhança de ministério. Por que, então, Jesus não usou o termo ministério para não causar confusão? Não é muito estranho?

Os fundamentalistas querem dizer com esse tal de "ministério" o que a própria Bíblia não disse. E por que fazem isso? Para esconder a reencarnação. Nada mais que isto. Se alguém diz que vai receber, na sua residência, o amigo João; podemos, diante disso, esperar, por exemplo, pela vinda de Maria?

Aliás, é a maior confusão que se faz na tradução, pois das quinze Bíblias que pesquisamos, em nove delas lemos

---

85 SPADAFORA, 1972, site Hermanubis.

"***com o espírito***", as outras seis já trazem "**no espírito**". Acreditamos que é justamente para tirar a ideia da reencarnação. E ainda dizem, sem o menor constrangimento, que os textos são fiéis aos originais, quando muitos se ajustam aos dogmas estabelecidos pelos teólogos de cada corrente doutrinária.

Alguém poderá nos objetar dizendo que o texto de Mateus 11,14, logo acima, é diferente de "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir",* que citamos anteriormente e prometemos voltar ao assunto, porquanto um diz "*João é Elias*" e o outro já afirma "*Ele mesmo é Elias*"; afinal, qual desses é o verdadeiro?

Podemos dizer que a culpa dessa diferença não é nossa, pois encontramos três versões seguintes para esse trecho: "***é o Elias***"; "***é este o Elias***" e "***ele mesmo é o Elias***". Segundo o professor Pastorino o correto seria a seguinte versão:

> Mateus 11,14: "*E se quereis aceitar (isto),* ***ele mesmo é Elias*** *que estava destinado a vir."* (grifo nosso)

Explicando-a, disse:

> **A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns**. Mas o grego é bem claro: *kai (*e*) ei (*se*) thélete (*quereis*) decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hêlías* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") *érchesthai* (inf. pres.: a vir).
>
> A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est"*, em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o

> sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). **Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado"**. Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", **o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir"**. Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. ([86]) (grifo nosso)

Portanto, tudo nos leva a crer que as versões, divergentes dessa tradução de Pastorino, têm como objetivo esconder a ideia da reencarnação, que ficaria nítida na forma correta. Duvidamos que os líderes religiosos, que, em sua maioria, possuem muito mais conhecimento que nós, não saibam dessa alteração na tradução.

Na *Bíblia Sagrada – Vozes*, seus tradutores fazem questão de tirar da cabeça dos leitores a ideia da reencarnação, conforme pode-se ver nesta explicação sobre o passo Mateus 11,13:

> **Elias**, segundo Ml 3,23s, é o precursor do Messias. Se Jesus é o Messias, a profecia já deve estar cumprida com João Batista (Mc 9,13). João Batista é Elias enquanto caminhou "diante do Senhor no espírito e no poder de Elias, para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes aos sentimentos dos justos a fim de preparar-lhe um povo de boa vontade" (Lc 1,17). **Não se trata, pois, de uma reencarnação de Elias**. ([87])

86 PASTORINO, 1964c, vol. 3, p. 16.

87 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1190.

(grifo nosso)

O pobre do fiel é levado nessa onda, quando não busca a verdade dos fatos, preferindo acreditar no que seus líderes falam.

Leiamos agora o seguinte passo:

> Lucas 9,28-32: "*Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus, e os dois homens que estavam com ele;*"

Esse episódio se convencionou chamá-lo de "A transfiguração de Jesus", que também é narrado por Mateus (Mateus 17,1-9). A objeção que se faz é que, se João fosse mesmo Elias, ele, ao aparecer, deveria apresentar-se como era na última encarnação, ou seja, com os traços de João e não como os de Elias, uma vez que o relatado aconteceu depois da morte de João.

Seria até um bom argumento, caso um espírito não pudesse se manifestar com qualquer uma das aparências físicas que possuía em suas várias vidas anteriores. Vejamos, na *Revista Espírita 1868*, como Kardec explica essa questão:

> **Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais**, não os manipulam como os homens manipulam os

gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. **O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada**; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; **basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza**, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamento* em reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento. ([88]) (grifo nosso)

88 KARDEC, 1993j, p. 167-168.

O perispírito, que Paulo chamou de corpo espiritual, é modelado, vamos assim dizer, pelo pensamento; assim, basta ao espírito pensar como fisicamente ele era, numa determinada encarnação, para que seu corpo espiritual assuma essa forma. Quem tiver condições de vê-lo, o verá com a imagem da época em que o espírito quis se fazer reconhecer.

Informa-nos Luiz Gonzaga Pinheiro, em *O perispírito e suas modelações*, que o corpo perispiritual era conhecido e estudado há milênios, citando alguns povos que o conheciam:

> **Egípcio**: Khá, **Pitágoras**: Corpo sutil da alma, **Aristóteles**: Corpo sutil e etéreo, **Platônicos**: Okhêma, **Neoplatônicos**: Aura, **Tertuliano**: Corpo vital da alma, **Proclo**: Veículo da alma, **Budismo**: Kama-rupa, **Cabala**: Rouach, **Vedanta**: Manu, mãyã, kosha, **Hipócrates**: Eu astral, **Caldeus**: Coroa de fogo, **Paulo de Tarso**: Corpo espiritual; **Cristãos primitivos**: Corpo glorioso; **Paracelso**: Corpo Astral, **Católicos**: Alma, **Teósofos**: Corpo causal, **Leibniz**: Corpo fluídico, **Zöllner**: Corpo fantasma, **Rosa-crucianos**: Corpo vital, **Ocultistas**: Ego Transcendental e **Pesquisadores modernos**: Corpo psíquico, corpo bioplasmático. ([89])

Portanto, não é algo inventado pelos espíritas, como se costuma dizer por aí.

O texto afirma que Moisés e Elias apareceram na glória (Lucas 9,30-31), ou seja, manifestaram-se em espíritos – como desencarnados.

Uma outra objeção, tomam-na da seguinte passagem

89 PINHEIRO, 2009, p. 127-128.

bíblica:

> João 1,19-23: "*O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram: '**Então, quem é você? Elias?**' **João disse: 'Não sou'.** Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'. Então perguntaram: 'Quem é você? Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?' João declarou: 'Eu sou uma voz gritando no deserto: 'Aplainem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías'.*" (grifo nosso)

Essa negativa de João Batista, de que ele não era Elias, é um prato cheio aos oposicionistas da reencarnação, que, absolutamente, não admitem que João seja Elias, em manifesto conflito com o que Jesus disse, ou seja, dão mais valor ao que diz João do que ao afirma Jesus.

Para quem tem um pouco de conhecimento do mecanismo da reencarnação, a explicação é fácil: embora tenhamos tudo gravado em nosso arquivo psíquico, que poderíamos chamar de memória integral, quando estamos encarnados não lembramos do que fomos em reencarnações anteriores, pois isso prejudicaria sobremaneira a nossa relação com os familiares e, possivelmente, até com vários membros da sociedade na qual vivemos. Razão tinha o amigo de Jó ao dizer-lhe "*somos de ontem e nada sabemos*" (Jó 8,9), embora em outro contexto.

É bom explicar que esse conhecimento é, algumas vezes, conseguido por certos indivíduos (geralmente são

crianças), que de alguma maneira têm acesso a essa memória integral e se lembram de alguns acontecimentos de suas vidas passadas. Kardec explicava que “O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança.” ([90])

Além disso, também, podemos mencionar a Terapia Regressiva de Vidas Passadas – TRVP, aplicada por muitos profissionais que estudam o comportamento humano. Pelo que alguns deles relatam estão conseguindo obter resultados positivos, onde, pela terapia convencional, nada se conseguiu. Então, podemos dizer que é a ciência que vem, aos poucos, é claro, confirmando a reencarnação como uma lei da natureza; portanto, divina.

O curioso é que se nós fôssemos perguntar por aí, aos amadurecidos pelo tempo: você se lembra do que lhe aconteceu quando tinha três anos de idade? É certo que a maioria das pessoas não saberia dizer nada; porém, disso é ilógico concluirmos que elas não existiram; não é mesmo? E talvez nem fosse necessário ir tanto atrás no tempo; basta querer saber o que fizemos há um mês, que já não nos lembramos. Portanto, usar essa negativa de João Batista não é um argumento forte para derrubar a convicção de que ele, anteriormente, viveu como Elias.

Ademais, insistimos, é fato inconteste que, quase todos nós, não nos lembramos de todos os acontecimentos da vida atual, que sabemos não estarem perdidos, mas totalmente arquivados no inconsciente, que, por um motivo ou outro,

90 KARDEC, 1999, p. 49.

poderão vir à tona. Então, nesse mesmo inconsciente, na memória integral da qual falamos, se encontram gravados todos os acontecimentos anteriores, adquiridos em nossas mil e uma reencarnações pregressas. Assim, como não podemos dizer que não vivemos nessa vida certa experiência porque, no momento, não nos lembramos dela, isso se aplica às nossas experiências em vidas anteriores, pelas quais nosso espírito vem aperfeiçoando-se moral e intelectualmente.

Sabemos ser um estudo modesto; inclusive, quase tudo o que aqui argumentamos, já o dissemos alhures; apenas mudamos a forma apresentá-los, para aumentar a possibilidade de se fazer sentir e perceber a clareza dos textos bíblicos. Porém, ainda haverá os sistemáticos, geralmente, dogmáticos, que não conseguirão ver nada de novo aqui que os leve a mudar de posição; a eles, só podemos dizer, ou melhor, repetir o que Jesus disse: "*Quem tem ouvidos, que ouça*". (Mateus, 11,15)

Alguns desses sistemáticos continuarão a argumentar que não acreditam na reencarnação porque na Bíblia não existe a palavra reencarnação, com o que, obviamente, concordaremos; entretanto, se a palavra não existe, a ideia de voltar a uma nova vida, lá se encontra; porém, somente para quem tem olhos de ver. E utilizando-nos desse mesmo tipo de argumento, podemos negar a **Trindade** porque também essa palavra não é encontrada nos textos bíblicos; nem por isso a grande maioria dos fiéis deixa de acreditar na sua existência. Ficamos empatados!

E, por derradeiro, é bom lembrarmos que Jesus, numa

certa feita, disse a seus discípulos: “*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar*”. (João 16,12), demonstrando que nem tudo ele poderia dizer, por faltar aos espíritos de encarnados naquela época, capacidade para entendê-lo. Não temos dúvida de que a reencarnação fazia parte desses ensinamentos, que seriam postergados para o futuro, até que aqueles espíritos (talvez até alguns de nós) reencarnados adquirissem entendimento suficiente para ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Aliás, para nós ela não é uma questão religiosa, mas puramente de ciência, uma vez que a reencarnação faz parte das leis naturais, que, mais dia menos dia, será provada cientificamente; aos que duvidam, diremos, como Kardec: “É inútil negar e zombar, como outrora foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu.” ([91])

E, finalizando, vamos deixar esta fala de Orígenes (185-253) para reflexão: “Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos.” ([92])

---

91 KARDEC, 1993j, p. 44.

92 ORÍGENES, 2004, p. 95.

A Trindade como invenção

> “O espírito tacanho, não raro, fossiliza-se nas suas ideias, que, geralmente, nem são *suas* – ao passo que o espírito largo evolve, progride, abandona opiniões antigas e menos exatas por outras, mais prováveis.” (HUBERTO ROHDEN)

Apresentamos alguns esclarecimentos a respeito da suposta referência à Trindade em Mateus;

Numa palestra sobre o tema “Reencarnação, evidências bíblicas e científicas”, citamos o passo de Mateus 28,19, com o qual os teólogos justificam a Trindade, composta, de Pai, Filho e Espírito Santo.

Como o tempo não permitia e o tema não comportava maiores explicações, não tivemos como entrar em detalhes. Porém, um amigo, que estava presente, pediu-nos maiores esclarecimentos enviando-nos o seguinte e-mail:

> Caro Paulo,
>
> Referentemente à nossa conversa na quarta-feira passada, favor esclarecer quais são as Entidades Espirituais mencionadas na frase abaixo:
>
> “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo…”
>
> Abçs e obrigado,
>
> Joel

Primeiramente, termos de esclarecer como atualmente a passagem é vista pelos exegetas e estudiosos, que não mais se submetem às peias dogmáticas impostas pelos teólogos de antanho, quando o inocente povo seguia-lhes as crenças, sob a pena de ser queimado numa fogueira.

Desenvolveremos este estudo em quatro pontos: 1º) comparando o passo de Mateus com o seu correspondente em Marcos; 2º) identificando em nome de quem se realizavam os batismos no cristianismo primitivo; 3º) o que a crítica textual diz sobre este texto e 4º) considerações sobre a expressão "Espírito Santo".

1º – comparando o passo de Mateus com o seu correspondente em Marcos:

Mateus 28	**Marcos 16**
18. Jesus, aproximando-se deles, falou: "Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra.	*nihil*
19. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, ***batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo****,*	*15. E disse-lhes: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura.*
nihil	*16.* ***Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado****".* (grifo nosso)
20. e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei a vocês. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!" (grifo nosso)	*nihil*

São orientações de Jesus, já ressuscitado, aos 11 discípulos. As referências completa das passagens estão em Marcos 16,14-18 e Mateus 28,16-28; no comparativo só tomamos o trecho que nos interessa.

Um leitor perspicaz achará muito estranho que, em Marcos, segundo os entendidos, que foi o primeiro Evangelho a ser escrito, não se fala absolutamente nada sobre batizar em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo e que, além disso, nos Evangelhos de Lucas e João não se faz a mínima referência sobre o que aqui se encontra nestes dois.

2º – identificando em nome de quem se realizavam os batismos no cristianismo primitivo:

Vejamos o que os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, em nota de rodapé, nos informam sobre Mateus 28,19:

> É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar **"no nome de Jesus"** (cf. At 1,5+; 2,38+). Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. […]. [93]() (grifo nosso).

Portanto, fica claro, que, no início do Cristianismo, se batizava apenas "**no nome de Jesus**", o que nos coloca diante de duas situações embaraçosas: Jesus não teria dito para batizar "**em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**", como é dito em Mateus; ou que os cristãos primitivos não

93 Bíblia de Jerusalém, p. 1758.

deram a menor bola para essa recomendação, na possibilidade dela ser verdadeira.

Outras passagens não mencionadas na *Bíblia de Jerusalém*:

> Atos 8,16: "*[...] mas somente haviam sido batizados* ***em nome de Jesus***." (grifo nosso)
>
> Atos 10,48: "*E determinou que fossem batizados* ***em nome de Jesus Cristo****. [...].*" (grifo nosso)
>
> Atos 19,5: "*Tendo ouvido isso, receberam o batismo* ***em nome do Senhor Jesus***." (grifo nosso)

A hipótese de Jesus não ter dito para que se batizasse "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", fica forte, porque não encontramos isso em Marcos, Lucas e João, e, conforme veremos, o passo de Mateus não existe em manuscritos antes do ano de 325, quando ocorreu o Concílio de Niceia.

3º – o que a crítica textual diz sobre este texto.

Vejamos que nem mesmo o texto de Marcos encontra apoio entre os próprios tradutores bíblicos para ser considerado epígrafe:

> Mc 16,1-8: A conclusão original do evangelho de Marcos é surpreendente e desconcertante, **a ponto de os escritores posteriores terem acrescentado um epílogo**, respaldado como canônico pela autoridade da Igreja. […]. ([94]) (grifo nosso)

94 Bíblia do Peregrino, p. 2446.

> Mc 16:9-20: **Estes versículos não aparecem em dois dos principais manuscritos do Novo Testamento**, embora estejam presentes num grande número de outros manuscritos e versões. Se eles não forem parte genuína do texto de Marcos, **o final abrupto do v. 8 deve-se, provavelmente, à perda dos versículos que formavam a conclusão original**. […]. ([95]) (grifo nosso)

> O trecho final de Mc (vv. 9-20) faz parte das Escrituras inspiradas; é tido como canônico. **Isso não significa necessariamente que foi escrito por Mc. De fato, põe-se em dúvida que este trecho pertença à redação do segundo evangelho**. – As dificuldades começam na tradição manuscrita. Muitos mss, entre eles o do Vat. e o Sin., omitem o final atual. […]. ([96]) (grifo nosso)

Mas vamos ao texto bíblico que nos interessa de forma mais particular que é Mateus 28,19. O que encontramos a respeito dele, sem estendermos muito, mas não deixando de passar a ideia, foi:

a) **David Flusser** (1917-2000), historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém:

> De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, mas já foi mostrado que a ordem para batizar e a **fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de**

95 A Bíblia Anotada, p. 1265.

96 Bíblia de Jerusalém, p. 1785.

Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia. O texto de Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discípulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. Parece que Eusébio encontrou essa forma do texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia. ([97]) Esse texto mais curto está completo e coerente. Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruíssem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. ([98]) (grifo nosso)

b) **Pepe Rodríguez**, jornalista:

[…] a Igreja, ao basear-se em Mt 28,19, para afirmar que é católica, “porque a missão que lhe foi atribuída por Cristo se refere à totalidade do género humano”, comete dois atropelos. Por um lado, **baseia-se num versículo que é uma interpolação, dado tratar-se de um versículo que foi posteriormente acrescentado ao texto original de Mateus**. […]. ([99]) (grifo nosso)

c) **Geza Vermes**, um dos maiores especialistas em

---

97 N.T.: Ver D. Flusser, “The Conclusion of Matthew in a New Jewish Christian Source”, *Annual of the Swedish Theological Institute,* vol. V, 1967, Leiden, 1967, pp. 110-20; Benjamin J. Hubbard, “The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning”, SBL*, Dissertation Series* 19, Montana, 1974. **Mais testemunho da conclusão não-trinitária de Mateus está preservado num texto copta** (ver E. Budge, *Miscelleaneous Coptic Texts,* Londres, 1915, pp. 58 e seguintes, 628 e 636), onde é descrita uma controvérsia entre Cirilo de Jerusalém e um monge herético. “E o patriarca Cirilo disse ao monge: 'Quem te mandou pregar essas coisas?' E o monge lhe disse: 'O Cristo disse: Ide a todo o mundo e pregai a todas as nações em Meu nome em cada lugar”. O texto é citado por Morcon Smith, *Clement of Alexandria and a Secret Cospel of Mark,* Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1973, p. 342-6.

98 FLUSSER, 2001, p. 156.

99 RODRÍGUEZ, 2007, p. 210.

história do cristianismo:

> […] Nos programas missionários anteriores, não houve questão quanto ao batismo, e menos ainda quanto a batizar nações inteiras. Além disso, **o batismo administrado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não tem precedente não só nos Evangelhos, mas também em qualquer lugar de todo o Novo Testamento**. A fórmula que ocorre em Atos dos Apóstolos é batismo "em nome de" Jesus (At 2,38; 8,16; 10,48; 19,5) e, em Paulo, batismo "em Cristo" (Rm 6,3; Gl 3,27). Fora de Mateus, a fórmula trinitária, Pai, Filho e Espírito Santo ocorre pela primeira vez no manual litúrgico da igreja primitiva intitulado Didaqué ou Instrução dos Doze Apóstolos, que é datado da primeira metade do século II d.C. **Tudo isso aponta para uma origem tardia de Mt 28,18-20**. […]. ([100]) (grifo nosso)

Estes três estudiosos são unânimes em considerar o passo Mt 28,19 como acréscimo posterior, o que significa que não consta dos manuscritos mais antigos. Isso é mais uma prova de que Jesus jamais disse tal coisa. Poderíamos citar vários outros, pois temos uma lista com vinte e nove outras fontes ([101]); não o fazemos para que o presente texto fique o mais enxuto possível.

4 – considerações sobre a expressão "Espírito Santo":

Não podemos deixar de registrar que o personagem designado pelos teólogos de "Espírito Santo" não aparece em nenhum texto do Antigo Testamento, o que, para nós, já é um

---

100 VERMES, 2006a, p. 377-378.

101 http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_Uma-Colecao-de-Explicacoes-sobre-a-Expressao-Tradicional-de-Mateus-28,19.pdf

forte indício de que se trata de uma invenção posterior. Se, como querem alguns, ele é o próprio Deus, por que razão dessa completa omissão? Por que motivo não vemos os profetas citando-o, como seria de se esperar, caso existisse de fato?

Carlos Torres Pastorino, em sua obra *Sabedoria do Evangelho*, fez um profundo estudo sobre o uso da expressão *pneuma hagion* (Espírito Santo). Formou-se em Filosofia e Teologia em 1932, sendo ordenado sacerdote em 1934. Em 1937, ante a recusa do Papa Pio XI em receber o Mahatma Gandhi em seu traje habitual, decidiu abandonar a batina [...]. ([102])

Eis o resumo do que ele conseguiu levantar:

PNEUMA HAGION							
Em grego	Tradução	Mat.	Marc.	Luc.		João	
		EV	EV	EV	AT	EV	totais
tò pneuma tò hágion (1)	o Espírito o santo	1	3	2	15		21
pneuma hágion (indefinido, sem artigo)	um espírito santo	3	1	7	17	1	29
tò hágion pneuma (2)	o santo Espírito (inversão)			2	7		9
tò pneuma	o espírito	4	2	2	11	10	29
pneuma (indefinido, sem artigo)	um espírito	3		2	4	6	15
	Totais	11	6	15	54	17	103
(1) Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26). (2) Mat. 28:19, num versículo indiscutivelmente apócrifo.							
PASTORINO, C. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 5º*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964e, p. 97-98.							

Portanto, a questão “o Espírito Santo” é muito mais complexa do que aparenta, deixando-nos em sérias dúvidas quanto a seus exatos termos, bem como, ao próprio significado

102 WIKIPÉDIA: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Torres_Pastorino

dessa expressão, por conta das tantas mudanças ocorridas nos textos bíblicos, visando apoiar os dogmas instituídos.

Pastorino aponta 103 ocorrências para a expressão "*Pneuma hagion*"; em nenhuma delas ele identificou o que querem que entendemos dela, ou seja, como sendo "o Espírito Santo", uma das três "pessoas" que compõem a Trindade. Observe, caro leitor, que ele também é da opinião de que Mt 28,19 se trata de um versículo apócrifo.

Dito tudo isso, podemos responder ao nosso amigo que as Entidades mencionadas no passo de Mateus são três personagens totalmente distintos: Deus, que está acima de todos, o Incriado; Jesus, um dos seus mensageiros que veio à Terra, filho de Deus como todos nós o somos e, finalmente, um Espírito Santo, ou seja, um Espírito Puro, que é diferente de Jesus, mas que também cumpria a vontade de Deus em determinadas situações, que, infelizmente, e dada a ignorância humana, foi confundido como se fosse a própria divindade.

Portanto, está claro, que, por serem distintos um do outro, cada um é cada um, nada de "três em um", como acontece com determinados aparelhos eletrônicos. Resumindo: não há Trindade! Ela é apenas uma criação do Catolicismo e seus derivativos, inclusive os evangélicos, tomada, obviamente, da cultura de povos ditos pagãos. Recomendamos o nosso estudo "Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos", disponível em nosso site www.paulosnetos.net ([103])

---

103 NETO SOBRINHO, Trindade: um mistério criado por um leito, anuído pelos teólogos: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/200-trindade-o-mistrio-criado-por-um-leigo-anudo-pelos-telogos

Adão e Eva: o primeiro casal?

> “O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências.” (ALLAN KARDEC)

Nas questões bíblicas sempre fomos instruídos a não questionar, pois, segundo nos faziam crer, o questionamento da “Palavra de Deus” era algo que, além de ser fora de propósito aos seres humanos, também era uma espécie de ofensa à divindade. Aceitávamos tais “verdades”, sem nos dar conta de que se Deus nos deu a inteligência, certamente esperando que nós a usemos em plenitude.

Vejamos o seguinte relato bíblico:

> Gênesis 4,1-25: “*O homem se uniu a **Eva**, sua mulher, e ela concebeu e **deu à luz Caim**. E disse: 'Adquiri um homem com a ajuda de Javé'. Depois ela também **deu à luz Abel**, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo. Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. **Javé gostou de Abel e de sua oferta, e não gostou de Caim e da oferta dele**. Caim ficou então muito enfurecido e andava de cabeça baixa. [...] Caim disse a seu irmão Abel: 'Vamos sair'. E quando estavam no campo, **Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou**. Então Javé perguntou a*

> *Caim: 'Onde está o seu irmão Abel?' Caim respondeu: 'Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?' Javé disse: 'O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão. Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto. Você andará errante e perdido pelo mundo'.* ***Caim disse a Javé****: 'Minha culpa é grave e me atormenta. Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti,* ***andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará****'. Javé lhe respondeu: 'Quem matar Caim será vingado sete vezes'.* ***E Javé colocou um sinal sobre Caim, a fim de que ele não fosse morto por quem o encontrasse****. Caim saiu da presença de Javé, e* ***habitou na terra de Nod****, a leste de Éden.* ***Caim se uniu à sua mulher****, que concebeu e deu à luz Henoc.* ***Caim construiu uma cidade****, e deu à cidade o nome de seu filho Henoc. [...]* ***Adão se uniu à sua mulher; ela deu então à luz um filho, e lhe deu o nome de Set****, dizendo: 'Deus me concedeu outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou'.*" (grifo nosso)

Então, resumidamente, aqui temos: Caim mata Abel e, apesar de sobrarem ele e os seus pais – Adão e Eva –, ele vai para a região de Nod, casa e, ainda se não bastasse, funda uma cidade. Deus concorda com Caim sobre a existência de outras pessoas, porquanto lhe põe um sinal para que ninguém que o encontrasse o matasse. Moral da história: Adão e Eva não foi o primeiro casal, levando-se em conta tudo isso.

Poucos tradutores tiveram a coragem de falar sobre isso; encontramos algo somente na Bíblia Barsa e na Bíblia de Jerusalém:

> v. 14. A Bíblia apenas narra os acontecimentos mais importantes, de modo que **muitos anos já se deveriam ter passado**, tanto que Caim teme a vingança de algum dos outros membros de sua família, então já numerosos e adultos.
>
> v. 17. Sua mulher que era também sua irmã. Permitiu Deus estes casamentos só no início da humanidade. **Edificou uma cidade, i.e. Umas poucas casas, naturalmente as de seus filhos casados**, e protegidas por muralhas ou outros meios de defesa, em oposição aos outros irmãos que, provavelmente, continuavam a vida nômade. ([104]) (grifo nosso)

Muitos anos já se deveriam ter passado?! Como, se o próximo filho do suposto primeiro casal nasceu quando Adão tinha 130 anos (Gênesis 5,3)!? Veja, caro leitor, que as explicações sempre extrapolam o que o texto informa.

> Nesse capítulo, o relato (vv. 1-16), assim como as genealogias (vv. 17-26), pertencem às tradições javistas. **O relato supõe uma civilização um pouco evoluída**: no domínio religioso, um culto com oferta de produtos (talvez as primícias) do solo e dos primogênitos do rebanho (vv. 3-4). **Supõe-se também a existência de homens que poderiam matar Caim e outros que poderiam vingá-lo (vv 14-15**). Este relato pode se relacionar de início não aos filhos do primeiro homem, mas ao antepassado epônimo dos quenitas (cainitas: cf. Nm 24,21+). Reportado às origens da humanidade, ele recebe um aspecto geral: de um lado, Caim e Abel estão na origem de dois modos de vida, o agricultor sedentário e o pastor nômade; de outro lado, esses dois irmãos personificam a luta do Homem contra o Homem. Ao lado da revolta do homem contra Deus, há também a

104 Bíblia Sagrada – Barsa, p. 4.

> violência do “irmão” contra seu “irmão”. O duplo mandamento de amor (Mt 22,40), mostrará as exigências fundamentais com a vontade de Deus. ([105]) (grifo nosso)

O que não conseguimos entender é: se têm a Bíblia como a Palavra de Deus, por que, em alguns casos, os seus textos não a representam, especialmente, aqueles que ferem todo o bom senso e a lógica, numa evidente contradição?

Não deixa também de ser curioso o fato de que, no capítulo seguinte (Gênesis 5), quando fala dos descendentes de Adão, não foram listados os seus dois primeiros filhos – Caim e Abel:

> Gênesis 5,1-5: “*Lista dos descendentes de Adão: Quando Deus criou Adão, ele o fez à semelhança de Deus. Homem e mulher ele os criou, os abençoou e lhes deu o nome de ‘Homem’, no mesmo dia em que foram criados. Quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança e imagem, e lhe deu o nome de Set. O tempo que Adão viveu, depois do nascimento de Set, foi de oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu.*”

Silêncio sepulcral!

Leiamos, agora, as considerações que Allan Kardec fez sobre os fatos dessa narrativa:

> 25. Se nos apegarmos à letra da Gênese, eis as

105 Bíblia de Jerusalém, p. 39.

consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo-se Caim retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Seth, depois de cujo nascimento, ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando, pois, Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, sozinho, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde pudera ele desposá-la? O texto hebreu diz: *Ele estava construindo cidade* e não: *ele construiu*, o que indica ação presente e não ulterior. Mas, uma cidade pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Dessa própria narrativa, portanto, se tem de inferir que a região era povoada. Ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim.

Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre matar-me-á”, e da resposta que Deus lhe deu. Quem poderia ele temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo de ser morto, uma vez que ele a ninguém iria encontrar? **Ora, se havia na Terra outros homens afora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, donde se deduz esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênese: Adão não é nem o primeiro, nem o único**

> **pai do gênero humano**. (Cap. XI, nº 34.) ([106]) (grifo nosso)

O que Kardec disse é tudo o que se pode retirar dos textos bíblicos, sem nenhum tipo de extrapolação ou justificativa para os fatos contraditórios. Questionando os espíritos sobre a criação do homem, obteve respostas elucidativas, entre as quais destacamos:

> **Povoamento da Terra. Adão**
>
> 50. *A espécie humana começou por um único homem?*
>
> "Não; aquele a quem chamais **Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra**."
>
> 51. *Poderemos saber em que época viveu Adão?*
>
> "Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo."
>
> **O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo**, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.
>
> […].

106 KARDEC, 2007e, p. 292-293.

> 53. *O homem surgiu em muitos pontos do globo?*
>
> "**Sim e em épocas várias,** o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram."
>
> a) - *Estas diferenças constituem espécies distintas?*
>
> "Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que elas deixem de formar uma só espécie?" ([107]) (grifo nosso)

Obviamente, que por raças devemos entender etnias, uma vez que a ciência passou a utilizar esse novo parâmetro para denominar as diferentes características dos seres humanos.

E, um pouco mais à frente, Kardec, tratando das "Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação" a certo ponto diz:

> **A questão de ter sido Adão, como primeiro homem, a origem exclusiva da Humanidade, não é a única a cujo respeito as crenças religiosas tiveram que se modificar**. O movimento da Terra pareceu, em determinada época, tão em oposição às letras sagradas, que não houve gênero de perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto, e, no entanto, a Terra gira, mau grado aos anátemas, não podendo ninguém hoje contestá-lo, sem agravo à sua própria razão. ([108]) (grifo nosso)

---

107 KARDEC, 2007a, p. 83-84.
108 KARDEC, 2007a, p. 87.

A sua afirmativa de que Adão como primeiro homem foi algo que as religiões tiveram que se modificar, infelizmente, ainda não aconteceu, porquanto, ainda o fanatismo religioso impera em alguns deles, o que faz com que os seus fiéis rejeitem a Ciência para ficarem com a literalidade dos textos bíblicos. Deixemo-los a cargo de Chronos que, certamente, se encarregará de fazer com que modifiquem suas crenças.

Afinal, Deus proibiu de se evocar os mortos?

> *"Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele."* (Lucas 20,38)

Entre os opositores do Espiritismo o difícil é encontrar um que não cite a já surrada alegação de que a evocação ou consulta aos mortos é algo proibido por Deus. Alguns chegam ao disparate de declarar que a proibição está em "toda" a Bíblia, quando, a bem da verdade, encontramos só uma única passagem, para sermos bem redundantes, em que ela supostamente existe. Ela se encontra no livro Deuteronômio, atribuído a Moisés, cujo teor é:

> Deuteronômio 18,9-12: "*Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; [...].*" ([109])

Confessamos que até hoje não conseguimos entender bem essa história, pois parece-nos muitíssimo estranho que

---

109 Usamos aqui a versão da Bíblia Sheed, ed. Vida Nova e SBB, todas outras citações bíblicas serão da Bíblia Sagrada – Pastoral.

Deus tenha criado uma só lei que viesse a Lhe causar abominação, ou seja, repulsa ou aversão a ela. Sim, porque, se os mortos se comunicam, é pelo óbvio motivo de Deus ter criado uma lei para que o intercâmbio entre os dois planos de vida pudesse acontecer, pormenor que a grande maioria dos crentes não se dá conta.

Por outro lado, os que dizem seguir, fielmente, as Escrituras, sejam eles de qualquer denominação religiosa, quando afirmam que os mortos não se comunicam, caem em contradição, uma vez que, por força da lógica, teriam também que admitir, para justificar o que pensam, que Deus tenha proibido algo que não acontece em circunstância alguma; portanto, a própria proibição bíblica, na qual se apoiam, é prova inconteste de que os mortos se comunicam, sob pena de se ter que aceitar que Deus criou algo errado ou que, posteriormente, não tenha gostado e por isso teve que proibir.

Desse modo, podemos então ver que a proibição não se ligava ao fato em si, mas ao motivo pelo qual a faziam; caso não seja, resta-nos ventilar mais outros dois motivos: ou é uma proibição de Moisés ou é uma coisa que nada tem a ver com o que pensam dela. Vamos analisá-los, um pouco mais à frente, pela ordem inversa, ou seja, do último para o primeiro.

Como veremos há sério problema nas traduções bíblicas, que são tão divergentes que se causa uma enorme dificuldade para se descobrir a verdade, porquanto, deixa a maioria de nós, os estudiosos, completamente perdidos em saber o que, na realidade, se estava proibindo, pois alguns tradutores contaminaram os textos bíblicos com opiniões pessoais ou com

dogmas de sua igreja; fora, a questão, aliás, natural, de divergência no entendimento de cada um deles.

Listaremos as Bíblias que temos em nossas mãos, ou seja, fazem parte de nosso acerto particular, para mostrar as "traduções" do versículo 11 do Deuteronômio, o que dará uma boa ideia da bagunça que fizeram:

> a) Bíblia de Jerusalém: "*ou que pratique encantamentos, que **interrogue espíritos ou adivinhos**, ou ainda que invoque os mortos;*" (grifo nosso)
>
> b) Bíblia – Ave-Maria: "*à magia, ao **Espiritismo**, à adivinhação ou à evocação dos mortos*;" (grifo nosso)
>
> c) Bíblia – Ed. Vozes: "*nem que se dê à magia, consulte **médiuns**, interrogue espíritos ou evoque os mortos."* (grifo nosso)
>
> d) Bíblia – SBB: "*nem encantador de encantamentos, nem quem **consulte um espírito adivinhante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*;" (grifo nosso)
>
> e) Bíblia Shedd: "*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos:"* (grifo nosso)
>
> f) Bíblia – SBTB: "*nem encantador, nem quem **consulte a um espírito adivinhador**, nem mágico, nem quem consulte os mortos;"* (grifo nosso)
>
> g) Bíblia – Mundo Cristão: "*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos;"* (grifo nosso)
>
> h) Bíblia – Paulinas (1957): "*nem quem seja encantador, nem quem **consulte os pitões** ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade*." (grifo nosso)
>
> i) Bíblias – Paulinas (1977 e 1980): "n*em quem seja*

encantador, nem quem ***consulte os nigromantes,*** *ou adivinhos, ou indique dos mortos a verdade*;" (grifo nosso)

j) Bíblia – Santuário: "*ao feiticismo, ao* ***espiritismo****, aos sortilégios ou à evocação dos mortos*." (grifo nosso)

k) Bíblia – Barsa: "*ou encantador, nem quem* ***consulte Piton*** *ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade*." (grifo nosso)

l) Tradução Novo Mundo: "*ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um* ***médium espírita,*** *ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos*." (grifo nosso)

m) Bíblia do Peregrino: "*nem feiticeiros, nem encantadores, nem* ***espiritistas****, nem adivinhos, nem necromantes*." (grifo nosso)

Algo que é preciso esclarecer, para que você, caro leitor, fique bem informado, é que as palavras "Espiritismo", "Espiritistas", "Médiuns" e "Médium espírita", que aparecem nessas traduções, sempre reputadas como totalmente "fiéis aos originais da Bíblia", em substituição à palavra necromancia, sequer existiam naquela época.

A nosso ver, isso só aconteceu por vergonhosa adulteração dos textos bíblicos, porquanto estes termos são neologismos criados por Kardec, quando da publicação da obra *O Livro dos Espíritos*, fato que ocorreu em 18.04.1857. Acreditamos que, além disso, estes termos não devem existir em aramaico, hebraico e grego, línguas em que foram escritos os textos bíblicos.

Mas, vamos apimentar mais um pouquinho. Consultando

a Internet ([110]), para ver como esse versículo consta da **Vulgata**, encontramos:

> "nec incantator, nec qui pythones consulat nec divinos, aut quaerat a mortuis veritatem;"
>
> Tradução ([111]): "*Nem encantador, nem que **consulte serpentes ou adivinhos**, ou busque a verdade, através dos mortos*". (grifo nosso)

E aí, caro leitor, não vamos nos dirigir a quem ou a quê??? Particularmente, arriscamos a dizer que se tratava mesmo é da necromancia, nada mais que isso. E necromancia, segundo dicionário bíblico, significa: "meio de adivinhação interrogando um morto" ([112]). Era praticada pelos babilônicos, pelos egípcios, pelos gregos e pelos cananeus, povos estes que, como todos sabemos, os hebreus tiveram contato e por isso absorveram algumas coisas de suas culturas, como é, e sempre foi, perfeitamente natural nas relações entre os agrupamentos sociais da humanidade terrena.

É oportuno transcrevemos o teor constante da obra *O Céu e o Inferno*, que julgamos tratar-se da tradução de Le Maître de Sacy, uma vez que foi ela que Kardec tomou para colocar os textos bíblicos em O *Evangelho Segundo o Espiritismo* ([113]): "que consulte os que têm o Espírito de Piton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a

---

110 http://www.bibliacatolica.com.br/09/5/18.php, acesso em 26.09.2009, às 15:35hs.

111 Tradutor: Pedro Bezerra de Araújo (paieutica@ig.com.br), em 29.09.2009.

112 MONLOUBOU, L. e DU BUIT, 1997, p. 556.

113 KARDEC, 2007c, p. 26.

verdade". ([114]).

Essa versão de Sacy confirma que a proibição teve mesmo como objetivo a consulta aos mortos somente para fins de adivinhação e não as consultas aos desencarnados de forma indiscriminada como querem, algumas vezes, fazer crer os dogmáticos.

Na análise de três justificativas possíveis para a proibição: 1ª) a proibição se refere a uma outra coisa; 2ª) a proibição é de Moisés, não de Deus e 3ª) proibição tem um motivo. Vejamos o que poderemos deduzir de cada uma delas.

1) A proibição se refere a uma outra coisa

No passo em questão, tudo quanto se está proibindo foi resumido no versículo 14, que, por razões óbvias, nunca é citado pelos nossos contraditores, no qual se lê:

> *"Porque estas nações que hás de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores*;"

Portanto, a proibição, incontestavelmente, se refere a qualquer prática visando ter o conhecimento de fatos futuros; o que pode muito bem ser confirmado em Levítico:

> "*Não se dirijam aos necromantes, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês*" (Levítico 19,31).

Assim, cai por terra a proibição de se consultar os mortos, uma vez que, nesses dois passos – Deuteronômio

---

114 KARDEC, A. 1995, p. 156.

18,14, que resume o que consta de 9 a 12, e Levítico 19,31 –, já não mais se fala nela e nos quais se vê claramente que a proibição da utilização do meio ou instrumento (necromante ou adivinho) tem a finalidade apenas de evitar ser atingida a finalidade, no caso, a especulação do futuro.

A impressão que se tem da frase "*Eu sou Javé, o Deus de vocês*", no final do versículo, é que a determinação era para evitar que tivessem outros deuses, fato bem provável, porquanto a ideia do Deus único estava, naquela época, sendo imposta a eles por Moisés, seu líder político e também religioso.

Temos, em Deuteronômio 18, duas citações específicas em relação aos mortos; a primeira, visa a consulta ao necromante, que era uma pessoa que praticava a necromancia. Ora, a necromancia, é, justamente, a prática de adivinhação através dos mortos; realmente, fazer isso é algo "abominável" mesmo; a segunda, trata-se de quem consultava aos mortos, ou seja, fazia tal coisa diretamente sem utilizar-se de outra pessoa, já que, nesse caso, o próprio consulente passaria a ser o necromante.

Portanto, não podemos generalizar para todos os casos e situações de evocação dos mortos, pois, em sã consciência, sabemos que não são necessariamente todas elas que estariam relacionadas a ter o conhecimento de fatos futuros; porém, mesmo em casos como este, dependendo da situação e em casos excepcionais, acreditamos não haver impedimento justificável, como por exemplo: salvar uma vida humana; evitar alguma tragédia, etc.

No livro Levítico, vemos as consequências e penalidades

estabelecidas por Moisés, aos que desobedeciam a essa determinação; é nele que iremos ter a confirmação irrefutável de que se condenava, tão somente, o que consta no versículo citado (Deuteronômio 18,14), que como já dissemos resume o teor dos versículos 9 a 12; leiamos:

> Levítico 20,6: "*Quem recorrer aos **necromantes e adivinhos**, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e **o eliminarei** do seu povo*." (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*O homem ou mulher que pratica **a necromancia ou adivinhação**, é réu de morte. Será **apedrejado**, e o seu sangue cairá sobre ele*." (grifo nosso)

Se a consulta aos mortos fosse mesmo algo condenado, como pensam que é, por qual motivo ela não se encontra citada nesses dois passos, em que se estabelece a penalidade para os eventuais infratores? Simples: é porque, na verdade, não estava condenando a consulta aos mortos em si, mas, no máximo, em função da finalidade que se fazia isso, conforme já o dissemos.

Uma outra hipótese, que nos ocorre, seria a possibilidade do Deuteronômio 18, não ter previsto essa condenação, e que tenha sido colocada posteriormente por algum líder religioso interessado em controlar mais os seus fiéis. Se tivesse ocorrido isso, o passo seria assim:

> "*Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem*

> *adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; [...]*."

E para que fique bem clara a nossa ideia, talvez, para alguns, meio ou toda maluca, explicamos que suprimimos o trecho: "*nem quem consulte os mortos*". E, diga-se de passagem, é o único passo bíblico que tem isso, embora às vezes digam o contrário.

A possibilidade disso ter acontecido é ainda maior quando percebemos, pelo contexto, que, se já se proibia a necromancia, não havia sentido algum em se proibir também a comunicação com os mortos, pois a necromancia consistia exatamente nesse intercâmbio com o fim de adivinhação, que era o objetivo de toda a proibição em análise.

Outros acontecimentos, com o povo judeu, reforçarão ainda mais a questão.

Antes da divisão de Israel em dois reinos, Judá – reino do Sul e Israel – reino do Norte, Saul, filho de Cis, foi o primeiro rei de Israel, que reinou de 1.050 a 1.010 a.C.; nesse tempo ele expulsou do país **os necromantes e adivinhos** (1 Samuel 28,3). (grifo nosso)

Podemos citar Manassés, 14º rei de Judá, que reinou de 687 a 646 a.C., cujo governo, em termos religiosos, foi um desastre, porque, segundo relatado no livro de Reis, havia imitado as nações pagãs, inclusive, entre as abominações praticadas por ele, consta que "*sacrificou seu filho no fogo; praticou adivinhação e magia, estabelecendo* ***necromantes e***

adivinhos" (2 Reis 21,1-6). (grifo nosso)

Pouco tempo depois, Josias, o 16º rei de Judá, reinando de 640 a 609 a.C., colocou a casa em ordem e "*eliminou também* ***os necromantes, os adivinhos***" (2 Reis 23,24). Nessa mesma época, encontramos o profeta Jeremias, que advertia "*não façam caso de seus profetas e* ***adivinhos****, intérpretes de sonhos, feiticeiros e magos*" (Jeremias 27,9), em se referindo à Babilônia.

Desses acontecimentos, nos quais mencionamos três reis dos hebreus, o que se observa é que não há a menor referência à consulta dos mortos, mas somente aos necromantes. Assim, fica cada vez mais claro, pelo menos para nós, que a preocupação de Moisés sempre foi com a adivinhação, nas várias formas que a praticavam.

Mas, se tanto se preocupavam em combater as práticas pagãs, como eles mesmos faziam coisas próprias de povos pagãos, como é o caso, por exemplo, de sacrifícios de animais, conforme Juízes 20,26?: "*Então todos os israelitas foram a Betel com o povo, choraram aí sentados diante de Javé. Jejuaram nesse dia até a tarde,* ***ofereceram a Javé holocaustos e sacrifícios de comunhão****, e depois consultaram a Javé. [...].*" Ademais, nas suas leis ritualísticas, previam-se vários tipos de sacrifícios de animais.

2) A proibição é de Moisés, não de Deus

Sabemos que, junto com as leis divinas, Moisés instituiu muitas outras de caráter social e as relativas à organização das práticas religiosas de seu povo. Uma boa amostra disso é a que

manda os pais levarem à porta da cidade o filho rebelde para ser apedrejado até a morte (Deuteronômio 21,18-21); fora outras situações em que ele estabeleceu a pena de morte, contrariando, assim, o "*Não matarás*" (Êxodo 20,13; Deuteronômio 5,17); era, seguramente, legislação que visava regular as relações sociais, modificadas no decorrer do tempo; não por mudança de Deus, mas por mudança do entendimento do próprio homem; tanto é, que hoje não mais se aplicam tais leis, pois só o que vem do homem é transitório e, portanto, no caso dessas leis, não provém de Deus.

Uma coisa interessante que aqui vale mencionar é que os que exigem que cumpramos o Deuteronômio 18,9-12, quanto à comunicação com os mortos, não fazem a mínima questão de cumprir o Deuteronômio 21,18-21, que manda apedrejar o filho rebelde, num flagrante "dois pesos, duas medidas". Haja incoerência (ou hipocrisia?)!

Um detalhe importante, que nos dá a absoluta certeza de que a legislação divina era somente a dos dez mandamentos, e chamamos a atenção para o fato de que neles não consta a proibição de consultar os mortos, é quando vemos Moisés colocando somente dentro da Arca da Aliança as duas tábuas de pedra que os continham (Deuteronômio 10,5). Ora, esse receptáculo (Arca) foi feito exclusivamente para nele se colocar a lei emanada de Deus, seguindo Sua determinação direta. Assim, ao colocar apenas as duas tábuas dentro da arca, o próprio Moisés reconhece que a única lei provinda de Deus é a que nelas está contida, isto é, a dos Dez Mandamentos, pois as demais, impostas por Moisés, foram por ele colocadas fora da Arca (Deuteronômio 31,26), numa evidente demonstração

da superioridade da primeira, em relação às demais, já que nem ele próprio ousou guardar estas dentro da Arca, consciente de que não provinham mesmo de Deus; além da obediência à determinação de Deus, que é em relação à lei Dele emanada. Entretanto, para fazer cumprir as demais leis não tinha outra opção senão a de dizer que fora Deus quem o ordenara a implantá-las, atitude que compreendemos, dada a singularidade da época e da cultura do povo hebreu, que só não oferecia resistência àquilo que considerava de origem divina.

Quando se diz que irão ser eliminados os necromantes e adivinhos (Levítico 20,6) ou apedrejados os que praticam a necromancia (Levítico 20,27), conforme já citamos, podemos, por isso, também ter a confirmação de não se tratar mesmo de lei divina, uma vez que é inadmissível Deus contrariar Sua própria determinação – *Não matarás* (Êxodo 20,13; Deuteronômio 5,17), pois não O podemos ver agindo da forma "faça o que eu digo, mas não o que faço", como fazemos nós, criaturas imperfeitas.

Outro fator que nos vem em reforço é que, se essa determinação fosse mesmo de procedência divina, como os Dez Mandamentos são considerados, não teriam a coragem de adulterá-la. Como isso??? Explicamos: é que, conforme já vimos, em algumas traduções bíblicas encontramos, no lugar da palavra necromante, as palavras: **Espiritismo**, **espiritistas**, **médiuns** e **médiuns espíritas**, que só aparecem em dicionários, após abril de 1857; portanto, são termos que não poderiam constar de nenhum texto bíblico, a não ser por deliberada e intencional adulteração, objetivando,

lamentavelmente, atingir a crença dos espíritas.

3) A proibição tem um motivo

Eis uma boa pergunta: por qual motivo Moisés proibiu ao povo de consultar os mortos? Sugerimos a hipótese de ele querer ter o controle dessa prática, porquanto o povo, não sabendo separar as coisas, tinha os espíritos como deuses. E sendo o seu objetivo a implantação da ideia de um Deus único, não poderia permitir qualquer tipo de concorrência.

No princípio, somente Moisés consultava a Deus, razão pela qual todos que queriam algo neste sentido se dirigiam a ele (Êxodo 33,7-11); porém, mais tarde, atribuiu essa tarefa aos sacerdotes.

Não tivemos como saber, pelos textos bíblicos, a forma pela qual Moisés consultava a Deus; porém, quanto aos sacerdotes, isso nos ficou claro.

O "direito" de consultar a Deus cabia aos sacerdotes que, entre seu vestuário ritualístico, possuía um faixa denominada de peitoral do julgamento ou do juízo; era uma peça dobrada pelo meio, formando uma espécie de sacolinha, na qual se guardavam as duas pedras sagradas: urim e tumim (Êxodo 28,30), chamadas ainda de "sortes da verdade" (Eclesiástico 45,6); era com elas que eles, os sacerdotes, faziam as suas consultas à divindade. Exemplificamos com esta passagem:

> Números 27,21: *"Então Josué se apresentará ao* ***sacerdote Eleazar, que consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio do urim.*** *Toda a*

> *comunidade, tanto Josué como os filhos de Israel, agirá conforme o oráculo*.” (grifo nosso)

Esse ofício provavelmente também era praticado pelos profetas (2 Reis 3,10-12). E lemos em 1 Samuel sobre eles que:

> 1 Samuel 9,9: “*Em Israel, antigamente,* ***quando alguém ia consultar a Deus****, costumava dizer:* '***Vamos ao vidente***'*. Porque, em lugar de* '*profeta*'*, como se diz hoje, dizia-se* '*vidente*'.” (grifo nosso)

Se fossemos atualizar a palavra profeta, como se fez no passo, diríamos algo assim: antigamente quando iam consultar os espíritos, dizia-se: vamos ao vidente; hoje já dizem: vamos ao médium.

Entretanto, cabe-nos informar que, por coisas mais bobas, iam à procura do vidente para que as resolvesse, como é o caso de Saul, indo ao profeta Samuel para que ele pudesse dizer onde poderia encontrar as jumentas pertencentes a Cis, seu pai, que haviam se extraviado, conforme narrado em 1 Samuel 9,3-5.

Assim, vemos que as consultas a Deus eram feitas como um autêntico “cara ou coroa”, pois, de acordo com a forma pela qual caíam essas pedras, urim e tumim, depois de lançadas, seria para eles a resposta de um sim ou um não. Achamos isso interessante e ficamos a comparar os fatos e pensamos se não seria esse o tipo de atitude que deveria ser objeto da proibição e não o diálogo com os mortos.

Em Isaías há uma passagem com grande possibilidade de falar de consulta aos mortos, caso saiamos da confusão que

se faz na sua interpretação, inclusive, alguns tiram, por mais incoerente que seja, mais uma "condenação" à comunicação com os mortos. Vejamo-la:

> Isaías 8,19-20: *"Quando disserem a vocês: 'Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso,* ***um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?****', comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles."* (grifo nosso)

Fazemos questão de trazer uma explicação constante na Bíblia Barsa:

> v. 19. Reprova Deus aqui claramente toda e qualquer consulta aos mortos quer através de adivinhos quer de médiuns quer de qualquer outra superstição. **Esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T., foi ratificada no N.T**." ([115]) (grifo nosso)

Reprovação???!!! Somente quando se quer deturpar o sentido do enunciado. Aqui o que se diz sobre não haver aurora é pelo fato de não dizerem daquela maneira, e não pelo fato de consultarem os espíritos; presumimos que se está falando dos mortos.

Nessa questão de interpretação bíblica chega-se, muitas vezes, às raias do ridículo; leiamos:

> Oseias 3,1: "*Disse-me o Senhor: Vai outra vez,* ***ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera****,*

115 Bíblia Sagrada – Barsa, p. 581.

> *como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses, e amem passas de uvas*." (grifo nosso)

Um pastor, justificando ter mantido relações sexuais com uma mulher casada, usou dessa passagem, onde ele leu: "Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e ADULTERA como o Senhor [...]." ([116]). O pobre pastor interpretou "adúltera" como se fosse uma ordem de adulterar e, literalmente, partiu para cima da mulher de seu amigo, corno consentido. Não é diferente o que vemos por aí em termos de "interpretação" bíblica.

E mais: a afirmação de que "esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T, foi ratificada no N.T", é puro delírio do tradutor autor da nota; isso só existe na cabeça de fundamentalista; é uma pena que não tenha tido a capacidade de citar os passos onde se apoiou para dizer isso, porquanto, iríamos analisá-los um a um.

Se Isaías estava certo de que iram questionar se não poderiam "consultar os mortos a favor dos vivos", é porque tais práticas existiam à sua época; portanto, mais uma prova bíblica de que isso fazia parte do costume dos hebreus. E se, como disse Isaías, os egípcios invocavam os mortos (Isaías 19,3), esse fato é mais uma forte razão para aceitarmos que os hebreus também faziam isso, pois é pura ingenuidade pensar que um povo subjugado a outro, no território deste, por 430 anos (Êxodo 12,40), sairia dessa situação com sua cultura

---

116 Link: http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL698096-15605,00.html, acesso em 28.09.2009, às 20hs.

totalmente ilesa da influência cultural dos seus dominadores.

Na Bíblia Sagrada – Ave-Maria o versículo 19 consta "*Consultar os seus deuses*", a respeito do que explicam: "v. 19. *Seus deuses*. Os espíritos dos antepassados" ([117]), o que prova o que havíamos dito anteriormente sobre considerarem os espíritos como deuses. Em 1Sm 28,14, vemos repetir-se isso, ao constar em algumas traduções "vejo um deus" e não "vejo um espírito", ao se referir ao espírito Samuel que se apresentava a Saul.

Disso fizemos uma ligação com uma outra passagem, onde se poderá, provavelmente, estar falando de algo parecido; leiamos:

> Jó 8,8-10: "*Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto,* ***vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles****"*. (grifo nosso)

A conclusão que tiramos foi de que: se não tinham livros para saber das experiências dos antepassados, então não havia outra maneira de acontecer o "vão instruí-lo e falar a você" senão o fazendo pessoalmente, ou seja, apresentar-se-iam em espírito para fazerem tal coisa.

Estamos ainda tratando de possibilidades; entretanto, temos algo concreto em que nos apoiar para comprovar que, conforme os relatos bíblicos, os mortos se comunicam. São dois fatos bem reais narrados na Bíblia, que somente por muito

117 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 950.

esforço exegético se nega a ocorrência disso.

Por mais paradoxal que seja, temos uma mentira na qual consta uma verdade; veja esse passo:

> 1 Crônicas 10,13: "***Saul morreu*** *por ter sido infiel a Javé:* ***não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos****, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé."* (grifo nosso)

Bom; a mentira é que Saul não morreu porque foi consultar os mortos, mas apenas por não atender as ordens de Deus em massacrar totalmente os amalecitas, e todos os seus pertences; eis, por curiosidade, a absurda ordem:

> 1 Samuel 15,2-3: *"Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec.* ***Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos***." (grifo nosso)

Saul não cumpriu integralmente isso e, em vez de exterminar, captura a Agag, rei dos amalecitas, além disso poupa o gado gordo e os cordeiros, só abatendo os que não tinham valor. Deus teria Se irritado com essa desobediência, ou seja, foi infiel, e prometeu tirar a realeza de Saul e a entregar para outro. Os filisteus, segundo as narrativas bíblicas, foram o instrumento de Deus para tornar realidade essa ameaça.

E, vendo o exército dos filisteus, Saul apavorou-se e querendo saber o que lhe aconteceria nessa guerra, vai à

cidade de Endor, onde havia uma necromante, e através dela, consultar-se com o espírito Samuel; eis aqui o fato verdadeiro.

O relato bíblico pode ser visto em 1 Samuel 28,1-25, com o fato curioso de, no versículo 3, ser dito “Samuel tinha morrido”, como que para alertar ao leitor de que o Samuel de quem se falaria já não pertencia a este mundo; portanto, que se trata da manifestação de seu espírito. Aliás, esse é um exemplo de um tipo de evocação que não devemos fazer, pois busca apenas interesses mundanos e, ainda, com o fim de adivinhação.

Já vimos várias argumentações querendo descaracterizar esse passo como uma autêntica manifestação de espírito, já que, geralmente, a levam à conta de um demônio, que se fez passar por Samuel, quando o texto do versículo 14 é bem objetivo ao dizer “Saul reconheceu que era realmente Samuel.” ([118])

Além disso, nos versículos seguintes (15 e 16) a Bíblia é bem clara ao afirmar que foi Samuel quem dialogava com Saul; ou se vai falar que a Bíblia errou do dizer que foi Samuel, se ela é inerrante, como os próprios bibliólatras a consideram?... Já em Eclesiástico, livro que consta somente nas Bíblias católicas, se afirma categoricamente que Samuel “*mesmo depois de morto profetizou*” (Eclesiástico 46,20), o que confirma a consulta ao espírito Samuel.

Podemos ainda encontrar uma outra passagem onde a manifestação de espíritos de mortos é evidente; citaremos,

---

118 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 330.

dessa vez, o Novo Testamento, quando se narra o momento em que Jesus, diante das testemunhas Pedro, Tiago e João, conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mateus 17,1-9; Marcos 9,2-3 e Lucas 9,28-33). O interessante dela é vermos que, por ironia do destino, a própria pessoa, que havia dito ser isso proibido (Moisés), aparece em espírito a Jesus; e, pelo fato do Mestre Nazareno ter participado desse episódio, concluímos que é porque a comunicação com os mortos nunca foi proibida por Deus.

E, por mais que se argumente que Elias foi arrebatado, mesmo contrariando o "*a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1 Coríntios 15,50), nada poderá ser alegado quanto a Moisés, já que sua morte é relatada (Deuteronômio 34,5-8).

Não precisamos nem alegar que Jesus, depois de morto, conversou com os discípulos, aparecendo-lhes por várias vezes, e numa delas a mais de quinhentos irmãos, conforme Paulo atesta em 1 Coríntios 15,6; ou precisamos???

Vejamos este passo, que julgamos bem interessante, que relata um acontecimento com Paulo, na cidade de Filipo, na Macedônia:

> Atos 16,16-18: "*Estávamos indo para a oração, quando veio ao nosso encontro uma jovem escrava, que estava possuída por um espírito de adivinhação; fazia oráculos e obtinha muito lucro para seus patrões. Ela começou a seguir Paulo e a nós, gritando: 'Esses homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação para vocês'. Isso aconteceu durante muitos dias. Por fim, não suportando mais a situação, Paulo voltou-se e*

> *disse ao espírito: 'Eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo: saia dessa mulher!' E o espírito saiu no mesmo instante. Os patrões da jovem, vendo que tinham perdido a esperança de lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à praça principal, diante dos chefes da cidade. Apresentaram os dois aos magistrados, e disseram: 'Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir'. A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados rasgaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas*."

Certamente que esse espírito é o que especificamos como "espírito desencarnado", que se incumbia de trazer à médium coisas relacionadas ao futuro das pessoas que iam procurá-la; daí ser tratado como "um espírito de adivinhação".

Por qual razão Paulo "expulsou" tal espírito? Vejamos a resposta dada pelo amigo Dr. João Frazão:

> Simplesmente porque o espírito a perturbava e a providência de Paulo mandá-lo se afastar dela foi tomada porque o espírito, através da médium, já estava incomodando as atividades de Paulo. **Além disso, é de se notar que a atividade de adivinhação na época do cristianismo nascente já não era mais proibida**; tanto assim, que a moça seguiu Paulo e seus companheiros durante muitos dias, sem que ninguém a acusasse de adivinhadora ou feiticeira; mais: se fosse uma atividade proibida Paulo teria apresentado como sua defesa, apesar de a acusação ter sido amotinamento, que eles estavam sendo acusados disso por ter afastado um espírito adivinhante da moça, hipótese em que os seus amos passariam de acusadores a acusados pelo crime de manter uma escrava que tinha um espírito

> adivinhante. E Paulo teria argumentos suficientes para isso, por ser um doutor da lei. Certo?! (LIMA, 2011)

Fantástica a percepção, pois, realmente, se a comunicação com os mortos fosse mesmo proibida, por que motivo Paulo não repreendeu o médium, mas procurou apenas expulsar o espírito, que o incomodava?

Nosso estudo se concentrou na análise de várias passagens bíblicas, buscando elucidar a questão, que ainda causa polêmicas entre os que acreditam e os que não aceitam que os espíritos dos mortos se comunicam. Traremos, agora, uma fala de Kardec sobre o tema.

No ano de 1862 Kardec visitou várias cidades na França para saber como andava o movimento espírita, registrando na obra *Viagem Espírita em 1862*, na qual encontramos "Instruções Particulares dadas aos Grupos em resposta a algumas das questões propostas". Dessas instruções a de número VIII é a que nos interessa:

> *Que pensar da proibição imposta por Moisés aos hebreus, no sentido de não se evocarem as almas dos mortos? Que interpretação poderíamos tirar do fato relativamente às evocações atuais?*
>
> A primeira consequência a tirar-se dessa proibição é a de que é possível evocar as almas dos mortos e estabelecer relações com elas. **A proibição de se fazer uma determinada coisa implica a possibilidade de fazê-la**. Por exemplo, será necessário decretar-se uma lei proibindo a subida à lua? ([119])

119 Viagem à Lua a essa época era inconcebível, entretanto isso ocorreu 1969, ou seja, 107 anos depois.

É realmente curioso ver-se os inimigos do Espiritismo reivindicar ao passado o que julgam servir-lhes e repudiarem esse mesmo passado todas as vezes em que ele não lhes convém. **Se invocam a legislação de Moisés para esta circunstância, por que não reclamam a sua aplicação de modo integral? Duvido, entretanto, que algum entre eles esteja tentado a fazer reviver o código mosaico, sobretudo o penal, draconiano, tão pródigo em penas de morte**. Dar-se-á então que, ao entender deles, Moisés procedeu corretamente em certas circunstâncias e erradamente em outras? Mas, nesse caso, por que estaria certo no que concerne às evocações? É que, dizem, Moisés fez leis apropriadas ao seu tempo e ao povo ignorante e indócil que conduzia. Mas, essas leis, salutares naquele tempo, já não se enquadram aos nossos costumes e à nossa cultura. Ora, é precisamente isso que dizemos em relação à proibição de evocar os Espíritos. Entretanto o fato, em sua época, é justificável, como podemos verificar.

Os hebreus, no deserto, lamentavam vivamente a perda das doçuras do Egito e esta foi a causa das revoltas incessantes que Moisés, algumas vezes, não pôde reprimir senão pelo extermínio. Daí a excessiva severidade das leis. Em meio a este estado de coisas, obstinava-se ele em fazer com que seu povo rompesse com os usos e costumes que lhe pudessem recordar o Egito. Ora, uma das práticas que os hebreus conservavam era a das evocações, em uso naquele país desde tempos imemoriais. E isso não é tudo. **Esse uso, que parecia ser bem compreendido e sabiamente praticado na intimidade de pequeno núcleo de iniciados nos mistérios, degenerara em abuso e superstição entre o povo, que nele via apenas uma arte de adivinhação, sem dúvida explorada pelos charlatões como hoje em dia o fazem os ledores da sorte**. O povo hebreu, ignorante e grosseiro, adquirira-o sob esse aspecto abusivo.

> Proibindo-o, Moisés realizou um ato de boa política e sabedoria. Hoje em dia as coisas já não são as mesmas, e o que podia ser outrora um inconveniente já não o é no estado atual da sociedade. De nossa parte, nós também nos levantamos contra o abuso que se poderia fazer das relações com o além-túmulo e afirmamos ser um sacrilégio, não o fato de estabelecerem-se relações com as almas dos que partiram, mas fazê-lo com leviandade, de maneira irreverente, ou por especulação. **Eis porque o verdadeiro Espiritismo repudia tudo quanto pode roubar a essas relações seu caráter grave e religioso, pois esta seria a verdadeira profanação**. Além disso, **se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus, e não há mal em se fazer o que Deus permite. O mal, nesta como em outras coisas, está no abuso e no mau uso**. Allan Kardec. ([120]) (grifo nosso)

"Se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus", lógica irrefutável.

E aqui algumas das determinações que não se aplicam nos dias de hoje:

> Êxodo 21,12: "*Quem ferir a outro de modo que este morra, também* ***será morto****."* (grifo nosso)
>
> Êxodo 21,17: "*Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe,* ***será morto***." (grifo nosso)
>
> Êxodo 31,14: "*[...]* ***guardareis o sábado****, [...]* ***aquele que o profanar morrerá****; [...]."* (grifo nosso)
>
> Levítico 11,7-8: "*[...]* ***o porco****, [...]* ***da sua carne não comereis****, nem tocareis no seu cadáver; [...]."* (grifo

120 KARDEC, 2000d, p. 101-102.

nosso)

Levítico 11,21-22: "*Mas de todo o **inseto que voa**, [...] deles **comereis estes**: a **locusta** [...], o **gafanhoto** [...], o **grilo** [...].*" (grifo nosso)

Levítico 20,13: "*Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, **ambos serão mortos**; [...].*" (grifo nosso)

Levítico 20,18: "***Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade dela**, [...] **ambos serão eliminados do meio do seu povo**.*" (grifo nosso)

Deuteronômio 21,18-21: "*Se alguém **tiver um filho contumaz e rebelde**, [...] pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, [...] Então todos os homens da sua cidade **o apedrejarão, até que morra**; [...].*" (grifo nosso)

Deuteronômio 23,1: "*Aquele a quem forem **trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor**.*" (grifo nosso)

Deuteronômio 25,11-12: "*Quando brigarem dois homens, [...] e a **mulher** de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e [...] o **pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão**: [...].*" (grifo nosso)

Essas são algumas, dentre inúmeras outras, que, atualmente, ninguém faz a mínima questão de cumprir, exatamente porque são leis de época implantadas por Moisés, ao qual também se deve atribuir a relativa à evocação dos mortos.

Se formos pesquisar a quantidade de manifestações ocorridas, em várias partes do mundo, em circunstâncias tais

que não deixam a mínima dúvida de que são os espíritos dos nossos mortos que se manifestaram, teríamos um volume extraordinário de casos. Inclusive, em muitos deles não ocorreu nenhum tipo de evocação; foram os próprios espíritos que vieram e, vamos dizer, “evocaram” (chamaram) os vivos (e isso não se pode alegar que é proibido!!!).

Podemos sugerir às pessoas, que buscam a verdade, que tenham em mãos livros, artigos e pesquisas que informam sobre isso; por esse caminho, a certeza virá sem causar nenhum tipo de problema, porquanto terão convicção que isso faz parte das leis naturais criadas por Deus. Alguns casos nós citamos no nosso livro “*Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica*”, publicação GEEC, Divinópolis, MG.

Ajustes a dogmas

> “Todo dogma religioso sustenta uma mentira; não existe dogma para afirmar que o Sol existe, que a Lua existe ou que as estrelas existem, apenas para fazer as pessoas acreditarem naquilo que não existe”. (LUCIANO RIBEIRO)

Ao longo dos tempos, a Bíblia vem sendo ajustada às conveniências dogmáticas das religiões tradicionais que dela fazem uso. Todos sabemos, ou deveríamos saber, que, por exemplo, a Trindade foi cópia de tradições pagãs. Uma vez instituído tal dogma; foi necessário ajustar os textos e as interpretações bíblicas a esse, vamos dizer, aculturamento religioso, assim, o que era “um” Espírito Santo, se transformou em “o” Espírito Santo.

Mesmo sem possuirmos profundos conhecimentos que possam nos fornecer pistas de todas as interpolações, algumas saltam aos olhos, de tão evidentes, que só não as vê quem não quer.

Nos textos que analisaremos, a numeração dos versículos será mantida para nos ajudar a localização dos trechos que vamos ressaltar.

Uma primeira que poderemos citar encontra-se em

Gênesis, especificamente nos capítulos 10 e 11, vejamos:

Gênesis 10:

*“1. Esta é a descendência dos filhos de Noé: **Sem**, **Cam** e **Jafé**, que tiveram filhos depois do dilúvio. 2**. Filhos de Jafé**: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. 3. Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. 4. Filhos de Javã: Elisa, Társis, Cetim e Dodanim. 5. **Foi destes que se separaram as populações das ilhas**, **cada qual segundo o seu país, língua, família e nação**. 6. **Filhos de Cam**: Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. 7. Filhos de Cuch: Saba, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Filhos de Regma: Sabá e Dadã. 8. Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro valente na terra. 9. Foi um valente caçador diante de Javé, e é por isso que se diz: "Como Nemrod, valente caçador diante de Javé". 10. As capitais do seu reino foram Babel, Arac e Acad, cidades que estão todas na terra de Senaar. 11. Dessa terra saiu Assur, que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale 12. e Resen, entre Nínive e Cale. Esta última é a maior. 13. Mesraim gerou os de Lud, de Anam, de Laab, de Naftu, 14. de Patros, de Caslu e de Cáftor; deste último surgiram os filisteus. 15. Canaã gerou Sídon, seu primogênito, depois Het, 16. e também o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, 17. o heveu, o araceu, o sineu, 18. o arádio, o samareu e o emateu. Em seguida, as famílias dos cananeus se dispersaram. 19. A fronteira dos cananeus ia de Sidônia, em direção a Gerara, até Gaza; depois, em direção a Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. 20. **Esses foram os filhos de Cam, segundo suas famílias e línguas, terras e nações**. 21. Sem, antepassado de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé, também teve descendência. 22. Filhos de **Sem**: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. 23. Filhos de Aram: Hus, Hul, Geter e Mes. 24. Arfaxad gerou Salé, e Salé gerou Héber. 25. Héber teve dois filhos: o primeiro chamava-se Faleg, porque em seus dias a terra foi*

dividida; o seu irmão chamava-se Jectã. 26. Jectã gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, 27. Aduram, Uzal, Decla, 28. Ebal, Abimael, Sabá, 29. Ofir, Hévila e Jobab; todos esses são filhos de Jectã. 30. Eles habitavam desde Mesa até Sefar, a montanha do oriente. 31. ***Foram esses os filhos de Sem, conforme suas famílias e línguas, suas terras e nações.*** *32.* ***Foram essas as famílias dos descendentes de Noé, conforme suas linhagens e nações****. Foi a partir deles que as nações se dispersaram pela terra depois do dilúvio."* (grifo nosso)

Gênesis 11:

"1. ***O mundo inteiro falava a mesma língua****, com as mesmas palavras. 2. Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. 3. E disseram uns aos outros: 'Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!' Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. 4. Disseram: 'Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra'. 5. Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. 6. E Javé disse: '****Eles são um povo só e falam uma só língua****. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. 7. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro'. 8. Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. 9. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra." (grifo nosso)*

"10. ***Esta é a descendência de Sem****: Quando Sem completou cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. 11. Depois do nascimento de Arfaxad, Sem*

viveu quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. 12. Quando Arfaxad completou trinta e cinco anos, gerou Salé. 13. Depois do nascimento de Salé, Arfaxad viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 14. Quando Salé completou trinta anos, gerou Héber. 15. Depois do nascimento de Héber, Salé viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 16. Quando Héber completou trinta e quatro anos, gerou Faleg. 17. Depois do nascimento de Faleg, Héber viveu quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. 18. Quando Faleg completou trinta anos, gerou Reu. 19. Depois do nascimento de Reu, Faleg viveu duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas. 20. Quando Reu completou trinta e dois anos, gerou Sarug. 21. Depois do nascimento de Sarug, Reu viveu duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas. 22. Quando Sarug completou trinta anos, gerou Nacor. 23. Depois do nascimento de Nacor, Sarug viveu duzentos anos, e gerou filhos e filhas. 24. Quando Nacor completou vinte e nove anos, gerou Taré. 25. Depois do nascimento de Taré, Nacor viveu cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas. 26. Quando Taré completou setenta anos, gerou Abrão, Nacor e Arã. 27. Esta é a descendência de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arã. Arã gerou Ló. 28. Arã morreu em Ur dos caldeus, sua terra natal, quando seu pai Taré ainda estava vivo. 29. Abrão e Nacor se casaram: a mulher de Abrão chamava-se Sarai; a mulher de Nacor era Melca, filha de Arã, que era o pai de Melca e Jesca. 30. Sarai era estéril e não tinha filhos. 31. Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Arã, e sua nora Sarai, mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para que fossem à terra de Canaã; mas, quando chegaram a Harã, aí se estabeleceram. 32. Ao todo, Taré viveu duzentos e cinco anos, e depois morreu em Harã.”

Observemos que em Gênesis 10,1 diz a que se propõe o autor bíblico; aqui ele vai falar da descendência dos filhos de

Noé: Cam, Sem e Jafé; o que faz nos versículos 2, 6 e 22. No versículo 5, e reafirmado no 31, está-se informando que cada um desses povos tinha sua língua, o que significa que não se falava a mesma língua.

Mais à frente em Gênesis 11,10 – pulamos propositalmente o trecho Gênesis 11,1-9 –, a narrativa volta a descrever a descendência de Sem, um dos filhos de Noé, que vai até o final desse capítulo. Assim, mesmo pulando um trecho o texto mantém-se coerente, sem perder a solução de continuidade, o que vem provar que houve uma interpolação, fato que também se pode corroborar com a contradição em relação à questão da língua, que anteriormente foi afirmado que cada um desses povos originados dos filhos de Noé já falavam cada um a sua. Entretanto, agora, esquecendo-se do que foi tido, colocam que todos falavam a mesma língua.

Pode-se então concluir que a história da confusão de línguas ocorrida na construção da Torre de Babel, não ocorreu; está apenas, e muito fora de lugar, tentando-se dar uma explicação singela, bem ao nível intelectual da época, do porquê o homem possuía diferentes línguas. Só mesmo por castigo de Deus, devem ter imaginado assim.

Mateus 27:

"1. De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. 2. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador".

"3. Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos,

4. dizendo: 'Pequei, entregando à morte sangue inocente'. Eles responderam: 'E o que temos nós com isso? O problema é seu'. 5. Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. 6. Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: 'É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue'. 7. Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. 8. É por isso que esse campo até hoje é chamado de 'Campo de Sangue'. 9. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: 'Eles pegaram as trinta moedas de prata – preço com que os israelitas o avaliaram – 10. e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou'".

"11. Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: 'Tu és o rei dos judeus?' Jesus declarou: 'É você que está dizendo isso'. 12. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. 13. Então Pilatos perguntou: 'Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?' 14. Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. 15. Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. 16. Nessa ocasião tinham um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. 17. Então Pilatos perguntou à multidão reunida: 'Quem vocês querem que eu solte: Barrabás, ou Jesus, que chamam de Messias?' 18. De fato, Pilatos bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja. 19. Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele: 'Não se envolva com esse justo, porque esta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele'. 20. Porém os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás, e que fizessem Jesus morrer. 21. O governador tornou a perguntar: 'Qual dos dois vocês querem que eu solte?' Eles gritaram:

> *'Barrabás'. 22. Pilatos perguntou: 'E o que vou fazer com Jesus, que chamam de Messias?' Todos gritaram: 'Seja crucificado!' 23. Pilatos falou: 'Mas que mal fez ele?' Eles, porém, gritaram com mais força: 'Seja crucificado!' 24. Pilatos viu que nada conseguia, e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: 'Eu não sou responsável pelo sangue desse homem. É um problema de vocês'. 25. O povo todo respondeu: 'Que o sangue dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos'. 26. Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado."*

Ao lermos os versículos 1-2 e, em sequência, os 11-25, veremos que a narrativa está perfeitamente inteligível, não perdendo sua solução de continuidade. Os versículos 3-10, que saltamos de início é o trecho que foi interpolado, que foi tão mal feito, que estranhamos que, em geral, as pessoas não percebem isso.

Veja bem, no versículo 3, numa flagrante contradição com o desenrolar da narrativa, se diz que Judas sentiu remorso quando viu que Jesus havia sido condenado; entretanto, até aquele momento histórico, Jesus apenas tinha sido levado à presença do governador (v. 2). O que, na sequência, aconteceu está no v. 11, onde diz que Jesus foi posto diante do governador, que passou a interrogá-lo, ou seja, não tinha ainda acontecido a condenação, que só ocorreu mais tarde, quando ele, Pilatos, pede ao povo para decidir entre "Barrabás ou Jesus"; aí sim, manda flagelar Jesus e depois o entrega para ser crucificado (v. 26).

Há ainda nessa passagem uma outra contradição no que diz respeito ao campo do oleiro, pois aqui diz que os sacerdotes

pegaram as moedas devolvidas por Judas e com elas compraram o campo; entretanto, em Atos 1,18 se afirma que foi o próprio Judas quem o comprou.

Aqui o objetivo foi criar um traidor para entregar Jesus, para se ajustar a uma suposta profecia que dizia isso. Entretanto, ao analisarmos a passagem que diz sobre a traição de um amigo (Salmo 41,10), percebemos claramente que ela se refere ao rei Davi, autor do salmo, que foi traído pelo seu amigo e conselheiro Aquitofel (2 Samuel 15,12.31), que remoído se enforca (2Sm 17,23). A coincidência é que essa é exatamente uma das formas citadas na Bíblia sobre como Judas teria morrido; essa é a mais conhecida; a outra diz que ele teria se jogado num abismo (At 1,18).

João 11:

"1. Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. 2. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume, e que tinha enxugado os pés dele com os cabelos. Lázaro, que estava doente, era irmão dela. 3. Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. 4. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. 5. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. 6. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. 7. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'. 8. Os discípulos contestaram: 'Mestre, agora há pouco os judeus queriam te apedrejar, e vais de novo para lá?' 9. Jesus respondeu: 'Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. 10. Mas se alguém caminha de noite, tropeça, porque nele não há luz'. 11. Disse isso e

acrescentou: 'O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo'. 12. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar'."

"13. Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. 14. Então Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto. 15. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. 16. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele'".

"17. Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. 18. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas. 19. Muitos judeus tinham ido à casa de Marta e Maria para as consolar por causa do irmão. 20. Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. Maria, porém, ficou sentada em casa. 21. Então Marta disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. 22. Mas ainda agora eu sei: tudo o que pedires a Deus, ele te dará'. 23. Jesus disse: 'Seu irmão vai ressuscitar'. 24. Marta disse: 'Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia'. 25. Jesus disse: 'Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. 26. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Você acredita nisso?' 27. Ela respondeu: 'Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo'. 28. Dito isso, Marta foi chamar sua irmã Maria. Falou com ela em voz baixa: 'O Mestre está aí, e está chamando você'. 29. Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. 30. Jesus ainda não tinha entrado no povoado, mas estava no mesmo lugar onde Marta o havia encontrado. 31. Os judeus estavam com Maria na casa e a procuravam consolar. Quando viram Maria levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que ela iria ao túmulo

para aí chorar. 32. Então Maria foi para o lugar onde estava Jesus. Vendo-o, ajoelhou-se a seus pés e disse: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido'. 33. Jesus viu que Maria e os judeus que iam com ela estavam chorando. Então ele se conteve e ficou comovido. 34. E disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. 35. Jesus começou a chorar. 36. Então os judeus disseram: 'Vejam como ele o amava!' 37. Alguns deles, porém, comentaram: 'Um que abriu os olhos do cego, não poderia ter impedido que esse homem morresse?' 38. Jesus, contendo-se de novo, chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. 39. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. 40. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' 41. Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: 'Pai, eu te dou graças porque me ouviste. 42. Eu sei que sempre me ouves. Mas eu falo por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que tu me enviaste'. 43. Dizendo isso, gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' 44. O morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarrados com panos e o rosto coberto com um sudário. Jesus disse aos presentes: 'Desamarrem e deixem que ele ande'."

Lázaro estava doente, suas irmãs preocupadas mandam avisar a Jesus que afirma *"essa doença não é para morte"* (v. 4), e tranquilo, ainda fica por lá mais dois dias (v. 6). Disse aos discípulos que *"Nosso amigo Lázaro adormeceu, eu vou acordá-lo"* (v. 11), coerente com o que havia dito antes e também semelhante ao que disse da filha de Jairo *"a criança não morreu. Ela está apenas dormindo"* (Marcos 5,39).

Partindo do lugar onde estava, Jesus demorou ainda mais dois dias para chegar a Betânia (v. 17), chegando chama

Lázaro de volta e ele ressuscita.

Como havia necessidade de se fazer de Jesus um milagreiro, era melhor ressuscitar um morto que curar um doente, por isso colocam Jesus dizendo: *“Lázaro morreu”,* fazendo-o cair em contradição com o que havia dito antes e com um fato bem semelhante a esse – a filha de Jairo. Poderia até ser um outro motivo: o de quererem justificar a ressurreição de Jesus, como sendo uma ressurreição física e não espiritual; pois, se fosse espiritual, como explicar o sumiço do seu corpo?

O que é estranho nisso tudo é que sempre afirmam que os textos estão iguais aos originais; certamente isso não é verdade. É muito mais provável que, mesmo agindo de boa-fé, esses textos, tidos como originais, são cópias alteradas que, após uma “queima de arquivo”, se transformaram em originais. Quem fez isso? Não sabemos e, na verdade, a essa altura do campeonato, pouco importa; o que importa é sabermos separar o joio que cresceu junto ao trigo.

Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?

> *"Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu"* (2 Coríntios 5,17)

Sempre estamos às voltas com argumentos com os quais algumas pessoas pretendem sustentar que devemos, incontestavelmente, seguir a Bíblia como um todo. Mas será? Vejamos alguns pontos para se definir isso.

> Mateus 17,1-6: "*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: 'Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias'. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e* ***da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz'****. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra*." (grifo nosso)

Considerando que a maioria dos exegetas tem Moisés e Elias como representantes dos livros sagrados dos judeus, ou

seja, a Lei e os Profetas, pelo fato da voz que veio da nuvem luminosa dizer que deviam escutar a Jesus, isso implica, necessariamente, que somente o que ele dissesse teria valor, revogando, por consequência, a legislação anterior.

> Mateus 7,12: *"Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas."*
>
> Mateus 22,34-40: *"Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, e um deles perguntou a Jesus para o tentar: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Jesus respondeu: 'Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos'".*

Então, toda a antiga Aliança (Antigo Testamento) se resume em fazer o bem aos outros como gostaríamos que nos fizessem; em outras palavras, podemos dizer amar ao próximo como a nós mesmos; o resto da antiga Aliança (Antigo Testamento) é resto mesmo.

> Lucas 16,16: "***A Lei e os profetas chegaram até João****; daí para a frente o Reino de Deus é anunciado, e cada um se esforça para nele entrar, com violência."* (grifo nosso)

Então, a antiga Aliança (Antigo Testamento) só vigorou até João Batista, porque depois disso é o Evangelho de Jesus que vale.

> Romanos 7,4-6: "*Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem frutos para Deus. De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas,* ***as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir*** *em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava,* ***fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito****, e não mais sob o velho regime da letra."* (grifo nosso)

Então, devemos seguir o regime novo (Evangelho), porquanto Cristo nos libertou da Lei, ou seja, da antiga Aliança (Antigo Testamento).

> Gálatas 2,21: *"Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão."*

Então, a Lei, que é a antiga Aliança (Antigo Testamento), não tem mais valor, pois, para Cristo não ter morrido em vão, devemos seguir os seus ensinamentos, contidos na nova Aliança (Evangelho).

> Gálatas 5,4: "***Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça****."* (grifo nosso)

Então, quem busca a justiça na Lei, ou seja, na antiga Aliança (Antigo Testamento), se desliga de Cristo (Evangelho).

> Hebreus 7,18-22: "*Assim,* ***fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil****; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança*

> *melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão,* ***Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor****."* (grifo nosso)

Então, não devemos cumprir a Lei anterior, antiga Aliança (Antigo Testamento), que foi abolida por ser fraca e inútil, uma vez que Jesus nos trouxe uma aliança melhor (Evangelho).

> Hebreus 8,6-7.13: "***Jesus****, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois* ***é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios.*** *De fato,* ***se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança****.* ***Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada****; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo*." (grifo nosso)

Então, se Jesus trouxe uma aliança melhor (Evangelho), que, inclusive, promete melhores benefícios, é porque a primeira aliança (Antigo Testamento) continha defeitos; assim, com essa "aliança nova" (Evangelho), Deus declara antiquada a primeira [antiga Aliança (Antigo Testamento)].

> João 1,17: *"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés;* ***a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo****."* (grifo nosso)

Então, se a verdade veio com Cristo (Evangelho), o que teria vindo com Moisés na antiga Aliança (Antigo Testamento)]?

... Isso dá o que pensar...

E antes que nos apresentem o passo

> Mateus 5,17-18: “***Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas.*** *Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento. Eu garanto a vocês: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem sequer uma letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça.”* (grifo nosso)

para justificar que Jesus tenha vindo sancionar a Lei e os Profetas (Antigo Testamento), é melhor ver o que Ele mesmo disse ter vindo dar pleno cumprimento:

> Lucas 24,25-27.44-45: “*Ele então lhes disse: 'Ó homens sem inteligência, como é lento o vosso coração para crer no que os profetas anunciaram! Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?' E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas,* ***explicando em todas as Escrituras, o que dizia respeito a ele mesmo****”. “A seguir Jesus lhes disse: '****São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos****'. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.”* (grifo nosso)

Então, o que Jesus diz ter vindo foi para cumprir as profecias constantes da Lei que diziam a respeito dele; não toda a Lei e os Profetas (Antigo Testamento), como pensam muitos.

Aliás, é fácil perceber que na antiga Aliança (Antigo Testamento) existem leis que são totalmente humanas, fato

reconhecido pelo próprio Moisés. Tanto assim foi que na recomendação de Deus para ele fazer a “Arca da Aliança” e nela colocar as Suas leis (Êxodo 25,21), Moisés a cumpriu colocando dentro dela somente as duas tábuas com os Dez Mandamentos (Êxodo 40,20); o restante das leis, as quais escreveu num livro, deixou do lado de fora (Deuteronômio 31,24-26), exatamente por que ele não as tinha como leis divinas.

É bom observarmos que Jesus, embora não tenha revogado os Dez mandamentos, achou por bem resumi-los em apenas dois.

Eis algumas citações diretas das leis de Moisés que Jesus modificou:

> Mateus 5,21-22: *“**Ouvistes que foi dito aos antigos**: 'Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento'. **Eu, porém, vos digo** que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.”* (grifo nosso)

Moisés: Não matarás. Jesus: que não devemos nem mesmo irar contra ou insultar ao nosso irmão.

> Mateus 5,27-28: *“**Ouvistes que foi dito**: 'Não adulterarás'. **Eu, porém, vos digo**: Qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela*.” (grifo nosso)

Moisés: Não adulterarás. Jesus: só o fato de olhar para

uma mulher com intenção impura, já cometemos adultério.

> Mateus 5,31-32: *"**Também foi dito**: 'Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio'. **Eu, porém, vos digo**: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério."* (grifo nosso)

Moisés: poder-se-ia repudiar a sua mulher. Jesus: se a repudiares estás expondo-a ao adultério.

> Mateus 5,33-37: *"**Também ouvistes que foi dito aos antigos**: 'Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos'. **Eu, porém, vos digo**: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno."* (grifo nosso)

Moisés: Não jurarás falso. Jesus: De modo algum jureis.

> Mateus 5,38-42: *"**Ouvistes que foi dito**: 'Olho por olho, dente por dente'. **Eu, porém, vos digo**: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes."* (grifo nosso)

Moisés: Olho por olho, dente por dente. Jesus: Quem te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.

> Mateus 5,43-48: *"**Ouvistes que foi dito**: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. **Eu, porém, vos digo**: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai Celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste."* (grifo nosso)

Moisés: Odiarás o teu inimigo. Jesus: Amai os vossos inimigos.

Essa então, teve revogação completa.

E aos que preterindo os ensinamentos de Jesus para sempre citar Paulo (é quem, na verdade, seguem), o que nos leva a concluir que praticam o "paulinismo" e não o cristianismo, parecem não conhecer estes textos do convertido na estrada de Damasco:

> Romanos 1,16: *"Não me envergonho do **Evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação** de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego."* (grifo nosso)
>
> 1 Coríntios 15,2: *"**É pelo evangelho que vocês serão salvos,** contanto que o guardem de modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão."* (grifo nosso)
>
> Efésios 1,13: *"Em Cristo, também vocês ouviram a palavra da verdade, **o Evangelho que os salva**."* (grifo nosso)

Então, nada de salvação de graça e nem pelo sangue de Jesus.

O evangelista João ao narrar o início da vida pública de Jesus nos dá conta de um episódio interessante acontecido com o Mestre:

> João 2,1-11: "*No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos. Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: 'Eles não têm mais vinho!' Jesus respondeu: 'Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou'. A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: 'Façam o que ele mandar'. Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: 'Encham de água esses potes'. Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: 'Agora tirem e levem ao mestre-sala'. Então levaram ao mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse: '****Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora****'. Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele."* (grifo nosso)

Sinceramente, nunca acreditamos que Jesus tenha transformado água em vinho para embebedar um bando de pessoas; tinha, pensávamos nós, que haver algum sentido nisso. E tem. É muito mais profundo do que podemos imaginar. Está justamente no versículo no qual se narra a fala do chefe da

cerimônia ao noivo: “*Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora”*. Para entender a moral da história, basta colocar Jesus (ou seus ensinamentos) como sendo o “vinho bom” e Moisés como sendo o “vinho pior”, que ficará fácil saber o que se estava querendo ensinar nessa passagem.

Aos chefes religiosos de sua época, que sempre insistiam para se seguir a lei de Moisés – jejuar, lavar as mãos, sábado, tradições, etc. –, antiga Aliança (Antigo Testamento), Jesus deu-lhes uma resposta fatal:

> Marcos 2,21-22: *“**Ninguém costura um remendo de pano novo em roupa velha**. Do contrário o remendo novo, pelo fato de encolher, estraga a roupa velha e o rasgão fica pior. **Ninguém põe vinho novo em velhos recipientes de couro**. Caso contrário, o vinho arrebentaria os recipientes. Ficariam perdidos os recipientes e também o vinho. Para vinho novo, recipientes novos!”* (grifo nosso)

Então, disse-lhes em outras palavras: deixem os ensinamentos de Moisés de lado e recebam os meus, pois estes, sim, são os que devem cumprir.

Ficam aí essas reflexões para os que têm *“ouvidos de ouvir”.*

As relações dos primeiros cristãos com os espíritos

– A verdade escamoteada.

> “Os erros não se tornam verdadeiros por se difundir e multiplicar facilmente. Da mesma forma, a verdade não se torna erro pelo fato de ninguém a ver.” (GANDHI)

O filósofo Léon Denis (1846-1927), que se tornou, após a morte de Kardec, num dos principais continuadores do Espiritismo, fala, em nota constante da obra *Cristianismo e Espiritismo*, sobre as relações dos primeiros cristãos com os espíritos, da qual tomamos o título para usá-lo nesse texto. Nela afirmou o seguinte:

> Na linguagem filosófica da Grécia, **a palavra demônio (*daimon*) era sinônimo de gênio ou de espírito**. Tal, por exemplo, o demônio de Sócrates. Fazia-se distinção entre os bons e os maus demônios. Platão dá mesmo a Deus o nome de *demônio onipotente*. O Cristianismo adotou em parte esses termos, mas modificou-lhes o sentido ([121]). Aos bons demônios deu ele o nome de *anjos*, e os maus se tornaram os demônios, sem adjetivação. **A palavra**

121 N.T.: Ver, a esse respeito, S. Justino, “Apologética”, I, 18, passagem adiante citada em a nota 8.

espírito (*pneuma*) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal.

Essa palavra *pneuma*, traduziu-a S. Jerônimo como *spiritus*, reconhecendo, com os evangelistas, que há bons e maus espíritos. **A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no séeculo II**. Foi somente **depois da *Vulgata* que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada a palavra *spiritus***, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo. Eis aqui um exemplo, entre outros muitos: lê-se em Lucas (cap. XI, texto grego):

> 10 - "Aquele que pede, recebe; o que procura acha; ao que bate se abrirá." - 13. 'Portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu 'um bom espírito' àqueles que lho pedirem.'"

As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contrassenso. Na *Vulgata*, tradução latina do grego, está escrito *Spiritum bonum*, palavra por palavra, espírito bom. **A *Vulgata* não fala absolutamente do Espírito Santo.** O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II.

Convém, todavia, notar que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido de espírito familiar, de espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (*Daniel*, XIII, 45) ([122]) se lê: "o senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado

122 N.T.: Em certas Bíblias esse capítulo figura à parte, sob o título "História de Susana".

Daniel".

Relativamente ao comércio dos primeiros cristãos com os espíritos, as seguintes passagens das Escrituras nos devem chamar particularmente a atenção:

Atos, XXI, 4:

"E disseram eles a Paulo, 'sob a influência do espírito', que não subisse para Jerusalém."

Certas traduções francesas rezam *Espírito Santo*.

I Cor. XIV, 30, 31. Trata-se da ordem a estabelecer nas reuniões dos fiéis:

"Desde que um dos que estão sentados (no templo) recebe uma revelação, cale-se o que primeiro falava. Porque todos podeis profetizar, um depois do outro, a fim de que todos aprendam e sejam todos exortados."

Dessa instrução ressalta que profetizar não era outra coisa senão transmitir um ensino; é ainda a função do médium falante ou de incorporações.

Atos, XXIII, 6-9. Paulo, dirigindo-se a uma assembleia, dizia:

"E por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos mortos que me querem condenar…"

Produziu-se um grande ruído, e alguns dos fariseus contestavam, dizendo:

"Nenhum mal encontramos neste homem. Quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo?"

Atos XVI, 16, 17. Paulo fora avisado em sonho de que passasse por Macedônia, com Timóteo:

"Encontram eles uma serva moça que, tendo um

espírito de Piton, auferia, em benefício de seus amos, grandes lucros, adivinhando. Ela se pós a segui-los durante muitos dias, clamando: Esses homens são servos do Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação."

A expressão "espírito de Piton" designava, na linguagem daquele tempo, um mau espírito. Era empregada pelos judeus ortodoxos, que só admitiam o profetismo oficial, reconhecido pela autoridade sacerdotal, desde que os seus ensinos eram conformes com os deles; pelo contrário, condenavam o profetismo popular, praticado sobretudo por mulheres, que dele tiravam partido, como em nossos dias ainda o fazem alguns médiuns mercenários. Essa qualificação, porém, de "espírito de Piton" era muitas vezes arbitrária. Disso vamos encontrar a prova no fato de a vidente ou "pitonisa" de Endor, que serviu de intermediária a Saul para comunicar com o espírito de Samuel, possuir também, segundo a expressão bíblica, um "espírito de Piton". Entretanto, não é possível confundir o espírito do profeta Samuel com espíritos de ordem inferior. A cena descrita pela Bíblia é de uma imponência grandiosa; oferece todos os caracteres de uma elevada manifestação ([123]).

No caso da jovem serva, citado acima a propósito de Paulo, a admitir-se que os maus espíritos podiam pregar o Evangelho, acompanhando os apóstolos, difícil se tornaria distinguir a fonte das inspirações. Era o que fazia objeto de atenção especial em todas as circunstancias, nas assembleias dos fiéis. Disso encontramos a afirmação num documento célebre, cuja análise damos a seguir:

A ***Didaquê***, pequeno tratado descoberto em 1873, na biblioteca do patriarcado de Jerusalém, em Constantinopla, composto provavelmente no Egito, entre

123 N.T.: Ver I Reis, XXVII, 6 e segs.

> os anos 120 e 160, projeta uma nova luz sobre a organização da igreja cristã no começo do século II, sobre o seu culto e a sua fé. Compreende várias partes: a primeira, essencialmente moral, abrange seis capítulos destinados a instruções dos catecúmenos. O que sobretudo é digno de nota nesse catecismo é a completa ausência de todo elemento dogmático. A segunda parte trata do culto, isto é, do batismo, da prece e da comunhão; a terceira contém uma liturgia e uma disciplina. Recomenda a observância do domingo; ***estabelece regras para discernir dos falsos os verdadeiros profetas*** **(leia-se médiuns)**; assinala as condições requeridas para ser bispo ou diácono, e termina com um capítulo sobre as coisas finais e a *Parusia* ou volta do Cristo.
>
> Essa obra apresenta um quadro da Igreja Primitiva, muito diferente do que comumente se imagina ([124]). **Os cristãos desse tempo conheciam perfeitamente as práticas necessárias para se entrar em comunicação com os espíritos, e não perdiam ocasião de a cultivar**. […]. ([125]) (grifo nosso)

Fomos conferir na *Vulgata*, para certificarmos se a informação de Léon Denis é mesmo verdadeira. Eis o que encontramos como teor do passo Lucas 11,13:

> "si ergo vos cum sitis mali nostis bona data dare filiis vestris quanto magis Pater vester de cælo dabit **spiritum bonum** petentibus se" ([126]).

Correta, portanto, a informação de Denis, pois, no texto

---

124 N.T.: Tradução francesa de Paul Sabatier, doutor em teologia, Paris, Fischbacher, 1885.

125 DENIS, 1987, p. 276-279.

126 Fonte: http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php, acesso em 08.03.2010, às 11:30hs.

da *Vulgata*, se lê a expressão “spiritum bonum”, ou seja, espírito bom (nem precisa saber o latim); porém, não é o que se vê em algumas traduções bíblicas utilizadas pelas religiões cristãs tradicionais:

Bíblias Católicas

a) espírito bom: Barsa, Paulinas 1957, Paulinas 1977 e Paulinas 1980.

b) Espírito Santo: Santuário, do Peregrino, Ave-Maria, de Jerusalém, Vozes e Pastoral.

Bíblias Protestantes

a) espírito bom: *nihil.*

b) Espírito Santo: Novo Mundo, SBTB, Shedd, Mundo Cristão e SBB.

Felizmente, há tradutores que, literalmente, não apelaram para o “santo”; foram honestos na tradução, pelo que, ainda que postumamente, os felicitamos. O que achamos muito interessante nisso é que, das Bíblias mencionadas, são exatamente os textos das mais antigas que mantêm a expressão correta.

Carlos J. T. Pastorino, filósofo e teólogo, em *Sabedoria do Evangelho*, traduziu da seguinte forma:

> Lucas 11,13: “Ora*, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará* ***um espírito bom*** *aos que lho pedirem!*” ([127]) (grifo nosso)

127 PASTORINO, vol. 2, 1964b, p. 139.

Por essa tradução temos a ideia exata do que querem escamotear. Embora, em princípio, possa parecer que a intenção seria a de se fundamentar o dogma da Trindade, ao traduzir “espírito bom” por “Espírito Santo”, não foi esse o objetivo; na verdade, o que estão fazendo, capciosamente, é uma tentativa de esconder uma realidade da época, que era a comunicação com os espíritos, o que o passo põe em evidência. Nele, claramente, se vê a questão da manifestação dos espíritos, na afirmativa de que Deus enviará “um espírito bom” aos que Lhe pedirem, pois, Ele, como bom Pai, atenderá ao pedido.

Agora sim, vemos justiça, pois, se só viessem os espíritos maus, denominados genericamente de demônios, como se apregoa por aí, é que seria uma baita injustiça.

Além da *Didaquê*, citada por Léon Denis, que, ao que tudo indica, corrobora isso como prática corriqueira naquela época, ainda podemos citar a obra *O Pastor,* escrita por volta de 142 a 155 E.C., cujo autor Hermas, provavelmente um discípulo de Paulo (Romanos 16,14), dá judiciosa orientação para se distinguirem os bons dos maus espíritos:

> O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque **o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite**. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer.

> Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim. ([128]) (grifo nosso)

A afirmativa de que “o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite”, é exatamente o que se diz na Doutrina Espírita, porquanto os espíritos somente se manifestam porque há mesmo permissão de Deus para isso.

Voltando a nossa atenção para o Novo Testamento, veremos que até mesmo Jesus se comunicou com os mortos, conforme poder-se-á ver na narrativa em que Ele conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mateus 17,3; Lucas 9,30), fora a questão de Ele ter se manifestado, depois de morto, primeiramente aos discípulos, em seguida a várias pessoas.

Lucas, como sabemos, é o único evangelista que narra a parábola do rico e Lázaro (Lucas 16,19-31), velha conhecida de quase todos nós, na qual vemos que:

1) o fato de o rico pedir a Abraão que enviasse Lázaro para avisar a seus irmãos, foi, certamente, pelo motivo disso ser uma crença comum na época, notar que, pela Bíblia, o “morto” leva sua memória para o plano espiritual;

2) Abraão não disse que o envio de Lázaro seria impossível ou algo proibido; apenas ressaltou que não valia a pena fazer isso, pois se as pessoas não davam ouvidos a Moisés

---

128 DENIS, 1987a, p. 61.

e aos profetas, que deixaram suas mensagens enquanto vivos, muito menos dariam a um morto, caso Lázaro lhes fosse enviado.

Aliás, é exatamente isso que anda acontecendo nos dias de hoje: ninguém dá ouvidos aos espíritos que estão vindo nos informar sobre como é o "lado de lá", para evitar uma série de transtornos a nós outros.

Uma das últimas recomendações de Jesus, antes de ser crucificado, foi dizer aos discípulos:

> Marcos 13,11: *"Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer:* ***digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo***." (grifo nosso)

Como o "Santo" ainda não existia, foi acréscimo posterior; assim, temos então, que a orientação de Jesus se refere à influência de "um" espírito sobre cada um dos discípulos que, por recebê-la, falaria coisas que viria à mente; é, sem dúvida, um fato ligado à mediunidade, portanto, à manifestação de espíritos que, na forma invisível, influenciavam-nos. É registrado, por exemplo, o caso de Pedro e João que todos ficavam admirados ao ver a segurança com que falavam, visto serem pessoas simples e sem instrução (Atos 4,13).

Esse fenômeno ainda pode ser visto no livro Atos dos Apóstolos, quando o Espírito desceu sobre os discípulos e todos começaram a "*falar em línguas estranhas*" (Atos 2,1-5), acontecendo depois com várias outras pessoas (Atos 10,44-46;

19,6). Pedro, acertadamente, disse que tal coisa era o cumprimento de uma profecia:

> Atos 2,16-18: "*[...] está acontecendo aquilo que o* ***profeta Joel*** *anunciou: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu* ***derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas****. Os filhos e filhas de* ***vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonho****s. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão*." (grifo nosso)

É a explosão da mediunidade que estava acontecendo e que, novamente, vem ocorrendo a partir de meados do século XIX, onde os que vivem no plano espiritual voltam para orientar os que ficaram na retaguarda. O "falar em línguas estranhas" é o que denominamos de xenoglossia, cuja definição é:

> **Xenoglossia**: (do grego: *xeno* = estrangeiro; *glossa* = língua), segundo Charles Richet (Metapsíquica), "é o uso de uma língua (escrita ou falada) que não se aprendeu e que não se conhece em condições normais. O médium, influenciado por um espírito, fala uma língua estrangeira que lhe é por inteiro desconhecida." ([129])

Há uma outra ocorrência ligada ao fenômeno da manifestação dos espíritos, que está registrada nos Evangelhos, que é a influência de um espírito mau sobre uma pessoa, inclusive, em certos casos, chegou-se a possessão física. Modernamente, são os denominados de obsessões.

Os casos de possessos, mencionados, podem ser vistos em Marcos 1,21-28, 5,1-16 e 7,24-30, onde Jesus, com sua

---

129 PALHANO JR., 2004, p. 307.

autoridade moral, libertava-os da influência perniciosa dos espíritos, fato que causava admiração no povo: "*Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem*" (Marcos 1,27).

Apesar do alerta de Jesus, parece que ninguém Lhe "dá ouvidos":

> Mateus 12,43-45: "*Quando **um espírito mau sai de um homem**, ele fica vagando em lugares desertos, procurando repouso, e não o encontra. Então ele diz: 'Vou já voltar para a casa de onde saí'. Quando ele chega, encontra a casa vazia, varrida e arrumada. **Então ele vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele**. Eles entram e moram aí; no fim, esse homem fica em condição pior do que antes. É o que vai acontecer com esta geração má."* (grifo nosso)

Não nos preocupamos em manter a "nossa casa" fechada a tais espíritos; nossas imperfeições morais a deixam com a sua porta completamente escancarada.

É bom registrar que também muitos dos que seguiam a Jesus, conseguiam "expulsar" os espíritos maus (Atos 5,16; 8,5-8; 19,11-12); certamente, porque possuíam as condições morais para tal empreitada. Sobre isso, há um registro interessante que vale a pena transcrever:

> Atos 19,13-17: "***Alguns exorcistas judeus** itinerantes começaram a invocar o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham **espíritos maus**. E diziam: 'Eu esconjuro vocês por este Jesus que Paulo está pregando.' Os que faziam isso eram os sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu. **Mas o espírito mau reagiu**, dizendo: 'Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo;*

> *mas quem são vocês?' E o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos. E toda a população de Éfeso, judeus e gregos, ficou sabendo do fato. O temor se apossou de todos. E a grandeza do nome de Jesus era exaltada*." (grifo nosso)

É o famoso "quem não tem competência, que não se estabeleça". Assim, aos que carecem de condições morais, recomenda-se a não se aventurarem a exorcizar espíritos; veja o que pode acontecer com o exemplo acima.

No início, dissemos que os espíritos maus eram genericamente chamados de demônios; cabe-nos, agora, provar tal assertiva; leiamos:

> Lucas 9,38-42: "*Um homem gritou do meio da multidão: 'Mestre, eu te peço, vem ver o meu filho, pois é o meu único filho.* ***Um espírito o ataca*** *e, de repente, solta gritos e o sacode, e o faz espumar. Eu pedi aos teus discípulos que expulsassem* ***o espírito****, mas eles não conseguiram'. Jesus disse: 'Ó geração sem fé e pervertida! Até quando deverei ficar com vocês, e ter que suportá-los? Traga o menino aqui'. Quando o menino estava se aproximando, o* ***demônio*** *o jogou no chão e o sacudiu. Então* ***Jesus ordenou ao espírito mau****, e curou o menino. Depois o entregou a seu pai*." (grifo nosso)

Vemos aqui, num mesmo texto, que "demônio" e "espírito mau" são a mesma coisa, uma vez que ambas palavras são utilizadas para descrever o mesmo personagem envolvido na história, que figura como o agente perturbador do

menino.

O professor universitário Russell Norman Champlin, Ph.D, fez uma análise bem interessante; leiamos:

> *Demonismo?* Não é de estranhar que muitas igrejas que buscam ambiciosamente os dons espirituais são aquelas que têm dificuldades com a possessão demoníaca? Por que não lhes ocorre que os mesmos espíritos que os levam a falar em línguas, a curar, a profetizar, etc., são os mesmos que os possuem e que, finalmente, mostram sua malignidade moral levando-os a se sentirem psicológica e moralmente agitados, o que algumas vezes os leva à insanidade mental? **Assim é que em uma reunião um espirito é expulso de alguém; mas, na próxima reunião, tudo se repete. Tudo isso é atribuído ao Espírito Santo, quando, na realidade, só se manifesta em um "espiritismo" ignorante. Pelo menos os espíritas dizem apenas que entram em contacto com espíritos humanos de pessoas falecidas; e são suficientemente sábios para saber que alguns deles, pelo menos, são malignos.** Mas na igreja, em sua infantilidade, não são tomadas essas precauções; e o resultado disso são muitas pessoas que terminam por sofrer de perturbações psíquicas. Tais fatos não podem ser ignorados, sem importar se pensamos que os espíritos "humanos" estão ou não no fundo dessa questão. ([130]) (grifo nosso)

Essa opinião é importante, pois vem de pessoa ligada ao segmento evangélico. E esmiuçando mais a questão dos demônios, Champlin, explica:

---

130 CHAMPLIN, vol. 4, 2005d, p. 187.

> Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.
>
> ***Tertuliano* (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos**. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. […]. ([131]) (grifo nosso)

Percebe-se, então, que o significado foi mudando com o tempo, passou a ser uma outra coisa completamente diferente daquele que tinha anteriormente, que seria o que deveríamos tomar para entender as passagens bíblicas.

Numa outra obra, Champlin, aborda novamente o assunto, citando Adam Clarke (1760-1832), teólogo metodista e erudito bíblico britânico:

> Jesus aproximava-se dos Seus discípulos, caminhando à superfície do lago. “E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: é um fantasma. E gritaram com medo” (Mateus 14:26).

131 CHAMPLIN, vol. 1, 2005a, p. 695.

> **Foi acerca desse passe versículo que se manifestou Adam Clarke nestes termos**: “Que os espíritos dos mortos ***podem*** aparecer e realmente ***aparecem***, foi doutrina mantida pelos maiores e mais santos homens que já existiram; e é uma doutrina que os caviladores, - os *livres-pensadores* e os *bitolados* de diferentes épocas jamais foram capazes de desmentir”. ([132]) (grifo nosso)

E já que mencionamos Paulo, não podemos deixar de dizer que ele, o apóstolo dos gentios, foi quem mais entendeu dessas coisas, a ponto de orientar: “*Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância*”. (1Cor 12,1). Os “dons do Espírito” nada mais são do que o que hoje conhecemos como mediunidade; mas vejamos o que ele diz dela:

> 1 Coríntios 12,2-11: “*Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: 'Maldito Jesus!' E ninguém poderá dizer: 'Jesus é o Senhor!' a não ser sob a ação do Espírito Santo. Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro,* ***o discernimento dos espíritos****; a*

132 CHAMPLIN, 1981(?), p. 101.

> *outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer."* (grifo nosso)

Aqui, Paulo fala dos vários tipos de mediunidade; inclusive, a de discernimento dos espíritos, o que prova que eles eram vários, não é, portanto, como alguns querem fazer crer, apenas um só: o Espírito Santo, personagem que não existia naquele momento, conforme já dito.

Como sabemos que se manifestam espíritos dos mais variados graus evolutivos, é preciso mesmo saber distinguir os bons dos maus, para não embarcarmos numa "canoa furada", seguindo a falsos profetas da erraticidade.

Em Jayme Andrade, que, segundo ele mesmo afirma, foi criado no seio da Igreja evangélica, encontramos uma explicação que vem ajudar-nos no entendimento do texto bíblico atribuído a Paulo:

> Quando o apóstolo disse que "um só Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1ª Cor 12:1), pretendeu certamente referir-se ao Guia Espiritual da reunião, que faculta a cada Espírito comunicante o ensejo de ministrar sua mensagem, tanto que no versículo imediatamente anterior ele fala do "dom de discernir **os espíritos**" e um pouco adiante afirma: "**Os espíritos** dos profetas estão sujeitos aos profetas" (14:32). Note-se que o apóstolo João também advertiu: "Amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se **os espíritos** são de Deus". (1ª João 4:1) ([133]) (grifo do original)

133 ANDRADE, 1997, p. 117.

Portanto, não se trata de algo no qual somente o Espírito Santo estava agindo em todos, como tentam fazer-nos crer ter acontecido em Lucas (11,13). Aliás, há um outro passo em que também o sentido foi alterado, conforme nos afirma o Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), professor de Teologia, em *O Espiritismo e a Igreja*, do qual transcrevemos:

> E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: "Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entrar em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância (I Cor., XIV, 12).
>
> **No texto grego está – espíritos e não dons espirituais** – como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver e menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este pneumaton*. ([134]) (grifo nosso)

Mais uma alteração feita, sem a menor cerimônia, visando, evidentemente, esconder a verdade.

Aos que, sem preconceito, analisarem as narrativas bíblicas, provavelmente, chegarão à mesma conclusão que nós, ou seja, que o intercâmbio com os espíritos era fato comum, no início do cristianismo, que, após algumas alterações na Bíblia, foram descaracterizados como tal.

Inclusive, diga-se de passagem, o contato com os espíritos não recebeu nenhum sinal de admoestação por parte

---

134 NIELSSON, 1983, p. 49-50.

de Jesus, no sentido de proibi-lo.

Quem o proibiu foi Moisés, e, por ironia, quem disse ter sido proibido apresenta-se a Jesus (Mateus 17,1-9; Lucas 9,28-36); aí vale o questionamento de Kardec: “Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã” ([135]), que estendemos a todos os fiéis das Igrejas tradicionais.

135 KARDEC, 2007d, p. 172.

Comunicação com os mortos: fatos escondidos...

> Não é boa política a um crente querer valorizar sua crença detonando a dos outros, pois isso só demonstra que a sua isoladamente não vale nada, porquanto se valesse faria de tudo para ressaltar isso, sem se preocupar com a crença alheia.

Estávamos lendo o livro "*Os 3 caminhos de Hécate*", do escritor espírita J. Herculano Pires (1914-1979), que falando das manifestações de espíritos na Bíblia, cita, entre outros, os seguintes passos: "Em Provérbios, 31:1-9, o espírito da mãe de Lamuel aparece-lhe para lhe transmitir conselhos. Em Juízes, 13, um espírito aparece a Manué e sua mulher" ([136]).

Bem curioso e até ansioso pela nova informação, fomos imediatamente conferi-la. E foi aí que vimos a verdade dos fatos que fazem de tudo para esconder.

Vejamos o passo Provérbio 31,1-9, do qual colocaremos apenas o versículo 1, já que é ele o que nos interessa:

> Bíblia de Jerusalém: *Palavras de Lamuel, rei de Massa, **as quais lhe ensinou sua mãe**. [...].* (grifo nosso)
>
> (Textos com mesmo sentido ao citado: Bíblia do

136 PIRES, 2004, p. 113.

> Peregrino; Bíblia Sagrada – Santuário; Bíblia Sagrada – Vozes; Bíblia Sagrada – Ave-Maria; Bíblia Shedd; Bíblia Sagrada – Pastoral e A Bíblia Anotada).
>
> Bíblia Sagrada – Barsa: *Palavras do rei Lamuel. **Visão**, pela qual o instruiu sua mãe. [...].* (grifo nosso)
>
> (Texto com mesmo sentido ao citado: Bíblia Sagrada – Paulinas)
>
> Novo Mundo: *Palavras de Lemuel, o rei, **a mensagem** ponderosa que sua mãe lhe deu em correção: [...].* (grifo nosso)
>
> Bíblia Sagrada – SBB: *Palavras do rei Lemuel: **a profecia** que lhe ensinou sua mãe. [...].* (grifo nosso)

Infelizmente, percebemos que, na maioria das traduções bíblicas citadas, a passagem foi modificada (se o certo não for dizer adulterada ou corrompida?) para não deixar transparecer a realidade de que essas instruções, que Lamuel (ou Lemuel) recebe de sua mãe; e pela sua redação a impressão que se tem é que elas foram recebidas de uma morta, ou seja, a mensagem foi transmitida pelo espírito de sua mãe. Apenas na narrativa de três delas podemos fazer uma análise e chegar à conclusão que se trata mesmo de uma aparição, oportunidade em que o espírito transmitiu a sua mensagem.

Visão em êxtase ou noturna, são os dois tipos de visões que aparecem na Bíblia. Fora as que se relacionam a eventos futuros, geralmente, são protagonizadas por seres espirituais. Algumas passagens do Antigo Testamento, inclusive, relatam pessoas tendo visões do Espírito de Deus, como se isso fosse um fato possível a um ser humano. E aí nos surge um questionamento: Por que Ele não aparece mais a ninguém nos

dias de hoje?

Muitos dos antigos profetas eram videntes (1 Samuel 9,9), como, por exemplo, Samuel e Ido, citados com essa faculdade; certamente que tinham visões dos espíritos. Pedro, Tiago e João viram os espíritos Moisés e Elias conversando com Jesus (Mateus 17,1-9). Zacarias vê o anjo Gabriel (Lucas 1,19), que também foi visto por Daniel que disse ser ele um homem (Daniel 9,21).

Uma outra visão bem interessante é a de Paulo que vê um macedônio, que lhe suplicava ir à sua cidade (Atos 16,9); o fato é que no passo não se dá para concluir se esse macedônio era vivo ou morto. Não estranhe, caro leitor, os vivos também podem se manifestar, pelo fenômeno da emancipação da alma – na linguagem bíblica eles são tidos como "arrebatamentos em espírito".

Leiamos, agora, a segunda passagem:

> Juízes 13,2-23: *"Havia um homem de Saraá, do clã de Dã, que se chamava Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos.* ***O anjo de Javé apareceu à mulher*** *e lhe disse: 'Você é estéril e não tem filhos, mas ficará grávida e dará à luz um filho. [...].' A mulher foi falar assim ao marido: '****Um homem de Deus veio me visitar. Pela sua aparência majestosa, parecia um anjo de Deus****. [...].' Então Manué rezou a Javé: '****Eu te peço, Senhor: que o homem de Deus que enviaste****, volte e nos diga o que devemos fazer com o menino, quando ele nascer'. Deus ouviu a oração de Manué, e* ***o anjo de Deus apareceu outra vez à mulhe****r, quando ela estava no campo. Seu marido Manué não estava com ela. A mulher foi correndo avisar o marido: '****O homem que me visitou outro dia, voltou****'. Manué*

> *seguiu a mulher e **foi perguntar ao homem**: 'Foi você quem falou com esta mulher?' Ele respondeu: 'Sim. Fui eu mesmo'. Manué disse: 'Quando se realizar a sua palavra, como será o comportamento do menino? O que é que ele deve fazer?' **O anjo de Javé** respondeu a Manué: 'A mulher não poderá fazer nada daquilo que lhe foi proibido: [...].' Manué disse ao **anjo de Javé**: 'Fique conosco, que vamos preparar um cabrito para você'. O **anjo de Javé** respondeu a Manué: 'Mesmo que eu fique, não provarei a sua comida. Mas, se você quiser, prepare um holocausto e ofereça a Javé'. **Manué não tinha percebido que esse homem era o anjo de Javé.** E Manué perguntou: 'Qual é o seu nome, para que possamos agradecer a você, quando suas palavras se realizarem?' **O anjo de Javé** retrucou: 'Por que você está querendo saber o meu nome? Ele é misterioso'. Então Manué pegou o cabrito com a oferta, e ofereceu-o sobre a rocha em holocausto a Javé, que realiza coisas misteriosas. Manué e sua mulher ficaram observando. Quando a chama do altar subiu para o céu, o **anjo de Javé** também subiu na chama. Vendo isso, Manué e sua mulher caíram com o rosto no chão. **O anjo de Javé não apareceu mais**, nem para Manué nem para a sua mulher. Então Manué entendeu que era o anjo de Javé. Ele disse à sua mulher: 'Certamente morreremos, **porque vimos a Deus**'. A mulher respondeu: 'Se Javé nos quisesse matar, não teria aceito o holocausto e a oferta, não nos teria mostrado tudo o que vimos, nem nos teria comunicado essas coisas'."*

Para designar o mesmo ser que aparece a Manué e sua mulher, são utilizados estes termos para descrevê-lo: "anjo de Javé", "um homem de Deus, que parecia um anjo de Deus", "anjo de Deus", "o homem" e "Deus". Percebe-se a grande confusão que faziam diante das manifestações espirituais, não conseguindo, de fato, distinguir o que realmente viam.

Na verdade, o que viam eram anjos, que nada mais são que espíritos desencarnados, razão pela qual eram confundidos com homens. Para corroborar isso, basta ler em Atos o que aconteceu com Pedro. Ele estava preso a mando de Herodes, que já havia mandado matar a Tiago, irmão de João, e pretendia fazer o mesmo com Pedro, uma vez que viu que isso agradava aos judeus (Atos 12,1-3). Pedro após ser solto por um anjo do Senhor se dirige à casa de Maria, mãe de João, onde muitos estavam reunidos (Atos 12,6-12), leiamos, na própria narrativa bíblica, do que se sucede em seguida:

> Atos 12,13-16: *"Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. Os presentes disseram: 'Você está ficando louca!' Mas ela insistia. Eles disseram: '**Então deve ser o seu anjo**!' Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras."* (grifo nosso)

Diante da possibilidade de Pedro estar à porta e como o supunham já morto, concluíram que só poderia ser o anjo dele que estava ali; em outras palavras: Então deveria ser o seu espírito!

Recorreremos novamente a R. N. Champlin, que nos explica essa passagem da seguinte forma:

> "Os cristãos primitivos têm com toda a razão sido criticados por essa sua atitude. Primeiramente rebateram a jovem escrava completamente, não crendo nela, preferindo acreditar que ela estava louca a crerem

que as suas próprias orações haviam sido respondidas! E então, quando ela insistiu tão veementemente que não se equivocara com respeito à presença de Pedro ao portão, porquanto ele tinha um timbre de voz todo pessoal, chegaram eles a acreditar que Pedro já fora executado, à semelhança de Tiago, e que a aparição fora de seu espírito".

[…].

Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da **alma.** Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu "anjo" ou "espírito" havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina "espírita" era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.

[…] Porém, por toda a parte abundam histórias de **fantasmas,** e muitos céticos negam tudo. Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. **Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos.** Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os "demônios" são espíritos humanos maus, desencarnados.

[…] É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que

> guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. Sabemos pouquíssimo sobre o mundo **intermediário** dos espíritos e supomos que o estado "eterno" já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim.
>
> […].
>
> Naturalmente, sem importar o que os judeus criam a respeito dessas coisas, isso não prova nada neste caso. Porém, a experiência humana parece ser capaz de ilustrar amplamente que, algumas vezes, os espíritos dos mortos voltam a este mundo e entram em contato (pela permissão divina) com os homens. E com base nisso ficamos sabendo, pelo menos, que tais espíritos podem vir a fim de realizar determinadas missões, como também depreendemos que nossos conhecimentos sobre o mundo **intermediário** dos espíritos é extremamente limitado, porquanto muito nos resta ainda a apreender acerca do mundo dos espíritos, bem como sobre as capacidades e atividades dos espíritos. ([137]) (grifo do original)

Eis aí os fatos que comprovam o que fazem para tirar das passagens bíblicas a realidade da comunicação com os mortos. Aliás, ficamos pensando seriamente que se considerassem mesmo a Bíblia como sendo a palavra de Deus, não teriam coragem de alterá-la, modificá-la ou adulterá-la (caro leitor, escolha a que achar melhor), como flagrantemente fazem.

Inclusive, como veremos no próximo capítulo, alguns tradutores têm o disparate de colocar em Deuteronômio 18,10-11, que sempre é citada como proibindo as comunicações com

---

137 CHAMPLIN, 2005, p. 250.

os mortos, palavras que não existiam à época que os textos bíblicos foram escritos, fora o fato de que não existem em hebraico, aramaico ou grego, como: Espiritismo, espiritistas, médiuns e médium espírita, que são neologismos criados por Kardec em abril do ano de 1857, quando publica a obra *O Livro dos Espíritos*.

Ecos do Passado – O paganismo no cristianismo

> “Acontece que a verdade é, às vezes, para todos nós seres humanos, o que menos queremos ouvir, principalmente com relação aos nossos princípios religiosos, pois o nosso ego aflora… ninguém quer ser humilde o bastante para reconhecer os seus erros”. (CHAVES, 2001).

É muito interessante quando temos às mãos alguma literatura, na qual encontramos informações sobre as religiões de antanho. Quem ainda não ficou completamente cego pelo fanatismo, percebe uma relação muito estreita entre alguns conceitos e determinadas práticas religiosas da antiguidade com os da atualidade.

Vejamos, por exemplo, a cultura religiosa dos egípcios. Segundo as Escrituras Sagradas, os hebreus ficaram em escravidão no Egito por quatrocentos e trinta anos (Êxodo 12,40), o que nos leva, inevitavelmente, a acreditar que, de uma forma ou de outra, acabaram por incorporar em sua própria cultura parte da dos egípcios.

Apontaremos alguns pontos curiosos que, nos dias atuais, podemos, perfeitamente, identificar como oriundos dessa cultura, que vieram a fazer parte do cristianismo, nos rituais religiosos praticados na atualidade. Seria, a nosso ver,

por mais paradoxal que possa parecer, o paganismo dentro do cristianismo.

Vejamos, então essas curiosidades:

1 – Procissão

Na atualidade, vemos periodicamente como uma prática religiosa o ritual das procissões, que consiste em se percorrer um determinado trajeto, até um local pré-determinado, carregando uma imagem religiosa num andor, ao som de rezas e cantorias.

Mas qual é a origem desse ritual? Nas pesquisas que realizamos, tivemos oportunidade de verificar que tal ritual era praticado pelos egípcios; vejamos:

> O rio Nilo está em festa. Barcas enfeitadas homenageiam Amon, o deus dos mistérios e padroeiro dos navegantes. A população de Tebas, no sul do Egito, aguarda ansiosa o faraó e os sacerdotes que **carregam nos ombros a imagem da divindade.** Todos participam da Bela Festa do Vale, uma das mais importantes festividades do Egito Antigo, realizada no Médio Império (1975-1640 a.C.), no início do ano no calendário egípcio – ou meados de julho na contagem ocidental. […].
>
> **Antes da procissão, a estátua do deus passa por um ritual secreto**. O faraó e os sacerdotes visitam o templo de Amon. **Eles cantam, tocam instrumentos e queimam incenso** para afastar qualquer energia negativa do ambiente. […] A imagem é perfumada, vestida e maquiada e, depois, recebe oferendas no templo de Karnak, o maior do mundo antigo.
>
> **Do templo, o deus sai dentro de um andor e é transportado num barco. Durante a travessia as pessoas, em procissão, entoam cânticos e hinos**

sagrados. […]. ([138]) (grifo nosso)

Fato que também podemos comprovar em outra publicação, conforme se segue:

> **Todos os anos, em meio a cantos, danças e celebrações, o faraó e os sacerdotes de Amon lideravam uma procissão que conduzia uma estátua dourada do deus celeste** agonizante desde o santuário interno de Karnak até uma barcaça no Nilo. Esta era então rebocada pela barca real até o templo de Luxor. Enquanto os altos dignitários remavam cerimoniosamente a barcaça rio acima, soldados e camponeses nas margens a puxavam de fato com a ajuda de cabos. ([139]) (grifo nosso)

Podemos ainda verificar que esse ritual consta em algumas narrativas bíblicas; vejamos:

> 1 Reis 12,28-30: *"Então Jeroboão teve a ideia de fazer dois bezerros de ouro. E disse ao povo: 'Vocês já foram demais a Jerusalém. Israel, aqui está o seu Deus, aquele que tirou você da terra do Egito'. Colocou um dos bezerros em Betel e instalou o outro em Dã. Isso foi causa de pecado. O povo foi em* ***procissão diante do bezerro*** *até Dã."* (grifo nosso)
>
> 2 Macabeus 6,5-7: *"O próprio altar estava repleto de ofertas proibidas pela Lei. Não se podia celebrar o sábado, nem as festas tradicionais, nem mesmo se declarar judeu. Todo mês eram forçados a participar do banquete sacrifical, que se realizava no dia do aniversário do rei. Quando chegavam as festas de*

138 FELIPPE, 2003, p. 40-45.
139 GORE, 2002, p. 8-35.

> *Dionísio, eram obrigados a participar da* ***procissão em honra a Dionísio****, com ramos de hera na cabeça."* (grifo nosso)
>
> Salmo 118,27: "*Javé é Deus: ele nos ilumina!* ***Formem procissão com ramos*** *até os ângulos do altar*." (grifo nosso)

Nas traduções da SBTB e SBB, encontramos mais duas passagens; tomemos o seu teor pelo da última:

> Neemias 12,31: *"Então fiz subir os príncipes de Judá sobre o muro, e ordenei* ***dois grandes coros e procissões*** *sendo um à mão direita sobre o muro d banda da porta do monturo."* (grifo nosso)
>
> Isaías 45,20: *"Congregai-vos e vinde; chegai-vos juntos, os que escapastes das nações: nada sabem os que* ***conduzem em procissão as suas imagens de escultura, feitas de madeira, e rogam a um deus que não pode salvar****."* (grifo nosso)

Assim, fica evidenciado que o ritual da procissão é, realmente, uma prática religiosa que os hebreus copiaram dos egípcios. O cristianismo, por sua vez, manteve em seus rituais esse hábito do judaísmo.

2 – Ressurreição da Carne

Apesar de ser um dogma aceito pela maioria das religiões cristãs tradicionais, sua origem está intimamente ligada ao conceito que os egípcios tinham a respeito do corpo físico depois da morte.

> **Os egípcios acreditavam que o corpo ressuscitaria magicamente do outro lado da vida** por

meio de um ritual chamado de ‘abertura da boca’. O sacerdote ou alguém da família tocava a boca do morto com um instrumento de metal para que ele pudesse ter uma boa passagem para o outro mundo e conseguisse pronunciar as palavras necessárias na hora do julgamento. ([140]) (grifo nosso)

Construídas com grandes blocos de pedra, as pirâmides nada mais eram do que as escusas tumbas dos faraós. **Foram erguidas para abrigar o sarcófago do faraó até que sua alma voltasse ao corpo**. O soberano supremo era enterrado com móveis, joias e outros objetos, pois naquela época se acreditava que precisaria deles na outra vida. ([141]) (grifo nosso)

[…] Mas, para os egípcios, havia algo de maior significado que se expressava na preservação de bens valiosos dos mortos e construções de obras de estrutura física, que poderiam garantir uma outra vida além da morte, de muita fortuna. Para eles, **após o falecimento do corpo, o morto de qualquer classe social teria uma existência semelhante à da Terra**, mas sem os problemas e as necessidades desta.

A morte, para os egípcios, tinha um especial interesse. **Havia entre eles uma crença absoluta no renascer dos mortos. Por isso, a preocupação em preservar o cadáver e o desenvolvimento da técnica de mumificação**. De acordo com sua religião, a alma precisava de um corpo para morar por toda a eternidade.

Se a vida poderia durar eternamente, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servir-lhe de morada, era preciso, portanto, preservar suas características físicas. Essa necessidade religiosa fez com que os egípcios desenvolvessem a técnica de

---

140 FELIPPE, 2003, p. 40-45.

141 *A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 6-17.

> mumificação. ([142]) (grifo nosso)

Assim, toda a crença dos egípcios estava centrada na possibilidade da vida após a morte, na qual acreditavam precisar do corpo físico para sobreviver, pois não tinham a menor consciência de que a nossa realidade é sermos um ser espiritual. Razão pela qual não haverá a mínima necessidade do corpo físico em uma dimensão completamente diversa da nossa, como querem os teólogos, apesar de se dizerem espiritualistas.

Hoje em dia, aceitar que o corpo físico é que ressuscitará, é fazer vistas grossas para as leis divinas, que, pelo processo da decomposição, faz com que este corpo devolva à natureza os elementos que dela tomou emprestado. Estes, por sua vez, formarão novas substâncias.

3 – Juízo Final

Outra crença egípcia é a respeito do juízo final. Veja o que encontramos sobre o assunto:

> **No mundo dos mortos, os egípcios eram julgados pelo deus Osíris e seus 42 assessores**. Diante de cada juiz, o defunto declarava não ter passado por determinada infração. Seu coração era pesado numa balança. 'Se pesasse mais que a pluma da justiça de Maat, a deusa da ordem universal, o morto seria engolido por um monstro em forma de crocodilo, leão e hipopótamo e teria, assim, uma morte definitiva, deixando por completo de existir'. […]. ([143]) (grifo nosso)

---

142 *A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 46-50.

143 FELIPPE, 2003, p. 40-45.

Tão logo falecia, a pessoa tinha de ser submetida a um julgamento pelo chamado Tribunal dos Deuses, uma espécie de justiça divina, presidido pelo deus Osíris.

Segundo o ritual, **o morto prostrava-se diante das autoridades celestiais e fazia uma espécie de confissão, na qual declarava que não cometera más ações durante sua vida**.

No centro, aparece o deus Anúbis, com cabeça de chacal, que faz a pesagem na balança – no prato, à direita, aparece o coração do morto, sede da consciência e onde estavam registradas suas ações na terra; no prato esquerdo, há uma pena, símbolo de Maat, a deusa da verdade: à direita, encontra-se Toth, que anota num papiro os resultados das pesagens.

Se a pesagem constatar que o coração teve peso mais leve que a verdade, isso significava que o espírito não estava proferindo uma mentira quando afirmou que levou uma vida justa e respeitosa. Por isso, o tribunal posicionava-se que o mesmo estava apto a conquistar a vida eterna no paraíso. ([144]) (grifo nosso)

O julgamento final era a prova de fogo para que a pessoa morta alcançasse, finalmente, a vida eterna.

No julgamento final, **o morto deveria provar que foi verdadeiro e justo durante a vida, sem ter faltado com a verdade**.

Se a pessoa não passasse pelo julgamento final, estaria condenada a uma espécie de coma perpétuo, ou seja, teria então uma segunda morte porque, agora, o acesso à eternidade estaria vedado. ([145]) (grifo nosso)

É interessante essa maneira que percebiam o

144 *A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 46-50.

145 *A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 6-17.

julgamento final de um indivíduo. Os cristãos adotaram esse juízo final, apesar de, contraditoriamente, dizerem que seremos julgados também logo após nossa morte. Haveria então dois julgamentos? Qual seria a utilidade deles? Quem fosse para o inferno no primeiro, poderia sair quando do segundo?

4 – Um ser gerado por um deus

Encontramos no conceito religioso dos cristãos, a concepção de Jesus ocorrida por obra do Espírito Santo. Interessante que, se isso ocorreu, Jesus deixa de ser descendente de Davi, contrariando as profecias a esse respeito.

Mas, aqui, mais uma vez, percebemos que os egípcios também acreditavam na possibilidade de um deus fecundar uma mulher, leiamos: “Tamanha suntuosidade, tornou ImHotep uma figura célebre em todo Egito – depois de sua morte, ganhou status de um deus. Passou a ser considerado filho Ptah, o deus supremo de Mênfis, que teria fecundado uma mulher mortal.” ([146])

Essa crença igualmente era compartilhada pelos gregos; senão vejamos: “Filho de Zeus e de uma mulher mortal, Alcmena, Heracles foi o maior e mais popular herói de toda a Grécia Antiga, embora a lenda tenha tido origem estritamente peloponésica.” ([147])

Não devemos nos esquecer que os gregos também exerceram domínio sobre os judeus.

5 – Natal

---

146 *A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 36-45.
147 *Deuses Gregos* nº 01, s/d, p. 33-40.

Vejamos o que encontramos a respeito do dia que dizem ser o do nascimento de Jesus:

> Quanto ao **25 de dezembro, ele só foi adotado por volta de 330 d.C. Nessa data, ocorria em Roma a festa pagã do Solis Invictus, o Sol Invencíve**l. Comemorado logo após o solstício de inverno – quando o percurso aparente do Sol ocupa sua posição mais baixa no firmamento –, o festival homenageava o reinício do deslocamento da trajetória solar para o alto do céu, de onde os raios da estrela voltaram a aquecer generosamente a Terra. Frustrados na tentativa de acabar com a festa, **os cristãos resolveram apropriar-se dela.** ([148]) (grifo nosso)

Esse fato não é do conhecimento da maioria dos cristãos; talvez somente os líderes religiosos saibam disso. É sabido que vários acontecimentos do passado longínquo se perderam, não chegando aos nossos dias, e os que chegam podem, por interesses, não terem sido relatados como exatamente acontecidos.

6 – Mediador

A crença em que os líderes religiosos são os mediadores entre Deus e os homens não deixa de ser também uma crença egípcia; só que, ao invés dos líderes religiosos, o próprio faraó era o mediador, conforme podemos comprovar: "**O faraó** era visto pela população como um deus vivo, **trazido à Terra para ser o mediador entre o céu e os homens**. [...]." ([149]) (grifo nosso)

---

148 ARANTES, 2003, p. 12-21.
149 FELIPPE, 2003, p. 40-45.

É o que vemos, em toda a Bíblia, na figura dos profetas, no Antigo Testamento e de Jesus, no Novo Testamento. A partir de sua morte essa intermediação, entre Deus e a humanidade, passa a ser feita pelos sacerdotes, pastores, etc.

7 – Culto aos Mortos

A prática de se cultuar o faraó depois de sua morte, foi assimilada por alguns cristãos na forma de culto aos santos. Vejamos:

> Normalmente, **um faraó era cultuado somente após a morte**, mas muitos soberanos utilizaram a religiosidade como instrumento de propaganda e conseguiram se tornar objeto de culto ainda em vida. ([150]) (grifo nosso)

Dessa prática e da do culto a vários deuses, acabou a primeira sendo reforçada, ou seja, a do culto aos santos, que passou a responder por vários tipos de atividades relacionadas ao comportamento humano. Vejamos o item a seguir.

8 – Vários deuses

> […] No princípio, do oceano primordial, auto-gerado, aparece Rá. Ele expele, de sua boca, Seb (o deus Ar) e Tefnut (Umidade). Deles nasce Geb (Terra) e Nut (Céu), pais de quatro filhos: Osíris, Íris e Seth e Néfits. Depois deles, **surgem todas as outras divindades que, ao todo, somam mais de 2 mil**. […]. ([151])

---

150 FELIPPE, 2003, p. 40-45.

151 FELIPPE, 2003, p. 40-45.

> **A religião egípcia caracterizava-se, dessa maneira, como politeísta – quer dizer, aquela em que existem vários deuses**. Do mesmo modo que a maioria das sociedades primitivas, o Egito tinha um panteão de deuses muito vasto. Era praticamente um deus para cada um dos muitos aspectos da vida cotidiana. ([152]) (grifo nosso)

Esse emaranhado de deuses, com suas atribuições, também acabou dando origem às inúmeras atribuições que relacionaram a cada um dos santos. Vejamos, então alguns exemplos:

Deuses Egípcios ([153]):

Anúbis, deus dos embalsamadores e da mumificação;

Atum, criador dos deuses, do homem e da ordem divina;

Bastet, deusa do lar, do fogo e das grávidas;

Bes, deus da música, dança e da família. Protetor das mulheres grávidas;

Geb, deus da terra, guia dos mortos para o além;

Hathor, deusa das mulheres, do amor e da música;

Imhotep, patrono dos escribas, curador, sábio e mágico;

Ísis, guardiã, deusa da mágica;

Khonsu, deus da lua;

Maat, deusa da ordem, das leis, da justiça e da verdade;

Min, deus da fertilidade masculina, patrono do deserto

---

152 *A Magia do Egito*, nº 02, s/d, p. 18-23.

153 *Qual é o assunto?*, nº 02, s/d, p. 4-6.

oriental;

Montu, deus da guerra.

No Catolicismo:

Cosme e Damião, padroeiros dos médicos e protetores dos gêmeos e das crianças;

São Brás, protetor dos que sofrem de engasgos ou doenças de garganta;

Santo Antônio, padroeiro dos pobres e casamenteiro;

São Cristóvão, protetor dos viajantes e motoristas;

São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores;

São Judas Tadeu, advogado das causas desesperadas;

Santa Bárbara, invoca-se esta para se proteger das tempestades e trovões;

Santa Cecília, padroeira da música;

Santa Inês, padroeira da castidade e das adolescentes;

Santa Luzia, protetora da visão.

Poderíamos acrescentar que tanto os gregos como os romanos também possuíam vários deuses e, da mesma maneira, cada um deles tinha uma atribuição própria. Assim, não percebemos nenhuma diferença entre os deuses da Antiguidade e os santos de hoje.

9 – Trindade

Outro item que fazia parte da cultura religiosa dos egípcios, e do qual era mesmo de se esperar a sua

incorporação na cultura religiosa dos judeus, é a Trindade. Entretanto, não sabemos por que razão essa só passou a ser admitida posteriormente no cristianismo a partir do século IV da era cristã. Leiamos:

> **Os deuses costumavam ser divididos em grupos, geralmente em tríades compostas por duas divindades adultas e uma jovem.** Assim, por exemplo, **existe a tríade de Tebas, que compreende Amon-Rá, Mut e Khons**, divindades dos três principais templos de Karnak. ([154]) (grifo nosso)

Além disso, podemos acrescentar que todos os povos, que dominaram os judeus, tinham três deuses, como base de sua cultura religiosa.

Duas coisas mais merecem destaque, embora não pertencentes à cultura egípcia: uma é a origem de Satã e a outra a dos Dez Mandamentos; é o que veremos a seguir.

10 – Satã

Vejamos:

> **Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência dum espírito que procurava desfazer a obra de Jeová**. E a esse adversário deram o nome de Satã.
>
> Passaram a odiá-lo e temê-lo, e **no ano 331 convenceram-se de que Satã andava pela terra**. ([155]) (grifo nosso)

---

154 *A Magia do Egito*, nº 5, s/d, p. 14-21.
155 VAN LOON, 1951, p. 122.

Assim, da cultura persa, que possuía o deus do bem (Ahura-Mazda) e o do mal (Ahriman), tiraram o ser denominado Satã correspondendo a esse último.

11 – Leis Morais

Temos a informação de que…

> **Os babilônicos desenvolveram as leis morais mais tarde incorporadas por Moisés nos Dez Mandamentos** e que ainda hoje constituem os alicerces do cristianismo. ([156]) (grifo nosso)

Essa informação, que nos parece muitíssimo interessante, nos dá notícia de que até mesmo os Dez Mandamentos não se trata de coisa original, pois, como estamos constatando, foram também copiados de outra cultura. Para nós tem sentido, uma vez que Deus nunca estabeleceria um mandamento só para homens como o *"não cobiçar a mulher do próximo"* (Êxodo 20,17); portanto, estamos diante de um preceito absolutamente machista; obviamente, reflexo cultural da sociedade daquela época.

Ficamos a pensar: e se fizermos um levantamento completo, o que mais acharíamos para acrescentar a essa nossa pequena lista? Por que será que o homem ainda mantém em suas práticas coisas absolutamente ultrapassadas pelo tempo? Umas são realizadas sobre o pretexto de estarem na Bíblia, no pressuposto de que tudo que ali contém é absolutamente verdadeiro.

---

156 VAN LOON, 1951, p. 103.

Mentes abertas têm colocado em xeque esse pensamento, fazendo com que muitas pessoas possam ver além do véu. Há provas de que muitas coisas que ali estão são fruto de lendas, mitologias, outras não sustentadas pela ciência; enfim, uma verdadeira miscelânea! Essas mentes abertas, de que estamos falando, são as pessoas que aplicam integralmente uma recomendação que deveria servir para todos: ***"Examinem tudo e fiquem com o que é bom."*** (1 Tessalonicenses 5,21)

Por outro lado, vemos como uma necessidade urgente de se aplicar essa análise ao Espiritismo como um alerta para que, nós, os espíritas, não venhamos a desfigurá-lo, trazendo para dentro de nossas casas espíritas determinadas práticas que nada têm a ver com os princípios ditados pelos Espíritos Superiores a Kardec.

Infelizmente, estamos vendo que muitos companheiros, embora agindo de boa vontade, mas sem nenhum respaldo doutrinário, desejam implantar, em nosso meio, práticas totalmente desvinculadas do que poderíamos chamar de verdadeira essência do Espiritismo, tais como: terapia de vidas passadas, cromoterapia, uso de cristais, roupas especiais, etc.

Não que as estejamos condenando e aos que as praticam; entendemos que, apesar da eficácia de algumas, não devem ser realizadas em qualquer instituição espírita, pois podem levar as pessoas a buscarem tais técnicas a fim de se livrarem de seus problemas, esquecidos de que o mais importante é a reforma íntima e a prática do bem.

Hebreus 9,27: morrem os homens uma só vez?

> "É mais fácil enganar as pessoas do que convencê-las de que elas foram enganadas." (MARK TWAIN)

Em relação aos textos bíblicos visando combater a crença na reencarnação, os apegados à letra, sempre recorrem a uma determinada passagem da Epístola aos hebreus (Hebreus 9,27) que, muito embora ela já tenha sido analisada por inúmeros autores, vamos dar a nossa contribuição para ajudar no entendimento de que a reencarnação faz parte do texto bíblico e, por consequência, do seu contexto.

Não estaremos aqui preocupados em desenvolver todos os argumentos a favor da reencarnação, faremos apenas uma rápida referência de textos bíblicos nos quais ela se torna evidente, para quem tem "olhos de ver", é claro!

Todos os que estudam a Bíblia sabem muito bem que no Antigo Testamento há uma profecia de Malaquias, na qual é prevista a volta de Elias, que pode ser vista nestas passagens ([157]):

Malaquias 3,1: "*Eis que* ***enviarei o meu mensageiro***

157 Os textos bíblicos, quando não mencionada outra fonte, têm seu teor transcrito da Bíblia de Jerusalém.

para que prepare um caminho diante de mim." (grifo nosso)

Malaquias 3,24 (ou 4,5): "*Eis que vos **enviarei Elias**, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível.*" (grifo nosso)

A primeira fala do envio do mensageiro, e a segunda identifica-o como sendo Elias. E quem relaciona alguém a essa profecia é o próprio Jesus, quando, em se referindo a João Batista, textualmente, diz: "*É dele que está escrito: 'Eis que envio o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti*'" (Mateus 11,10). E para que não pairasse nenhuma dúvida arrematou: "*E, se quiserdes dar crédito, **ele é o Elias que deve vir***." (Mateus 11,15) (grifo nosso)

E numa outra oportunidade, quando os discípulos Pedro, Tiago e João questionaram-no sobre a razão dos escribas dizerem que Elias viria primeiro (Mateus 17,10), foi ainda mais objetivo dizendo-lhes: "*Certamente Elias terá de vir para restaurar tudo. Eu vos digo, porém, que **Elias já veio, mas não o reconheceram**. Ao contrário, fizeram com ele tudo quanto quiseram.*" (Mateus 17,11-12; Marcos 9,13) (grifo nosso)

Devemos ter atenção especial a esta frase *"Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, [...]."*, (Mateus 11,12) dita por Jesus, lembrando, para que não passe desapercebido, que João foi seu contemporâneo; assim, o "*desde os dias de João Batista*" só terá sentido se se considerar que Jesus, ao fazer essa referência, está falando sobre o passado de João. E como já dissemos seJoão foi contemporâneo de Jesus, esse passado de João só pode se referir a uma sua

vida anterior que, no caso, pela própria afirmativa de Jesus, foi Elias, conforme os versículos 13-15, chegando a ponto de ele dizer: "*Quem tem ouvidos, ouça!*" (Mateus 11,15)

A crença na reencarnação era algo comum no tempo de Jesus, embora não signifique que todos acreditassem nela e nem que aceitassem que todo o mundo reencarnaria. Julgamos que, em princípio, pensavam que isso acontecia apenas com os profetas, razão pela qual, na época, conforme demonstram os textos bíblicos, pensava-se que Jesus poderia ser Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas (Mateus 16,13-14; Marcos 6,14-16; Lucas 9,18-19). E essa crença era tão disseminada no seio da sociedade da época, que os judeus chegaram a enviar alguns sacerdotes e levitas a João para saber se este era Elias ou o profeta (o Messias), conforme narrado em João 1,19-23.

É de se destacar que, até nos dias atuais, em contraponto à reencarnação, alguns fiéis têm convicção de que ressuscitarão fisicamente, o que é totalmente anticientífico, diga-se de passagem, além de não constar da Bíblia (na qual dizem se apoiarem); além disso, é contrário ao sentido do teor desta fala de Jesus: *"O espírito é que vivifica; a carne para nada serve".* (João 6,63)

Ademais, a crença na ressurreição física é também contrária à própria "palavra de Deus", usando do linguajar comum dos cristãos. Como? Perguntar-nos-ão. É bem simples, basta compreender o que Paulo afirma em 1 Coríntios 15,35-53, onde inicia seu discurso questionando: "*Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos?*" Para depois explicar que a cada situação Deus dá um corpo apropriado, do que, taxativamente,

conclui: “*Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.*” (1 Coríntios 15,v. 50)

Os que combatem a ideia da reencarnação, de forma recorrente, conforme já o dissemos no início, apresentam, como “prova” bíblica fatal o seguinte verso: *“[...] aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o Juízo.”* (Hebreus 9,27), teor conforme a versão das Bíblias protestantes: Mundo Cristão, BTB, SBB e Shedd.

Interessante é que muitos leitores (e não estudiosos da Bíblia!) não têm o mínimo conhecimento de que a carta aos Hebreus não é mais aceita por alguns estudiosos como sendo de autoria de Paulo, mas de um autor desconhecido, provavelmente, um discípulo dele. Isso é importante, pois, no intuito de combaterem a reencarnação colocam-na acima do que disse Jesus, preterindo o ensinamento deste em favor do daquele.

Ainda que, de fato, fosse de Paulo, embora isso o colocasse contra o que ele mesmo disse em 1 Coríntios 15,35-53, acreditamos que Jesus lhe é superior naquilo que pregava ao povo.

É necessário que tomemos a passagem no seu contexto para entender de que fala o autor, tomando-se a versão da A *Bíblia Anotada – Mundo Cristão*:

> Hebreus 9,22-28: “*Com efeito, quase todas as cousas, segundo a lei, se purificam com o sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das cousas que se*

> *acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias cousas celestiais com sacrifícios a eles superiores. Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado. E, assim, como* ***aos homens está ordenado morrerem uma só vez*** *e, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação*" (grifo nosso)

Vê-se, claramente, que aqui nada tem contra a reencarnação; a questão de "morrer uma só vez" está ligada ao corpo físico, que, obviamente, se tornará repasto para os vermes. E, realmente, em cada uma de nossas vidas terrenas, vamos assim dizer, somente morremos uma só vez mesmo.

Convém ressaltar que o ser humano é, dentro da visão espírita, constituído de espírito e corpo, sendo o primeiro a parte imortal (imperecível) e o segundo a parte mortal (perecível) do homem; tanto assim o é que o espírito volta a Deus, de onde veio e o corpo à terra (Eclesiástico 12,6-7), quando do perecimento deste.

Podemos dizer que somos, na verdade, espíritos temporariamente ligados a um corpo, já que a nossa verdadeira vida é a espiritual; porquanto viemos do plano espiritual e é para lá que todos nós retornaremos, após o apagar da luz do

nosso corpo físico.

Aceitaríamos que negaria a reencarnação se o teor dessa passagem estivesse da seguinte forma: "*aos homens está ordenado viverem* ***uma só vez***".

Vejamos um trecho do que o escritor José Reis Chaves diz sobre esse passo:

> **O apóstolo dos gentios, por influência da sua religião anterior, o judaísmo antigo, levou para o cristianismo essa ideia errada de que Deus se deleita com sacrifícios de sangue derramado**. É essa a tônica do sentido de Hebreus 9:27. E aqui faço uma ressalva. Hoje, grande parte dos biblistas atribui a um discípulo de Paulo a autoria da Carta aos Hebreus. Mas sendo ela de um discípulo de Paulo, sua teologia é paulina. E o certo é que a sua teologia do sangue engrandece o sacrifício da morte de Jesus na cruz, afirmando que tal sacrifício, exatamente porque é de Jesus, foi o bastante para "indenizar" Deus, pelo suposto mal que Ele teria sofrido, por causa dos pecados da humanidade. Mas, ainda naquela época, Jesus, superior que é a Paulo em sabedoria, já dizia que não queria sacrifícios, mas, sim, misericórdia (Mateus 9:13).
>
> Vou citar o texto paulino de Hebreus 9:27 e o versículo seguinte, o 28, que o complementa: "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação".
>
> Como se vê, o texto nada tem a ver com as vidas sucessivas. **Nem deve ter passado pela cabeça do autor de Hebreus a ideia da reencarnação, nem**

> **contra ela nem a favor dela. A tônica do texto é única e exclusivamente de valorização do sacrifício de Jesus na cruz, o qual dispensa outros sacrifícios, como eram feitos no judaísmo antigo.** Sou fã de Paulo, mas não concordo com a sua tese de que Deus aprecia sacrifícios de sangue, e que os nossos pecados tenham sido anulados com as cusparadas no rosto de Jesus, com as chibatadas dadas nele e com a sua morte na cruz. E Deus precisaria disso para deixar abertas para nós as portas dos céus? Se Jesus nos ensinou que temos que ser bons e perdoar sempre, por que Deus, para perdoar a humanidade, exigiria um ato bárbaro desse contra um Filho seu inocente? Seria Jesus superior a Deus? E um pecado mortal seria capaz de anular os pecados da humanidade toda, e quando Jesus disse que nós mesmos é que temos que pagar tudo até o último centavo? ([158]) (grifo nosso)

Em seu outro artigo intitulado “Hebreus 9:27 é um abuso de interpretação contra a reencarnação”, publicado em o jornal *O Tempo*, a certa altura Chaves diz:

> O que o autor, muito ligado às ideias de sacrifícios do Velho Testamento, quer acentuar é que a única morte de Jesus na cruz, como a de todo homem, que é também uma só, foi tão importante como sacrifício de morte, que não há mais necessidade de outros sacrifícios de morte de mais nenhum outro ser para resgatar pecados como pensavam os judeus. O texto, como se vê, não tem mesmo nenhuma relação com a reencarnação, mas tão somente com a eficácia da morte única de Jesus para o

158 CHAVES, *Morrem todos os seres terrenais, mas jamais morrem os celestiais*, disponível em: https://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/jos%C3%A9-reis-chaves/morrem-todos-os-seres-terrenais-mas-jamais-morrem-os-celestiais-1.210486

resgate dos pecados. ([159])

Concordamos plenamente com essa linha de raciocínio do autor.

Ademais, aos que querem tomar as coisas ao pé da letra, para aplicar à lei da reencarnação, forçosamente, terão que admitir que, se os "pecados" podem ser redimidos apenas com sangue, isso só poderia acontecer àqueles já cometidos, o que se confirma nesse próprio livro, inclusive, no citado capítulo 9: "*[...] Sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; [...].*" (Hebreus 9,15).

Portanto, se Jesus morreu para "pagar" (ou apagar) os pecados, foram os cometidos no passado; então, nesse caso, terá que se providenciar um outro Cristo para morrer pelos que foram cometidos (Pela humanidade? Pelos cristãos?) no período após a morte dele até a vinda desse novo Cristo.

Aceitando-se o entendimento de que "*Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo*" (1 João 2,2), então a morte desse outro Cristo será para expiar os pecados não só dos cristãos, mas também os de toda a humanidade, ainda que nem todos os homens sejam seguidores de Cristo, já que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Atos 10,34; Romanos 15,9; Gálatas 2,6; Efésios 6,9).

---

159 CHAVES, J. R. Hebreus 9:27 é um abuso de interpretação contra a reencarnação, disponível em: https://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/jos%C3%A9-reis-chaves/hebreus-9-27-%C3%A9-um-abuso-de-interpreta%C3%A7%C3%A3o-contra-a-reencarna%C3%A7%C3%A3o-1.714059

Há uma coisa nesse tipo de raciocínio que ainda não conseguimos entender; é a razão pela qual acontecerá essa suposta remissão dos pecados, tomando-se como base também as seguintes passagens:

> Marcos 1,4: "*João Batista esteve no deserto proclamando um **batismo de arrependimento** para a remissão dos pecados.*" (grifo nosso)
>
> Lucas 3,3: "*E ele percorreu toda a região do Jordão, proclamando um **batismo de arrependimento** para remissão de pecados.*" (grifo nosso)
>
> Lc 24,46: "*E disse-lhes: 'Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu nome, fosse proclamado o **arrependimento** para a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*'." (grifo nosso)
>
> At 2,38: "*Respondeu-lhes Pedro: 'Arrependei-vos, e cada um de vós seja **batizado** em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados.*'." (grifo nosso)
>
> At 10,43: "*Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, receberá a remissão dos pecados **todo aquele que nele crer***." (grifo nosso)

As duas que analisamos antes (Hebreus 9,15 e 1 João 2,2) levam-nos a concluir que a remissão se deu pela morte de Jesus na cruz, enquanto essas, logo acima, já dizem ser por quatro outros motivos, a saber:

1º) pelo batismo de arrependimento;

2º) só pelo arrependimento;

3º) só pelo batismo; e

4º) por apenas crer em Jesus.

Confessamos que estamos completamente confusos para determinar qual deles realmente é aquele que deve ser levado em conta.

Por outro lado, a manter-se o entendimento da remissão de pecados pelo derramamento de sangue, devemos convir que esse tipo de raciocínio contraria, frontalmente, o que o mesmo autor dessa epístola aos hebreus diz no capítulo 10, verso 6: "*Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado*", ou seja, ele também afirma que Deus não se compraz com o sangue de ninguém. Há incongruência maior do que dizer uma coisa e, logo em seguida, afirmar-se outra? A nosso ver, isso também fere ao que se deve entender destes passos: "*cada um morrerá por sua própria falta"* (Jeremias 31,30) e *"a cada um de acordo com suas obras*" (1 Pedro 1,17 ≈ Mateus 16,27).

Fora esse ponto, podemos ainda encontrar alguns outros que, geralmente, não são levados em conta pelos "literalistas". Vejamos:

1) os supostamente arrebatados

Se, como acreditam, os personagens Henoc (Gênesis 5,24) e Elias (2 Reis 2,10-12) foram arrebatados de corpo e alma ao "céu", então deve-se concluir que o "*aos homens está ordenado morrerem uma só vez*" não foi cumprido, porquanto, no passo Hebreus 9,27 usado como base e tomado na sua literalidade, não se estabeleceu qualquer exceção. Fora o fato de que também é contrário ao teor do passo Romanos 5,13, que diz "*assim a morte passou a todos os homens, porque*

todos pecaram”.

2) os ressuscitados mencionados na Bíblia

Iniciando pelo Antigo Testamento, encontraremos o profeta Elias ressuscitando o filho de uma viúva de Sarepta (1 Reis 17,21-22), feito que também consegue o seu discípulo Eliseu ao ressuscitar o filho de uma sunamita rica (2 Reis 4,17-35). Há, ainda, uma ressurreição inusitada, que é aquela quando alguns homens estavam enterrando um morto, jogaram-no no túmulo de Eliseu e o corpo do defunto, ao tocar os seus ossos, reviveu e se colocou de pé (2 Reis 13,20-21).

São três os que, segundo os relatos dos evangelistas, foram ressuscitados por Jesus: Lázaro (João 11,1-44), a filha de Jairo (Mateus 9,18-26; Marcos 5,21-43; Lucas 8,40-56) e o filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17).

Em Atos encontramos o relato de Pedro ressuscitando a Tabita (Atos 9,36-42) e, um pouco mais à frente, é a vez de Paulo conseguir o mesmo feito com o jovem Êutico (Atos 20,7-12).

Ora, tomando-se tudo isso como fatos verdadeiros, teremos um sério problema, pois não consta que todas essas pessoas, depois de ressuscitadas, não tenham morrido novamente, porquanto a morte é uma das inflexionáveis leis da Natureza; nenhum ser vivo lhe escapa; assim, por lógica, deve-se concluir que morreram duas vezes, hipótese essa que fere o “a*os homens está ordenado morrerem uma só vez*”. Veja-se que até Jesus, que é Jesus, morreu, ainda que se alegue que a sua morte foi para nos redimir.

Ressuscitar mortos é algo que parece não ser privilégio de personagens bíblicos, pois consta que o contemporâneo de Jesus de nome Apolônio de Tiana (2 a.C.–c. 98) além de curas milagrosas também conseguia ressuscitar mortos ([160]).

Considerando o avanço acelerado da medicina nesses dois últimos séculos, em que os médicos conseguiram ressuscitar milhares de pessoas, mediante o uso do desfibrilador, ou da aplicação de massagem cardíaca, ou de algum outro procedimento que nos escapa, podemos supor que daqui para frente os médicos poderão fazer verdadeiros milagres de cura, ou de ressuscitação, mediante o uso de aparelhos mais sofisticados, ou de remédios e de terapias mais eficientes.

3) por quantos juízos passaremos?

Ora, em Hebreus 9,27 é dito que "*depois disto o juízo*"; então, haverá dois julgamentos, pois além desse ainda se crê naquele outro, que ocorrerá no dia do juízo final. Daí, nós perguntamos: qual será a utilidade de mais um juízo no final dos tempos? Quem for condenado no primeiro, poderá salvar-se no segundo? Até o presente, ninguém conseguiu nos informar se quem foi para o "inferno" no primeiro poderá ir para o "céu" pelo segundo.

Por outro lado, se ficarmos apenas no que é dito em Hebreus 9,27, então, por coerência, ninguém ficará esperando a ressurreição no último dia para ser julgado. Aliás, a ideia do julgamento imediatamente após a morte também está implícita

160 VERMES, 2007, p. 65.

na parábola do rico e Lázaro (Lucas 16,19-31).

4) fere, frontalmente, estas duas claríssimas afirmativas de Paulo: "*Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual*" (1 Coríntios 15,44) (Bíblia Anotada) e "*a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus*" (1 Coríntios 15,50) (A Bíblia Anotada), pois, os que advogam que se morre apenas uma vez, acreditam, em contrapartida, na ressurreição física.

5) também não há como conciliar a ressurreição física com a afirmação de Jesus de que, na ressurreição dos mortos, seremos como os anjos nos céus (Mateus 22,20; Marcos 12,25 e Lucas 20,35), que, como todos sabemos, são seres espirituais, ou seja, não têm corpos físicos; portanto, é essa forma espiritual que tomaremos após a morte.

6) ter-se-iam, também, que aceitar outras passagens de Hebreus como verdadeiras como, por exemplo, estas duas que colocam o Antigo Testamento como algo completamente sem valor:

> Hebreus 7,18-20: "*Assim sendo, **está ab-rogada a prescrição anterior, porque era fraca e sem proveito**. De fato, a Lei nada levou à perfeição; e está introduzida uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus. Isto não se realiza sem juramento. No entanto, não houve juramento para o sacerdócio dos outros. Para ele, porém, houve o juramento daquele que disse a respeito: O Senhor jurou e não se arrependeu: Tu és sacerdote para sempre... Neste sentido é que **Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor***." (grifo nosso)
>
> Hebreus 8,6-7.13: "*Agora, porém, **Cristo possui***

> ***ministério superior**. Pois ele é o mediador de aliança bem melhor, cuja constituição se baseia em melhores promessas. **De fato, se a primeira aliança fora sem defeito, não se trataria de substituí-la pela segunda**. Assim sendo, ao falar de nova aliança, tornou velha a primeira. Ora, **o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer**.*" (grifo nosso)

7) deve-se admitir uma contradição bíblica em Hebreus.

Em Êxodo, narra-se que Moisés recebe diretamente de Deus as duas tábuas de pedra (sic) com os Dez Mandamentos: *"Quando Javé terminou de falar com Moisés no monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas da aliança; eram tábuas de pedra, **escritas pelo dedo de Deus**".* (Êxodo 31,18) (Bíblia Sagrada – Pastoral); aqui já temos um conflito, pois, em Ex 34,28, está dito que foi Moisés quem escreveu nas tábuas. O que, objetivamente, estamos querendo mostrar é que em Hebreus se afirma outra coisa em relação a quem passou a revelação a Moisés, veja: *"De fato, se a **palavra transmitida por meio dos anjos** se mostrou válida, e toda transgressão e desobediência recebeu um justo castigo,..."*. (Hebreus 2,2) (Bíblia Sagrada – Pastoral). Afinal, foi Deus ou foram os anjos que transmitiram o decálogo a Moisés?

E para piorar ainda mais essa situação, temos estas outras afirmações que confirmam Hebreus:

> Atos 7,38: *"Foi ele* [Moisés] *quem, na assembleia do deserto, esteve com **o anjo que lhe falava no monte Sinai** e também com nossos pais; foi ele quem recebeu palavras de vida para no-las transmitir".* (grifo nosso)

> Atos 7,53: “*Vós, que recebestes a* ***Lei por intermédio de anjos,*** *e não a guardastes!”*(grifo nosso)
>
> Gálatas 3,19: *“[...]* ***A Lei foi promulgada pelos anjos*** *e um homem serviu de intermediário.”* (grifo nosso) (Bíblia Sagrada – Pastoral)

Finalizando, deixemos aos “literalistas” o encargo de nos explicarem o que aqui expomos, esperando que sejam coerentes com as narrativas bíblicas e não presos aos dogmas que lhes foram impostos, como verdades absolutas.

Jesus na sessão espírita do Tabor

> “O erro da crítica está no confundir o bom e o mau, o que muitas vezes sucede pela má-fé de alguns e pela ignorância do maior número.” (ALLAN KARDEC)

> “As religiões, quaisquer que sejam, jamais ganharam qualquer coisa por sustentar erros manifestos.” (ARY LEX)

O episódio é denominado pelos biblicistas de Transfiguração e, embora tenha sido citado pelos Evangelhos Sinóticos, não consta do de João. Eis o que é dito na narrativa de Mateus (Mateus 17,1-9):

“Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou à parte, sobre uma alta montanha. E ali foi transfigurado diante deles. O seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: 'Senhor, é bom estarmos aqui. Se queres, levantarei aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias'. Ainda falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e

> *uma voz, que saída da nuvem, disse: 'Este é meu Filho amado, em quem me comprazo, ouvi-o!' Os discípulos, ouvindo a voz, muito assustados, caíram com o rosto no chão. Jesus chegou perto deles e, tocando-os, disse: 'Levantai-vos e não tenhais medo'. Erguendo os olhos, não viram ninguém: Jesus estava sozinho. Ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes: 'Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos'."* (*Bíblia de Jerusalém*, 1987)

Primeiramente, queremos deixar registrado que há algumas divergências nos textos bíblicos. Uma delas é a de que Mateus e Marcos dizem que tal acontecimento se deu "seis dias" depois (Mateus 17,1; Marcos 9,2), enquanto Lucas afirma ter sido "oito dias" (Lucas 9,28). Mais gritante ainda é o fato de Mateus e Lucas afirmarem que o rosto de Jesus foi que resplandeceu, ao passo que Marcos diz ter sido o seu manto. Já Lucas é o único que menciona o assunto da conversa de Jesus com os espíritos Moisés e Elias, qual seja: "*falavam de sua partida que iria se consumar em Jerusalém*" (Lucas 9,31); o silêncio dos outros dois causa-nos estranheza. Isso tudo só vem depor contra a tese da inerrância bíblica, comum aos que se recusam a ver que os textos bíblicos muito têm de "inspiração" humana e pouco de divina.

Vejamos quais foram os três fenômenos mediúnicos ocorrido no relato.

Se Lucas descreveu corretamente os fenômenos, quando disse que "*Pedro e os companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele.*" (Lucas 9,32), por esse "pesados de sono" podemos classificá-los como de efeitos físicos, tendo como

doadores do ectoplasma os discípulos Pedro, Tiago e João.

Esclareça-se que é comum, nos fenômenos de materialização, a produção de “uma nuvem luminosa” no momento em que o ectoplasma se exterioriza do médium que, na maioria das vezes, já se encontra em sono profundo, exatamente como essas duas particularidades estão relatadas no passo. Coincidentemente, esses três discípulos também estiveram com Jesus na cura da filha de Jairo, vista como se estivesse morta (Marcos 5,21-24.35-43).

1º – **Transfiguração**: foi o que aconteceu com Jesus quando seu perispírito envolveu seu corpo físico numa luz radiante, pondo em evidência sua elevada condição espiritual. É bem provável ter sido usado o ectoplasma de Pedro, Tiago e João para se produzir esse fenômeno.

2º – **Materialização**: os dois protagonistas do evento foram Moisés e Elias, ao se materializarem para conversar com Jesus, fenômeno esse que pôde ser visto pelos três discípulos que o acompanhavam.

3º – **Voz direta**: a voz que saiu da nuvem certamente se trata de um fenômeno de voz direta, no qual algum ser espiritual, utilizando-se do ectoplasma que se apresentava na forma de nuvem, produziu uma garganta ectoplasmática para dar sua mensagem, identificando Jesus como o enviado de Deus, a quem todos deveriam ouvir.

Nestes tipos de fenômenos, todos os que estiverem no ambiente ou local do acontecimento irão vê-los ou percebê-los, exatamente porque se tratam de fenômenos de efeitos físicos.

No texto, vemos claramente que a pessoa a quem atribuem a informação de que a comunicação com os mortos "*é abominável ao Senhor*", vem pessoalmente, depois de morta, participar de uma sessão espírita. Essa participação de Moisés e o fato de que Jesus ter tomado parte nela já são o suficiente para nós não termos a comunicação com os mortos como uma proibição divina, mas sim como uma proibição do próprio Moisés; portanto, fora da estreita visão dogmática que a coloca como promanada do Criador. Vejamos o passo bíblico sobre isso, o qual dividiremos em dois trechos:

> Deuteronômio 18,9-12: "*Quando entrares na terra que Iahweh teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interrogue espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos; pois quem pratica essas coisas é abominável a Iahweh, e é por causa dessas abominações que Iahweh teu Deus as desalojará em teu favor*."
>
> Deuteronômio 18,13-14: "*Tu serás íntegro para com Iahweh teu Deus. Eis que as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isso não te é permitido por Iahweh teu Deus*."

A razão de o dividirmos se deve ao fato de que ninguém que usa tais determinações contra o Espiritismo ser ético o suficiente para colocar os versículos 13 e 14, pelo simples motivo de que são eles que resumem tudo quanto Moisés estava querendo proibir seu povo de fazer; qualquer criança de maternal entende isso.

Assim, fica claro que ele jamais condenou indiscriminadamente a comunicação com os mortos, como querem fazer crer os fanáticos, mas apenas aquelas que tinham por objetivo a adivinhação ou prognóstico de coisas futuras, de cunho meramente material.

Um bom exemplo desse tipo de comunicação pode ser visto em 1 Samuel 28,3-25, quando Saul, primeiro rei de Israel, vai a Endor para, através da necromante, consultar-se com o Espírito Samuel sobre o que lhe aconteceria na guerra contra os filisteus, próxima a acontecer. Necromante é a pessoa que consulta os mortos para fins de adivinhação, exatamente o que havia sido proibido pelo legislador hebreu.

Por que temos certeza de que são ordenações de Moisés e não divinas? Pela simples razão de ser totalmente ilógico Deus ter criado leis naturais para que os mortos pudessem se comunicar com os “vivos” e isso ser, ao mesmo tempo, algo detestável a Ele; só mente de fanáticos pode absorver tal ideia.

Sobre essa proibição, veja-se o que Allan Kardec) tece de considerações:

> Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, força é que o seja igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser consequente. Desde que se reconhece que a lei moisaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos.
>
> Demais, é preciso expender os motivos que justificavam essa proibição e que hoje se anularam

> completamente. O legislador hebreu queria que 'o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos, como se infere destas palavras de Isaías: "O Espírito do Egito se aniquilará de si mesmo e eu precipitarei seu conselho; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos". (19:3). ([161])

Um bom exemplo de que não cumprem rigorosamente a lei de Moisés é o fato de que não mais mandam seus filhos rebeldes para serem apedrejados pelos anciãos do povo à porta das cidades como bem recomenda o Deuteronômio 21,18-21; não se faz "*réu de morte*" os que trabalham aos sábados para cumprir o Êxodo 21,15; por que não se aplica a pena de morte nos casos citados em Êxodo 21,12-17?

Muitos contraditores não sabem (ou não querem saber?) que "Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação." ([162]); em razão disso condenam o Espiritismo, supondo que suas práticas consistem somente de evocações, como se nunca ocorressem comunicações espontâneas.

Achamos isso sem sentido algum, pois, por qualquer meio que venham os espíritos – espontaneamente ou atendendo a alguma evocação – só podem se comunicar porquanto houve uma permissão de Deus para tal. A não ser que julguemos os homens com poder suficiente de contrariar a vontade de Deus neste aspecto; então, teria sentido a condenação das evocações.

---

161 KARDEC, 2007d, p. 167-168.
162 KARDEC, 2007b, p. 360.

Em nosso livro *Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica*, apresentamos várias provas de que os espíritos só se manifestam com a permissão de Deus. Embora já tenhamos apresentado aqui, fazemos questão de ressaltar uma delas; especificamente aquela em o que disse o Espírito André a seu pai, o advogado Lino Sardos Albertini, através de uma médium que ele procurara para entrar em contato com seu filho quando lhe perguntou por que havia morrido tão cedo:

> […] André disse-nos ter nascido para executar uma missão especial, isto é, **fornecer as provas da existência da vida após a morte, de modo que muitas pessoas acreditem mais em Deus e respeitem a sua le**i. […]. ([163]) (grifo nosso)

Não fosse a intolerância religiosa, André não teria morrido em vão.

Querem alguns estabelecer uma relação direta entre Espiritismo e feitiçaria, a resposta a fanáticos desse tipo, já foi dada por Kardec:

> Acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; […] Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina. ([164])
>
> Só a malevolência e uma rematada má-fé puderam confundir o Espiritismo com a magia e a feitiçaria,

163 ALBERTINI, 1989, p. 24-25.
164 KARDEC, 2007e, p. 31-32.

> quando aquele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas. Alguns chegaram mesmo a comparar as reuniões espíritas às assembleias do *sabbat*, nas quais se espera o soar da meia-noite, para que os fantasmas apareçam. ([165])
>
> Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretenso poder sobrenatural, de suas fórmulas, engrimanços, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais. ([166])

Custa-nos acreditar que, em pleno século XXI, ainda encontremos pessoas com a capacidade mental de julgar que Espiritismo e feitiçaria são a mesma coisa, dada a quantidade de obras espíritas disponíveis; inclusive, na Internet pode-se ler muitas delas de graça.

É por demais curioso o fato de que Jesus, depois do acontecimento, não disse para os discípulos não fazerem o que Ele estava fazendo – conversando com mortos –, mas apenas pediu-lhes que só contassem o ocorrido após sua ressurreição. E por que justamente após a Sua ressurreição? Resposta: justamente para comprovar a existência da comunicação dos espíritos com os vivos, e mostrar que a Sua presença, depois da morte, era semelhante à de Moisés e à de Elias, ocorridas no momento da "transfiguração".

Veja-se que a própria manifestação de Jesus, após a Sua morte física, já prova que os mortos podem se comunicar: "*Ainda a eles, apresentou-se vivo depois de sua paixão, com*

---

165 KARDEC, 2001, p. 70-71.
166 KARDEC, 2001, p. 104.

muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne ao Reino de Deus." (Atos 1,3). "Apresentou-se vivo", é claro, porquanto a morte só atinge ao corpo físico; jamais ao Espírito imortal.

Lembram-se de quando ele apareceu a Saulo? O intrépido perseguidor dos cristãos ficou cego por três dias, demonstrando que a luz produzida pelo perispírito de Jesus O qualifica como um espírito da mais elevada estirpe.

Mas os mortos não estão proibidos de evocar os vivos

> *"Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para ele."* (Lucas 20,38)

Dividimos os que não aceitam a comunicação com os mortos em dois grupos. Um deles é o que diz que é proibida a evocação dos mortos. O outro, mesmo diante de várias evidências, se recusa a aceitá-la.

Os primeiros, mais apegados ao dogmatismo de suas religiões, condenam a evocação justificando ser ela proveniente da vontade divina, quando, na verdade, não se deram conta do contrário.

Se assim fosse, deveriam cumprir à risca a determinação de se matar os evocadores, ordem que está umbilicalmente ligada às proibições, mas como felizmente não há mais ninguém matando os médiuns, e a inquisição ficou para trás, como uma lamentável mancha negra na história da humanidade, fica provado que não pode ter como origem a divindade, razão pela qual podemos, seguramente, dizer que foi instituída por Moisés.

Quanto aos segundos, podemos exemplificá-los com o caso narrado por Clóvis Nunes, em seu livro *Transcomunicação*, citando o livro *"O Desconhecido e os Problemas Psíquicos"* do

astrônomo Camille Flammarion (1842-1925), de onde transcreveu:

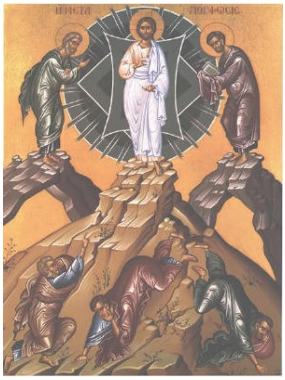
> “Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia de Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que **o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Edison à douta assembleia**. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro”.
>
> “Viu-se então um acadêmico de idade madura de espírito compenetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Edison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: ‘**Miserável, nós não seremos ludibriados por um ventríloquo**. **Senhor Bouillaud**, chamava-se este membro do instituto. Foi isso a 11 de março de 1878. Mais curioso, ainda, é que seis meses após, a 30 de setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara no caso mais do que simples vintriloquia, mesmo porque, não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana. **Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica**”. ([167]) (grifo nosso)

Falaremos sobre os “mortos” evocando os vivos, realidade que os negadores desconhecem.

Embora nosso propósito aqui nesse estudo não seja relacionar essas manifestações a fatos bíblicos, há uma passagem que vem corroborar nossa tese, por isso, faremos uma exceção para colocá-la.

---

167 NUNES, 1990, p. 70.



Citaremos a passagem na qual é narrado o momento em que Jesus se põe a conversar com os Espíritos Moisés e Elias (Mateus 17,1-9), e já que não foi dito que Jesus os tenha evocado, presumimos que apareceram por livre e espontânea vontade, e, obviamente, com a permissão de Deus.

Ficamos matutando: se a evocação dos mortos é mesmo proibida, será que Jesus transgrediu a lei, tornando-se mentiroso, já que anteriormente havia afirmado que tinha vindo para cumprir a Lei (Mateus 5,17)?

A narrativa de Lucas (9,28-35) diz que dois homens estavam conversando com Jesus, citando os nomes de Moisés e de Elias, que apareceram em sua glória, ou seja, apareceram em espírito, uma vez que ambos já estavam mortos, provando, dessa forma, a possibilidade de intercâmbio entre os mortos e os vivos.

Vamos avançar no tempo, indo para os meados do século XIX, quando no vilarejo de Hydesville (E.U.A.), há uma ocorrência em que um morto se manifesta.

No mês de março de 1848, aconteceram, nesse povoado, os primeiros fenômenos espíritas dos tempos modernos, o que representou o prelúdio do advento da Doutrina Espírita, consumando com a Codificação do Espiritismo, por Allan Kardec.

Hydesville é um pequeno povoado típico do Estado de New York e, quando da ocorrência desses fenômenos, contava com um pequeno número de casas de madeira, do tipo mais simples. Numa dessas cabanas, habitava a família do pastor John D. Fox, de religião metodista, composta dos pais e vários filhos, dentre eles Margareth, de quatorze anos, Kate de onze anos, e Leah, que residia noutra cidade.

A família Fox havia passado a morar nessa casa no dia 11 de dezembro de 1847. Algum tempo após essa mudança, seus ocupantes passaram a ouvir arranhões, ruídos insólitos e pancadas, vibradas no forro da sala, no assoalho, nas paredes e nos móveis, os quais passaram a constituir verdadeira preocupação para aquela família.

Na noite de 31 de março de 1848, descobriu-se um meio de entrar em contato com a entidade espiritual que produzia os fenômenos. A filha menor do casal, Kate, disse, batendo palmas: “Sr. Pé Rachado, faça o que eu faço”. De forma imediata, repetiram-se tantas pancadas quanto o número das palmadas dadas por Kate. Em face dessa resposta, Margareth, então, disse, brincando: “Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro, e bateu palmas”. O que ela havia solicitado foi repetido com incrível exatidão. Kate, adiantando-se, disse, na sua simplicidade infantil: “Oh! Mamãe! Eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar

uma mentira”.

A senhora Fox lembrou-se, então, de fazer uma tentativa concludente: solicitou à entidade que desse as idades de todos os seus filhos, o que foi feito com notável precisão.

Havia-se estabelecido, desta forma, ainda que bem precário, um sistema de comunicação com o mundo espiritual.

Nesse episódio podemos ver que nenhuma das pessoas da família Fox havia feito qualquer tipo de evocação, as pancadas foram por iniciativa de quem as produzia. O autor desse feito foi quem disse ser um espírito e que se chamava Charles B. Rosma, morto algum tempo atrás, por conta de 500 dólares, tendo sido enterrado no porão daquela casa. Somente 56 anos depois é que foi encontrado o seu esqueleto.

O que mais se nos apresenta interessante, nesse caso, é que sendo a família Fox metodistas, dificilmente iriam mesmo evocar algum espírito. Os fatos nos apontam como causa a vontade do espírito, que se fez reconhecer. Portanto, houve uma manifestação espontânea do espírito.

Seguindo adiante, vinte e seis anos após, vamos encontrar mais um caso interessante.

Augustin Lesage (1876-1954) foi um operário que, por longos anos, trabalhou em mina de carvão no interior da França. Obteve apenas o diploma do curso primário.

Em 1911, com 35 anos, passa a ouvir vozes no interior da mina em que trabalhava, conta ele:

Eu trabalhava abaixado numa pequena passagem de

> 50 centímetros que dava para uma galeria afastada do movimento da mina. No silêncio eu escutava, apenas, o barulho da minha enxada. Foi quando, de repente, **ouvi uma voz nítida dizer: Um dia serás pintor!**
>
> Olhei por todos os lados para ver de onde vinha esta voz. Ninguém. Estava ali eu, apenas. Fiquei estupefato e assustado.
>
> Voltei da mina e nada disse a ninguém, nem aos amigos, nem aos filhos, e nem à minha esposa. Acreditava que iriam tomar-me por um alucinado ou louco.
>
> **Poucos dias depois, igualmente na mina e trabalhando, a voz se fez, novamente, escutar.** Ninguém perto de mim. Fiquei apavorado. Guardei segredo, porém, inquieto, acreditando estar ficando louco. ([168]) (grifo nosso)

Decorrido algum tempo, ouviu um companheiro de trabalho, que havia lido sobre o Espiritismo, falar que os espíritos existem, disse-lhe que poderia ser o caso que estava acontecendo com ele. Lesage, em busca do conhecimento sobre o assunto, comprou dois livros de Léon Denis.

Resolveu, então, junto com amigos, fazer ele próprio, experiências mediúnicas, evocando os espíritos. Relata uma delas:

> Lecomte colocou sobre a mesa lápis e papel e minha mão começou a escrever esta mensagem que nunca esquecerei":
>
> *"Estamos felizes por falar hoje com vocês. As vozes que você ouviu são uma realidade. Um dia será pintor.*

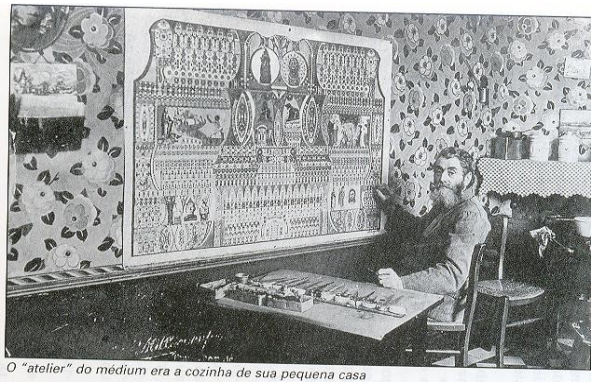
168 VICTOR, 1998, p. 30-31.

> *Escute nossos conselhos e verá que tudo se realizará de acordo com o que dissemos. Atenda nossas palavras e sua missão se cumprirá".* ([169])

Mas como? se ele, Lesage, não possuía a mínima queda para a pintura. Recebe nova mensagem:

> **Hoje a questão não é desenhar, mas pintar. Não tenha medo, continue seguindo nossos conselhos**. Realmente, um dia será pintor, e suas obras serão submetidas ao exame da Ciência. No começo isto poderá parecer-lhe ridículo. **Somos nós que traçaremos por sua mão. Não procure entender. Siga, rigorosamente, nossos conselhos.** Antes de tudo, porém, iremos dar-lhe, através da escrita, o nome dos pincéis e tintas que deverá procurar no estabelecimento do sr. Poriche, em Lillers. Você encontrará lá tudo quanto for necessário. ([170]) (grifo nosso)

Veja um momento em que se dedicava à pintura ([171]):



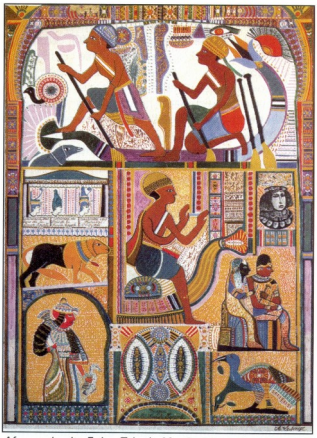
O "atelier" do médium era a cozinha de sua pequena casa

169 VICTOR, 1998, p. 32.
170 VICTOR, 1998, p. 34.
171 VICTOR, 1998, p. 39.

Embora tenha posteriormente recorrido à evocação dos espíritos, mas quando, dentro da mina de carvão, ouvia a voz que lhe dizia que ele seria um pintor, Lesage não fez nenhuma evocação. Essa manifestação nós temos como mais uma ocorrida de maneira espontânea, quer dizer, por livre vontade do espírito que a produziu.

Eis duas de suas pinturas:

Mais uma tela de extraordinária beleza que abalou os críticos de arte



Afresco do alto Egito. Tela de 98 x 71,5 cm.

Da França vamos para a Suécia, onde no ano de 1959, uma pessoa ouve a voz dos espíritos quanto gravava canto dos pássaros. É tida como sendo a primeira gravação de vozes do além através de equipamento eletrônico, cujo mérito se deve ao russo Friedrich Jüergenson. O fato se deu quando, em sua residência de campo em Molnbo – perto de Estocolmo, Suécia – no dia 14 de junho de 1959, estava gravando o cantar dos pássaros se deu a primeira comunicação. Vejamos o caso:

> Uma vez instalado na velha casa de campo, ele preparou seu gravador, colocando-lhe uma fita magnética nova. O microfone foi posto próximo a uma janela aberta situada junto ao telhado. Um *tentilhão de fala* logo pousou em um galho de árvore, bem próximo da janela, e pôs-se a gorjear. Jüergenson ligou o aparelho e rodou a fita durante cerca de cinco minutos, findos os quais ele suspendeu a gravação, retornou a fita e procurou ouvir o que fora gravado. Com surpresa, verificou que o som captado pelo gravador parecia-se com o ruído de uma chuva forte, no meio do qual distinguia-se fracamente o trinado do tentilhão. Jüergenson julgou que seu aparelho houvesse sofrido alguma avaria durante a viagem. Retornou novamente a fita e resolveu ouvi-la até o final da gravação. O ruído inicial lá estava, mas, de repente, surgiu um solo de clarim (trompete) executando uma estranha música! Surpreso, passou a ouvir em seguida uma série de sons variados, entre os quais Jüergenson reconheceu o canto de um alcaravão, uma espécie de ave noturna. Intrigado, Jüergenson prosseguiu na escuta e pode ouvir, a seguir, uma voz humana que falava em norueguês! Embora fraca, a voz era inteligível, confirmando-lhe *'… cantos de pássaros noturnos'*. Findo esse último ruído, surgiu límpido o canto do tentilhão e dos milharoses que estavam mais distantes; a gravação voltara ao normal.
>
> […] De começo, eram barulhos, sinais acústicos, trechos de frases. Uns eram claros. Outros sussurrados mas, ainda mais estranho, as frases nunca ultrapassavam nove sílabas e era ditas utilizando várias línguas em cada fase. ([172])

Observar que a iniciativa da comunicação foi toda por conta dos espíritos, sem qualquer tipo de evocação, o que,

172 NUNES, 1990, p. 37-38.

aliás, no presente caso, foi surpresa até para a própria pessoa em que a ocorrência se deu. Isso vem confirmar que não há a mínima necessidade de se evocar os espíritos, pois são eles que, na verdade, estão nos evocando. O que, de certa forma, vem confirmar aquilo que Chico Xavier sempre dizia: *"O telefone toca de lá para cá".*

Jüergenson inicia, dessa maneira, o que se passou a denominar de Transcomunicação Instrumental.

Sobre a possibilidade da comunicação com os espíritos por meios eletrônicos trazemos a opinião insuspeita do Pe. François Charles Antoine Brune, renomado pesquisador da Transcomunicação, no meio católico.

Brune diz, em seu livro *Os Mortos nos Falam*, o seguinte:

> Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.
>
> A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter.
>
> O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos mortos. ([173])

A título de informação: O Pe. François Charles Antoine Brune é bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Cursou seis

173 BRUNE, 1991, p. 15-17.

anos de “Grand Seminaire”, sendo cinco no Instituto Católico de Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebraica e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960, e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de “grands Seminaires” durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais.

Como se diz “basta um corvo branco para provar que nem todos são pretos”, o que ficou aqui demonstrado é que são os próprios espíritos que vêm evocar os vivos, e casos similares a estes são inúmeros. Se isso acontece, é porque os espíritos têm permissão para se comunicarem conosco e, obviamente, a recíproca é verdadeira, o que sugere que este fato também não vai de encontro às leis naturais. Para nós, os espíritas, tudo isso tem como origem a permissão divina. Os fatos estão aí, para serem estudados por todos que tiverem interesse, isenção e boa vontade.

E, para fechar este estudo, vamos transcrever uma frase de Kardec: “A manifestação dos Espíritos não é somente uma crença, é um fato; ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos de provar que ele não existe, e é o que ninguém ainda demonstrou.” ([174])

174 KARDEC, 1993, p. 269.

Mistérios ocultos aos doutos e inteligentes

> “Acontece que a verdade é, às vezes, para todos nós seres humanos, o que menos queremos ouvir, principalmente com relação aos nossos princípios religiosos, pois o nosso ego aflora… ninguém quer ser humilde o bastante para reconhecer os seus erros.” (CHAVES, 2001)

> “O Espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade.” (KARDEC).

Vemos que Jesus, em determinadas situações, não era muito claro em seus ensinamentos, falava numa linguagem simbólica. Ao ser indagado, pelos seus discípulos, do porquê disso, respondeu: “*Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não.”* (Mateus 13,11). Por outro lado, aos que acham que Jesus tenha dito tudo, enganam-se, pois afirmou: “*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar.”* (João 16,12), numa demonstração inequívoca de que Ele não disse tudo o que poderíamos supor que Ele deveria dizer.

Quando disse: “*Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos.”* (Mateus 11,25), não estava querendo dizer que fazia as coisas propositadamente para

esconder aos sábios e inteligentes, mas, sim, porque esses orgulhosos do saber não percebem as coisas simples, onde reside a verdadeira sabedoria.

Vamos ver como essas coisas simples podem ser encontradas nos seus ensinamentos, porém, às vezes devemos buscar o significado oculto deles.

> Mateus 4,17: *"Jesus começou a pregar, dizendo: 'Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo'."*

Inicia sua vida pública concitando a todos que mudem de vida, reconhecendo em cada ser um espírito com potencial de evolução inestimável. Deposita plena confiança em cada um de nós.

> Mateus 5,5: *"Felizes os mansos, porque possuirão a terra."*

Como poderíamos aplicar essas palavras de Jesus num mundo tão conturbado, onde a violência parece imperar? Quando acontecerá isso? Será que Jesus estaria enganado ou, quem sabe, nos enganando? Acreditamos que não. O homem, ainda preso aos dogmas religiosos das igrejas cristãs tradicionais, não conseguiu perceber que leis imutáveis regem o Universo.

Que para isso acontecer teremos que associar algumas dessas leis; juntando a lei de ação e reação, a lei do progresso e a lei da reencarnação, encontraremos essa verdade estabelecida por Jesus de que os mansos possuirão a Terra. Sabemos que o progresso espiritual do ser é um fato, e que, em

relação à Terra, toda a leva de espíritos pertinazes no erro, será lançada em *"trevas exteriores onde haverá pranto e ranger de dentes"* (Mateus 8,12), com a orientação de que *"daí não sairá, enquanto não pagar até o último centavo"* (Mateus 5,26); mas a misericórdia divina os haverá de recuperar, já que "*o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca"* (Mateus 18,14).

> Mateus 5,29-30: "*Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno. Se a mão direita leva você a pecar, corte-a."*

Imagem dura se não a vermos com ponderação. Mas, primeiramente, por mais fiel à palavra de Deus que seja, existirá algum "pecador" que faça isso? Já ouvimos alguns casos de pessoas se mutilando, justificando seguir recomendação bíblica; entretanto, isso não passa de fanatismo, incompatível com uma fé raciocinada. Não encontramos ninguém que aprovasse uma atitude dessa; mas por que então não fazem isso, esses fundamentalistas já que se apegam tanto à letra? Será que é porque esses doutos e inteligentes não conseguem perceber o espírito dessa determinação? Se assim for, não deve ser seguido literalmente por ninguém, mesmo que tais doutos e inteligentes afirmem ser isso "a palavra de Deus".

Como se vê, a mensagem contida nessa passagem é muito mais profunda, já que nos leva a entender que devemos cortar de nossa personalidade tudo aquilo que nos separa de Deus e nos impede de viver uma vida plena e feliz, pois é

melhor “anularmos” nossa personalidade e viver uma vida feliz do que mantermos nossos defeitos arraigados e acoroçoados e irmos parar num inferno, ou seja, com eles ter nossas vidas transformadas num inferno, seja nesta existência ou em existências futuras.

> Mateus 5,48: “*Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu.”*

Isso não é exatamente a lei do progresso de que Jesus estava falando? Poderíamos numa só vida chegar a esse nível de perfeição que nos recomenda o Mestre? Todos nós fomos criados simples e ignorantes, com a faculdade de usarmos o nosso livre-arbítrio para escolher o nosso caminho em busca da perfeição de acordo com a vontade de Deus. Embora enveredemos por caminhos tortuosos, longe da meta final estabelecida por Deus a todos nós, por isso, a busca da perfeição é necessária, pois é da vontade de Deus que isso aconteça. Jesus mostrou a perfeição do Pai como alvo, viveu à altura dessa perfeição e, por isso, se tornou o melhor modelo para seguirmos, conforme Kardec sabiamente se referiu:

> Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.
>
> Se alguns dos que pretendem instruir o homem na lei de Deus, algumas vezes o desencaminharam, ensinando-lhe falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque

> confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentam como leis divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e dominar os homens. ([175])

Ademais, Ele não nos pediria algo que estivesse fora de nosso alcance.

> Mateus 9,2: *"Nisso, levaram a ele um paralítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: 'Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados'."*

Analisando essa passagem poderá alguém pensar que os nossos erros serão simplesmente perdoados, o que, a nosso ver, é um engano. Isso porque vai de encontro ao *"a cada um segundo suas obras"* (Mateus 16,27), ficando, portanto, estabelecida a suposta contradição.

O perdão divino acontecerá, quando a lei de ação e reação for literalmente cumprida, ou seja, tenha sido pago até o último centavo. Se Jesus disse ao paralítico que irá perdoar os seus pecados, implicitamente fala da lei de ação e reação, demonstrando que tal enfermidade, a paralisia, lhe aconteceu por conta de seus erros. Tal fato poderá ser comprovado, quando, numa outra oportunidade, disse a um outro paralítico, que pouco antes havia curado, *"vê ficaste curado, não tornes a pecar para que não te suceda coisa pior"* (João 5,14).

Mateus 11,11-12: *"Eu garanto a vocês: de todos os*

---

175 KARDEC, 2006, p. 364.

> *homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo”*.

Veja que interessante: João Batista é o maior (mais evoluído) que todos os homens aqui na Terra; entretanto, no reino do céu é o menor. Mas onde ocorreu essa evolução dele e a dos outros espíritos? Será que Deus os teria criado perfeitos, enquanto a nós outros a necessidade de amargar para evoluir? Isso se coaduna com algum senso de justiça?

Uma outra coisa: sendo João Batista contemporâneo de Jesus como explicar o *“desde os dias de João Batista”*? Resposta: só admitindo que João era realmente o Elias reencarnado, posto que a preposição “desde” indica um ponto de referência no tempo, que só pode ser no passado. Assim, diríamos: “desde os dias em que João era Elias até agora, o Reino do Céu sofre violência...”

> Mateus 16,27: *“Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta.”*

Aos que buscam no perdão puro e simples ou na filiação a determinada corrente religiosa, a sua tábua de salvação, ficarão, no dia do juízo, decepcionados, pois, conforme nos ensinou Jesus, o que salva é o *“a cada um segundo suas obras”.* Plenamente em consonância com a Lei de ação e reação, pois *“todos os que usam da espada, pela espada morrerão”* (Mateus 26,52).

> Mateus 18,14: *“Do mesmo modo, o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca.”*

Paulo, numa extraordinária percepção espiritual, disse: *“Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor.”* (Romanos 8,38-39); juntando-se essa sua fala à de Jesus, fica evidente que o amor de Deus para conosco é infinitamente maior do que aquilo que denominamos de pecado.

Como um ser tão pequeno, como nós o somos, poderia atingir, por qualquer ato, a divindade cósmica, o Grande Arquiteto do Universo? Somente por pura ignorância humana, que, não possuindo capacidade de entender a Deus, passa a atribuir como se fossem Seus os mais variados sentimentos próprios de seres ínfimos, espiritualmente falando.

Devemos entender Deus nessa grandeza a que nos remete Jesus; e dentro disso ninguém se perderá; para isso, as três leis básicas já citadas são as que novamente deverão se encaixar aqui.

> Mateus 21,31: *“[...] Então Jesus lhes disse: ‘Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu’.”*

Às vezes passamos por determinada narrativa do Evangelho sem lhe perceber o alcance. Quando a ficha cai, como se diz popularmente, aí passamos a ver quão profundo é

o ensinamento ali contido. Sabemos que tanto os cobradores de impostos, quanto às prostitutas, eram consideradas gentes de má vida; mas, mesmo assim, Jesus diz que ambos os tipos de pessoas vão entrar no reino do céu, e que até mesmo os sacerdotes e fariseus, apesar de toda a hipocrisia que possuíam, também lá chegariam, apenas que aqueles outros chegariam primeiro do que eles. Isso vem, incontestavelmente, derrubar a ideia de penas eternas apregoadas por aí, usadas como um verdadeiro terrorismo religioso, já que o próprio Jesus nos disse: *"Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai de vocês que está no céu dará coisas boas aos que lhe pedirem."* (Mateus 7,11)

As análises que empreendemos, nesse singelo estudo, só encontraram o verdadeiro significado de inúmeras passagens bíblicas com a chave que a Doutrina Espírita nos dá para, primeiro abrirmos nossa mente e, segundo, compreendermos os ensinamentos de Jesus de forma a conciliá-los com a misericórdia, a justiça e o amor infinitos de Deus. Fora disso é limitar o infinito, por absoluta incapacidade de voar mais alto rumo ao entendimento das enigmáticas leis da Natureza, que refletem esses atributos divinos em sua mais evidente expressão.

Obviamente "os doutos e inteligentes" não conseguirão perceber essas nuanças de que estamos falando, pois é deles justamente que Jesus falava; atingiremos preferencialmente os pequenos, já que são para eles os ensinos de Jesus, e deles não nos afastamos um milímetro sequer. *"Quem tem ouvidos que ouça."* (Mateus 11,15)

Nazareno: o significado

> “Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo.” (FOX, 1993)

Se a Bíblia fosse mesmo a palavra de Deus, então ela não poderia ter nada que uma pessoa comum ao a ler não a entendesse, pois, se isso ocorrer, como esse pobre coitado irá segui-la? É por esse caminho que os líderes religiosos avançam, uma vez que, sendo eles os “doutos” em interpretar a Bíblia, fica mantido *in aeternum* seu domínio sobre os fiéis.

Baruch de Espinosa, um renomado filósofo do séc XVII, já dizia:

> Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas, […] que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduzem na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. ([176])

O que vemos de mirabolantes tentativas para sair de alguma contradição bíblica não está no gibi. Apelam feio,

---

176 ESPINOSA, 2003, p. 208.

importam-lhes pouco as questões do ponto de vista da razão e da lógica; da coerência, então, nem se fala! Vamos ver a confusão que se fazem em torno da palavra Nazareno.

Mateus, no capítulo 2, narra que José, acompanhado de Maria, fugiu de Belém para o Egito, por conta de um aviso de um anjo sobre o desejo de Herodes em matar Jesus, o recém-nascido, pois o rei temia que um dia essa criança pudesse vir a tornar-se o rei dos judeus. Quanto ao retorno, se fala que, em vez de voltar à cidade em que moravam, dirigiram-se para a cidade de Nazaré: *"Foi* [José] *morar na cidade de Nazaré, para que se cumprisse deste modo o que tinha sido dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno."* (v. 23).

Pelo que se pode deduzir da narrativa de Mateus, ele coloca a cidade de Belém como o lugar onde moravam os pais de Jesus. Entretanto, Lucas diz que o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré para avisar Maria, narração essa que nos leva a concluir que era esse o lugar onde ela morava (Lucas 1,26); assim, existe uma divergência em relação ao lugar onde moravam os pais de Jesus.

E, obviamente, no passo citado (Mateus 2,23) o vocábulo "Nazareno" é relacionado a alguém que, se não é natural de Nazaré, pelo menos mora nela, justificando o que Mateus relatou no início do versículo.

Vejamos as explicações dadas pelos tradutores e exegetas bíblicos, que, nos parecem, causar mais confusão do que esclarecer:

1 – A palavra "Nazareno" pode ter um duplo sentido:

habitante de Nazaré e “Nazir”, isto é, consagrado a Deus por um voto (cf. Lv 21,12; Jz 23,57). Talvez Mt quisesse literariamente visar os dois sentidos: Jesus é de Nazaré e é consagrado especialmente ao Senhor. ([177])

2 – [*Ele será chamado Nazareno*] Esta frase não se encontra no Antigo Testamento. Mas, Nazareno parece ser um qualificativo que significa desdém. Os profetas, sobretudo Isaías, anunciavam um Servo de Deus humilde e desprezado. O adjetivo provém, sem dúvida, do nome de Nazaré. Serviu para designar os cristãos (Atos 24,5). ([178])

3 – Na significação desse nome (em hebraico nezer: “*rebento*”, “*germe*”) o evangelista vê, ou uma alusão ao nome messiânico, germe de Davi (cf. Is 11,1; 53,2), ou à natureza de Jesus enquanto Santo de Deus por excelência (cf. Jz 13,5; Mc 1,24). ([179])

4 – *Pelos profetas*: a expressão vaga indica que Mateus não pretende citar nenhum profeta determinado, mas talvez o conjunto das profecias que no Antigo Testamento se referem à vida humilde, oculta e desprezada aos olhos dos homens, que o Messias viverá em Nazaré (cf. Jo 1,46), cidadezinha desconhecida e desprezada pelos próprios judeus. ([180])

5 – “Nazareno”. (hebr.): *Nots.rí*. Gr.: *Na.zo.raí*.os; provavelmente derivado do hebr. *né.tser*, significando “rebentão”, portanto, figurativamente “prole”; descendente”. Veja Is 11,1 e n.: “rebentão”. ([181])

6 – *Ele será chamado Nazareno*. Provavelmente

177 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 1437.
178 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 1286.
179 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1180.
180 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 1062.
181 Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas, p. 1136.

> “nazareno” é um sinônimo para “desprezível” ou “desprezado”, já que Nazaré era o lugar mais improvável para a residência do Messias (cf. Is 53,3; Sl 22,6). ([182])
>
> 7 – “Nazareu” (*nazôraios* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo “nazareno” (*nazarênos*, forma usada por Mc; Lc tem as duas formas) são duas transcrições correntes do mesmo adjetivo aramaico (nasraya), derivado de nome da cidade de Nazaré (*Nasrath*). Aplicado primeiro a Jesus – indicando sua origem (26,69.71) – e depois aos seus sequazes (At 24,5), esse termo ficou como designativo dos discípulos de Jesus no mundo semítico, enquanto no mundo greco-romano prevaleceu o nome “cristão” (At 11,26). – Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui; pode-se pensar em *nazîr* (Jz 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., “rebento” (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, “guardar” (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto. ([183])
>
> 8 – Nazaré, Nazareno: S. Mateus só citou esta cidade (o mesmo se diga de Belém) por causa de sua relação com a palavra de algum profeta, provavelmente Isaías (11,1). ([184])

E no *Dicionário Bíblico Universal* encontramos:

> Nazareno – Tradução comum para duas palavras gregas: *nazarenos* e *nazoraios*, usadas indistintamente nos escritos do Novo Testamento. É uma espécie de termo de estado civil aplicado a Jesus, que não implica a fé cristã mas é aceitável para ela (Mc 14,67; 16,6; Jo 18,5).
>
> Sob a forma nazarenos é fácil de compreendê-lo

182 A Bíblia Anotada, p. 1185.
183 Bíblia de Jerusalém, p. 1706.
184 Bíblia Sagrada – Barsa, p. 3 do NT.

> como “habitante de Nazaré”, daí as traduções usuais (Mc 1,24 etc.). Esta forma é a única usada por Marcos, e às vezes por Lucas (Lc 4,34; 24,19); nunca pelos outros livros. ([185])

No Dicionário Prático, constante da Bíblia Sagrada – Barsa, se lê: “Nazareno. Aquele que é de Nazaré. Muitos assim chamaram a Jesus, pois em Nazaré passou toda sua vida oculta, desde a volta do Egito até o início do seu ministério (Mt 2,23). Os judeus davam também este nome aos primeiros cristãos (At 24,5)”. ([186])

Verdadeira torre de Babel! Nada é preciso, baseiam-se apenas no “pode ter”, “talvez”, “provavelmente”, ou seja, ninguém tem certeza de coisa alguma; fica tudo por conta da imaginação de cada tradutor, ou de quem lê a passagem.

Vejamos agora as “prováveis”, talvez seja melhor dizer, “supostas” profecias que se enquadrariam ao passo.

Primeiramente, é bom ressaltar, que Mateus coloca a frase como uma profecia dita por vários profetas, deduzindo-se que são inúmeros.

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, que sabemos ser uma equipe formada por católicos e de protestantes, afirmam claramente que):

> Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui”; mas, como a maioria outros, assumem, na sequência, a dúvida: “pode-se pensar em *nazîr* (Jz

185 MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 555.
186 Dicionário Prático – Barsa, p. 189.

> 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., ‘rebento’ (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, ‘guardar’ (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto.” ([187])

Analisemos quatro passagens de Isaías e uma de Salmos.

Isaías 11,1: “*Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes.”*

Explicando Is 11,1-9, informam-nos:

> Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,14, 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20). ([188])

Se “Isaías projeta para o reinado de Ezequias” não há que se estabelecer qualquer relação com Jesus, a não ser por contradição à realidade da época, fugindo, sem razão, do contexto da passagem. Como na nota acima é dito “onde todas as coisas se reconciliam”, vale uma perguntinha: onde todas as coisas se reconciliam, se constantemente as facções religiosas vivem se digladiando, visando impor seus pontos de vista?

Isaías 42,6: “*Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da*

187 Bíblia de Jerusalém, p. 1706.
188 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 959.

justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações."

Citando Isaías 42,1-9, esclarecem-nos:

> É o primeiro "cântico do Servo de Javé". Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicada a todo o povo pobre e fiel. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5) ([189])

Novamente temos o "aplicam a Jesus", uma coisa que não tem nada a ver com Ele, já que, conforme já o dissemos, a esperança de Isaías era para o reinado de Ezequias.

Já que falamos em Servo, e como este termo é sempre utilizado, vamos ver, nas explicações dadas sobre o livro de Isaías, o seguinte:

> Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido**, é**

189 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 986.

> **denominado “Servo de Javé”.** ([190]) (grifo nosso)
>
> Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9a; 52, 13-53, 12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer**. ([191]). (grifo nosso)

Assim, conforme estamos vendo, a expressão “Servo de Deus” não poderia ser aplicada a Jesus, como alguma coisa relacionada a uma profecia, já que o termo é específico para uma determinada situação local, sem qualquer vinculação com algum evento num futuro longínquo, muito menos relacionado ao Messias.

> Isaías 49,8: “*Assim diz Iahweh: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas.”*

Ao explicar Isaías 49,1-9a, dizem-nos:

> É o segundo “cântico do Servo de Javé” (cf. nota em 42,1-9). Aqui se descrevem as características da missão profética: desde o início (ventre), o Servo recebe a missão (o nome) de anunciar a palavra de Javé para reunir e restaurar seu povo disperso. Esta restauração

190 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 947.

191 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 890.

> implica reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação: isso implica a reorganização político-social e a justa distribuição de terras (vv. 8-9a). Mas a missão do Servo ultrapassa as fronteiras de uma nação, pois fará com que o povo da aliança se torne luz para os outros povos. ([192])

Aqui, igualmente, não vemos nenhuma profecia; é algo para aquela época; portanto, também nada tem a ver com algum evento no futuro que poder-se-ia aplicar a Jesus.

> Isaías 53,2: "*Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; [...].*"

Lemos: "Em Is 11,1.10, as imagens do renovo e da raiz acompanham o anúncio festivo do Messias davídico. Aqui, elas apenas evocam o aspecto humilde e mísero do Servo". ([193]).

O trecho compreendido entre Isaías 52, 13 – 53, 12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53 é explicado da seguinte forma:

> Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8, 35). Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo. O Servo, todavia, é distinto do 'meu povo' (53, 8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia

192 Bíblia Sagrada Pastoral, p. 992-993.
193 Bíblia de Jerusalém, p. 1340.

> dizer da nação (53, 9). ([194])

Interessante que querem, de todas as maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

> Salmo 22,6: *"Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo."*

Salmo de Davi que refere a ele mesmo; portanto, não é uma profecia a respeito de ninguém.

Vejamos algumas opiniões, que complicam mais ainda as coisas:

> […] E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém**. "Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus **nasceu em Nazaré**", diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá. ([195]). (grifo nosso)

> […] Da mesma forma, **inexiste qualquer prova histórica ou arqueológica da "fuga para o Egito"**,

194 A Bíblia Anotada, p. 905.
195 CAVALCANTE, 2002, p. 43.

como **tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré**. Aliás, a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como "*nazireu*" do que "*nazareno*", e "*nazireu*" pode ter vários significados, mas normalmente não define o "homem de Nazaré". Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica "nezer" = "vara", veja Isaías 11,1; *"Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz"*. De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo controvertido "nazareno" no contexto de uma profecia: *"… e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno"* (Mateus 2,23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que profetas o texto se refere (a não ser Isaías, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexo com o termo "nazireu" ("consagrado a Deus", qualificação outrora atribuída a Sansão (Juízes 13,5 e 7, 16,17)), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjetura não deixará de implicar em certos problemas filológicos. Assim, também, aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré como "cidade da infância e juventude" de Jesus, como meras construções, relacionadas com o título "nazireu", não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretam-nos e sumariamente o substituíram por "nazareno". Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra-argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré nos tempos de Jesus, achados arqueológicos confirmam a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem

ser chamado de “povoado”), no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C., e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C.). Aliás, o comentário pouco lisonjeiro de Natanael, transmitido pelo Evangelho de São João: *“De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?...”*, pode ser uma alusão à precariedade do lugarejo, todavia promovida a “cidade” pela Bíblia. Em todo caso, não há nenhum indício de Jesus, Maria e José. Somente desde o século XI da nossa era, o nome Nazaré ficou sendo comprovado pela Fonte da Virgem Maria, onde até hoje as mulheres vão buscar água com a qual enchem suas jarras, como o faziam nos tempos de Jesus… ([196]) (grifo nosso)

Na nossa opinião, não foi esse o motivo de ter sido Jesus chamado de Nazareno. [referindo-se aqui o autor ao fato de Jesus ter ido morar em Nazaré] No Antigo Testamento, a lei ordenava que “o primogênito fosse consagrado ao Senhor”, deixando os cabelos compridos. ([197])

Agora devemos passar a tratar de outra fase da história dos pais de Jesus e Dele mesmo. Em grande parte da literatura cristã **Jesus é chamado de *Nazareno,* sendo comum acreditar-se que Jesus nasceu ou passou a maior parte de Sua vida em Nazaré**. É estranhável que os estudiosos da literatura bíblica, especialmente os que escreveram tão exaustivamente sobre a vida de Jesus, apresentando em seus ensinamentos e preleções os detalhes pitorescos de Sua vida, nunca tivessem dado a devida atenção ao título de *Nazareno* nem investigado a sua significação. Todas essas autoridades, escritores e professores presumiram que, sendo Jesus chamado de

196 KELLER, 2000, p. 366-367.
197 ARAÚJO, 2000, p. 386.

Nazareno, deveria ser da cidade chamada Nazaré e que, visto que Ele e Seus pais viveram na Galileia, a cidade de Nazaré deveria estar localizada naquela região. Com base neste raciocínio, afirma-se, de modo geral, que **Nazaré foi a cidade natal dos pais de Jesus e que Nazaré, na Galileia**, foi o lugar onde Jesus passou sua infância.

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações contidas nos registros Rosacruzes; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, **ao tempo em que Jesus nasceu, não havia cidade ou vila na Galileia com o nome de Nazaré** e que a cidade que hoje traz este nome, na Galileia, não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galileia.

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que **o título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré. O título de *Nazareno* era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta** que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio João Batista era chamado de *Nazareno.* Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como *nazarenos.* Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo e sendo chamado de “líder da seita dos nazarenos”. Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de *Nazareno* por falta de um nome mais

adequado.

Existiu realmente uma seita chamada Os *Nazarenos,* citada nos registros judaicos como uma seita de *Primitivos Cristãos* ou, em outras palavras, aqueles que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo *Nazareno* abrangia todos os cristãos que haviam nascido judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados *heréticos* pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, ao passo que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.

São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. “Mas,” disse São Jerônimo, “embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra”.

Consultando as mais altas autoridades da Igreja Católica Romana, vemos que o título de Nazareno,

aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que **o termo "Jesus Nazareno" foi uniformemente traduzido como "Jesus de Nazaré", o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta "Jesus, o Nazareno."** Em nenhuma parte do Velho Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase "Jesus voltando aos Nazarenos" para "Jesus retomando a Nazaré." Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o *Apóstolo dos Gentios,* e que alguns Nazarenos só exaltavam em Jesus o fato de ser um homem justo.

Outro termo para esses heréticos judeus era "Nazarita". De acordo com as autoridades judaicas, o termo Nazarita foi aplicado àqueles que viviam à parte ou separados da raça Judia, por causa de alguma crença ética, moral ou religiosa distinta. Os registros judaicos dizem que essas pessoas eram, frequentemente, as que não bebiam vinho ou qualquer bebida feita de uvas, ou que não cortavam o cabelo, ou que não tocavam nos mortos durante qualquer

cerimônia fúnebre. Os mesmos registros nos dizem que a história ou origem da seita nazarita na antiga Israel é obscura. Afirmam também que Sansão era nazarita, como o fora sua mãe, e que a mãe de Samuel prometera dedicá-lo à seita dos nazaritas. Os registros judaicos também dizem que era comum os pais dedicarem seus filhos menores à seita nazarita, e afirmam claramente haver referências ao fato de que se falava que Jesus fora dedicado aos nazaritas quando ainda estava no ventre de sua mãe. Esses registros judaicos dizem que Lucas I: 15 é uma referência a esta dedicação. A rainha Helena, e Míriam de Palmira são mencionadas como nazaritas nos registros judaicos, e muitas outras pessoas famosas na literatura sacra são apresentadas como nazaritas.

Está claramente indicado em muitos registros históricos que os termos Nazarita e Nazareno nada tinham a ver com uma cidade ou vila chamada Nazaré. Dissemos que a atual cidade de Nazaré, na Galileia, recebeu este nome porque tinha de haver um local que se encaixasse naquilo que se entendia como a aldeia onde viveram os pais de Jesus e onde Ele passou a infância. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando as doutrinas cristãs estavam se formando e os Santos Padres da Igreja Católica Romana e estudiosos de religião em geral buscavam todos os locais históricos ligados à vida de Jesus, incidentes e pontos ligados à vida deste grande homem foram ansiosamente tabulados e glorificados. Minha recente visita à Palestina deixou bem evidente que este desejo de encontrar locais históricos e sagrados e de glorificá-los não se apagou e provavelmente continuará a existir por centenas de anos. O absurdo desta situação se toma aparente quando o turista casual descobre que três, quatro ou cinco locais diferentes lhe são mostrados, nos quais ocorreu um determinado incidente da vida de Jesus.

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar

que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galileia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Velho Testamento e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. Um pequeno povoado chamado “en-Nasira”, entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galileia e imediatamente rebatizado “Nazaré” e associado à infância de Jesus. A descoberta deste povoado *en-Nasira* ocorreu no *terceiro século depois de Cristo,* e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI: 1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos o seguiram e que, quando chegou o *Shabat,* ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retomou à Sua cidade natal e pregou *na sinagoga para grandes multidões,* não poderia ter sido em *en-Nasira,* ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, *en-Nasira* ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a *en-Nasira. En-Nasira* era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de “poço da casa da guarda”, embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de “Poço de Santa Maria”. Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações

que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.

Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galileia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galileia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo *en-Nasira* era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado *totalmente por judeus.* Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galileia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos.

Todos os fatos acima apresentados indicam claramente que José, Maria e a criança, eram considerados como Nazarenos ou Nazaritas, junto com muitos outros de sua localidade, ou seja, pessoas pertencentes a uma seita não-judaica. Muitas outras referências a esta seita mostram claramente que a mesma defendia pontos de vista religiosos e místicos que mereceram ser aceitos como fundamentos da doutrina cristã. Levando isto em consideração, temos de imediato um quadro interessante das condições existentes na Palestina e arredores, pouco antes da era cristã. Primeiro, temos um grande número de homens, mulheres e crianças, que ou eram judias por

nascimento, gentias por nascimento, ou de várias raças, e se recusavam a aceitar completamente a lei mosaica, somente sendo judias porque as leis da terra as forçavam a adotar a *circuncisão* e apresentarem-se na sinagoga ao completarem doze anos, e só seguiam os ensinamentos judeus no que revelavam de Deus e de Suas leis e lhes serviam em seus estudos dos princípios divinos. Eram eles preparados por alguma escola ou sistema que os tornava aptos a aceitar os ensinamentos místicos mais elevados, revelados de tempos a tempos pelas mentes evoluídas ou pelos ensinamentos dos Avatares. ([198]) (grifo nosso)

Será chamado Nazareno?

(Mateus 2:23) – "… *assim se cumpriu* o *que foi anunciado pelos projetas: <Ele será chamado Nazareno>".*

Aqui, num pequenino trecho, não só um amontoado de erros, como muita mentira e má fé de Mateus (ou do escriba que fez o texto e atribuiu a ele a autoria do versículo). **Mateus especializou-se em inventar "profecias retroativas" que aconteciam muitos anos (pelo menos 40 anos) depois dos fatos terem sido relatados como acontecido. Como também Mateus inventava muitas profecias do Antigo Testamento, sem que as citadas profecias realmente estivessem no Antigo Testamento.** Isto porque, não existe um único registro no Antigo Testamento a respeito de Nazaré ou Nazareno. Trata-se de invencionice de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele), escrevendo sobre a vida de Jesus mais de 70 anos após o seu nascimento e após a destruição de Jerusalém no ano 70, e tentando fazer coincidir, no ano 70, "profecias retroativas", como se elas tivessem realmente se realizado. **Aliás, Nazaré sequer existia**

198 LEWIS, 2001, p. 56-64.

como cidade quando Jesus nasceu. Existia, sim, o lago de Genesaré (Mar de Tiberíades), mas não a cidade de Nazaré, que somente veio a existir alguns anos (cerca de quinze anos) após Jesus ter nascido.

Vejamos a má fé de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele). Ele afirma, após o ano 70, época da destruição de Jerusalém e da diáspora e extermínio dos essênios, portanto 70 anos depois de Jesus já ter nascido, que 70 anos antes iria se realizar uma “profecia retroativa” e que Jesus iria ser chamado de Nazareno.

Uma profecia ao Contrário, relatada depois do fato ter acontecido, passados mais de 70 anos. Porém, o mais gritante é que além de Nazaré sequer existir quando Jesus nasceu, sendo impossível, dessa forma, tal registro, Mateus ainda confunde Nazireu com Nazareno, que são coisas completamente diferentes.

Para efeito de argumentação, vamos conceder o benefício da dúvida e admitir que Mateus estivesse com falhas mentais (pois ele era contemporâneo de Jesus e que quando teoricamente escreveu o seu evangelho, logicamente já tinha mais de 80 anos) e com isso não se lembrou ou “confundiu” que Nazaré (a cidade) não existia quando Jesus nasceu, mas tão somente o lago de Genesaré.

Entretanto, como Mateus pode ter “confundido”, novamente, Nazareno (nascido em Nazaré) com Nazireu (de Nazir), que é um judeu que tomou os votos de sacrifícios especiais, de não beber vinho, não comer uvas e não cortar os cabelos, que não era o caso de Jesus, pois Jesus era essênio, e como tal era adepto da eucaristia, do ritual do pão e do vinho, e comia uvas. Não podendo, por isso mesmo, ser um Nazireu.

A profecia do Antigo Testamento a respeito do Nazireu, refere-se a Sansão e não a Jesus. Dessa forma, Mateus ao “confundir” a profecia do Antigo Testamento sobre Sansão, que era Nazireu, que não

> bebia vinho, não comia uvas e não cortava os cabelos, com Jesus, chamando-o de Nazareno, não é o que se pode dizer como um caso do acaso, quando a má fé e má intenção estão bastante claras. Mas o pior de tudo é dizer que cumpriu-se a profecia do Antigo Testamento afirmando que o messias se chamaria Jesus, quando os nomes de "Jesus", assim como Nazaré, sequer são citados no Antigo Testamento. Muito pelo contrário, o messias, segundo o Antigo Testamento, não viria de Nazaré e sim de Belém e deveria chamar-se Emannuel, conforme:
>
> *Isaías* (7:14) "Por isso mesmo, o Senhor, por Sua conta e risco, vos dará um sinal: Olhai: A jovem (palavra correta) mulher está grávida e dará a luz a um filho, por-lhe-á o nome de Emmanuel".
>
> Portanto, a mãe de Jesus, Maria, era uma jovem mulher ("almah", que não quer dizer virgem), e não uma virgem ("bethulah"), e Jesus de Nazaré, não era de Nazaré (e nem de Belém) e não se chama Emmanuel conforme previsto pelas profecias de Isaías no Antigo Testamento. Ou seja, as profecias alegadas por Mateus como tendo sido cumpridas, jamais se realizaram (mesmo ele "prevendo" isso 70 anos depois do acontecimento). As profecias de Isaías, no Antigo Testamento também não se realizaram, pois Jesus chama-se Jesus e não Emmanuel. ([199]) (grifo nosso)

O teólogo e ex-padre Carlos T. Pastorino, oferece-nos, para o caso, as seguintes explicações:

> Então, ainda durante o noivado, José verificou a gravidez (εύ-ρέθη έν γαστρι έΧουσα). O fato só pode ter ocorrido depois que Maria regressou da casa de Isabel Ai'n-Karim, para sua aldeia de Nazaré. **Mateus silencia**

199 MACHADO, 2004, p. 168-170.

a esse respeito, fazendo que o leitor suponha que eles normalmente habitavam em Belém.

Tanto que, mais tarde (2:23) diz que, quando José regressava do Egito para sua casa (Belém), ao saber que Arquelau, filho de Herodes, é que lá reinava, resolveu ir morar na Galileia, a conselho do anjo, na cidade de Nazaré, "para que o menino pudesse realizar a profecia e ser chamado nazareno". Portanto, **para Mateus, Nazaré era um lugar ainda desconhecido de José e de Maria, ao passo que, para Lucas, Nazaré era a residência normal dos dois**. ([200]) (grifo nosso)

Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um "anjo" manda-o regressar à "terra de Israel", como ainda hoje se diz: ςκ ישך ִמפץ José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando "ouve dizer" que lá governava Arquelau, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A.C.) Arquelau tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, indicando-lhe que se dirija à Galileia, a "uma cidade chamada Nazaré". **Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma "novidade absoluta". Parece que José e Maria nem a conheciam. Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles *eram da cidade de Nazaré*, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré…* pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos**.

Entretanto, **Mateus desconhece tudo isso, mostra-**

---

200 PASTORINO, vol. 1, p. 53.

o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso em sonho o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda explica: “para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU”. Nem é “nazareno”…

Esse gentilício é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma vez por Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos. Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.

Notemos que não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado “nazareno”, nem “nazoreu”. A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele. Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada. ([201]) (grifo nosso)

A Palavra “Nazareno” aparece com mais frequência sob a forma "Nazoreu" (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com “nazireu”! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:5,7, e 19:19; Atos 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma “nazareno” (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenus* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros). ([202])

---

201 PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 90.

202 PASTORINO, vol. 6, 1969, p. 129.

É mais fácil nos alinhar com o pensamento de Pastorino, tendo em vista que, esse eminente teólogo, não mais preso aos dogmas, procurou apresentar, aos leitores, a verdade dos fatos, baseando-se nos inegáveis conhecimentos de exegese bíblica.

O fato é que, se ficarmos restritos ao texto de Mateus, não haverá outra alternativa senão aceitarmos que, quando se cita que Jesus foi morar em Nazaré, queria que se entendesse por Nazareno como “homem de Nazaré”, mas ao citar que isso foi predito pelos profetas, disse algo que não é verdadeiro, pois, nenhum, mas nem um único só profeta disse textualmente que o Messias seria chamado de Nazareno.

Quando nos apresentam Isaías como “salvador da pátria”, demonstram falta de análise contextual, ajeitando-se uma passagem que não tem nada a ver com o caso para derrubar a incoerência do texto bíblico objeto deste questionamento.

O Antigo Testamento é a palavra de Deus?

> "É uma pena, mas, quando se trata de assuntos religiosos e espirituais, a superstição e o medo da mudança que impregnam a mente do público são profundos". (TOM HARPUR)

A base de nossos estudos será a Bíblia Sagrada – Ave-Maria, da qual tiramos as seguintes instruções de como lê-la:

> Terminamos recomendando ao leitor procurar desenvolver em si a consciência dos "CINCO SENTIDOS", indispensável para conseguir uma verdadeira leitura cristã da Bíblia: o sentido da fé, o sentido da história, o sentido do movimento progressivo da revelação, o sentido da relatividade das palavras e – **o que sintetiza tudo o mais – o bom senso**. ([203]) (grifo nosso)

Conforme esta recomendação, e para não fugirmos do recomendado bom senso, é necessário nos apoiarmos na lógica e na razão.

A Bíblia é dividida em duas partes: o Antigo e o Novo Testamento. O Antigo Testamento conta a história do povo hebreu, tendo em Moisés a base principal da revelação Divina

---

203 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 11.

aos homens. Já o Novo Testamento conta a vida de Jesus na Terra e os fatos ocorridos para a divulgação da Boa Nova pelos seus apóstolos devendo, portanto, ser a base fundamental para todos os que se consideram cristãos.

O nosso estudo será especificamente do Antigo Testamento, pois a maioria das correntes religiosas o tem como a palavra de Deus, no sentido de que tudo que ali está é a verdade insofismável.

Iniciaremos pelo capítulo I da Gênesis, versículos 1 a 5*:*

"No princípio, Deus criou os céus e a terra. A Terra estava informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: 'Faça-se a luz!' E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz de DIA, e às trevas de NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia."

Comparemos esta passagem com a dos versículos 14 a 19:

"*Deus disse: 'Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos; e resplandeçam no firmamento dos céus para iluminar a Terra.' E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; e fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para que iluminassem a Terra, presidissem ao dia e à noite e separassem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quarto dia."*

Vejamos no 1º dia cria a luz e separa a luz das trevas e

no 4º dia cria o sol a lua e as estrelas, coloca-os nos céus para que separassem a luz das trevas, ora para nós que habitamos a Terra a nossa luz provem justamente do sol, da lua e das estrelas que foram criados no 4º dia, então que luz é essa que foi criada no 1º dia? Ou será que Deus tinha esquecido que havia criado a luz e a criou novamente?

Seguindo em frente veremos a criação do homem e Deus proibindo-o de comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, dizendo que se dela comesse morreria, depois criou, também a mulher. Vem a serpente e induz a mulher a comer do fruto da árvore e esta por sua vez induz o homem. Ao perceber isto Deus castiga a serpente, o homem e a mulher.

Perguntaríamos: quando foi que o homem e a mulher souberam que o que tinham feito não estava correto, não foi após comerem o fruto proibido? Ou seja, até este momento eles agiram sem conhecimento do que era o bem ou o mal, assim sendo o castigo então foi aplicado em inocentes? E quais foram os castigos? À serpente Deus disse*: "Porque fizestes isso, serás maldita entre todos os animais e feras dos campos; – andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida."* (Gênesis 3,14)

Pelo castigo que sofreu quer dizer que antes ela andava sobre patas? Quantas? Disse também à mulher: *"Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio."* (Gênesis 3,16). Fico a imaginar a perplexidade da mulher, ante tal castigo, pois até então não havia dado à luz, não sabia, portanto, nem o que era mesmo um parto, ainda

mais um parto com dor.

Aliás, será que parto com dor apenas pelas mulheres sofrem ou as fêmeas dos animais também a sofreriam? Pelo que a ciência diz, elas sofrem. Seria o caso de perguntar: tiveram assim o mesmo castigo da mulher? E sobre estar sob o domínio do marido, hoje em dia não estaria sendo mais aplicado?

Mais à frente após Caim matar a Abel temos*:*

> *“Caim disse ao Senhor: 'Meu castigo é grande demais para que eu possa suportar. Eis que me expulsais agora deste lugar, e eu devo ocultar-me longe de vossa face, tornando-me um peregrino errante sobre a terra. O primeiro que me encontrar, matar-me-á'. E o Senhor respondeu-lhe: 'Não! Mas aquele que matar Caim será punido sete vezes'. O Senhor pôs em Caim um sinal, para que se alguém o encontrasse, não o matasse. Caim retirou-se da presença do Senhor, e foi habitar na região de Nod, ao oriente do Éden. Caim conheceu sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. E construiu uma cidade, à qual pôs o nome do seu filho Henoc.”*

Vejamos: após Caim matar a Abel sobraram Adão, Eva e o próprio Caim, como se justifica seu medo de alguém querer matá-lo? Será que Deus esqueceu-se que não havia na Terra mais ninguém, não precisava, portanto de marcá-lo para que não o matassem, não é mesmo? Depois que Caim saiu daquela região encontra com uma mulher com quem tem um filho e chega até a fundar uma cidade, perguntamos: que mulher era esta? Que povo era este que foi habitar a cidade que fundou?

Em Gênesis 6,3: *“O Senhor então disse: ‘Meu espírito*

não permanecerá para sempre no homem, porque todo ele é carne, e a duração de sua vida será só de cento e vinte anos'." Apesar disto encontramos pessoas que viveram muito além deste tempo: Adão 930 anos, Set 912 anos, Enos 905 anos, Cainan 910 anos, Malaleel 895 anos, Jared 962 anos, Henoc 365 anos, Matusalém 969 anos, Lamec 777 anos, Noé 950 anos, Sem 600 anos, Arfaxad 435 anos e Salé 430 anos, conforme podemos ler no capítulo 5 da Gênesis.

No livro Êxodo, cap. 20 temos os dez mandamentos, dos quais citaremos apenas o III – Santificarás o dia de sábado e o V – Não mateis, para comparação com o cap. 31,14-15: Guardareis o sábado, pois ele vos deve ser sagrado. Aquele que o violar, será morto, quem fizer naquele dia uma obra qualquer, será cortado do meio de seu povo. Trabalhar-se-á durante seis dias; mas o sétimo dia será um dia de repouso completo, consagrado ao Senhor. Se alguém trabalhar no dia de sábado será punido de morte. O que fazer diante desta determinação? Se, por ordem de Deus, matarmos alguém que trabalhou sábado, não infringiremos o V mandamento – não matarás –, também uma ordem de Deus?

Mas voltemos um pouco a Gênesis 6,56*: "O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor"*. Se Deus chegou a arrepender-se de ter criado o homem Ele não foi onisciente, um dos seus atributos indispensáveis, sem o qual não seria um Deus. Então falhou ao criar o homem?

Seguindo em frente vejamos algumas passagens do Deuteronômio, iniciaremos pelo capítulo 21,18-21*:*

> *“Se um homem tiver um filho indócil e rebelde, que não atende às ordens de seu pai nem de sua mãe, permanecendo insensível às suas correções, seu pai e sua mãe tomá-lo-ão e o levarão aos anciãos da cidade, à porta da localidade onde habitam e lhes dirão: Este nosso filho é indócil e rebelde; não nos ouve, e vive na embriaguez e na dissolução. Então, todos os homens da cidade o apedrejarão até que ele morra,”*

Gostaria de saber que pai ou mãe teria a coragem de fazer isto, entregar seu filho para ser apedrejado até a morte?

No capítulo 22,5: “*A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: aquele que fizer, será abominável diante do Senhor, teu Deus.”* Porque não foi claro dizendo do que realmente não gostava, ou seja, que a mulher se comportasse sexualmente como um homem ou que este se comportasse sexualmente como uma mulher. Será que estava com vergonha de falar diretamente sobre o assunto? Mas não foi Ele mesmo que criou o sexo, porque então a vergonha?

Em Deuteronômio 22,22: *“Se se encontrar um homem dormindo com uma mulher casada, todos os dois deverão morrer. O homem que dormiu com a mulher, e esta da mesma forma. Assim tirarás o mal do meio de ti.”* Como fica o não matarás? Não seria mais razoável expulsá-los da cidade em vez de matá-los?

Na passagem do Deuteronômio 23,1-2: *“O homem cujos testículos foram esmagados ou cortado o membro viril, não será admitido na assembleia do Senhor. O bastardo não entrará*

tampouco na assembleia do Senhor, mesmo até a décima geração." Será que Deus só quer "machos" em sua assembleia?

E para encerrarmos as citações do Antigo Testamento, temos Deuteronômio 25,11-12: *"Se dois homens estiverem em disputa, e a mulher de um vier em socorro de seu marido para livrá-lo do seu assaltante e pegar a este pelas partes vergonhosas, cortarás a mão dessa mulher, sem compaixão alguma."* É incrível, não há como atribuir a Deus uma recomendação tão ridícula desta.

Estas são apenas algumas passagens, existem várias que não possuem coerência, não têm lógica e até mesmo contraditórias. Em hipótese alguma poderemos atribuí-las a Deus, seria rebaixá-lo a uma condição vexatória. Assim do Antigo Testamento somente poderemos tirar algum proveito é dos Dez Mandamentos, única e verdadeira revelação de Deus e até ela ainda veio distorcida ou no mínimo incongruente, que atribuímos aos homens e não a Deus, como é o caso do 9º mandamento*: "Não desejeis a mulher do vosso próximo."* ([204]) Baseados nele, pergunto, a mulher poderia desejar o marido da outra? Ou por outro lado, não teria também o mesmo sentido do 6º mandamento: "Não cometeis adultério?"

Já havíamos dito que a base para os cristãos é o Novo Testamento. E é nele que encontramos Jesus alterando as recomendações do Antigo Testamento, chegando a modificá-las

---

204 Esta é a forma que nos passam, entretanto, a bem da verdade, deveria ser: *"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada que lhe pertence."* (Êxodo 20,17) Seria mais para não desejar ardentemente o que pertence a seu próximo.

como demonstraremos a seguir.

Em Mateus 5, 17-48, Jesus inicia dizendo: *“Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não os vim abolir, mas sim para levá-los à perfeição”.* Isto parece ficar contraditório, entretanto o sentido é que devemos levar em conta: Não vim revogar o que Moisés disse ao seu povo, não há como questionar a necessidade de uma lei tão dura, mas quanto a vocês a lei deverá ser aperfeiçoada, pois já possuem evolução suficiente para acatá-la.

Jesus inicia as modificações dizendo; *“Tendes ouvido o que foi dito aos antepassados”* e para concluir *“eu, porém vos digo”,* de onde retiramos as principais:

Moisés	**Jesus**
Não matarás, mas quem matar, será castigado pelo juízo do tribunal. (Êxodo 20,13)	*Todo aquele que se irar contra seu irmão, será castigado apelos Juizes. Aquele que disser ao seu irmão raca será castigado pelo grande conselho. Aquele que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena.*
Não cometerás adultério (Êxodo 20,14)	*Todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração.*
Todo aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. (Deuteronômio 24,1)	*Todo aquele que rejeita sua mulher a faz tornar-se adúltera e todo aquele que desposar uma rejeitada, comete adultério.*

Amarás a teu próximo e poderás odiar teus inimigos. (Levítico 19,18)	*Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos (maltratam e) perseguem.*
Olho por olho, dente por dente. (Êxodo 21,24)	*Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil.*
A Lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. *Os profetas: livros históricos.*	Sintetiza em: *"Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a Lei e os Profetas".* (Mt 7,12). Em nota de rodapé: A Lei e os Profetas: as duas principais partes da Escritura, e por extensão: todo o Antigo Testamento.

Bem agora podemos entender o porquê da resposta de Jesus aos escribas e fariseus, conforme Mateus 9,16-17: *"Ninguém põe um remendo de pano novo em veste velha, porque arrancaria uma parte da veste, e o rasgão ficaria pior. Não se coloca tampouco vinho novo em odres velhos; do contrário os odres se rompem, o vinho se derrama e os odres se perdem."*

Sendo eles ferrenhos defensores das Leis de Moisés, não aceitavam os ensinos de Jesus e procuravam de toda a sorte pegá-Lo em contradição. Assim que o questionaram conforme narrativa de Mateus 22,34-40*: "Sabendo os fariseus que Jesus reduzira ao silêncio os saduceus, reuniram-se, e um deles, doutor da lei, faz-lhe esta pergunta para pô-Lo à prova: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Respondeu Jesus: 'Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda tua alma e*

de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este é: amarás teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas'."

Com isto o Antigo Testamento foi reduzido a apenas estes dois mandamentos, e é o que fica de tudo o que expomos. Não há outra alternativa se quisermos nos apoiar no bom senso. Desta forma devemos tê-lo (o Antigo Testamento) apenas no sentido da primeira revelação divina ao povo judeu, buscando sempre separar "o joio do trigo" para que não fiquemos contra a segunda revelação divina, que foi dada aos homens por Jesus.

O autor de Hebreus percebeu muito bem que deveria prevalecer a nova revelação dada por Jesus (Novo Testamento), conforme esta instrução que deu ao povo: Hebreus 7,18-19: *"Dessa maneira é que se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude da sua fraqueza e inutilidade – a Lei, na verdade, nada levou à perfeição – e foi introduzida uma esperança melhor pela qual nos aproximamos de Deus."*

Tinha tanta convicção disto que, novamente, volta ao assunto:

> Hebreus 8,6-8.13: *"Mas, agora, Jesus foi encarregado de um ministério tanto mais excelente quanto melhor é a aliança da qual é mediador, sendo esta legalmente fundada sobre promessas mais excelentes. Se, na verdade, a primeira aliança tivesse sem falhas, não teria cabimento ser substituída por uma segunda. Pois, censurando o povo é que Deus declara: 'Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estipularei uma nova aliança*

> *com o povo de Israel e com o povo de Judá. [...].' Dizendo: 'Aliança nova Deus declarou antiquada a primeira. Ora, o que se torna antiquado e envelhece está próximo de desaparecer."*

As alianças citadas são: a antiga com Moisés e a nova com Jesus. Não devemos ter mais dúvidas sobre a revogação da Lei Mosaica. Aqueles que tomam tudo que está na Bíblia como palavra de Deus, entram numa tremenda contradição quando citam constantemente textos do Antigo Testamento, pois, segundo esta mesma palavra, o Antigo Testamento perdeu o seu valor.

O Castigo será eterno?

> “Cada um é livre para encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos essa liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros”. (ALLAN KARDEC)

É comum vermos as expressões: “a Bíblia diz”, “a Bíblia fala”, “porque está na Bíblia”, “a Bíblia emprega a palavra tal em tal sentido”, etc., como se ela fosse um ser vivo com capacidade de pensar e até de se expressar. Não entendem alguns teólogos, principalmente os dogmáticos, que, na verdade, foram os autores bíblicos que pensaram e se expressaram. E ao longo do tempo, foi ela, por força da afirmativa de ser “a palavra de Deus”, adquirindo essa vida própria.

Se tivermos mente aberta, para analisar seu conteúdo, veremos que existem várias passagens que não podem, de forma alguma, ser atribuídas a Deus. Isso, por outro lado, colocaria em xeque a questão de ser ela somente a palavra de Deus. Ora, como ela fazia parte dos rituais religiosos, era lida nos templos, e esses rituais assumem, em todos os tempos e lugares, um caráter sagrado, assim, a Bíblia, adquiriu também o caráter de Sagrada, passando a ter, por isso, a denominação de Bíblia Sagrada, como a conhecemos hoje.

Devemos, para extrair a verdade que ela contém, analisar os fatores culturais e os de época que, de maneira irrefutável, influenciaram os autores bíblicos. Sabemos que muitas pessoas não admitem essas coisas, mas não podemos compactuar com a ignorância, e deixar as coisas como estão. Assim, para o próprio bem dela, devemos mostrar que determinadas coisas foram mudando de sentido (ou significado) com o passar dos tempos.

De uma maneira geral, para o ser humano, parece ser muito mais fácil acreditar em algo, mesmo que ele não exista, do que mudar o seu pensamento a respeito de alguma coisa em que ele já acredita. Assim, com certeza, o que colocaremos não será ouvido por muitos. E talvez sejamos execrados por outros, além de aqueles que irão nos mandar "arder no mármore do inferno". Mas, nada disso nos fará silenciar diante do que nossa consciência nos diz para fazer, já que buscamos "a verdade que liberta", não a que querem a todo custo nos impor. Achamos isso uma afronta à nossa inteligência, pois agem como se ninguém, a não serem eles, tivesse capacidade de pensar.

O primeiro mandamento divino dado ao homem, nós vamos encontrá-lo em Gênesis:

> *Gênesis 2,16-17: "E Javé Deus ordenou ao homem: 'Você pode comer de todas as árvores do jardim. Mas não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza morrerá'."*

Aqui a pena para a desobediência ao mandamento foi a

morte. Relaciona-se, pois, a uma situação presente, e não para o futuro.

Mas, estranhamente, as penas impostas, é o que se supõe, ao primeiro casal humano foram:

a) mulher: parir com dor, paixão que a arrastaria para o marido (graças a Deus), e que seria dominada por ele;

b) homem: ter que trabalhar até o “suor do rosto”, para tirar da terra os produtos dos quais deveria alimentar-se, e voltar ao pó, ou seja, morrer.

Devemos observar que todos os castigos impostos estão relacionados à sua vivência diária, nada de vida após a morte.

Quando o povo hebreu estava no Deserto de Sur, após a sair da escravidão no Egito, Deus disse: *“Se você obedecer a Javé seu Deus, praticando o que Ele aprova, ouvindo seus mandamentos e observando todas as leis, eu não mandarei sobre você nenhuma das enfermidades que mandei sobre os egípcios*”. (Êxodo 15,26). A pena para a desobediência seriam as enfermidades, ou seja, coisas, também, para uma vida terrena.

Diante do Monte Sinai, é que Deus aparece a Moisés, e lhe entrega as tábuas com os Dez Mandamentos. Nessa ocasião, Moisés, apresenta ao povo várias outras normas de conduta, dizendo ser por ordem de Javé, muitas das quais a morte era a pena a ser aplicada ao infrator, contrariando a determinação de *“não matarás”*, contidas nas duas Tábuas que acabara de receber, as quais ainda deveriam estar debaixo de seus braços, e até aqui não foi estabelecida nenhuma

penalidade para os infratores.

Em Levítico, cap. 26, Deus fala das bênçãos e maldições, como consequência do cumprimento ou não dos Seus Estatutos e Suas normas, é aí que são estabelecidas as penalidades para a desobediência. Podemos observar que todas as bênçãos prometidas por Deus não é o céu que as religiões dizem ser o destino dos que seguem fielmente a Deus. Todas as recompensas prometidas estão relacionadas a uma vida terrena, não a uma vida futura no céu.

Mesmo em relação às penalidades (maldições), os castigos são sempre relacionados com a vida aqui na terra, ou seja, na vida presente. Apesar das penas serem extremamente rigorosas, nada de inferno para ninguém. E é até importante ressaltar que, se Deus dá vários castigos cada vez maiores, se a expressão "sete vezes mais" foi utilizada por quatro vezes é porque espera a recuperação do infrator, por mais tardia que seja. E, ao final, ainda diz que *"não os rejeitarei, nem os desprezarei até o ponto de exterminá-los*", ou seja, mesmo que errem muito, Deus possui uma enorme comiseração para com os infratores. Excluindo, portanto, qualquer ideia de penas eternas. É o que também podemos deduzir de Ezequiel 33,11: *"Não sinto nenhum prazer com a morte do injusto. O que eu quero é que ele mude de comportamento e viva".*

Em Deuteronômio, encontramos essa interessante passagem:

> Deuteronômio 25,1-3: *"Quando houver demanda entre dois homens e forem à justiça, eles serão julgados, absolvendo-se o inocente e condenando-se o culpado.*

> *Se o culpado merecer açoites, o juiz o fará deitar-se no chão e mandará açoitá-lo em sua presença, com número de açoites proporcional à culpa. Podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais; isso para não acontecer que a ferida se torne grave, caso seja açoitado mais vezes, e seu irmão fique marcado diante de você."*

Estes trechos merecem comentários:

– "absolvendo-se o inocente": isto significa que não se deve condenar um inocente.

– "condenando-se o culpado": por questão de justiça o culpado deverá ser condenado.

– se o culpado merecer açoites": sinal que pode haver situação especial em que o culpado não mereça receber um castigo, uma repreensão poderia, talvez, ser mais útil.

– "o juiz... mandará açoitá-lo em sua presença": a presença pessoal do Juiz indica a necessidade de se ter certeza do cumprimento da pena, se o culpado a merecer.

– "com número de açoites proporcional à culpa": sendo o castigo proporcional à culpa, significa que não poderá haver pena igual para todos os tipos de infração à lei.

– "podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais": significa, incontestavelmente, que tudo tem um limite, que a pena não poderá ser eterna.

No livro de Isaías, lemos: Isaías 26,10: *"Se absolvermos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé."* A ideia central da passagem vai de encontro ao simples perdão, como pensam alguns, já que se diz ser necessário "castigar" o

culpado, para que ele, efetivamente, possa aprender a justiça.

Em Isaías encontramos:

> Isaías 66,14-16: *"[...] A mão de Javé se manifestará para os seus servos, mas se indignará contra seus inimigos. Porque Javé vem com fogo, e seus carros parecem furacão, para desabafar sua ira com ardor e sua ameaça com chamas de fogo. É com fogo que Javé fará justiça sobre toda a terra, e com sua espada ameaça o mundo todo: são muitas as vítimas que ele faz".*
>
> Isaías 66,24: *"Ao sair, eles verão os cadáveres daqueles que se revoltaram contra mim, porque o verme que os corrói não morre jamais e o fogo que os consome jamais se apaga."*

É dessas passagens que as correntes religiosas buscam sustentar o "inferno eterno", entretanto, se bem observamos, é apenas uma figura de linguagem, sendo, portanto, um simbolismo, não uma coisa objetiva.

O fogo é considerado um elemento purificador. E eterno designar um período determinado apesar da incerteza de sua duração. Assim, a expressão "fogo eterno" poderia, dentro da perspectiva de que a *"misericórdia triunfa sobre o juízo"* (Tiago 2,13), ser entendida como um período de purificação, do qual não se sabe o fim, nada mais que isso.

Podemos comprovar usando a passagem Salmo 103,8-9: *"O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.* ***Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira****." (grifo nosso)*

Chegamos a uma interessante conclusão: que apesar de a palavra inferno constar da Bíblia, não o podemos aceitar a

não ser no sentido de “um longo tempo de purificação”, o que se confunde com o conceito de purgatório, que somos forçados a aceitar, mesmo não constando da Bíblia, já que alguém poderia alegar isso.

Jesus ao dizer: *“daí não sairá, enquanto não pagar até o último centavo”* (Mateus 5,26) e *“O patrão indignou-se, e mandou entregar esse empregado aos torturadores, até que pagasse toda a sua dívida”* (Mateus 18,34) deixa claro que até pagar a dívida ou o último centavo seria o tempo em que o devedor ficaria preso ou entregue aos torturadores, não mais que isso, abolindo, portanto, a ideia do inferno eterno.

As religiões dogmáticas, em vez de desenvolverem em seus adeptos a ideia de um Deus de amor, para que cada um passe a verdadeiramente amá-Lo, e assim deixem de praticar o mal por amor, confundem-nos com ameaças do inferno, num sentido incompatível com o amor de Deus para conosco, deixando seus fiéis em dúvidas sobre o que mesmo seguir. Usam de uma psicologia negativa, querendo que Deus seja TEMIDO, isso é puro TERRORISMO RELIGIOSO.

Perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação?

> “Toda ideia repetida muitas vezes, termina por gravar-se no cérebro e no inconsciente, provocando-lhe o ato que lhe corresponde.” (LIÉBEAUT, 1936)

As quatro primeiras, são as opções que a maioria das correntes religiosas cristãs tradicionais nos oferece, para o pós-morte, como consequência de nossas ações. A última é um dos princípios do Espiritismo. Mas afinal, qual delas ocorrerá conosco, quando partirmos para nossa viagem ao “além”? Em que base nós poderemos apoiar para descobrir qual delas selará o nosso destino?

Faz-se necessário uma pesquisa na Bíblia para desvendar esse mistério, buscando, principalmente, através de uma análise desvinculada da teologia vigente, para ver se conseguimos identificar sob qual desses aspectos – perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação –, é o mais provável de acontecer, sem ferir a misericórdia e a justiça divinas.

Mas é imprescindível colocarmos sob que ângulo nós devemos entender essas coisas:

Perdão: entendido como a hipótese de que não teremos que pagar, em nenhuma circunstância, pelos erros que

cometemos, uma vez que Deus nos perdoaria totalmente.

Punição: considerando que o castigo ao culpado, segundo o pensamento vigente, seria eterno.

Crença: sob dois aspectos, crer que Jesus é nosso salvador ou que a salvação está garantida por frequentarmos determinada igreja.

Redenção: tendo como princípio que Jesus morreu na cruz para remissão de nossos pecados.

Reencarnação: como a possibilidade de ser o meio para que se dê a nossa evolução espiritual, servindo também, nas situações que o exigirem, como um "castigo temporário", para pagamento das nossas dívidas.

Vejamos a aplicabilidade dessas alternativas diante das seguintes passagens:

> Êxodo 34,6-7: "*Iahweh passou diante dele, e ele proclamou: 'Iahweh! Iahweh [...] Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado,* ***mas a ninguém deixa impune*** *e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, até a terceira e a quarta geração'.*" (grifo nosso)
>
> Jó 4,8: "*Eu vi bem:* ***Aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem****.*" (grifo nosso)
>
> Jó 5,7*: "****É o homem que gera o seu próprio sofrimento****, como as faíscas voam para cima.*" (grifo nosso)
>
> Jó 5,17*: "****Feliz o homem a quem Deus corrige****.*

Portanto, não despreze a lição do Todo-poderoso." (grifo nosso)

Salmo 103,8-10*: "O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e* ***assaz benigno. Não repreende perpetuamente****, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades."* (grifo nosso)

Provérbio 17,15: "***Absolver o culpado e condenar o inocente são duas coisas que Javé detesta****."* (grifo nosso)

Provérbio 24,12*: "Você pode dizer que não tem nada com isso, mas Deus pesa os corações e tomará conhecimento. Aquele que vigia sobre a sua vida sabe de tudo, e* ***pagará a cada um conforme as obras que tiver feito****."* (grifo nosso)

Provérbio 24,24: "***O povo amaldiçoará quem absolver o culpado****, e contra ele todos ficarão irritados."* (grifo nosso)

Sabedoria 12,1-2: "*O teu espírito incorruptível está em todas as coisas. Por isso,* ***castigas com brandura os que erram****. Tu os admoestas, fazendo-os lembrar os pecados que cometeram,* ***para que, afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senho****r."* (grifo nosso)

Sabedoria 12,10: "*Mas t****u os castigaste pouco a pouco, dando-lhes oportunidade de se arrependerem****, embora não ignorasses que vinham de uma raça perversa, […]."* (grifo nosso)

Sabedoria 12,15: "*Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça.* ***Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo***." (grifo nosso)

Sabedoria 12,20: "***Puniste os inimigos de teus filhos***

***com grande brandura e indulgência**, dando-lhes tempo e ocasião para se converterem de sua maldade, quando na verdade eram réus de morte."* (grifo nosso)

Eclesiástico 16,11: "***Mesmo que houvesse um só homem obstinado, seria estranho se ficasse sem castigo**."* (grifo nosso)

Eclesiástico 16,15: "*Todo aquele que dá esmola terá uma recompensa, e **cada um será tratado segundo as próprias ações**."* (grifo nosso)

Eclesiástico 18,12-14*: "A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém **a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos**. **Ele repreende, corrige, ensina e dirige**, como o pastor conduz o seu rebanho. Ele tem compaixão dos que aceitam a correção, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos."* (grifo nosso)

Isaías 3,11: "*Ai do **ímpio**, porque tudo lhe correrá mal: **será tratado como suas ações o merecem**."* (grifo nosso)

Isaías 26,10: "***Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça**; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé."* (grifo nosso)

Lamentações 3,32-33*: "Embora ele castigue, se compadecerá com grande amor, porque **é contra o seu desejo humilhar e castigar os homens**."* (grifo nosso)

Naum 1,3: "*Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas **não deixa ninguém sem castigo**. Borrasca e tempestade fazem o caminho dele; as nuvens são a poeira de seus passos."* (grifo nosso)

Mateus 16,27: "*Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então **retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta**."* (grifo

nosso)

1 Coríntios 3,13-15: "*a obra de cada um ficará em evidência. **No dia do julgamento, a obra ficará conhecida**, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o **fogo provará o que vale a obra de cada um**. Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, que tiver sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio."* (grifo nosso)

2 Coríntios 5,10: "*De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, **a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal**."* (grifo nosso)

1 Pedro 1,17: "*Vocês chamam Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas, mas **que julga cada um segundo as próprias obras*** [...]." (grifo nosso)

Apocalipse 3,19: "*Quanto a mim, **repreendo e educo todos aqueles que amo**. Portanto, seja fervoroso e mude de vida!"* (grifo nosso)

Apocalipse 20,12: *"[...] Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então **os mortos foram julgados de acordo com sua conduta**, conforme o que estava escrito nos livros."* (grifo nosso)

Antes da análise, duas coisas nós precisamos considerar. A primeira é que devemos levar em consideração que *"Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime*" (Deuteronômio 24,16), não havendo, portanto, a mínima possibilidade de alguém possa pagar pelo erro do outro. A segunda é que se *"[...] Deus não mente [...]."* (Tito 1,2) e que

*“Eu sou Javé, e não mudo.” (*Malaquias 3,6), não podemos ter nada que possa nos dar a ideia que Deus tenha mudado de opinião ou que possa ser contraditório com algo dito anteriormente.

A questão do perdão não se aplica em nenhum dos tópicos, já que em todas as situações é aceito que nossa irresponsabilidade tenha a consequente penalidade. Da mesma forma, poderemos dizer isso em relação à crença e à remissão. E, em relação a essa última, sabemos da existência de algumas passagens que nos levam a essa conclusão, entretanto, devemos considerá-las como pensamento do próprio autor ou adaptação do texto bíblico às conveniências teológicas.

Quanto à punição, poderia ser aplicada em todas, desde que esse castigo não fosse eterno, já que nos textos fica bem claro a misericórdia de Deus para conosco, de tal forma que não se pode admitir uma só punição que vá além da falta cometida, como seria o caso do castigo ser eterno.

Assim, podemos concluir que a única opção que atende plenamente a todos os itens indistintamente é a reencarnação. Atende, incontestavelmente, a questão do “merecido castigo”, mas não deixa de lado a misericórdia divina, bem como a questão crucial da aplicação da pena, que há de ser justa. E é também por ela, que se cumprirá a vontade irrevogável de Deus que *“quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.”* (1 Timóteo 2,4)

Conclusão Final

Somando-se os textos dos três volumes, teremos cerca de metade dos que desenvolvemos sobre temas bíblicos.

Algumas coisas observamos, ao longo dessa pesquisa:

1 – os textos bíblicos não são os originais como se apregoa por aí, são cópias de cópias,... etc;

2 – fizeram ajustes nas narrativas bíblicas visando justificar crenças e, especialmente, dogmas;

3 – em relação aos Evangelhos, os nomes dos títulos não designam seus autores;

4 – os interpretes vinculados a alguma corrente religiosa, via de regra, interpretam os textos à sua conveniência, principalmente, para se manterem no poder e, obviamente, abastados de dinheiro, via arrecadação de dízimos;

5 – as tantas incoerências e contradições existentes na Bíblia, derrubam a crença de que ela é a palavra de Deus;

6 – se a Bíblia explica-se por si mesma, então, somente o AT é de “inspiração” divina;

7 – a liderança religiosa não faz a menor questão de esclarecer seus fiéis sobre tudo isso, optam por mantê-los na ignorância, pois é por essa via que os dominam;

8 – condenam os que não pensam como eles como

heréticos, não se dando conta que o próprio Jesus, a seu tempo, foi um herético e dos bons;

Sabemos o quanto tudo isso irá doer em alguns, mas a verdade precisa vir à tona, ainda que cause transtornos e sofrimentos.

Para finalizar, traremos da obra *O problema com Deus*, esta fala de Bart D. Ehrman, estudiosos várias vezes mencionando, mantendo-a no formato normal:

“Portanto, é importante descobrir o que a Bíblia de fato diz, e não fingir que ela não diz algo que por acaso contradiz o ponto de vista de alguém em particular. Mas tudo o que a Bíblia diz precisa ser avaliado. Não é questão de assumir a posição de Deus, determinando o que é e o que não é verdade divina. É uma questão de usar nossa inteligência para avaliar o mérito do que os autores bíblicos dizem – queria isso envolva questões de sofrimento, preferências sexuais, trabalho no final de semana ou escolhas culinárias e de vestuário.” ([205])

205 EHRMAN, 2008, p. 25.

Referências bibliográficas

Bíblias:

A Bíblia Anotada, 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

A Bíblia Tradução Ecumênica, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista, São Paulo: Paulinas, 1987.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino. s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, 37ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 14ª imp. São Paulo: Soc. Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, Edição Popular, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

Bíblia Sagrada, s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.

Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Barueri, SP: SBB, 2000.

Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

Novo Testamento. S/ed. São Paulo: Loyola, 1984.

Rksoft – Bíblia Eletrônica 3.4.0. Rksoft Softwares, 2012.

TORÁ – A Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

Livros:

ALBERTINI, L. S. *O Além Existe*. São Paulo: Loyola, 1989

ANDRADE, J. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. Salvador: SEDA, 1997.

ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica – RJ: Blocos, 2000.

BERG, P. S. *Reencarnação, as rodas da alma*. São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.

BRUNE, F. *Os Mortos nos Falam*, Sobradinho, DF: Edicel, 1991

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995b.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*. São Paulo: Candeia, 1995e.

CHAMPLIN, R. N. *Evidências científicas demonstram que você vide depois da morte*. São Paulo: Nova Época, 1981(?).

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. *Vol. 1*. São Paulo: Hagnos, 2005a.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 2*. São Paulo: Hagnos, 2005b.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. *Vol. 4*. São Paulo: Hagnos, 2005d.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*, *Vol. 3*. São Paulo: Hagnos, 2005c.

CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia.* São Paulo: Martins Claret, 2001.

CHURTON, T. *O beijo da morte*. São Paulo: Madras, 2009.

DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987a.

EHRMAN, B. D. *O problema com Deus.* Rio de Janeiro: Agir, 2008.

EHRMAN, B. D. *Quem foi Jesus? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

Enciclopédia Encarta (Eletrônica).

ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FLUSSER, D. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos (Edição Especial).* Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993e.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993h.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP, 1993j.

KARDEC, A. *Viagem Espírita em 1862*. Matão, SP: O Clarim, 2000d.

KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...,* São Paulo: Melhoramentos, 2000.

KÜNG, H. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KÜNG, H. *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

LEWIS, H. S. *A vida mística de Jesus*. Curitiba: AMORC, 2001.

MACHADO, R. C. *A Sociedade Secreta de Jesus*, São Paulo: Ibrasa, 2004.

LOGAN, C. *Uma nova luz sobre as origens cristãs: uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de Jesus*, p. 49-50 in. KENYON, J. D. (org). O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 47-52.

MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal.* Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1997.

NIELSSON, H. *O Espiritismo e a Igreja*, São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraterno, 1983.

NUNES, C. S. *Transcomunicação*, Sobradinho – DF: Edicel, 1990.

ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

NETO SOBRINHO, *Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica: as almas do purgatório manifestam-se aos fiéis*. Divinópolis, MG: GEEC, 2012.

PALHANO JR, L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro, 2004.

PALHANO JR. L. *Aos Gálatas: a carta da redenção*, Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, Vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, V*ol. 2*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964b.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, Vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964c.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, V*ol. 5*, Rio de Janeiro: Sabedoria, Rio, 1964e.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, *Vol. 6*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.

PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.

PIRES, J. H. *Os 3 caminhos de Hecate*. São Paulo: Paideia, 2004.

SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas.* João Pessoa: Ideia, 2001.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VAN LOON, H. W. *A História da Bíblia*. São Paulo: Cultrix, 1981

VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

VERMES, G. *Natividade.* Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, G. *O autêntico evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

VICTOR, M. *O Fantástico Lesage*, São Bernardo do Campo – SP: Correio Fraterno, 1998.

Textos/Artigos:

ARANTES, J. T., O desafio de entender Jesus, *Revista Galileu Especial nº 2*, São Paulo: Globo, jul. 2003, p. 12-21.

FELIPPE, C., O Egito que revivia os mortos, *Revista das Religiões,* São Paulo, Ed. 2, ago. 2003, p. 40-45.

GORE, R., Ramsés, o grande, *National Geograph Especial*, São Paulo, nº 26 A, jun. 2002, p. 8-35.

Periódicos:

A Magia do Egito, nº 01, São Paulo: Escala, (s/d)

A Magia do Egito, nº 02, São Paulo: Escala, (s/d).

A Magia do Egito, nº 05, São Paulo, p. 14-21, (s/d).

Deuses Gregos, nº 01, São Paulo: Escala, p. 33-40, (s/d).

Jornal *O Tempo*, Coluna Opinião, Belo Horizonte, 16/01/2012.

Jornal *O Tempo*, Coluna Opinião, Belo Horizonte, 16/09/2013.

National Geograph Especial, São Paulo, nº 26 A, jun. 2002.

Qual é o assunto?, nº 02, São Paulo: Escala, p. 4-6, (s/d).

Revista das Religiões, São Paulo, Ed. 2, ago. 2003.

Revista Superinteressante, Edição 183, dezembro 2002.

Internet:

Bíblia Católica Online (site), Vulgata Latina, disponvíel em: http://www.bibliacatolica.com.br/09/2/34.php#ixzz1mRZJ2T8b, acesso em: 15 fev. 2012.

BÍBLIA CATÓLICA: http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php, acesso em: 08 mar. 2010.

BÍBLIA CATÓLICA: http://www.bibliacatolica.com.br/09/5/18.php, acesso em: 26 set. 2009.

BÍBLIA CATÓLICA: http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-da-cnbb/i-samuel/28/, acesso em 08 mar. 2019.

Biografia Albin Van Hoonacker, link: en.wikipedia.org/wiki/Albin_van_Hoonacker acesso em: 08 mar. 2019.

CHAVES, J. R. *Hebreus 9:27 é um abuso de interpretação contra a reencarnação*. in. Jornal O Tempo. Belo Horizonte, MG, disponivel em: https://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/jos%C3%A9-reis-chaves/hebreus-9-27-%C3%A9-um-abuso-de-interpreta%C3%A7%C3%A3o-contra-a-reencarna%C3%A7%C3%A3o-1.714059, acesso em 10 mar. 2019.

CHAVES, J. R. *Morrem todos os seres terrenais, mas jamais morrem os celestiais.* In. Jornal O TEMPO. Belo Horizonte, MG, disponível em: http://www.otempo.com.br/otempo/colunas/?IdColunaEdicao=17530, acesso em 16 jan. 2012..

G1 (site): http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL698096-15605,00.html, acesso em 28 set. 2009.

HAGNOS (site): http://hagnos.com.br/autor.php?id=413, acesso em: 05 abr. 2011.

LIMA, J. F. M. Mensagem postada no site https://saomiguelarcanjo.wordpress.com/quarentena-de-sao-miguel-arcanjo/o-fim-de-chico-xavier/, acesso em: 31 jan. 2011.

NAVES, F. Imagens e a cores *in* http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109, acesso em: 10 abr. 2011.

NETO SOBRINHO, Trindade: um mistério criado por um leito, anuído pelos teólogos: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/200-trindade-o-mistrio-criado-por-um-leigo-anudo-pelos-telogos, acesso em 08 mar. 2019.

SPADAFORA, F. O profeta Elias in http://www.hermanubis.com.br/Biografias/BioElias.htm**,** acesso em: 18 mar. 2011.

WIKIPÉDIA: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Torres_Pastorino, acesso em: 01 mai. 2014.

Dados biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; e 8) Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia;* 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus*

Autores?; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) Chico Xavier e *Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 17*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com